REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

Geographico e Ethnographico do Brasil

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O Sr. D. Pedro II

TOMO XXXVIII

Parte primeira

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint será posteritate frui.

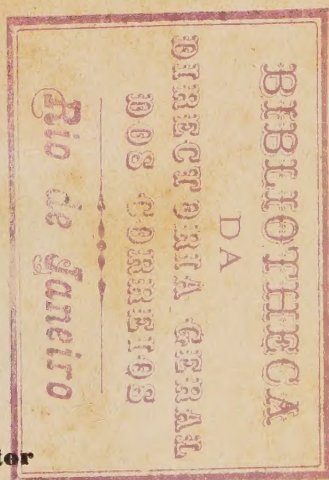
RIO DE JANEIRO

B. L. Garnier — Livreiro-editor

69 Rua do Ouvidor 69

1875

CHOROGRAPHIA HISTORICA

DA

PROVINCIA DE GOYAZ

POR

RAYMUNDO JOSÉ DA CUNHA MATTOS

Cavalleiro da ordem de S.Bento de Aviz, brigadeiro dos exercitos nacionaes e imperiaes, e governador das armas da mesma provincia.

(*Continuada da pag.* 398 *do tomo XXXVII, parte primeira*)

NATUREZA DO TERRENO

O terreno da comarca de S. João das Duas Barras é diversificado em pedregoso, calcareo, arenoso e argilloso. A superficie da terra em alguns lugares acha-se como crystallisada e reduzida a calhão ; as aguas apenas a penetram, logo a abandonam, e d'aqui resulta uma aridez tal, que os rios, que no tempo das chuvas são mui caudalosos, ficam inteiramente seccos no tempo em que não chove. Ha poucos matos longe das margens dos rios, algumas catingas, muitas campinas cheias de pastos excellentes no tempo das

aguas e torradas na estação sêcca ; muita pedra de cal, principalmente nos districtos de Arraias e S. Domingos. As terras são baixas relativamente ás grandes cordilheiras do Paraná, Serra Geral e á de Amaro Leite. As montanhas elevadas formam valles profundos e poucos espaçosos. Estes valles no tempo das chuvas são quasi intransitaveis : os corregos ficam como rios, os rios como mares e toda a terra circumvizinha coberta de agua. N'este tempo as molestias fazem grandes estragos. Passadas as chuvas, tudo é o inverso : a natureza altera-se, os homens alentam-se, mas os gados morrem e toda a vegetação fica aniquilada. E' mui provavel que o terreno não possa ser melhorado d'aqui a grande numero de annos : a falta de homens, a pouca industria e a incomprehensivel ociosidade, obstará certamente a qualquer trabalho que se projecte para mudar as circumstancias peculiares d'aquelles terrenos, que por ora são mui nocivas á saude dos povos e oppostas á prosperidade da provincia.

PRODUCÇÕES VEGETAES

As mesmas e em quantidade muito menor do que na comarca de Goyaz, em razão da aridez do terreno. Da cachoeira de Santo Antonio, no Tocantins, para o norte, ha arvores de cravo e castanha do Maranhão. Toda a vegetação peculiar de Goyaz cessa n'este lugar e principia a do clima do Pará : isto é cousa bem admiravel !

ANIMAES

N'esta comarca o reino animal é muito mais forte do que em Goyaz a respeito de bois e talvez de cavallos ; nas ou-

tras especies é muito fraco. Em toda a comarca apenas vi tres perús ; as gallinhas em varios districtos são sustentadas á carne ; os porcos são poucos ; carneiros quasi nenhuns : em conclusão, esta comarca só figura pelo gado vaccum. Ha grande numero de aráras, e apparecem alguns reis de urubús. Existem muitos tigres ou onças pretas e pardas, e outras féras.

Nos rios Araguaya, e ás vezes no Tocantins, apparece a cigarra chamada pelos indios *jaquiranamboia* : andam aos pares ; é a furia infernal, e são de tres a quatro pollegadas de comprimento e tão venenosas, que affirmam que a sua mordedura é mortal : fogem do fumo da roupa queimada. No rio Araguaya ha ostras de perolas.

Os peixes são da mesma especie da comarca de Goyaz, e ao Tocantins e Araguaya sobem tartarugas.

MINERAES

Os mesmos de Goyaz ; muito ouro em toda a parte : o melhor é o da Matança, junto ao arraial do Pontal. O districto da Conceição é o mais rico de todos aquelles em que presentemente se trabalha. O ouro de Arraias é o de menor toque. No rio de Manoel Alves da Natividade tem-se encontrado diamantes e rubins : no Maranhão encontrou-se um grande rubim, posto que ha quem affirme o contrario; mas o proprio homem que o achou, foi que m'o disse no dia 5 de Agosto do anno de 1824. O Paraná tem muitas pederneiras. Em S. José de Tocantins e S. Felix fabrica-se ferro para consumo do povo dos arraiaes, e ainda mesmo sahe algum para fóra dos districtos. Em Trahiras tambem ha muito mineral de ferro, e, no sitio do Aranha, ferro sulfurisado em muita quantidade. Avalia-se o ouro que se ex-

trahe n'esta comarca em tres arrobas por anno ; poder-se-hião tirar centos de arrobas se houvesse industria, agua, braços e menos ociosidade. No Porto Real há muito vitriolo nas rochas da margem direita do rio Tocantins. Em Trahiras achou-se uma pequena folheta de cobre no sitio dos Poções.

CLIMA, ESTAÇÕES E MOLESTIAS ENDEMICAS

O mesmo, com differença para peior do que na comarca de Goyaz (96). No tempo das chuvas quasi toda a gente tem febres terçãs. O arraial de Cavalcante por motivo da sua elevação é mui sadio. O de Amaro Leite e Porto Real tambem são saudaveis. O da Conceição, Natividade, Agua

(96) A temperatura media na provincia de Goyaz nos mezes de Abril, Maio, Junho e Julho é de 64 gráos de Fahr. ; nos outros mezes é de 72. Cahe geada em alguns lugares, e a agua gela em Anicuns, e poucos outros districtos: antigamente gelava a agua na cidade, mas desde o anno de 1807 não tornou a acontecer isto : cahe chuva de pedra grossa algumas vezes, e granizo com frequencia no tempo frio : as nevoas nos lugares baixos são mui densas, e obscurecem o sol por algumas horas : não acontece assim na comarca do norte ; o astro da luz está patente, e dardejando desde que nasce até que se occulta no horizonte. No norte o calor ordinario é de 76 gráos nos lugares mais arejados ; e em outros chega a 84. No arraial da Natividade soffri calor de 96 gráos no mez de Junho de 1824, desde o meio dia até ás duas horas da tarde : nunca senti um sol tão abrazador ainda mesmo nas ilhas do Principe, e S. Thomé. Em Cavalcante troveja quasi todos os dias no tempo da chuva, e formam-se repentinamente horrorosas tempestades. No arraial de Trahiras quasi todas as trovoadas vem de leste, e mui raras são as do norte. Os ventos não têm impetuosidade, excepto os que acompa-

Quente, Flôres, Palma e S. Domingos, são os peiores. O arraial de Flôres em outro tempo perdoava só a homens pardos, e estes mesmos soffriam continuadamente ; os brancos que lá ião todos pagavam com a vida a sua temeridade. O broncocele ou papeira acompanha a maior parte das pessoas, sobretudo nos arraiaes do Pontal, Agua Quente e S. Felix. N'aquelles sitios (são muitos), em que por absoluta falta de agua doce se bebe salôbra, é raro vêr gente com papeiras. Ainda que a papeira seja attribuida, entre outras causas, á má qualidade dos alimentos de que se faz uso, eu vi que individuos, que mui bem se tratam, soffrem esta molestia. Não existem medicos e cirurgiões, e os medicamentos ou faltam de todo, ou chegam corruptos, ou não sabem applicar-se. O máo tratamento leva a maior parte do povo á sepultura. Em dez e meio mezes que estive com muita tropa n'esta comarca, sendo todas as praças atacadas de terçãs, tive a fortuna de não perder um unico soldado em razão do cuidado que com elles houve ; e por isso julgo que, havendo a cautela de não se molharem quando vão suados, de não comerem alimentos indigestos, e de se tratarem apenas soffrem o primeiro ataque de febres, pouca gente morrerá de sezões, quando não forem de qualidade tão maligna que obstem a administração dos remedios immediatamente applicados.

nham as trovoadas ; mas junto á Serra Geral acontece o contrario ; n'este lugar o vento entra encanado, e levanta nuvens de arêa, que muito incommodam.

As molestias endemicas atacam mais as pessoas que habitam nos lugares baixos e pantanosos, junto ás margens dos rios, do que aquellas que moram em sitios elevados : é este o motivo de não se padecerem febres terçãs em Cavalcante, e n'aquelle mesmo tempo em que estão prostrados todos os moradores dos valles.

MANUFACTURAS E ARTES FABRIS

Acham-se em uma decadencia muito maior do que na comarca de Goyaz; digo decadencia, porque já estiveram em bom pé, como se deixa vêr pelas bellissimas obras de talha das igrejas matrizes de Trahiras e S. José. No arraial de Amaro Leite fazem alguma louça tosca de excellente barro, e é onde melhor se trabalha em obras d'este genero. As mulheres tecem mui boas rendas: o panno de algodão tecido n'esta comarca é semelhante em qualidade, mas de preço muito mais subido de que o fabricado na comarca do sul.

COMMERCIO

Havendo todas as proporções para um commercio immenso entre esta comarca e a cidade do Pará, mui pouco se commercía. Os moradores, por falta de industria ou de capitaes, apenas exportam para o Pará alguma sola em barcas de 2000 até 4000 arrobas, que navegam no Tocantins. O seu negocio principal é com a Bahia; levam gado e ouro, e trazem fazendas inglezas e poucos generos produzidos no Imperio. O gado que sahe da comarca montará a 4000 cabeças de bois; os fazendeiros acham-se obrigados a alimentar-se com as vaccas, e d'isto resulta o haverem se despovoado grandes fazendas,em que de proposito extinguiram os principios da fecundidade. Se isto assim continuar, é provavel que d'aqui a dez annos não exista na provincia gado sufficiente para consumo do povo d'ella. O commercio

com o Pará é muito vantajoso á provincia ; o da Bahia cheio de difficuldades na travessa dos grandes geraes ou desertos, que se encontram na comarca do sertão de Pernambuco antes de chegar ao rio de S. Francisco. Com o arraial de S. Romão sobre o mesmo rio de S. Francisco faz-se commercio de sal. Os commissarios volantes ou mascates importam fazendas para esta comarca, e exportam todo quanto ouro se extrahe e a prata que se ajunta a troco de gado. Em toda a comarca não giram vinte mil cruzados ; alguns fazendeiros, porem, conservam pequenas porções de numerario. Já se vê que o balanço do commercio da Bahia e Rio com a comarca é contra esta, quando aliás o negocio com o Pará é muito a favor d'ella. A sociedade de commercio, que aqui se estabeleceu em virtude da carta régia de 5 de Setembro de 1811, nada produziu por falta de industria ou de capitaes (o fundo devia ser de cem mil cruzados); e talvez por se ajuntar a tudo isto uma pouca de má fé da parte dos agentes commerciaes, que foram ao Pará (97).

NAVEGAÇÃO

A comarca do norte póde ter uma immensa navegação. Os rios Paraná, Palma, Maranhão, Santa Theresa, Manoel Alves da Natividade, Somno, Manoel Alves Pequeno e Manoel Alves Grande ou Sereno, que cahem no Tocantins, são todos navegaveis em maior ou menor grão ; e, se fizerem alguns beneficios nas cachoeiras, ou seja quebrando pedras,

(97) O commercio com a provincia do Pará tanto pelo Tocantins como pelo Araguaya são os melhores recursos para a prosperidade d'esta provincia. Todos os outros meios de promover a industria serão sempre muito menos vantajosos.

ou seja abrindo varadouros e canaes, póde-se correr o interior d'esta provincia em canôas e levar os generos de sua producção tanto ao sul, como para o norte. Apezar, porém, d'estas grandes vantagens, apenas ha tres ou quatro botes que se empregam na navegação do Pará. A habilidade dos patrões e remadores fal-os desprezar as difficuldades e grandes perigos das cachoeiras dos rios : as do Tocantins são immensas ; em muitos lugares os botes são aliviados, e as cargas conduzidas por grandes espaços de terra aos sitios de boa navegação. Se houvesse um governo criador que animasse o commercio, e obrigasse os innumeraveis vadios ao trabalho, talvez esta comarca podesse prosperar. Veja-se o que fica dito sobre a navegação da comarca de Goyaz. (Vide o *Appendice* (**M.**)

AGRÌCULTURA

Póde-se dizer á boca cheia, que na comarca do norte não ha agricultura á excepção do districto de Trahiras, S. José e Natividade : nos outros districtos pouco ou nada se trabalha na terra.

A criação do gado vaccum leva todos os cuidados dos habitantes : quando digo cuidados não se deve entender, que os homens façam benificio ao gado, é a natureza que o produz, que o cria, e que o protege : os homens nada mais fazem do que marcal-o, castral-o, vendel-o, matal-o e comel-o. No julgado de Trahiras criam muitos porcos assim como no da Natividade : só em Trahiras se planta milho, nos outros julgados esta plantação é mui insignificante por falta de matas, e pela qualidade arenosa da terra. A mandioca está mais introduzida, mas em tão pequena quantidade, que o povo miudo sustenta-se a maior parte

do tempo com fructas silvestres. No norte ha fome constante. A preguiça dos seus moradores ainda excede a dos de Goyaz. Os furtos a toda hora repetidos no gado vaccum, e cavallar pelos enxames de vadios, tem dado cabo de muitas fazendas. Os indios com as suas hostilidades têm despovoado mais de oitenta grandes predios no districto de Amaro Leite, S. Felix, Carmo, Chapada e Palma. No districto do Carmo septentrional estão desertas mais de 90 fazendas pelas mesmas causas; e no de Flôres, o mais rico em gados de toda a provincia, vão as fazendas ficando em deploravel decadencia. O gado cavallar não recebe trato algum: não ha cerdal, cabrum, lanigero, aves: em conclusão n'esta comarca não se trata de agricultura, apenas se empregam, pelo modo que eu acima disse, em conservarem alguns bois, ou vaccas. Os morcegos fazem uma destruição incrivel no gado, tendo por asilo seguro as immensas cavernas das montanhas calcareas ; elles sahem á noite em quantidade tão prodigiosa que parece impossivel acharem fructas, e outros generos para se alimentarem. Eu vi nuvens d'estes malfazejos animaes : elles têm sido causa do abandono absoluto de muitas fazendas de gado ; e são de tal modo atrevidos, que sangram os mesmos homens, que encontram descobertos. O territorio de Amaro Leite, se tivesse moradores amantes do trabalho, podia dar mantimentos de toda a qualidade para a sustentação dos habitantes da provincia de Goyaz : os porcos chegam até um volume enorme, sem nunca verem milho : o terreno está cheio de minhocas (vermes) mui grossas, que servem de alimento aquelles vorazes animaes. Se uma poderosa mão não acabar os enxames de ladrões de gado, que ha n'esta comarca, já naturaes d'ella, já vindos do sertão de Pernambuco ; se a mesma mão poderosa não reduzir de uma vez os indios a um estado de obediencia ; se esta mão, que

todos invocámos, sem sabermos onde existe, não atalhar o pessimo systema, seguido pelos lavradores, de venderem todos os bois, e alimentarem-se unicamente com as vaccas, dentro de 10 annos será necessario importar-se gado para esta provincia, que poderia abastecer com elle todo o Imperio do Brasil. E' incrivel o numero de fazendas de gado, e engenhos de assucar que estão desertos: os agentes-fiscaes, os dizimeiros, o juizo dos defuntos e ausentes, o tremendo juizo dos orphãos, as custas da justiça, as patentes militares, os ladrões, os indios e os morcegos têm arruinado talvez mais de 400 fazendas n'esta comarca. Só no julgado de Trahiras ha 31 grandes engenhos de assucar absolutamente destruidos pelas causas acima relatadas. E não haverá quem obste a tantas desgraças?

MINER ÇÃO

Aquillo que escrevi a respeito da mineração da comarca de Goyaz, póde applicar-se á comarca do norte. A maior riqueza d'estas terras faz com que se ajunte maior quantidade de ouro pelos curiosos. O rio Maranhão (98) é

(98) O ouro do rio Maranhão tira-se quasi sempre nas intaipavas ou bancos de pedra que o atravessam de uma á outra margem, ou pelo menos a maior parte do leito d'elle: este trabalho é de dois modos: 1.º de mergulho, arrancando e ajuntando a terra com uma especie de alvião curvo de ferro a que chamam almocafre, e conduzindo-a á superficie da agua em pequenas batêas ou gamellas: este trabalho é mui violento: o 2.º modo é mais engenhoso; no extremo de uma comprida vara ha um sacco de couro, que se enche de terra arrancada ou arrastada por um alvião de ferro ponteagudo: entre duas canôas põe-se um molinete a que se faz fixa a corda de arrastar o sacco que vem cheio; e logo que apparece á flôr da

mui rico ; S. Josê, Santa Rita, Cachoeira, e sobretudo a Conceição são os districtos em que mais se trabalha (99). No Maranhão os trabalhos de tirar ouro são incommodos : no tempo das sêccas quando o rio está mui baixo, trabalham de mergulho nas intaipavas, e tira cada homem diariamente 400 e 600 rs.: o trabalho dura apenas 2 horas por dia ; e a desgraça é, que ajuntando seis ou oito oitavas de ouro, não tornam ao rio emquanto lhes dura aquelle, que tiraram. No tempo das chuvas extrahem algum ouro das terras sêccas : todos choram por ouro, todos têm ouro nas suas terras, mas quasi todos não trabalham, esperando que

agua, despeja-se nas canôas para depois se separar o metal. Este instrumento recebe o simples nome de — ferro — devendo aliás chamar-se-lhe — arrastão. — A falta de industria, e sobretudo a grande diminuição dos escravos, e preguiça dos livres, dão motivo a insignificancia dos trabalhos mineraes do rio Maranhão.

(99) O trabalho da mineração é de tão pouca monta no dia de hoje, que se póde dizer, que não se trabalha, mas só se arranha a terra em alguns lugares. As pessoas que applicam alguns escravos n'este serviço na comarca do norte são o padre vigario de Trahiras e seu irmão o capitão Antonio Alves da Silva ; o capitão Antonio Caetano da Fonceca, o tenente-coronel Francisco de Almeida Salerna, e o alferes Antonio Joaquim Ferros; tudo isto junto não vale nada, assim como nada valem os trabalhos das lavras de Arraias. A gente livre não quer trabalhar ; e se pela força de necessidade vae aos rios, em tirando um par de oitavas não volta lá mais, emquanto aquellas duram. Causa admiração a immensa quantidade, e enorme extensão dos antigos trabalhos dos mineiros d'esta comarca : em Santa Rita, Cachoeira, S. José, Agua Quente, Natividade, Chapada, Arraias, Carmo, e outros, revolveu-se a maior parte das terras . nos valles ha grandes tanques, e as montanhas acham-se retalhadas de canaes, para conducção das aguas aos lugares mais elevados : a gloria de Goyaz dissipou se ; agora só existem charcos, e lagôas que nos estão dando molestias gravissimas em pagamento dos serviços que n'elle fizeram os antigos habitantes da provincia,

o ouro lhes caia do céo, ou que espontaneamente lhes appareça na superficie da terra. O ouro que se extrahe annualmente n'esta comarca talvez chegue a 3 arrobas, e é conduzido em pó ou barra para a Bahia, ou Rio de Janeiro pelos negociantes da provincia, ou pelos mascates de Minas Geraes. Ha innumeraveis lavras abandonadas, par falta de braços que queiram applicar-se aos trabalhos. A preguiça está introduzida n'esta comarca, e innumeraveis pessoas soffrem todos os rigores da indigencia, sustentam-se com fructas silvestres, com guarirobas, carne de porco do mato, veados, e ainda mesmo com tatús tomados em armadilhas, só para não se empregarem em serviços pesados.

POPULAÇÃO

A população d'esta comarca foi antigamente mui numerosa em escravatura. No julgado da Natividade houve acima de 40,000, em Arraias 16,000, em Cavalcante 9,000, em Trahiras, mais de 14,000, no Cocal 17,000. A maior parte d'estes escravos eram do sexo masculino ; morreram, e não foram substituidos por outros. No dia de hoje talvez a totalidade da escravatura não monte a 4,000 almas em toda a comarca. A população livre tem augmentado na verdade, não em numero de grandes proprietarios (100). Antigamente não havia classe media ; no dia de

(100) Pela tabella comparativa da população alistada no ultimo censo de 1804 durante o governo do Exm. conde da Palma e da que se organisou no anno de 1825, mostra-se o grande augmento que tem havido na massa geral dos habitantes da provincia. Estou bem convencido de que todas as tabellas que se apresentaram são defeituosas : a que vae no fim d'esta obra, apezar das mais efficazes

hoje quasi tudo é media classe; e poucos habitantes existem, que possam a bom titulo ser considerados como ricos.

A cada passo se encontram engenhos, fazendas e roças abandonadas, que pela grandeza dos seus edificios attestam a riqueza dos seus proprietarios. Eu calculo a população da comarca de S. João das Duas Barras em 26,000 almas (101).

Em alguns districtos o numero dos mortos é, segundo me informam maior do que o dos nascimentos. Veja-se o que fica dito a respeito da população da comarca de Goyaz. Em um anno desobrigaram-se da quaresma no arraial do Cocal 1400 brancos europêos, paulistas e mineiros, todos celibatarios: no dia de hoje não existe n'este lugar um

recommendações, entra no numero das imperfeitas. Poucos commandantes de districtos querem ter o trabalho de fazer alistamentos; nem se podem convencer da utilidade d'estas indagações.

Os senhores occultam o numero dos escravos, porque sonham em capitação á antiga: os pais occultam os filhos, porque temem que lh'os alistem para soldados; e todos desejam que os vigarios ignorem a força das familias, para não exigirem direitos parochiaes pelas desobrigas da quaresma. Os empregados nos alistamentos dizem que é vadiação e inutilidade todo este trabalho, e muitos não se entendem com uma relação ou um mappa, ainda o mais simples visto por qualquer dos lados.

(101) As *Memorias Goyanas* dizem, que no senso de 1804 a população livre da comarca do norte montava a 8,590 pessoas, e a 5,376 escravos. Posso dizer, que os empregados no alistamento enganaram completamente as autoridades a quem fizeram entrega das relações. Declaram as mesmas *Memorias*, que em toda a comarca existiam 735 homens capazes de tomarem armas: eu digo o contrario, porque n'esse tempo, e ainda agora só o julgado de Trahiras tinha e tem 700 praças da segunda linha, e póde levar-se este numero a 1,000 se fôr necesssrio.

Vejam-se na nota antecedente os motivos dos erros ou falsidades das relações da população.

unico homem branco, posto que habitem alguns no seu districto.

N'esta comarca ha um grande numero de indios selvagens. Eu tenho noticia de 25 tribus ou pequenas nações cujas moradas são as que se seguem.

Carajás : as suas aldêas estão assentadas á margem ou a pouca distancia do furo do Bananal, e braço maior da ilha de Santa Anna na Nova Beira. Deram-se-lhes os nomes de Angeja, Seabra, Cunha e S. Pedro, no tempo em que o governador e capitão-general José de Almeida Vasconcellos conquistou este territorio. Os indios impedem a passagem do furo. Dizem que chegam a 4000 arcos.

Carajahís ou *Canajahís* : tribu numerosa e guerreira, que habita na margem esquerda do Araguaya: são bravos, e disciplinados. Dizem que montam a mais da 1000 arcos. Foram estes barbaros que unidos aos *Chavantes*, *Carajás* e *Cherentes* destruiram o presidio de Santa Maria em 1813. Têm guerra com os *Gradaús* (102).

Gradaús : esta tribu habitou as ribeiras do Araguaya, agora existe no sertão entre aquelle rio e o Tocantins.

Calcula-se o numero dos seus guerreiros a 1500 almas. São de origem *Cayapó*.

Chavantes : tribu principal, e talvez tronco de grande numero dos da provincia, e que domina a maior parte da comarca do norte. Tem estabelecimentos ao longo do Tocantins, sobre o Braço Maior, nos sertões entre este rio e o Tocantins, e entre este ultimo, e a serra do Lageado ramo da Geral.Montam os seus guerreiros a mais de 4,000, crueis, traidores e cobardes ; as suas armas são flexas, poucos dardos e bordões. As mulheres acompanham-os na

(102) Estão unidos aos *Carajás*, posto que em outro tempo vivessem d'elles separados. São de um mesmo tronco, e conservam os mesmos costumes.

guerra. Usam de cabellos pelo meio das costas, e corôa como clerigos.

Cherentes: tribu nomerosa, e mui pouco differente dos *Chavantes* tanto em costumes como em idioma. Calculam-se em 4,000 habitantes nos mesmos territorios dos *Chavantes*, mas aldêas separadas.

Carijós commummente denominados *Canoeiros*: são descendentes dos reduzidos, ou auxiliares que o descobridor de Goyaz Bartholomeu Bueno, filho do Anhanguera, ou Diabo Velho trazia comsigo de S. Paulo para o serviço da mineração, e defesa contra os indios senhores das terras que elle invadia. Estabeleceram-se nas altas montanhas, que ficam entre o Maranhão, Santa Theresa e Amaro Leite; e têm algumas aldêas no rio da Canabrava, e outros lugares. Esta pequena tribu cujos guerreiros se calculam em 300, são os mais crueis inimigos dos habitantes da comarca. Têm-lhes destruido muitas fazendas, e já chegáram a interceptar as communicações da provincia do destricto de Amaro Leite.

Numerosas bandeiras marcharam contra estes barbaros, que tem sido destroçados, sem nunca cederem emquanto têm vida ; e as mulheres são as peiores. Estes indios começaram as suas hostilidades depois que os *Chavantes* e *Cherentes* foram desalojados das terras que elles vieram ao depois occupar, haverá 40 annos (103).

(103) O erudito autor das *Memorias Goyánas* é de sentimento differente : elle diz que os *Canoeiros* têm a sua principal aldêa entre a serra do Duro, em lugar até agora inaccessivel. Confesso que apezar de todas as diligencias feitas para saber a origem d'esta barbara tribu, nunca pude alcançar outras noticias senão de serem *Carijós* de S· Paulo, que vieram com Bartholomeu Bueno descobridor de Goyaz ;foi o que me disseram pessoas bem informadas, mas talvez ellas estivessem pouco ao facto do negocio, e que involuntariamente me enganassem. Nunca ouvi fallar nas aldêas de que trata o illustre autor das *Memorias Goyanas*

Javahés, da ilha de Santa Anna na Nova-Beira. São mui claros, e acham-se quasi extinctos.

Xambiavás ou *Xambiuás*: estabelecidos já na ilha de Santa Anna, já no Cuyabá. Impedem a passagem da Mãe do Rio, isto é o Araguaya. Calculam-se os guerreiros em 400.

Acroás: tribu numerosa que tendo por morada ordinaria o immenso territorio comprehendido entre a Serra Geral, o Tocantins, e margens do Rio do Somno enviou colonias até as bordas do Araguaya. Os que ficaram na sua primeira habitação recebem o nome de *Acroás-uassú* e os do Araguaya, *Acroás-mirim*: todos elles montaráõ a 2,000. Os *Acroás-uassú*, que se converteram ao christianismo, e povoaram a aldêa de S. José do Duro, onde ainda residem os seus descendentes, assim como os descendentes dos *Chacriabás* da aldêa de S. Francisco Xavier, que escaparam á fatal destruição feita pelos *Acroás*, foram conduzidos para o Rio das Velhas.

Aricobés: tribu que tinha as suas habitações junto a Serra Geral: acham-se quasi extinctos conservando apenas alguns descendentes na aldêa de S. José do Duro.

Caraós: originarios das terras de Goyaz que foram cedidas ao Maranhão em 1816, conservaram-se no territorio de S.Pedro de Alcantara, e de lá passaram muitos para a ilha de S.José do Tocantins, e d'ahi para o continente: montam a mais de 200 arcos. Tinham 3 aldêas nas terras do Maranhão.

Puxití, Peluxí, Pepuxí ou *Temembós*: habitam no continente da provincia de Goyaz fronteiro ao rio de Manoel Alves Grande até a cachoeira das Tres Barras. Dizem que os seus guerreiros montam a 800. Tem o nome de *Temembós* dado pelos goyanos, porque quando chamam por alguem, gritam *Temembó Temembó*! Reputam-se da

mesma origem dos *Macamecrans*, parte da provincia do Maranhão tirada de Goyaz.

Noraquagés : tribu pouco numerosa, que habita as terras do occidente dos *Temembós* ou *Pepuxí*. Dizem que póde apresentar 200 arcos. Estes indios são da mesma origem dos *Cherentes*, mas inimigos declarados; e em Agosto d'este anno (1824) vieram atacar a aldêa Graciosa, que eu mandei povoar de indios d'esta ultima nação. Habitam no estreito e suas vizinhanças no Tocantins.

Afotigés : esta tribu acha-se aldêada na povoação da Carolina ; consta apenas de 150 almas.

Apinagés : tribu poderosa ; vivem entre o Tocantins e o Araguaya. Na aldêa do Bom Jardim, legua e meia distante da povoação da Carolina, habitam 1,000 pessoas. Na de S. Antonio cinco leguas ao norte d'esta, 1,300 pessoas. Em outra aldêa de S. Antonio 500 pessoas. Na aldêa chamada do Araguaya,por estar para o lado d'este rio 1,400 pessoas. Total 4,200 almas. Têm guerra continua com os *Chavantes* e *Cherentes* (104).

Otogés : tribu pouco numerosa, que habita junto á cachoeira das Tres Barras.

A estas nações podemos ajuntar os *Garahús-uassú* ; os *Guanyarissús*, os *Guapindaes*, os *Chacriabás*, os *Chavantes de Quaxompéo*, os *Coritís*, os *Tapaquás* e os *Cherentes de Quá*. Ellas acham-se tão reduzidas ou tão con-

(104) Por officio do commandante do districto da Carolina, e Baixo Tocantins datado de 3 de Novembro de 1824, constou que vieram para aquelle lugar todos os moradores de uma aldêa que elle attrahiu á paz. No dia 22 de Janeiro de 1825 expedi-lhe ordem para aldêar os novos colonos separadamente, e que désse o nome de aldêa da Concordia á povoação que erigisse. Tambem recebi noticias de haverem chegado á Carolina os capitães das duas aldêas de *Apinagés*, que habitam perto do Araguaya, os quaes prometteram viver em paz com os habitantes da mesma Carolina.

fundidas com outras, que não merecem o nome de tribu ou nação; e pensa-se que algumas têm maiores estabelecimentos nas terras do Cuyabá ou nas cabeceiras do rio Xingú do Pará, d'onde varias malocas se separaram de uma vez, ou se separaram periodicamente para virem pescar e caçar nos territorios de Goyaz (105).

Avista pois d'esta relação, é provavel que a comarca do norte de Goyaz tenha 20,000 indios selvagens de ambos os sexos e differentes idades (106). As enormes despezas feitas para civilisal-os tem sido inteiramente baldadas. Elles dão a fórma circular ás aldêas, e poucas vezes em parallelogramo. Os seus capitães são electivos, e a escolha sempre recahe no que melhores creditos tem de valoroso. Conhecem a divindade ; usam a polygamia. Os *Apinagés* conservam os rapazes em casas separadas das raparigas ; andam absolutamente nús; e a regra que observam a respeito do pejo,

(105) O sabio autor das *Memorias Goyanas* falla nos *Capepuxís* (talvez seja os *Pepuxís* ou *Temembós*) os *Araès*, os *Tussemadús*, os *Amadús*, e os *Guayagussús*. Pelo que respeita aos *Araés* supponho que se acham extinctos, e que entre o Tocantins e o Araguaya, assim como entre a serra geral e o Tocantins existem algumas tribus que nos são desconhecidas, porque sendo fracas e cercadas por *Cherentes*, *Chavantes* e *Apinagés*, poderosos não se atrevem a sahir fóra d'aquelles cantões em que se acostaram. Disseram-me que os *Temenbós* são anthropophagos, mas isto não se acha verificado.

(106) A descoberta que em Junho de 1824 se fez de um riquissimo e mui vasto territorio ao norte da serra do Estrondo, e dos arraiaes de Amaro Leite, e Piedade, sem que se encontrassem vestigios de existencia de indios, prova que elles são menos numerosos do que se tem pensado. Este territorio visitado por acaso por um homem preto, achou-se occupado de immenso gado vaccum e cavallar, talvez pertencente ás fazendas devastadas pelos indios *Canoeiros*. Um estreito boqueirão serve de entrada para aquelles immensos pastos, a que deram agora o nome de Pintados, e nos quaes se vão estabelecendo alguns moradores de Amaro Leite e Piedade : outros chamam-lhe — Terra Nova.

não monta a mais do que cobrir a glande do membro viril com o prepucio e amarral-o com uma cordinha. Dizem que esta ligadura forma o distinctivo de varias nações: pintam o corpo em sentido vertical com listas pretas da largura de meia polegada; os guerreiros pintam a cara de diversas côres. São habilissimos em lançar a flecha como eu mesmo presenciei no arraial do Porto Real. As suas flechas são de caniço, armadas com dentes de peixes ou pontas de ferro. Não as achei tão bellas e fortes como as dos pretos africanos, que apezar de serem barbaros, têm muito maior industria do que os indios de Goyaz. Vi muitos *Cherentes* com riscas horizontaes no ventre, e perguntando-lhes a significação d'ellas, disseram-me que eram signaes dos *Apinagés*, que por elles foram mortos: creio que isto é impostura, porque os indios tambem mentem; o que me parece é que são enfeites arbitrarios. Não vi indio algum, que tivesse mais de 20 riscas e menos de 15. Quasi todos são preguiçosos: os seus machados são de pedra mui dura e afiada; poucos têm espingardas: alguns atiram soffrivelmente: fazem grande apreço das armas de fogo e das espadas, mas dizem, que, para sorprezas e caça, as flechas são melhores. Dansam como os antigos gregos cantando com vozes monotonas, que têm muita semelhança ao modo de rezar dos nossos religiosos na sexta feira santa. As suas vozes são fortes; corpos robustos; poucos d'elles são magros; estatura mais alta do que baixa, côr mais ou menos carregada; e alguns têm physionomia agradavel. Vi entre elles muitas molestias venereas principalmente bubões. Os seus capitães são obedecidos com promptidão e mui severos nos castigos, até impôrem pena de morte: apezar d'esta distincção e obediencia, quando é hora de trabalhar tanto carrega o capitão e suas mulheres como o ultimo da tribu: vendem os filhos aos negociantes a troco de ferramentas e

armas : pouco caso fazem de roupa e vestem-a como curiosidade ou ceremonia, e depois largam-a : alguns trazem um pendente de jaspe no labio inferior, que peza mais de duas onças. São traidores, e não se conservam em obediencia senão pelo medo. Untam-se com oleos diversos, e lançam de si um cheiro desagradavel: correm com uma velocidade pasmosa ; as suas guerras são sempre por sorprezas e a marcha em fila : quando encontram o inimigo fazem uma algazarra enorme, e depois das primeiras descargas de fléchas atacam-se braço a braço : o homem que é prisioneiro é logo morto : ás mulheres e meninos dá-se vida. Não são anthropophagos: tem mezinheiros ou feiticeiros, que são os sacerdotes : a insignia que vi em um, era uma corda de 3 polegadas de grossura, feita em forma de annel á roda da cintura. Este sacerdote é quem rompe as orações ou canticos á noite, de madrugada, quando se dansa e quando se marcha para a guerra : elle diz um verseto, o povo responde outro com vozes fortes e monotonas, e no fim de dois ou tres versetos dão todos um guincho ou grito mui agudo e subido, passado o qual torna o sacerdote a repetir o verseto. Não tenho visto obras de plumagem, algodão, palma ou madeira feitas por elles tão bellas e elegantes como as dos indios do Pará. Não os achei estupidos, antes pelo contrario todos aquelles que tenho visto são mui penetradores e atilados. A cobardia dos indios *Cherentes* é tal, que o seu mais famoso capitão cahiu quando se deu um tiro de peça, tiro que elle esperava ; e admirou-se extremamente vendo o alcance da balla, que foi tocar no rio Tocantins ; tambem se admirou muito do silvo da balla quando rompia o ar. Eu pedi aos indios que fizessem um exercicio semelhante aos das suas guerras : com effeito desempenharam como barbaros dando uivos como tigres, e arreganhando os dentes por maneira tal, que ficavam

hediondos. Pedi que se fizesse este exercicio para mostrar á tropa que estava commigo n'essa occasião (300 homens), que a vozeria dos indios nada significava contra nós ; e era tal a persuasão de alguns soldados ainda mais selvagens do que os indios, que entendiam que as carrancas, as côres dos corpos e os alaridos, eram mais temiveis de que as fléchas : tambem mostrei aos soldados que a flécha ordinaria não produz effeito sensivel a mais de 60 passos, e que desde o momento em que sahe do arco, vai-se vendo até que toca o chão : mostrei-lhes o alcance maximo d'ellas, e que um homem adestrado defende-se das fléchas, se manejar bem uma vara. Logo que os indios acabaram o seu exercicio, que me foi muito util para desengano dos soldados, mandei fazer exercicio de fogo e algumas cargas de cavallaria. E' incomprehensivel o susto d'aquelles pobres selvagens. O principal capitão, o seu famoso guerreiro veiu metter-se atraz de mim, cozido com o meu corpo ; os guerreiros simplices deitavam-se no chão, e as mulheres fugiram como cobras. Então me lembrei de Pizarro quando atacou os *Peruanos* com cavallaria e artilheria : os *Peruanos* talvez não tivessem um chefe mais atrevido do que o capitão dos *Cherentes*, mas este capitão tremia ouvindo o tiro de uma pistola e vendo approximar-se um cavallo.

Penso que a civilisação dos indios não é cousa difficultosa, uma vez que sejam sacerdotes bem morigerados que os instruam.

Religiosos de boa vida, e zelosos do bem publico são os unicos que podem conservar os indios aldêados e em estado de civilisação. Directores interessados em fazerem a sua fortuna, clerigos que só pretendam ganhar dinheiro, soldados que desejem levar tudo pelas regras da disciplina militar, nunca converterão, nem conservarão os indios em sociedade. Se os aldêarem hoje, hão de fugir amanhã, se os obri-

garem ao serviço esmorecem, desgotam-se, adoecem e morrem de paixão.

Maneiras mui suaves, são as unicas que podem conduzir os indios á civilisação, ou pelo menos dispol-os para ella. Tirar homens dos bosques, e fazêl-os de repente moradores pacificos de uma aldêa, é cousa impraticavel, e o tental-o é falta de bom senso.

Os indios *Xiquiriabás* ou *Chacriabás* foram transferidos da aldêa de S. José do Duro para a de Santa Anna do Rio das Velhas.

Não se encontram monumentos antigos construidos pelos selvagens, na comarca do norte, mas em todas as matas e nos campos quando se queimam, acham-se immensos pedaços de panellas, e outras obras de barro; o que deixa ver que os indios foram numerosissimos, e estiveram espalhados por toda a provincia. Todos elles têm muito conhecimento das virtudes das plantas, occultam alguns segredos a respeito d'ellas.

Depois d'isto se achar escripto recebi Officio do commandante do districto de Porto Real datado de 30 de Novembro de 1824, participando-me que os indios *Inhajuruprés* achavam-se dispostos a atacar a aldêa Graciosa, que eu mandei fundar : é uma tribu de indios *Chavantes* meio pouco conhecida, e pouco numerosa.

CARACTER, USOS E COSTUMES MAIS NOTAVEIS DO POVO.

E' o mesmo que fica dito a respeito da comarca de Goyaz, com differença que no norte não ha tanta cívilidade como no sul : os governadores, ministros, e outras autoridades de grande representação, e que pela sua residencia

na terra pulem os costumes, raras vezes appareceram na comarca, e alguns d'aquelles que a visitaram procuravam mais os seus interesses, do que o melhoramento das maneiras dos povos.

Os vadios e ladrões de gado são muito mais numerosos no norte de que no sul. Os crimes sempre acham quem os encubra, e os criminosos têm padrinhos que os protegem.

Os alimentos de que se faz uso quasi geral na comarca, é carne sêcca cozida com hervas, frita em sebo, ou assada : Pouco uso se faz da farinha de milho ; a de mandioca é a mais ordinaria; quasi ninguem come feijão pela falta que d'elle ha: toucinho é muito escasso, queijos e manteiga só se encontram nas casas de maiores possibilidades. Em Cavalcante faz-se bom pão, por haver muito trigo; é a unica terra do norte que o produz (107). O povo miudo alimenta-se com fructas, guarirobas, pouca carne; e por isso é tão sujeito á enfermidades. Ha muitas familias tão pobres por causa da preguiça, que andam absolutamente nuas ou vestidas de couro.

Em Trahiras ha um mestre publico de primeiras letras pago pelo Estado ; em nenhum outro lugar do norte se encontra este estabelecimento litterario, e por isso admiro-me de haver achado na comarca muitos homens, que saibam escrever, e fallar. Em nenhum arraial vi tanta civilidade como no de Trahiras: em nenhum tanta jovialidade como no da Natividade: em nenhum tanta gente branca como em Cavalcante ; em nenhum tanto asseio e riqueza, como no da Conceição; em nenhum casas tão mal tratadas como em Arraias; em nenhum tantas ruinas como no Cocal, e em

(107) Tambem se cultiva trigo da Chapada de Trahiras, mas em pequena quantidade, e não é tão bom como o de Cavalcante. O trigo prospera em terras altas.

parte alguma da provincia achei senhora tão instruida como a senhora D. Honorata Maria Joaquina, irmã do proprietario do engenho do Sumidouro, uma das pessoas mais illustres da comarca.

No arraial de Trahiras ha um jurisconsulto, formado antes da reforma da Universidade: é o unico da provincia; isto mostra a pobreza d'ella. Em outro tempo não faltavam homens formados, em muitos arraiaes da comarca.

EDIFICIOS NOTAVEIS PUBLICOS E PARTICULARES.

Na comarca do norte ha poucos edificios, que mereçam nota, os melhores são os seguintes :

A casa do concelho de Trahiras : tem muita semelhança, mas é mais pequena do que a de Goyaz.

Uma casa de sobrado no mesmo arraial: tem aqui outras casas terreas elegantes e espaçosas.

A casa do desembargador Joaquim Theotonio Segurado, na Villa da Palma.

As casas das fundições extinctas de S. Felix, e de Calvacante.

A casa denominada das Sessões no arraial da Natividade.

A casa de Pio Pinto de Cerqueira, no arraial da Chapada.

O Engenho de Agua denominado de Alvaro Gomes, em Trahiras ; o da Raizama, e S. Bernardo do mesmo districto.

A casa da fazenda do Sumidouro, pertencente a Filippe Antonio Cardoso, no julgado de Arraias.

Tudo o mais é insignificante.

N'esta comarca, e muito principalmente no julgado de Trahiras encontram-se immensas ruinas de grandes enge-

nhos de assucar, e outras propriedades : é para lamentar a desgraça em que cahiu este julgado : 31 engenhos foram destruidos pelo juizo dos ausentes, pelos dizimeiros, por dividas da fazenda nacional ; e pela mortandade da escratura composta unicamente de varões, conforme o systema geral dos habitantes da provincia (108).

EDIFICIOS SAGRADOS

São muitos os edificios d'este genero, que existem na comarca do norte, e a maior parte d'elles tão pequenos em extensão, como grandes em pobreza. Principiarei a descripção d'elles segundo a ordem das suas freguezias.

FREGUEZIA DE TRAHIRAS

ARRAIAL D'ESTE NOME

A igreja matriz de N. S. da Conceição : espaçosa com 7 altares, um d'elles fundo com a preciosa imagem do Senhor dos Passos. Tem na capella-mór uma rica banqueta de prata, e outros castiçaes menores do mesmo metal, uma excellente imagem de Christo de marfim, doação do Senhor rei D. João V, custodia, lampada, vazo de communhão, caldeira de agua benta, e outras peças de prata; magnificos ornamentos bordados a fio de ouro, e agaloa-

(108) Por uso voluntario, ou por ordem (disseram-me, que foi por posturas da camara), não podiam entrar mulheres pretas nas Lavras de Ouro.

dos (109). O retabulo do altar-mór, o arco e os pulpitos (110), são excellentes obras de talha, tão boa, que nunca vi outra melhor ; a balaustrada e o assoalho do corpo da igreja, foram bem trabalhados. Este grande templo acha-se na maior ruina, que se póde imaginar; uma torre já cahiu, a outra precisa-se deitar abaixo, antes que caia ; e penso que a igreja ha de brevemente abater-se a não repararem. Os ornamentos da igreja foram dadiva do Sr. rei D. João V. O véo do calix é rico além de toda a expressão. Tem irmandade do Sacramento com compromisso approvado pela Sra. D. Maria I. O reverendo vigario d'esta igreja Manoel da Silva Alves é o mais instruido e abastado ecclesiastico da comarca civil do norte. E' comarca ecclesiastica por provisão de 22 de Maio de 1764, e sujeita ao vigario geral da cidade.

Igreja de N. S. do Rosario; com 3 altares, é pobre e de mediana grandeza, tem campanario; ha aqui a irmandade de Santa Ephigenia com altar proprio, e mui decente. N'esta igreja fazem os meninos uma festa do Senhor dos Martyrios no domingo de ramos : um dos meninos sóbe ao pulpito, e faz um sermão á sahida, e outro na entrada ; a procissão em que vai a reliquia do Santo Lenho, e a imagem do Senhor dos Martyrios ou dos Passos de pequena estatura. A confraria de Santa Ephigenia foi rica. Esta festa de meninos pratica-se ha 60 annos.

Igreja do Senhor do Bom Fim : pobrissima, em ruinas

(109) O senhor rei D. João V deu 5,000 cruzados para ajuda da compra d'estas alfaias. O resto foi offertado pelos parochianos.

(110) O coro tambem é da mesma mão, e o forro da igreja, que já cahiu, teve muitos ornatos. Os do forro do camarim da capella mór são de belleza extrema, assim como a folhagem, e outros enfeites das columnas do altar-mór.

com um altar, e a grande imagem de Christo na cruz, de estatura ordinaria de um homem.

ARRAIAL DE AGUA QUENTE

Ha n'este arraial as seguintes igrejas:

S. Sebastião. E' pequena e pobre, mas com bons frontaes de damasco vermelho; não se acha em máo reparo. Tem 3 altares.

N. S. do Livramento: é da grandeza da precedente, mas tem um espaçoso alpendre, e acha-se mais bem tratada do que a de S. Sebastião.

ARRAIAL DO COCAL

Existem aqui as igrejas, que se seguem:

S. Joaquim: grande templo, mui bem trabalhado, teve dois campanarios, um dos quaes já cahiu, e no outro ha dois sinos muito bóns. Foi rica, e ainda conserva uma bella custodia de prata dourada, e outras peças e excellentes ornamentos. Tem 5 altares. O compromisso feito pela irmandade que aqui estabeleceram os homens brancos em 1764 é a cousa mais monstruosa que se póde considerar. E' o puritanismo mais exaltado. Está assoalhada.

N. S. das Mercês: menor do que a de S. Joaquim; tem 3 altares, e é mais falta de alfaias, entretanto conserva-se em melhor estado do que a de S. Joaquim.

FREGUEZIA DE S. JOSÉ

ARRAIAL DO MESMO NOME

Ha n'este arraial quatro igrejas:

S. José, matriz da parochia: templo de mediana grandeza com dois campanarios, bem forrado e assoalhado, excellente balaustrada, cornijas, frizos, cimalhas, columnas e outras peças douradas; pulpitos excellentes, forro pintado a oleo, 7 altares, muitos castiçaes, cruzes, vazos e outras ricas peças de prata. O altar do Senhor dos Passos é fundo, e a sua imagem preciosa; com irmandade privilegiada pelo papa Clemente XIII, E' o templo mais elegante e rico da provincia, posto que hajam outros que excedam nas dimensões e architectura. Os ornamentos não são ricos. José Rodrigues Bragança antigo morador d'este arraial, foi o que mandou dourar a igreja á sua custa. E' parochia desde antes de 1742, e entrou na classe das perpetuas, por alvará de 10 de Janeiro de 1755.

Santa Ephigenia: pequena, pobre, mas limpa; tem dois altares.

N. S. do Rosario: igual á de Santa Ephigenia, e com 2 altares; é mui bem tratada.

N. S. da Boa Morte: com um altar, e excellente imagem; é pobre, mas conserva-se asseiada.

ARRAIAL DE SANTA RITA

Igreja de Santa Rita : pequena, extremamente pobre, e mal tratada. O frontispicio d'esta ermida cahiu ha pouco tempo, e o concerto d'elle ainda não está acabado. E' depois da igreja do Porto Real a mais pobre que tenho visto na provincia.

ARRAIAL DO MOQUEM

São Thomé : igreja pequena com dois altares ; um d'elles de Nossa Senhora da Abbadia, mui venerada pelo povo d'esta provincia, e de fóra d'ella, que ahi vai em romaria a 15 de Agosto. Não obstante as avultadissimas esmolas, que se offerecem a Nossa Senhora ; a igreja não deixa de ser mui pobre, chegando ao ponto de não ter os necessarios ornamentos para as festividades.

ARRAIAL DE AMARO LEITE

Santo Antonio : ermida com tres altares, pobre, em máo reparo, e com os ornamentos extremamente ordinarios.

ARRAIAL DO DESCOBERTO DA PIEDADE

Tem uma peqnena casa de oração, dedicada a N. S. da Piedade.

FREGUEZIA DE CAVALCANTE

Ha n'esta freguezia tão sómente as igrejas do arraial que vem a ser :

Santa Anna : matriz ; templo pequeno, pobre em prata e alfaias ; com trez altares : conserva-se asseiado. As festas n'esta igreja são apparatosas ; é assoalhada.

N. S. do Rosario : pobre, pequena, com um altar, está bem tratada, não é assoalhada.

Senhora da Boa Morte : mui pequena, e pobre com o altar em que ha uma perfeita imagem de Christo cruxificado de estatura ordinaria.

FREGUEZIA DE S. FELIX

ARRAIAL D'ESTE NOME

Igreja de Santo Antonio : matriz com 5 altares ; é mui pobre, e está tão arruinada, que em Outubro do anno de 1824 cahiu uma das paredes, e as imagens foram transferidas para a ermida de Sant'Anna.

N. S. do Rosario: com um altar; é pobrissima.

Nossa Senhora da Abbadia, e Sant'Anna: com um altar; é a melhor de todas, e está agora servindo de matriz.

ARRAIAL DO CARMO

Nossa Senhora do Carmo : com dois altares ; é pobre, e está mui arruinada.

ARRAIAL DA CHAPADA

Ermida de Nossa Senhora do Rosario : com tres altares é pobrissima em tudo, mas acha-se em bom reparo.

FREGUEZIA DE FLORES

ARRAIAL D'ESTE NOME

As suas igrejas são as seguintes :

Nossa Senhora do Rosario, com tres altares; tem alguma prata, e está decente.

Nossa Senhora do Rosario, em construcção: é dos pretos.

ARRAIAL DE SANTA ROSA

Capella de Santa Rosa ; pequena, pobre, mas em bom reparo; tem um altar muito bem ornado, com perfeita imagem do Salvador, ou Coração de Jesus, e outra de Nossa Senhora das Dôres.

ARRAIAL DE MATO GROSSO

Capella de Nossa Senhora da Piedade: com um altar : é muito pobre.

Na fazenda do Bom Successo, pertencente ao capitão Joaquim Rodrigues Pereira ha uma pequena capella dedicada a Nossa Senhora d'aquelle titulo ; e na fazenda do Retiro, do alferes Joaquim dos Santos, existe outra capellinha de Nossa Senhora da Soledade. Estes dois proprietarios são parochianos de Cavalcante, e têm fazendas no termo de Flôres.

FREGUEZIA DE ARRAIAS

N'esta freguezia existem unicamente as igrejas do arraial a saber :

Nossa Senhora dos Remedios ; matriz com tres altares, varias peças de prata : ornamentos pobres, templo pouco limpo, e muito mal tratado. Tem pequeno campanario. E' uma das freguezias mais ricas da provincia, e não obstante isso celebra-se missa n'esta igreja com vellas de sebo, e as vezes com rollos de cêra preta ; estive aqui assistindo a festa do Espirito Santo, sendo imperador o neto de Jeronymo de Abreu Caldeira, um dos proprietarios e capitalistas mais ricos da provincia; e com effeito fez-se a festa havendo em toda a igreja 18 luzes ; vi-me obrigado dias antes da festa a mandar dizer ao vigario, que fizesse caiar a igreja á minha custa ; respondeu-me que não havia tempo ! Por estas anedoctas se póde formar idéa da decadencia do culto divino em algumas freguezias de Goyaz.

Nossa Senhora do Rosario ; é pequena, com tres altares, e alpendre ; pobre, e sem nenhuma prata : assisti á festa do Rosario n'esta igreja, e por convite do vigario demorei-me para ver, e com effeito vi pela primeira vez uma dança de negros a som de adufos dentro da Igreja, tendo todos a cabeça coberta com chapéos. A dança durou mais de uma hora, e entre outros versetos que os pretos cantavam, lembra-me todo o seguinte : Quem é aquella senhora, que está na sua charolla ? E' a Senhora do Rosario que vai para a gloria. Como estes, e outros maiores despropositos consumiram-me a paciencia até as 3 horas da tarde, sempre com assistencia do vigario, homem octogenario, que celebrou missa, e ficou em jejum até acabar toda a festa que lhe parecia mui agradavel. A esta ceremonia assistiram dois reis e duas rainhas do Rosario. Este ecclesiastico é um dos mais honrados homens do julgado, e mais antigo parocho da provincia, e apezar da sua avançadissima idade, não se descuida das obrigações pastoraes que lhe pertencem.

Nossa Senhora da Conceição : estão-a construindo sem a menor sombra de conveniencia, ou necessidade publica.

FREGUEZIA DE S. DOMINGOS

ARRAIAL D'ESTE NOME

São Domingos; matriz com tres altares; é mui pequena, e pobre, ainda que os seus parochianos sejam ricos.

ARRAIAL DO CHAPÉO

Santo Antonio : ermida unica d'este arraial com tres altares : está-a reformando inteiramente o padre Manoel Joaquim, vigario da vara da freguezia de S. Domingos: por ora é mui pobre, visto que o seu bemfeitor não é rico, mas sim zeloso pelo culto divino.

Além do vigario da vara, existe aqui outro ecclesiastico; vindo por conseguinte esta freguezia a ter 3 clerigos, caso que não se verifica em outra da comarca.

FREGUEZIA DA CONCEIÇÃO

ARRAIAL DO MESMO NOME

Nossa Senhora da Conceição : templo pequeno, pobre, mas limpo, e com bons ornamentos, tem um altar. E' matriz de toda a freguezia. A vasta capella-mór d'esta igreja mostra que houve intenção de construirem um grande templo : a obra que serve como corpo da igreja foi accrescentada para accommodação do povo, emquanto senão fizéra a peça principal.

Nossa Senhora do Rosario : ermida tambem pequena, pobre, e com um altar. Está mui limpa por fóra.

ARRAIAL DO PRINCIPE

Nossa Senhora das Neves, e S. João Baptista, unica

igreja d'este arraial; é templo pequeno, pobre, más com perfeitissimas imagens.

A' esta freguezia pertenceu a igreja do extincto arraial da Taboca : não existem vestigios d'elle.

FREGUEZIA DA NATIVIDADE

ARRAIAL D'ESTE NOME

N'este extenso e populoso arraial ha 4 igrejas.

Nossa Senhora da Natividade: templo grande com 3 altares e campanarios ; está-se reedificando : é pobre em prata e alfaias. A localidade d'esta igreja não foi bem escolhida.

São Benedicto : capella pequena, pobrissima, com 3 altares, serve de matriz.

Nossa Senhora do Terço : muito pequena, pobre ; com um unico altar.

Nossa Senhora do Rosario : este templo se chegasse a concluir-se era uma das melhoras obras ou talvez a principal da provincia. O coronel dos henriques José Rodrigues deu-lhe principio, e apenas acabou a capella-mór, que é mui espaçosa, e serve de igreja : o resto do templo ficou com 8 palmos de altura de paredes, e é mui provavel que nunca se acabe. O arco da capella-mór é perfeitissimo, e quem delineou a obra tinha muito bom gosto e entendimento. A freguezia da Natividade foi erecta em 1740.

ARRAIAL DA CHAPADA

Este arraial que depende da freguezia da Natividade tem:
Igreja de Santa Anna : com 3 altares : foi muito bem construida e aperfeiçoada : ainda conserva muita prata e bons ornamentos. E' uma das melhores obras da comarca.
Nossa Senhora do Rosario : estão-a concluindo ao mesmo passo que se vai aniquilando o arraial.

FREGUEZIA DE S. MIGUEL E ALMAS

ARRAIAL D'ESTE NOME

Ha n'este arraial a igreja de S. Miguel, matriz pobrissima, com 3 altares.

ALDÊA DO DURO

N'esta aldêa ha uma capella de São José. Tem vigario missionario pago pela fazenda publica.

FREGUEZIA DO PONTAL

Igreja de Santo Antonio, e Santa Anna : templo espaçoso, pobre, e muito arruinado : foi construido com

elegancia : tem 4 altares; um d'elles em capella funda, com uma das melhores imagens de Christo cruxificado que tenho visto.

N'esta freguezia não existe vigario. A capella-mór d'esta igreja esteve mui bem forrada, e parte do forro cahiu na vespera do dia em que lá entrei.

FREGUEZIA DO CARMO

ARRAIAL DO MESMO NOME

Ha n'este arraial :

A igreja de Nossa Senhora do Carmo, e S. Manoel : pequena, mas limpa, com tres altares, banqueta completa, e lampada de prata, ornamentos asseiados, posto que não ricos. A Imagem de Nossa Senhora é perfeitissima.

Nossa Senhora do Rosario ; pequena, pobre, com um altar. Estas igrejas acham-se bem collocadas.

ARRAIAL DO PORTO REAL

Ha n'este arraial a pequena igreja de Nossa Senhora das Mercês; não tem capella-mór, é mui pobre em todo o sentido : a situação d'esta igreja é boa.

FREGUEZIA DE S. JOÃO DA PALMA

Na villa da Palma existiu uma capella dedicada a São

Felix de Cantalicio, a qual foi queimada pelos indios *Carijós Canoeiros*. As imagens, e alguns ornamentos que escaparam foram recolhidos á igreja do arraial da Conceição, que n'esse tempo era filial da freguezia da Barra da Palma.

Quando se criou a villa de S. João da Palma limpou-se a igreja que fôra destruida, cubriu-se a capella-mór, que é extremamente pequena; e assim tem estado desde o anno de 1815 até ao presente. E' tão pobre esta igreja que nada póde haver peior.

Todas as pessoas que têm transitado pela comarca de S. João das Duas Barras observam com a maior admiração, que sendo as freguezias que ficam ao norte da serra de Calvacante estabelecidas em districtos em que antigamente se tiraram muitos centos de arrobas de ouro; sendo estas mesmas freguezias povoadas ainda hoje pelos homens mais ricos da provincia de Goyaz; a maior parte dos templos da mesma comarca não só são pequenos, mas tambem se acham na mais deploravel miseria, tantos nos edificios como no que respeita a ornamentos. Isto tem visos de falta de sentimentos religiosos, e é o que obrigou ao doutor allemão Pohl a dizer na villa da Palma, quando viajou por esta provincia, que a prova da incivilisação dos homens, fazia-se pelo estado das suas igrejas: é com effeito triste a figura em que muitas d'ellas se conservam; e de todas as que vi nenhuma achei menos limpa do que a matriz de Arraias; e nenhumas em tantas ruinas como a de Trahiras, e Pontal, sendo aliás a de Trahiras um grande templo em que se celebram festas pomposas, em que ha muita prata e riquissimas alfaias. A igreja foi mal construida desde o seu principio, e agora se quizerem reedifical-a hão de demolir todo o frontispicio, e grande parte das paredes lateraes. E' pena não se haver

acabado o grande templo do Rosario em Natividade ; estar quasi deserto o da Chapada, e achar-se em ruinas o do Pontal.

JUSTIÇAS CIVIS E CRIMINAES

OUVIDORIA

Ouvidor geral, que tambem é provedor das fazendas dos defuntos e ausentes, orphãos, e auditor da gente de guerra etc., etc.

Os seus officiaes são os mesmos que ficam apontados em cada um dos correspondentes juizes da comarca de Goyaz.

Nos arraiaes cabeças de julgado são os mesmos officiaes que indiquei na comarca do sul.

Os advogados dos auditorios d'esta comarca são alguns rabulas que têm servido de tabelliães ou escrivães. Em Trahiras existe o bacharel Custodio da Silva Guimarães, formado antes da reforma da universidade de Coimbra : está mui velho, e os seus papeis apresentam constantemente uma diffusão, e amontoado de citações de leis e lugares communs, que se tornam insupportaveis: entretanto é o unico jurisconsulto estabelecido na provincia ; mostra que teve talento e penetração, e apezar de ser mui procurado, e grande trabalhador, e effectivo patrono de muitas causas, não deixa de viver na mais deploravel indigencia.

SENADO DA CAMARA

E' composto de dois juizes ordinarios e os vereadores, como em Goyaz; e por falta dos habitantes na villa, reca-

hem as eleições em algumas pessoas muito mal qualificadas para os empregos do conselho ; outro tanto acontece nos julgados sujeitos á villa cabeça da comarca. As rendas da camara são insignificantes, e não chegam para as mais urgentes despezas dos objectos em que devem ser empregadas.

RARIDADES NATURAES

No districto de Amaro Leite ha aguas thermaes ; tambem existem no districto de Cavalcante, e na villa da Palma.

No districto de Arraias, S. Domingos, e Trahiras ha grutas admiraveis em montanhas de pedra calcarea, com estupendas columnas, salas, camaras, corredores, bacias, altares, candelabros e outras obras extremamente bellas. A mais notavel de todas é a dos geraes, no districto de Arraias na fazenda do alferes Manoel Antonio de Oliveira. Foi descoberta no anno de 1821. No districto de Flôres tambem ha grutas (111).

O Rio de S. Domingos, mui caudaloso, entra por uma caverna de pedra calcarea, uma legua abaixo do arraial do mesmo nome, e sahe d'ahi a meia legua : isto mesmo acontece a outros menores rios d'aquelle districto, e do de Arraias. Pouco distante do arraial de S. Domingos existe um poço de 96 braças de profundidade, chamado poço da Camiza : disparando um tiro de pistola na boca d'este poço, repete-se o écho por mais de um quarto de hora pelas cavernas do tal abysmo, e torna a sahir pela boca do poço.

(111) Todas as grutas estão em montanhas de pedra calcarea, e por isso encontram-se mais ou menos espaçosas nos districtos abundantes de taes montes calcareos : persuado-me que ainda está por descobrir um grande numero d'ellas.

No districto de Amaro Leite encontram-se caracteres e impressões de mãos nas rochas, que ha em certos lugares, mui semelhantes ás do districto do Pilar no morro das Figuras.

Junto ao rio da Palma vi uma arvore frondosa, mas não grande, que não conserva junto a si signal algum de vegetação. Dizem que isto procede da transpiração maligna de que é dotada.

As pyramides denominadas —Moleque— que ficam contiguas aos arraiaes de S. Domingos, e do Principe são admiraveis pela fórma alta e ponta aguda.

No arraial da Natividade,um quarto de legua ao oriente, ha um olho d'agua tepida : é muito boa para beber, e pouco distante d'elle está uma mina de pedra elastica. O ribeirão da Agua Quente no arraial d'este nome sahe tão volumoso no tempo das sêccas rigorosas como no das chuvas mais continuadas : a agua do ribeirão nasce tepida.

ESTADO ECCLESIASTICO DA PROVINCIA

A igreja de Goyaz é presidida por um prelado com jurisdicção ordinaria sobre todas as terras da provincia do mesmo nome, e os districtos do Araxá e Dezemboque : exceptua-se uma pequena porção de terra ao norte do rio Paranahyba, e ao oriente dos rios de S. Bartholomeu e Lagôa Formosa, a qual pertence no espiritual ao bispado de Pernambuco.

O bispo prelado de Goyaz não tem cabido : elle é vigario da igreja matriz de Sant'Anna, e conserva n'ella um cura e um coadjutor.

As justiças ecclesiasticas da prelazia consistem em um provisor, e vigario geral de toda a prelazia.

O provisor e vigario geral da repartição do norte é dependente do da cidade capital. Ha escrivão do auditorio ecclesiastico, meirinho, escrivão da camara da prelazia, vigarios da vara, e seus escrivães em todas as freguezias.

O actual prelado de Goyaz é D. Antonio Ferreira de Azevedo, bispo confirmado de Castoria. A falta total de vista d'este prelado obstou a sua sagração. E' o 5.º no numero dos prelados da provincia, e entrou n'ella no mez de Outubro do anno de 1824.

Na cidade e parochia de Goyaz existem 21 clerigos, na de Meia Ponte 11, na de Santa Cruz 4, na de Santa Luzia 3, em Santa Rita 1, em Pilar 3, em Crixás 1, na aldêa de S. José 1, na do Carretão ou Pedro Terceiro 1 : montam os ecclesiasticos a 46. Algumas freguezias têm enorme extensão, e por isso é muito difficultosa a administração dos sacramentos aos enfermos. A creação de novas freguezias no corrego de Jaraguá, Bom Fim, e outros lugares são de extrema necessidade.

O estado ecclesiastico da comarca do norte, consta dos vigarios das freguezias, e mais algum clerigo sem emprego. No tempo presente (1824) existem na freguezia de Trahiras 2 clerigos, em S. José 2, em Cavalcante 1, em Flôres 2, em S. Domingos 3, em Arraias 1, na Conceição 2, na Natividade 2, em S. Miguel e Almas 1, no Carmo 1, no Porto Real 1, na Villa da Palma 1, em S. Felix 1 , total 20. Dos vigarios d'estas 13 freguezias erectas na comarca do norte só é collado o de Trahiras (Vide o *Appendice* (N). Quasi todas as freguezias são pobrissimas : a de Flòres, e Arraias são as mais pingues. Os povos repugnam pagar conhecenças aos parochos, sem comtudo deixarem de exigir que lhes vão administrar os sacramentos a qualquer hora, em distancias enormes. E' incomprehensivel e verdadeiramente lamentavel o desleixamento a que se vê

reduzida a administração ecclesiastica d'esta comarca. Freguezias de extensão immensa, cortadas de rios caudalosos, dirigidas por um unico clerigo, que a maior parte do tempo está molesto, e quasi sempre sem meios de viver, não podem apresentar grandes principios religiosos. Nos dias de festa de guarda ouve missa quasi toda a gente, que habita nos arraiaes ; de fóra d'elles ninguem apparece : muitas pessoas baptizam-se quando chegam ao estado de puberdade, e confessam-se quando se casam. Algumas vivem pelos campos e mattas, como féras, sem conhecimento de religião; e quando muito sabem, recitam o Padre Nosso, e Ave Maria, por ouvirem estas orações nas festinhas dos oratorios de algumas casas espalhadas pelos immensos sertões das suas parochias.

A freguezia de Trahiras tem mais de 20 leguas de extensão. A de S. José ainda é mais vasta : Arraias com um parocho octogenario, e com uma extensão que excede a 30 leguas não póde ser feliz : em conclusão a comarca do norte requer grandes auxilios, se se deseja que haja religião.

As justiças ecclesiasticas da comarca do norte são o provisor e vigario geral d'esta repartição, que reside no arraial da Natividade.

Antes de se erigir a prelazia de Goyaz, as terras da comarca do norte até ao rio Tocantins pertenciam ao bispado do Pará, assim como as do sul ao Rio de Janeiro. A comarca ecclesiastica de Trahiras é sujeita immediatamente á cidade.

ESTADO MILITAR,

A força armada da provincia de Goyaz tem por comman-

dante em chefe o governador das armas; o primeiro despachado para este emprego foi Raymundo José da Cunha Mattos, nomeado em 14 de Fevereiro de 1823, e tomou posse em 16 de Junho do mesmo anno: é brigadeiro dos exercitos nacionaes e imperiaes, escriptor d'estas memorias,

O estado maior general da provincia consta de dois ajudantes de ordens: ha um secretario do governo das armas, e o physico das tropas.

A primeira linha da provincia consta de uma companhia de infantaria, e uma de cavallaria.

A companhia de infantaria tem as praças seguintes: um tenente, um alferes, um sargento, um furriel, seis cabos de esquadra, um tambor, 80 soldados, cujo numero póde ser augmentado segundo as circumstancias (112).

A companhia de cavallaria (113) consta de um capitão; é

(112) Por decreto e plano de 27 de Agosto de 1811. A primeira companhia de infantaria que houve n'esta provincia veiu de S. Paulo no tempo do governo do conde de Sarzedas. D. Luiz Mascarenhas creou duas com a denominação de — Aventureiros: uma d'ellas foi debandada, ficando outra por ordem régia de 26 de Março de 1743. A companhia vinda de S. Paulo, recolheu-se á sua praça de Santos, e n'essa occasião foi morto o capitão d'ella no sitio do Catalão por um tiro que lhe dispararam. *Memorias Goyanas*

(113) O conde de Sarzedas fez vir uma companhia de dragões da provincia de Minas Geraes destacada para Goyaz em 1736 sendo commandada por José de Moraes Cabral. O soldo d'ella era pago pela provedoria da villa de Santos, até que por provisão de 27 de Agosto de 1738 ficou a cargo da provedoria de Goyaz. Por ordem de 2 de Agosto de 1748 ficou pertencendo propriamente a esta provincia: a sua força era de 60 cavallos, e o vencimento dos soldados de 300 rs. diarios, e outro tanto quando sahiam em diligencias, por ordem de Fevereiro de 1756. Por aviso de 25 de Abril de 1801 levou-se o numero das suas praças a 80. Pelo plano de 1809 diminuiram-se os soldos e vantagens que percebiam, e finalmente pelo plano de 27 de Agosto de 1811 foi levada ao pé em que actualmente se conserva.

chefe de todo o corpo de linha, e actualmente tem patente de tenente-coronel graduado de cavallaria, um cirurgião-mór com graduação de tenente (Vide o *Appendice* (**D**), um tenente, um alferes, um furriel, um dito aggregado, seis cabos de esquadra, um trombeta, 70 soldados, 83 praças de cavallaria. Ajuntando-se 91 de infantaria, somma 174 praças a força total da tropa de linha que é empregada na maneira seguinte.

COMARCA DO SUL.

Registro da Piedade(114), aldêa do Carretão, dita de S. José, registro de S. Marcos, dito da Lagôa Feia, dito dos Arrependidos, dito do Rio Claro, dito do Rio Corumbá, dito do Rio das Velhas (115) no julgado de Araxá e Dezemboque, da provincia de Minas-Geraes, dito do corrego da Posse, dito dito de Santa Barbara dito, dito do Bom Jesus dito, dito do porto da Rifana dito, dito do porto da Estrada Nova dito. dito do Rio Pardo dito, Direcção dos Indios dito.

(114) Foi estabelecido pelo governador e capitão general Tristão da Cunha e Menezes, ao mesmo tempo em que tambem fundou o do Rio das Egoas, e o de Arraias ou Ouro Podre. Os ultimos acabaram, apenas acabou o ouro, ou os meios de se tirar.

(115) Os julgados do Araxá e Dezemboque separaram-se de Goyaz para se incorporarem a provincia de Minas Geraes. Constituindo as suas rendas uma grande parte das d'aquella provincia, ficou a de Goyaz sem meios de subsistir. O procurador geral Manoel Rodrigues Jardim obteve em 1822, que os rendimentos d'aquelles julgados fossem restituidos a Goyaz, e com effeito no dia 31 de Outubro de 1823 tomaram posse dos registros os destacamentos d'esta provincia, em consequencia da participação da junta da fazenda de Minas Geraes á de Goyaz em data de 14 de Junho de 1824.

COMARCA DO NORTE.

Registro de Santa Maria, dito de S. Domingos, dito de Tagoatinga, dito do Douro, dito do Porto Real, aldêa Graciosa, presidio da Paranatinga, dito de S. Felix, passagem de Tocantins. O resto das praças das companhias existe na cidade.

Os vencimentos da tropa de linha é de duas tabellas. As praças de cavallaria alistadas antes do dia primeiro de Agosto de 1823 tinham o soldo que se segue.

CAVALLARIA.

Capitão 32$000 mensaes, tenente 20$000 dito, alferes 18$000 dito, cirurgião-mór 20$000 dito, furrieis 12$000 dito sem vencimento de farda, cabos de esquadra 300 réis diarios dito, trombetas 225 dito dito, soldados 225 dito dito. Todos percebiam ração de farinha, e 4$800 réis por anno para ferragens dos cavallos de cada soldado.

INFANTARIA.

Tenente 20$000, alferes 18$000, sargento 300 rs. diarios sem vencimento de farda, furriel 225 ditos, dito, cabos de esquadra 200 ditos dito, tambor 112 1/2 ditos dito, soldados 112 1/2 ditos dito. Tinham mais, ração de farinha de 1[40 de alqueire, medida da terra. Desde o dia 1° de Agosto vencem os soldos da tabella moderna aquelles que novamente assentaram praça, recebem etapes, e devem ter fardamento.

2.ª LINHA.

Consta a força da 2.ª linha em um regimento de infantaria de homens pardos; um dito de homens pretos; o 1.º regimento de cavallaria de homens brancos ou da comarca de Goyaz; o 2.º regimento de cavallaria de gente branca da comarca de S. João das Duas Barras.

REGIMENTO DE INFANTARIA DE HOMENS PARDOS (116)

Este regimento é composto de 10 companhias effectivas, e 24 aggregadas, que se acham distribuidas pela maneira seguinte.

1.ª companhia effectiva, cidade de Goyaz, 2.ª arraial de Meia Ponte, 3.ª dito de Santa Cruz, 4.ª dito de Jaraguá, 5.ª dito de Anta e Santa Rita, 6.ª dito de Santa Luzia, 7.ª dito de Pilar, 8.ª dito de Bom Fim, 9.ª cidade de Goyaz, 10.ª dita.

1.ª companhia aggregada, cidade de Goyaz, 2.ª arraial de Meia Ponte, 3.ª segunda de Meia Ponte, 4.ª arraial de Crixás, 5.ª dito de Bom Fim, 6.ª dito de Jaraguá, 7.ª dito

(116) Logo depois da descoberta da provincia crearam-se varias companhias de ordenanças de brancos, pardos e pretos. Por cartas règias dirigidas aos governadores do Brasil em data de 22 de Março do 1766, em que se mandaram alistar terços auxiliares nas capitanias, foram creadas algumas companhias avulsas na comarca de Goyaz. José de Almeida e Vasconcellos levantou outras no norte, compostas de homens de todas as cores, e Tristão da Cunha e Menezes organisou as dos pardos em um regimento, cujo numero de companhias foi excessivamente accrescentado por D. João Manoel de Menezes.

de Santa Luzia, 8.ª segunda de Santa Luzia, 9.ª arraial de Pilar, 10.ª dito de Trahiras, 11.ª dito de S. José, 12.ª dito de Agua Quente, 13.ª dito de S. José, 14.ª arraial do Pontal, 15.ª dito de Santa Rita, 16.ª dito de Flôres, 17.ª dito de Arraias, 18.ª dito de Cavalcante, 19.ª dito de Amaro Leite, 20.ª dito de S. Felix, 21ª dito da Conceição, 22.ª dito do Carmo, 23.ª da Natividade, 24.ª S. Domingos. A força de cada uma d'estas companhias deve ser de um capitão, um tenente, um alferes, um primeiro sargento, um segundo sargento, um furriel, cinco cabos de esquadra, um tambor, e 66 soldados, conforme o plano de 7 de Agosto de 1796.

O estado maior d'este regimento consta de um coronel, um tenente-coronel, um sargento-mór, dois ajudantes, um quartel-mestre; um secretario, um cirurgião-mór, e tambor-mór. Na 1.ª companhia ha dois portas bandeiras, e dois pifanos, e na de granadeiros seis porta-machados. Monta a totalidade da força d'este regimento, no seu estado completo, a 2671 praças. Vem por este modo a haver 19 companhias na comarca do sul, e 15 na do norte. O estado maior do regimento conserva-se ordinariamente na cidade, posto que o actual tenente-coronel commandante interino reside no arraial da Conceição. Este regimento foi organisado pelo governador Luiz da Cunha e Menezes. O governador e capitão general D. João Manoel de Menezes acrescentou-lhe muitas companhias.

REGIMENTO DE HOMENS PRETOS DE HENRIQUE DIAS (117)

Consta este regimento de 10 companhias effectivas, e sete aggregadas, as quaes têm por quarteis os lugares seguintes.

1.ª companhia effectiva, cidade de Goyaz, 2.ª arraial de Meia Ponte, 3.ª dito de Jaraguá, 4.ª ditos de Santa Cruz e Bom Fim, 5.ª dito de Santa Luzia, 6.ª ditos de Anta e Santa Rita, 7.ª dito de Pilar, 8.ª dito de Crixás, 9.ª dito de Trahiras, 10ª ditos de S. José, Santa Rita, Moquem e Amaro Leite. 1.ª companhia aggregada ditos de Cavalcante e Flôres, 2.ª dito de Arraias, 3.ª dito de S. Felix, 4.ª dito da Conceição, 5.ª dito da Natividade, 6.ª dito do Carmo, 7.ª dito do Pontal.

A força das companhias é em tudo semelhante ás do regimento de infantaria de pardos; o estado maior achase vago inteiramente, e o regimento é commandado pelo chefe da infantaria dos pardos. A força total d'este regimento no seu estado completo é 1141 praças. Das companhias d'este regimento oito estão no sul, e nove no norte da provincia. Este regimento é tão antigo como o dos homens pardos, e foi accrescentado no numero das suas companhias pelo governador e capitão general D. João Manoel de Menezes.

(117) Não consta a epoca fixa da organisação d'este regimento, mas é certo que antes do governo de Luiz da Cunha que formou o de infantaria dos pardos, existiu na Natividade um coronel preto chamado José Rodrigues, o qual edificou a igreja de N. S. do Rosario.

PRIMEIRO REGIMENTO DE CAVALLARIA (118)

Este regimento é composto de oito companhias effectivas e nove aggregadas, cujos quarteis são os que se seguem na comarca de Goyaz.

1.ª companhia effectiva, cidade de Goyaz, 2.ª dita dita, 3.ª dita dita, 4.ª dita dita, 5.ª arraiaes de Anta e Santa Rita, 6.ª dito de Jaraguá, 7.ª dito de Meia Ponte, 8.ª segunda de Meia Ponte. 1.ª campanhia aggregada de Meia Ponte, 2.ª arraial do Bom Fim, 3.ª dito de Santa Luzia, 4.ª Supprimida, por pertencer actualmente á provincia de Minas Geraes, 5.ª arraial de Santa Cruz, 6.ª dito do Pilar, 7.ª dito de Santa Luzia, 8.ª dito do Pilar, 9.ª arraial de Pilar, 10.ª dito de Crixás.

A força d'este regimento consiste em um coronel, um tenente-coronel, um sargento-mór, um ajudante, um quartel-mestre, um secretario, um cirurgião-mór, e o trombeta-mór; e as companhias compõe-se de um capitão, um tenente, um alferes, um furriel, tres cabos, um trombeta e 30 soldados. As quatro primeiras companhias effectivas tem porta estandartes. Total completo 658 praças. O aju-

(118) Foi organisado pelo governador e capitão general João Manoel de Mello em 1763. *Memorias Goyanas.*

Nos mappas do mesmo regimento que tenho presentes diz-se, que fôra creado por ordem de 22 de Março de 1766, que foi circular para todo o Brasil. O general da provincia ficou servindo de coronel, mas além d'elle ha um coronel commandante para o expediente economico do corpo. Este regimento logo que se creou teve 10 companhias; em 1773 accrescentaram-se mais duas. D. João Manoel de Menezes annexou outras, e de todas organisou dois regimentos: o conde da Palma, levou-as ao pé em que agora se acham. A comarca não póde com o peso d'este regimento.

dante d'este regimento, graduado sargento-mór é commandante de Porto Real, e inspector dos presidios do norte; e cobra por isso uma gratificação de 10$000 réis mensaes. Está desligado do regimento, e em lugar d'elle provido outro ajudante.

A quarta companhia aggregada d'este regimento tem por quartel os julgados do Araxá e Dezemboque, e pertence á provincia de Minas Geraes desde que os ditos julgados se desannexaram da provincia de Goyaz. O general da provincia é chefe de regimento, que não obstante isto tem um coronel para o commandar. E' por aquelle motivo que o regimento tem o titulo de regimento general.

SEGUNDO REGIMENTO DE CAVALLARIA (119)

E' composto de oito companhias effectivas, e quatro aggregadas, que tem por quarteis os arraiaes seguintes da comarca de S. João das Duas Barras.

1.ª companhia effectiva, arraial de S. José, 2.ª dito de Arraias, 3.ª dito da Conceição, 4.ª dito de Trahiras, 5.ª dito de Natividade, 6.ª dito de Flôres, 7.ª dito de S. Felix, 8.ª dito de Cavalcante. 1.ª companhia aggregada arraial de S. Domingos, 2.ª ditos do Carmo e Pontal, 3.ª dito de Flôres, 4.ª dito dita de Natividade.

A força d'estas companhias, e o estado maior do regimento é igual ao do 1.º regimento de cavallaria. O estado completo 468 praças. Este regimento é tão antigo como a

(119) Foi composto das companhias separadas do 1º regimento e das que organisou o governador e capitão general D. João Manoe de Menezes. As companhias do arraial de Santa Luzia pertenceram a este corpo, que é summamente pesado aos povos da comarca.

colonisação da comarca. A companhia do arraial da Natividade foi a primeira que se creou. (Vide o *Appendice* (**P**).

RECAPITULAÇÃO DA FORÇA ARMADA DA PROVINCIA.

Governador das armas um, ajudante de ordens dois, secretario um, commandante de Porto Real um, physico das tropas um. Infantaria de linha praças 91, cavallaria ditos 83. Regimento de infantaria miliciana de pardos 2671, dito dito de pretos 1141, primeiro regimento de cavallaria miliciana 658, segundo regimento de cavallaria dito 486, somma total da força da 1.ª e 2.ª linha de cavallaria da provincia 5117 praças.

Ainda que se diga que os dois regimentos de cavallaria miliciana sejam compostos de gente branca, não acontece realmente assim, pois que por falta de gente branca ha muitos pardos alistados, principalmunte na comarca do norte. Um grande numero de soldados de cavallaria estão mal montados e armados: quasi todos estão fardados, mas a regularidade tem custado a introduzir entre os sertanejos, habitantes em lugares mui remotos dos seus chefes, que pouca differença têm d'elles em conhecimentos. A infantaria de pardos e pretos vai agora tomando algum adiantamento, em consequencia das fadigas que tenho soffrido, visitando as companhias dispersas por uma provincia immensa, malsã, escassa em mantimentos, e despovoada. Toda a infantaria está armada simplesmente de espingardas de caça. Na cidade ha 200 espingardas de infantaria promptas para as quatro companhias alli aquarteladas. Em razão das distancias, da falta de actividade dos chefes e por motivo das molestias, em occasiões de paradas as companhias não apre-

sentam metade da sua força effectiva. A gente de todos estes corpos é boa em estatura, mas grande numero de praças tem papeiras volumosas.

Na cidade de Goyaz existe um pequeno e bello parque de quatro peças de artilharia de bronze de calibre um, que mandei construir logo que entrei n'esta provincia: ha mais duas desmontadas no armazem, e em Porto Real existem duas igualmente desmontadas de 12 onças de bala. Os armazens de armas da provincia estão vazios. A polvora existente em todos elles montará a 20 arrobas, e chumbo ainda a menos; espingardas em reserva 60. N'esta provincia não ha baterias, fortalezas, nem obra alguma de fortificação. Os inimigos que por ora se nos apresentam são os indios, e estes ordinariamente fogem á vista das pequenas forças que contra elles se expedem.

ORDENANÇAS.

Ha n'esta provincia dois terços de ordenanças pertencentes ás suas comarcas.

COMARCA DE GOYAZ.

Tem 16 companhias distribuidas pela maneira seguinte: 1ª cidade de Goyaz, 2ª dita, 3ª arraial da Barra, 4ª dito de Santa Rita, 5ª dito do Ouro Fino, 6ª dito de Santa Luzia. 7ª dito, 8ª Meia Ponte, 9ª dito, 10 dito, Santa Cruz; 11 dito Bomfim, 12 dito corrego de Jaraguá, 13 dito Couros, 14 dito de Crixás, 15 dito dito do Pilar, 16 dito.

COMARCA DE S. JOÃO DAS DUAS BARRAS.

1.ª Arraial da Conceição, 2.ª dito de Almas, 3.ª dito de Trahiras, 4.ª ditos de Agua Quente, e Cocal, 5.ª dito de Amaro Leite, 6.ª dito de S. Felix, 7.ª dito de Cavalcante. 8.ª dito do Paraná ou Flôres, 9.ª dito de Arraias, 10 dito de Natividade, 11, dito de Pontal, 12 dito de S. José. Os terços têm capitão mór e sargento mór, e quasi todas as companhias capitão, ajudante, alferes, sargentos e cabos. Alguns dos arraiaes têm companhias, isto é officiaes só para haver motivo de conceder patentes, taes são os da Barra, Ouro Fino, e Rio Claro. (Vide o *Appendice* (Q).

GOVERNO POLITICO.

O governo politico da provincia é administrado por um presidente, que tem um conselho de seis vogaes, e por regimento a carta de lei de 20 de Outubro de 1823.

O presidente tem um secretario, que tambem,o é do conselho.

TRIBUNAES.

A junta da fazenda nacional presidida pelo chefe politico da provincia, tem por deputados o ouvidor geral, o escrivão, o thesoureiro, e o procurádor da fazenda. Foi creada

no anno de 1771 (120). A contadoria da junta é composta de um contador, um primeiro escripturario, um segundo, e um terceiro dito, dois supranumerarios. O escrivão deputado é vedor da gente de guerra, e tem um escrivão da vedoria e um pagador que é almoxarife.

O almoxarifado é composto do almoxarife, e do escrivão da vedoria que serve de escrivão do almoxarifado. Ha um porteiro, que tambem é continuo, guarda livros, e agente das causas da fazenda. Em todos os arraiaes existem administradores e agentes da fazenda. Os tabelliães servem de escrivães.

CASA DA FUNDIÇÃO.

Consta este estabelecimento dos empregados que se seguem : um fiscal (121), um thesoureiro,um escrivão da intendencia e conferencia, um ensaiador, um fundidor, um ajudante de officinas, e um porteiro. A esta repartição compete a administração do correio e sello. Foi creada no anno de 1752.

(120) Foi estabelecida originariamente por ordem de 23 de Outubro de 1761, tendo por presidente o governador e capitão general, e por deputadós o ouvidor e provedor da fazenda, dois vereadores, e servindo de secretario o do governo da provincia.Por carta régia de 20 de Agosto de 1771 foi reformada, e composta dos membros que actualmente servem. Por ordem de 24 de Novembro de 1773 crearam-se os lugares de thesoureiro e escrivão das despezas miudas. Pela de 10 de Outubro de 1777 nomeou-se o escripturario contador. Pela de 16 de Maio do mesmo anno o continuo e porteiro ; e pela de 19 de Agosto de 1788 creou-se o segundo escripturario. *Memorias Goyanas*. N.B. Ha outras ordens em Nabuco, Tom. 2.° pag. 389.

(121) Foi creada com 4 fiscaes que serviam aos trimestres ; o intendente foi substituido pelo fiscal por ordem do anno de 1809. O primeiro fiscal depois d'esta regulação foi Manoel de Santa Barbara Garcia que serve de propriedade vitalicia. *Memorias Goyanas*.

JUNTA DE JUSTIÇA.

Esta junta é composta do presidente da provincia, ouvidor, juiz de fóra e outros quatro vogaes. Foi creada por carta régia de 12 de Agosto de 1771.

JUNTA DO EXPEDIENTE DOS NEGOCIOS PERTENCENTES A' MEZA DO DESEMBARGO DO PAÇO.

E' composta do presidente da provincia, ouvidor e juiz de fóra: foi creada por alvará de 25 de Maio de 1818.

RENDIMENTOS PUBLICOS.

Entradas.	13:000$000
Passagens de rios.	500$000
Officios de justiça.	2:000$000
Dizimos.	2:500$000
	18:000$000

NOVOS IMPOSTOS.

Siza dos escravos, e bens de raiz .	1:000$000	
Decima das casas.	500$000	
Carne verde	1:000$000	
Sello.	600$000	
Banco	400$000	3:500$000
Somma.		21:500$000

Houve grande diminuição nos direitos de entradas no que se cobrava na comarca do sul, e igualmente nas sahidas do gado.

Tambem soffreu grande diminuição o rendimento de di-

zimos, pela fórma que presentemente se administram, de se pagarem sómente os dizimos dos generos que se vendem nas povoações.

Ha mais o rendimento do subsidio litterario que annualmente montará a 800$000.

Este rendimento poderia ser muito mais avultado principalmente na comarca do norte, se fizessem os manifestos a que são obrigados os commerciantes e proprietarios.

O quinto do ouro produz mui poucos interesses ao Estado, e ainda menos produzirão, se não se houvesse emittido bilhetes para pagamentos das dividas passivas da fazenda, os quaes são encontrados na casa da fundição, com o quinto do ouro que n'ella entra. Se não houvesse esta providencia, é mui provavel que se não manifestasse metal algum na casa da fundição. No anno de 1753 o quinto do ouro montou a 2,641 marcos e 56 oitavas; no anno de 1807 rendeu 185 marcos e 59 oitavas. No anno de 1824 apenas tem produzido em ouro tres onças e dezoito grãos; e em bilhetes, 58 marcos, 3 onças, e 5 oitavas, o que prova com toda a evidencia o abatimento da provincia, e a falta de braços empregados na mineração, que no dia de hoje é mui difficultosa, tanto por se achar exaurido o metal da superficie da terra, como por haver agua de mais ou agua de menos nos lugares em que existem preciosidades, que a serem aproveitadas, poderiam fazer tomar uma nova face a esta provincia, e dar-lhe todos os meios da mais ampla sustentação. Para augmentar os recursos pecuniarios da provincia, vieram algumas sommas de dinheiro em cobre do thesouro publico do Rio de Janeiro: a ultima remessa foi de 220 arrobas de chapa de cobre cortada, e prompta para se cunhar, o que até agora não se tem feito por falta de machina. (Vide o *Appendice* (**R**).

A administração do correio não dá para as despezas d'elle

DESPEZAS PUBLICAS.

O Excellentissimo presidente da provincia.		3:200$000
O ouvidor tem de ordenado. . .	600$000	
O mesmo ministro vence de ajuda de custo.	400$000	1:000$000
O escrivão da fazenda.		1:000$000
O thesoureiro geral		800$000
O juiz de fóra, procurador da fazenda vence de ordenado.	400$000	
Recebe de ajuda de custo. . . .	400$000	800$000
O secretario do governo da provincia.		1:400$000
O contador da fazenda.		600$000
O primeiro escripturario		400$000
Recebe de ajuda de custo. . . .		100$000
O segundo escripturario. . . .		300$000
O terceiro dito.		250$000
Dois ditos supranumerarios a . .	250$000	500$000
O porteiro e continuo da junta. .		2500$00
O almoxarife e pagador		400$000
O escrivão do almoxarifado e vedoria		400$000
O fiscal da fundição.		500$000
O thesoureiro da mesma. . . .		400$000
O escrivão da mesma.		500$000
O ensaiador.		400$000
O fundidor.		400$000
O ajudante das officinas. . . .		400$000
O porteiro da fundição. . . .		200$000
		14:200$000

Transporte		14:200$000
Os fieis dos registros do Rio das Velhas, Arrependidos, Lagôa Feia, S. Domingos, Tagoatinga e Duro.	200$000	1:200$000
O Excellentissimo e reverendissimo bispo prelado vence por anno com obrigação de dar 200$000 ao seu provisor, e em esmolas. . .		1:000$000
Os vigarios das 20 freguezias da prelazia, dos quaes só ha 8 collados a	200$000	4:000$000
Os capellães das 3 aldêas de indios denominadas S. José de Mossamedes, Pedro 3°, e Duro. . .	200$000	600$000
Guizamentos para as capellas d'estas aldêas	40$000	120$000
Professor de grammatica latina na cidade.		300$000
Professores de primeiras letras na mesma cidade, e nos arraiaes de Meia Ponte, Santa Luzia, Trahiras, e Pilar.	100$000	500$000
O ouvidor geral da comarca de S. João das Duas Barras. . . .		600$000
O governador das armas além do soldo da sua patente no exercito, e as forragens e etapes que por ella lhe competem; percebe a gratificação annual de. . . .		2;400$000
Dois ajudantes de ordens. Vagos.		
Secretario do governo das armas.		300$000
		25:220$000

Transporte	25:220$000
O physico das tropas	480$000
A companhia de cavallaria de linha. . .	7:215$000
A companhia de infantaria dito	3:280$500
O commandante de Porto Real, e inspector dos registros da comarca de S. João das Duas Barras	504$000
Tres sargentos-móres de milicias	1:620$000
Tres ajudantes ditos da antiga creação. . .	720$000
Um dito da creação moderna	204$000
Santo Antonio vence como capitão . . .	288$000
Um tambor-mór, dois pifanos e cincoenta e um tambores de infantaria miliciana (Vide o *Appendice* (**S**).	1:296$000
A despeza do correio excedeu á receita em 1824	252$825
Somma das despezas fixas.	41:080$325
Além d'estas despezas, fazem-se outras extraordinarias nas secretarias do governo civil e militar, junta de fazenda, hospitaes militares, remonta e ferragem de cavallaria, etapes, forragens, armamento, arreios e concertos d'elles, munições e outras parcellas contigentes, que se podem avaliar annualmente a	12:000$000
Somma total das despezas	53:080$325

CATALOGO DOS PRELADOS DA PROVINCIA

As terras do sul da provincia de Goyaz pertenciam ao bispado do Rio de Janeiro ; e as que ficam ao norte do rio Tocantins, dependiam do bispado do Pará.

Em 1746 á instancias do senhor rei D. João V, foi erecta a prelazia de Goyaz pelo papa Benedicto XIV que para esse fim expediu a bulla *Candor lucis æternæ*; e estando muitos annos sem pastor, foi nomeado para esta cadeira em 1782:

1.° Dr. fr. Vicente do Espirito Santo, agostinho descalço, 23° bispo da ilha de S. Thomé, cuja mitra havia renunciado sem ter ido á sua igreja; assim como tambem não veiu á de Goyaz, por fallecer em Lisboa no anno de 1798 a 29 de Novembro.

2.° D. José Nicoláo de Azevedo Coutinho Gentil, bispo de Zoara; em 7 de Março de 1788 foi transferido para deão da capella real da Villa Viçosa, sem que viesse á prelazia.

3.° D. Vicente Alexandre de Tovar, bispo de Titopoli em 1802, falleceu na villa do Piracatú em 1808 quando se recolhia á sua igreja.

4.° D. Antonio Rodrigues de Aguiar, bispo de Azoto em 1816, falleceu fóra do Rio de Janeiro estando em caminho para a sua igreja no dia 2 de Outubro de 1818.

5.° D. Francisco Ferreira de Azevedo, bispo de Castoria, em 19 de Outubro de 1818. Este respeitavel prelado tendo a desgraça de perder a vista, não quiz deixar de visitar o seu rebanho, e com effeito entrou na cidade de Goyaz no dia 21 de Outubro de 1824.

LISTA DOS GOVERNADORES

Como a provincia de Goyaz foi parte da de S. Paulo até ao anno de 1749, em que tomou posse d'ella o seu primeiro governador D. Marcos de Noronha, devo fazer menção dos d'aquella provincia por serem governadores proprios d'esta.

GOVERNADORES DE S. PAULO E GOYAZ

1.º Rodrigo Cesar de Menezes: ficou governando Goyaz desde que n'ella se fundou o primeiro estabelecimento regular em 1726; foi succedido por;

2.º Antonio da Silva Caldeira; tomou posse em 1729.

3.º Conde de Sarzedas D. Antonio Luiz de Tavora. Tomou posse em 19 de Agosto de 1732, veiu a Goyaz e falleceu no arraial de Trahiras no dia 30 de Agosto de 1737. Os seus ossos foram conduzidos para Portugal pelo conego D. Antonio Madureira, visitador geral da ordem de Christo no Brasil, que os recebeu do padre Vicente Pereira da Silva, vigario da igreja, em 26 de Agosto de 1739.

4.º D. Luiz Mascarenhas, veiu á Goyaz antes do dia 25 de Julho de 1739, e aqui se demorou por espaço de tres annos. Foi conde de Alva.

5.º Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadella, governador das provincias do sul, veiu a Goyaz em 1749, e encontrou-se no rio de S. Francisco com D. Marcos de Noronha, que foi conde dos Arcos, quando este vinha de Pernambuco.

CAPITÃES-MÓRES REGENTES

1.º Bartholomeu Bueno da Silva, nomeado pelo governador e capitão general Rodrigo Cesar de Menezes no anno de 1726, depois de haver estabelecido o arraial de Sant'Anna, e regressado a S. Paulo com esta noticia e 8,000 oitavas de ouro. Ha quem diga, que, quando elle partiu de S. Paulo

em 1723, já viéra com o titulo de capitão-mór regente, o que é improvavel: esbulhado pouco a pouco da sua autoridade, e opprimido de desgostos e miseria falleceu este grande homem, o heróe de Goyaz, no arraial da Barra no dia 19 de Setembro de 1740.

No arraial de Meia Ponte, em que pretenderam levantar a capital da provincia, tiveram o titulo de capitães-móres regentes.

1.° Agostinho de Azevedo e Albuquerque.

2.° Clemente Simões da Cunha.

Além d'estes houveram capitães-móres de conquista: tal foi João de Godoy Pinto da Silveira, que talvez com este titulo era unicamente chefe de bandeiriantes: a outros aconteceria o mesmo.

GOVERNADORES E CAPITÃES GENERAÈS PROPRIOS DA PROVINCIA DE GOYAZ.

Creada a provincia de Goyaz independente de S. Paulo por alvará de 8 de Novembro de 1744, foi nomeado para governador e capitão general d'ella:

1.° D. Marcos de Noronha, que foi conde dos Arcos: tomou posse em Goyaz no dia 8 de Novembro de 1749. Foi para vice-rei da Bahia.

2.° Conde de S. Miguel, tomou posse das mãos de seu antecessor em 30 de Agosto de 1755, e entregou o governo a

3.° João Manoel de Mello: tomou posse em 7 de Julho de 1759, e falleceu em 13 de Abril de 1770.

1.° Governo interino o ouvidor Antonio José Cabral de Almeida; sargento-mór auxiliar Antonio Thomaz da Costa; e capitão de dragões Damião José de Sá Pereira. Este

governo foi desapprovado pelo vice-rei do Estado, o qual fez vir para a provincia de Goyaz.

2.° Antonio Carlos Furtado de Mendonça, brigadeiro e chefe do regimento de infantaria de Moura, destacado no Rio de Janeiro: tomou posse em 17 de Agosto de 1770. Este governador interino fez pouco depois uma figura bem triste na ilha de S. Catharina.

4.° José de Almeida e Vasconcellos, tomou posse a 26 de Julho de 1772, e com licença régia recolheu-se a Portugal. Foi barão de Mossamedes, visconde da Lapa e governador e capitão general do reino d'Angola.

3.° Governo interino composto do ouvidor Antonio José Cabral de Almeida; tenente-coronel de cavallaria auxiliar João Pinto Barbosa Pimentel, e vereador mais velho Pedro da Costa. Tomaram posse no dia 7 de Maio de 1778.

5.° Luiz da Cunha e Menezes, tomou posse no dia 17 de Outubro de 1778 havendo entrado em Villa Boa poucas horas antes, sem que o esperassem. Foi para governador e capitão general da Bahia.

6.° Tristão da Cunha e Menezes, chefe de divisão da armada real, irmão do precedente. Tomou posse a 27 de Junho de 1783, e recolheu-se a Portugal quatro annos depois de fazer entrega do governo ao seu successor.

7.° D. João Manoel de Menezes, capitão do regimento de Freire de Andrade, tomou posse em 25 de Fevereiro de 1800 e recolheu-se a Portugal depois de entregar o governo a

8.° D. Francisco de Assis Mascarenhas, que é conde da Palma: tomou posse a 26 de Fevereiro de 1804, e foi para governador e capitão general de Minas Geraes, depois de ser rendido por

9.° Fernando Delgado Freire de Castilho: veiu da provincia da Parahyba em que foi governador. Tomou posse

a 26 de Novembro de 1809, havendo entregado o governo ao triumvirato: recolheu-se ao Rio de Janeiro onde cometteu suicidio. (Vide o *Appendice* (**T**).

10. Manoel Ignacio de Sampaio, brigadeiro dos exercitos do reino unido, foi governador do Ceará e tomou posse a 4 de Outubro de 1820; recolheu-se ao Rio de Janeiro d'onde passou a Portugal.

Junta administrativa interina, composta de sete membros, foi installada no dia 30 de Dezembro de 1821.

Junta do governo provisorio, composta de seis membros; foi installada no dia 10 de Abril de 1822.

LISTA DOS PRESIDENTES DA PROVINCIA.

1.° Caetano Maria Lopes Gama; serviu de juiz de fóra do Penedo, ouvidor interino e presidente do governo provisorio das Alagôas, e deputado da assembléa constituinte. Tomou posse no dia 14 de Setembro de 1824.

LISTA DOS GOVERNADORES DAS ARMAS.

1.° Raymundo José da Cunha Mattos; serviu em Portugal, nas ilhas de S. Thomé e Principe, na provincia de Pernambuco, e no arsenal do exercito do Rio de Janeiro; sendo coronel de artilheria foi despachado para governador das armas d'esta provincia, por decreto de 24 de Fevereiro de 1823: sahiu do Rio de Janeiro em 8 de Abril, chegou a Goyaz a 15 de Junho, e tomou posse a 16 do mesmo mez. Foi promovido a brigadeiro em 9 de Agosto de 1824. E autor d'esta *Chorographia*. (Vide o *Appendice* (**U**).

LISTA DOS OUVIDÔRES

A ouvidoria de Goyaz foi creada em 1737 como comarca da provincia de S. Paulo. Em 1749 ficou independente, e por alvará de 18 de Março de 1809 dividiu-se em duas, ficando a do sul com a denominação de comarca de Goyaz e a do norte com o titulo de comarca de S. João das Duas Barras.

OUVIDORES DE S. PAULO E GOYAZ

1.° Gregorio Dias da Silva; tomou posse no anno de 1735

OUVIDORES DA COMARCA DE GOYAZ

1. Agostinho Pacheco Telles, tomou posse em 1737
2. Manoel Antonio da Fonceca. 1747
3. Agostinho Luiz Ribeiro Vieira 1749
4. Sebastião José da Cunha Soares . . . 1752
5. Antonio da Cunha Souto Maior 1756
6. Francisco de Attouguia Bittencourt e Lyra. 1758
7. Des. Antonio José de Araujo e Sousa . . 1762
8. Antonio José Cabral de Almeida. . . . 1769
9. Joaquim Manoel de Campos 1779
10. Diogo Miguel Freire da Silva 1783
11. Salvador Pereira da Costa. 1789
12. Des. Antonio de Liz. 1793
13. Manoel Joaquim de Aguiar Mourão . . . 1799

14. Joaquim Theotonio Segurado 1805
15. Des. Joaquim Ignacio Silveira da Motta. . 1808
16. Des. Antonio José Alves Marques. . . . 1818
17. Paulo Couceiro de Almeida Homem . . . 1821
(Vide o *Appendice* (V).

OUVIDORES DA COMARCA DE S. JOÃO DAS DUAS BARRAS.

Des. Joaquim Theotonio Segurado 1809
(Vide o *Appendice* (X).

INTENDENTES E PROCURADORES DA FAZENDA.

1. Sebastião Mendes de Carvalho 1736
2. Manoel Caetano Homem de Macedo. . . 1744
3. Luiz de Moura Coutinho. 1749
4. Anastacio da Nobrega 1751
5. Luiz Antonio Rosado da Cunha 1757
6. Antonio Mendes de Almeida 1761
7. Joaquim José Freire de Andrade . . . 1770
8. Bernardo Miguel de Sousa 1777
9. José Carlos Pereira 1785
10. José Ignacio Alvares de Castro Silveira da Ribeira 1791
11. Manoel Pinto Coelho. 1799
12. Florencio José de Moraes Cid 1803

FISCAL VITALICIO DA CASA DA FUNDIÇÃO.

1. Manoel de Santa Barbara Garcia. . . . 1811

LISTA DOS JUIZES DE FÓRA

Foi creado este lugar por alvará de 18 de Março de 1809, e tem servido n'elle os ministros seguintes :

1.° Manoel Ignacio de Mello : foi nomeado juiz de fóra em 1809.

2.° Lucio Soares Teixeira de Gouvêa, foi promovido a ouvidor da comarca de Piracatú, e occupa actualmente o lugar de presidente da camara do Rio de Janeiro ; juiz de fóra em 1812.

3.° Manoel Antonio Galvão : é ouvidor do Cuyabá, e desembargador da Bahia ; juiz de fóra em 1821.

4.° João Francísco de Borja Pereira, existe na provincia. (Vide o *Appendice* (Y).

HOMENS ILLUSTRES DA PROVINCIA

O padre Manoel José Fogaça, sendo prior da igreja da Lourinhã na provincia da Extremadura em Portugal, foi nomeado bispo de Malaca, cuja dignidade não aceitou : era natural da cidade de Goyaz.

Joaquim Xavier Curado, grão-cruz da ordem imperial do cruzeiro, commendador das de S. Bento de Aviz e Conceição, conselheiro de Sua Magestade e do da guerra, tenente general dos exercitos nacionaes e imperiaes, e governador das armas da côrte e provincia do Rio de Janeiro : é natural do arraial do corrego de Jaraguá. Falleceu no Rio de Janeiro em 15 de Setembro de 1830.

Alvaro José Xavier, natural da cidade de Goyaz, com-

mendador da ordem de Christo, brigadeiro reformado : foi presidente da junta do governo provisorio.

Roque da Silva Pereira, nascido no arraial de Meia Ponte; é monsenhor da capella imperial, do conselho de Sua Magestade, commendador da ordem de Christo e cavalleiro da de Nossa Senhora da Conceição.

Miguel da Silva Alvares, nascido no arraial do Ouro Fino: falleceu em Portugal no posto de brigadeiro.

Antonio Navarro de Abreu, cavalleiro das ordens de Christo e imperial do cruzeiro, coronel de milicias de Cuyabá, e deputado da assembléa constituinte pela mesma provincia,

O padre Silvestre Alves da Silva, natural de Trahiras, deputado da assembléa constituinte.

Joaquim Alves de Oliveira, cavalleiro professo na ordem de Christo, sargento-mór de ordenanças, nomeado deputado da assembléa constituinte ; não aceitou o emprego por molestias que padece.

Antonio José Teixeira de Carvalho : natural de Lisboa, capitão de milicias ; eleito deputado supplente, e chamado a assembléa constituinte cujo lugar não occupou por motivo da dissolução d'ella.

Bento José Marques, natural de Goyaz : falleceu no Rio de Janeiro sendo coronel de infantaria addido ao estado maior do exercito.

José Manoel de Almeida, natural de Goyaz, brigadeiro dos exercitos nacionaes e imperiaes. (Vide o *Appendice* (**Z**).

Manoel Rodrigues Jardim, cavalleiro da ordem de Christo, presbytero do habito de S. Pedro : foi procurador geral da provincia.

Luiz Antonio da Silva e Sousa, cavalleiro da ordem de Christo, presbytero secular, eleito deputado para as côrtes de Lisboa por esta provincia ; e não foi a Portugal : nasceu

no Serro do Frio, e é provisor e vigario geral da prelazia, serviu de governador pelo excellentissimo bispo de Castoria, e foi professor publico de grammatica latina na cidade de Goyaz.

Placido Moreira de Carvalho, natural de Meia Ponte; foi deputado supplente á assembléa constituinte de Lisboa, cujo lugar não chegou a occupar.

José Rodrigues Jardim, irmão do procurador geral da provincia o padre Manoel Rodrigues Jardim, cavalleiro da ordem imperial do cruzeiro, natural de Goyaz, sargento mór reformado de cavallaria miliciana, e deputado secretario da junta do governo provisorio,

Raymundo Nonato Hyacintho, cavalleiro da ordem de Christo, natural de Lisboa, escrivão deputado da junta da fazenda, membro da junta do governo provisorio.

João José do Couto Guimarães, natural da cidade do Porto, cavalleiro da ordem de Christo, sargento-mór graduado de cavallaria miliciana, e membro da junta do governo provisorio.

Ignacio Soares de Bulhões, cavalleiro da ordem de Christo, escrivão da intendencia e conferencia do ouro da cidade de Goyaz, e membro da junta do governo provisorio: é natural de Jaraguá, e irmão do excellentissimo tenente general Joaquim Xavier Curado.

Luiz Gonzaga de Camargo Fleury, natural de Meia Pone, cavalleiro da ordem imperial do cruzeiro, presbytero secular, membro da junta do governo provisorio. Pela sua prudencia e docilidade conseguiu a reunião da comarca do norte, que se havia separado da do sul por suggestões do desembargador Joaquim Theotonio Segurado.

Luiz da Costa Freire de Freitas, natural do Rio de Janeiro, tenente coronel commandante da tropa de linha da provincia, e membro da junta administrativa interina da mesma provincia.

Francisco Xavier dos Guimarães, presbytero secular, membro da junta administrativa interina da provincia e vigario da vara da cidade de Goyaz : é natural do Cuyabá.

Antonio Pedro de Alencastro, nascido no Rio Grande de S. Pedro, secretario do governo da provincia, e membro da junta administrativa interina d'ella.

Vicente Ferreira Brandão, presbytero secular, natural de Cavalcante, cavalleiro da ordem de Christo, foi governador da prelazia pelo excellentissimo bispo de Titopoli.

José Vicente de Azevedo Noronha e Camara, presbytero secular, cavalleiro da ordem de Christo, e governador da prelazia por fallecimento do precedente : natural do Rio de Janeiro.

José Joaquim da Veiga, presbytero secular, nascido em Meia Ponte, foi governador da prelazia pelo excellentissimo bispo de Castoria durante a ausencia do padre Luiz Antonio da Silva e Sousa.

HISTORIA GERAL DA PROVINCIA

Ainda que seja quasi impossivel penetrar na tenebrosa noite dos tempos para ir achar a origem das nações que povoavam o Brasil na época da descoberta ; sendo igualmente impossivel apontar as migrações dos aborigenes; a formação das suas primeiras tribus, e a separação das colonias, que se espalharam pela superficie do Novo Mundo, eu vou tentar a ardua empreza de desenvolver este intrincado trabalho, apalpando em uma parte, cahindo em outra e errando talvez em todas, porque em tudo ha confusão, e em parte alguma se encontram monumentos notaveis que nos attestem a serie, e as épocas das migrações d'estes povos barbaros.

E' provavel que os habitantes da America sejam de origem *Mongolia ou Tongures*, e que os primeiros povoadores atravessassem de proposito ou por acaso o estreito de Behring para as costas do noroeste do novo continente. Talvez tambem os *Ostiakos* e os *Samojedes* habitantes nas vastas campinas da Siberia passassem á Laponia, e de lá fossem levados por tempestades ás praias da Groelandia. A darmos credito ás *Memorias Mexicanas*, os povos vieram do norte, e foram-se successivamente espalhando para o sul, onde formavam estabelecimentos notaveis na época em que Fernão Cortez subjugou o desgraçado Montezuma. As ilhas do golpho do Mexico estavam todas povoadas ; em Cuba, Haity, e outras existiam governos estabelecidos, e nas margens do Nicaragua havia um sem numero de pequenas tribus ou nações.

E' tambem provavel, que os povos da America septentrional, passassem para a meridional pelo isthmo de Panamá, e que os habitantes da terra firme, Nova Granada e Perú sejam descendentes dos mesmos *Tehudes* ou *Mongoles*, que atravessaram o estreito de Behring, e são estes homens ou elles viessem pelo mar Pacifico, ou pelas ilhas do golpho do Mexico, que povoaram os paizes, que agora se denominam Caracas, Nova Andaluzia, Surinam, Cayenna e todo o Brasil. Mui bem podia acontecer, que os barbaros não subjugados pelos successores de *Manco Capac*, fugindo ás hostilidades dos guerreiros *Peruanos*, viessem povoar as immensas terras do Brasil mais proximas ao Paraguay; e n'este caso terem origem commum com a dos povos congregados pelo grande homem do lago Titicaca.

Houve quem se lembrasse de dar aos *Peruanos* uma origem mais remota, isto é a dos *Malaios*, allegando que esta nação é mãi de todos os povos que habitam as innumeraveis ilhas do mar Pacifico, e que chegaram mesmo á ilha da

Pascoa, a mais distante dos continentes, onde se encontraram, e ainda existem estatuas colossaes com enormes cilyndros sobre as cabeças. Eu não posso seguir esta opinião, vista a falta de analogia entre a lingua dos *Malaios* e a dos povos das duas Americas : verdade é que entre estes povos e os *Tartaros* orientaes e occidentaes, tambem não existe analogia dos idiomas ; entretanto existe outra muito bem decifrada, qual a côr do corpo, e a physionomia do rosto, que com effeito é mui semelhante á dos habitantes da Coréa, Japão, Kamtschatka, ilhas Kuriles, e outros territorios asiaticos.

Parece desnecessario refutar a opinião d'aquelles que dizem que os habitantes dos paizes orientaes da America vieram da Africa occidental, por essa lingua da terra que se suppõe haver existido através do oceano Atlantico ; cujos restos vemos nas Vigias da Linha, Penedo de S. Pedro, e ilha de Fernando de Noronha.

Seja o que fôr : é certo que os povos aborigenes do Brasil são a justo titulo reputados descendentes dos *Tartaros* da Siberia ou das ilhas proximas, e que depois de vagarem immensos annos sem governo, conheceram a necessidade de se congregarem em nações distinctas, das quaes foi uma das mais poderosas a dos *Tupinambás* : esta grande nação era senhora de grande parte do Brasil : as guerras que se levantaram entre diversas tribus enfraqueceu-as, e o temor que reciprocamente conceberam umas das outras, deu lugar a separarem-se, até ao ponto de perderem o mesmo idioma.

No meio d'esta geral desordem veiu Goyaz a ficar povoado na parte oriental por algumas tribus dos taes *Tupinambás*, que pelo decurso dos tempos tomaram os nomes de *Chavantes*, *Cherentes*, *Gés*, *Acroás*, e outros que se subdividiram, e inventaram novas denominações, sem com tudo

perderem os mais notaveis costumes pertencentes aos grandes troncos de que se haviam separado.

Todos elles se pintam e adornam pelo mesmo modo; fazem uso da flécha, do arco, e do manguito para defeza do braço; servem-se da macana ou bordão curto para assassinarem os seus contendores ; andam inteiramente nús ; tecem os seus cestos pelo mesmo modo; furam o labio inferior, e trazem d'elle pendendo uma pedra branca, osso ou páo ; o seu idioma tem a mesma raiz, de maneira que o *Chavante* entende o *Cherente*; e um pouco ao *Noraguagés*, aos *Apinagés* e aos *Otogés*. Verdade é, que, muitas d'estas tribus ou hordas, têm adulterado tanto a lingua geral, que eu mesmo observei um *Chavante* entender com difficuldade á um *Cherente*, e estes não poderem fallar com desembaraço com os *Apinagés*, entretanto o fundo do idioma é o mesmo, posto que, em varias tribus é enormemente alterado (122).

Os *Carijós*, a que n'esta provincia dão o nome de *Canoeiros*, são descendentes d'aquelles que de S. Paulo vieram em companhia do velho Anhanguera (123), e lhe fugiram na occasião em que elle se perdeu, e foi dar comsigo ao rio Paraná. Os indios viveram por alguns annos sem commetterem hostilidades por temor que tinham dos *Chavantes*, que então dominavam quasi toda a provincia ; mais depois, que estes foram batidos, sahiram os *Carijós* a campo, e com effeito mostraram-se mais valentes, e não menos barbaros.

Os *Cayapós* são descendentes do mesmo tronco geral dos *Tupinambás*, segundo dizem algumas pessoas ; accrescen-

(122) Tão alterado se acha, que muitas pessoas praticas dizem, que estas tribus não são de uma mesma origem, o que é sem fundamento, pelo menos a respeito de algumas d'ellas.

(123) Vej. a nota n. 103.

tando, que havendo-se separado em época mui remota, tem de tal modo alterado o idioma, que não entendem os indios das terras do norte. Entre os *Cayapós* vivem muitos *Bororós*, que a meu ver são de origem commum.

Os *Carajás*, *Carajahis*, *Xambiuás*, *Javahés*, *Tapirapés*, e *Coritis* parecem de tronco differente : o seu idioma, e não os seus costumes, é mui diverso dos povos orientaes da provincia. Nenhuma d'estas nações tem industria ; parece que toda a sua ambição estende-se a preencher as necessidades da natureza, sem cuidarem muito do que acontecerá em época um pouco remota.

As pessoas que dizem que os indios não têm governo estabelecido enganam-se : elles têm governo puramente militar : o mais valoroso é eleito chefe da tribu : cada homem é um soldado, e todos elles são sujeitos aos seus capitães, alguns dos quaes exercitam autoridade absoluta sem consultarem os anciões.

Varias tribus que povoavam a provincia de Goyaz tem-se extinguido, e é mui provavel, que todas ellas desappareçam, ou seja pelos effeitos de guerra que se lhes faça, ou por contagio que adquiram. Os trabalhos pesados, as bexigas, o sarampo, deram fim á vida de immensos indios ; e certamento agora não existe a centesima parte do numero de aborigenes, que ha um seculo povoavam a provincia, de cuja descoberta vou tratar (124).

A sêde do ouro suscitou no coração dos paulistas e mineiros intrepidos, o desejo de se entranharem pelos vastos sertões do Brasil, e irem procurar lugares abundantes d'este precioso metal. O piratiningano Manoel Corrêa foi o

(124) Como não fallo do Brasil em geral, parece-me desnecessario tratar da descoberta das provincias do Imperio, ainda mesmo da de S. Paulo, d'onde vieram os primeiros aventureiros a Goyaz.

primeiro homem civilisado, que deu noticia e apresentou amostras da riqueza da terra dos *Araés* ou *Aracis*, indios que então moravam pelos 15 $^1/_2$ gráos de latitude meridional, isto é um pouco ao norte das habitações dos indios *Goyazes* (125). Dizem que o seu peculio montará a dez oitavas de ouro, e que com ellas regressára á sua patria para dar noticias da sua boa fortuna, e trazer comsigo gente, que o ajudasse.

Entre outros, que seguiram as pisadas do Corrêa foi Bartholomeu Bueno, paulista distincto da familia do celebre Amador Bueno da Rivera, que fôra acclamado rei em S. Paulo. Este famoso aventureiro entrou com effeito no territorio dos indios *Goyazes*, em 1670 (126), e conheceu que em um lugar, pouco distante d'aquelle em que agora está a cidade capital da provincia, havia abundancia de metal precioso, pois que as mulheres enfeitavam os pescoços com folhetas que alli encontravam. Este descobridor tinha em sua companhia um filho seu, e do mesmo nome, e que apenas contava 12 annos de idade: demoraram-se algum tempo n'aquelle sitio, e d'alli regressaram a S. Paulo, onde o velho Bueno dissipou immediatamente tudo quanto adquirira no meio de perigos e trabalhos.

Falto de recursos para metter mão como chefe á novas tentativas, e dotado de espiritos sobre maneira elevados para querer figurar como subalterno, o nosso antigo aventureiro jazeu em ociosidade, ao mesmo passo que o seu di-

(125) Se é authentico o roteiro do capitão-mór Antonio Pires de Campo de que tratei na nota n. 19, não residiam os *Araés* perto, mas sim mui longe de Goyaz ao noroeste da cachoeira da Itaboca, abaixo da confluencia dos rios Araguaya e Tocantins, pelo menos 250 leguas distante do lugar em que agora existe a cidade capital.

(126) As *Memorias Goyanas* dizem que foi em 1682; por conseguinte ha uma differença de doze annos para menos.

gno filho se mostrava distincto em todas as emprezas em que se empenhava.

Os paulistas atiravam-se a tudo: ora perseguiam os indios a quem subjugavam, e compelliam aos trabalhos da agricultura; ora occupavam-se na mineração: elles estavam um dia em S. Paulo, no outro corriam a Minas; e sempre andavam promptos a metter-se em novas tentativas, que reputavam gloriosas. O nosso Bueno moço era dos mais acreditados, e por isso mereceu as attenções do governador e capitão general de S. Paulo Rodrigo Cezar de Menezes, que o nomeou capitão da bandeira que veiu a Goyaz no anno de 1722, para descobrir e conquistar. As forças de Bueno montavam a 100 homens de guerra (127), além de um grande numero de indios *Carijós* naturaes d'aquella provincia. Bueno que desejava distinguir-se para não ter que invejar aos descobridores do Cuyabá, marchou intrepido para o lugar do seu destino, mas como houvessem passado cincoenta e dois annos (128) que havia ido com seu pai á terra do gentio *Goyá*, não foi tão feliz que atinasse logo com o rumo, que devia demandar; pois que avançando pouco ao norte foi parar a um caudaloso ribeirão a que deu o nome de Pilões, por mandar alli abrir uns em que pisaram milho para se alimentarem. Este ribeirão recebe o da Fartura, e com elle entra no Rio Claro duas leguas abaixo do lugar em que se abriram os Pilões. Ahi existe agora um arraial a que dão o nome de Rio Claro, e algumas vezes Pilões,

Descontentes os companheiros de Bueno de não se haver encontrado o territorio do gentio *Goyá*, conspiraram-se con-

(127) Em companhia do descobridor vinham dois religiosos de S. Bento e S. Francisco, fr. Cosme, e fr. Jorge, e 40 cavalleiros e seu genro e socio João Leite da Silva Ortiz.

(128) Vide nota n. 126.

tra o chefe, que procurando socegal-os, a exemplo de Christovão Colombo com a guarnição do navio em que ia descubrir a America, foi mais infeliz do que aquelle afortunado capitão; e apezar d'isso continuou a marchar para oeste, até que dando em um caudaloso rio que não tinha encontrado na sua primeira jornada, conheceu o engano em que estava, e deu ao mesmo rio o nome de rio da Perdição. Não obstante conhecer o erro, continuou a caminhar ao poente, atravessou outro grande rio; depois d'este outro, a que deu o nome de rio das Arêas; e finalmente um quarto rio a que chamou rio Rico por ser abundante do metal causador de todos os seus trabalhos. A serem certas estas marchas, é provavel, que Bueno passasse um braço do Rio Grande a que chamaria rio da Perdição; logo o Rio Grande por ser muito mais volumoso; depois d'este o Rio do Peixe a que deu o nome de rio das Arêas, e finalmente as cabeceiras do Rio das Mortes a que poria o nome de Rio Rico: Se não são estes os rios encontrados por Bueno, não seguiu elle certamente o rumo de oeste, a que ficam os que venho de indicar; e n'este caso é provavel o que depois d'esse tempo disseram alguns bandeiriantes, de não haver elle chegado ao rio, que agora se chama dos Pilões, e que aquelle a que deu o nome do rio da Perdição fica muito ao oriente do Claro em que desemboca o dos Pilões unido com o da Fartura, que banha a face meridional da serra Dourada. Em algumas cartas topographicas (eu não tenho presente nenhumas d'essas), acha-se o rio da Perdição a lesueste do Rio Claro, e talvez seja o Rio dos Bois, o Turvo, ou o Verde. Seja o que fôr: Bueno viu-se obrigado a tomar novas direcções, e avançou tanto para o norte, que deu comsigo no rio Paraná, que corre entre o rio Maranhão, e a serra geral. Estas digressões levaram quasi trez annos, e foi no meio d'ellas que os indios *Carijós* chamados hoje *Canoeiros* deser-

taram a Bueno, e foram acolher-se nas fragosas montanhas da margem esquerda do Maranhão, e pelas ilhas d'este rio, fazenda da Corriola, arraial de Amaro Leite, e Descoberto da Piedade: a ilha do Tropeço pouco ao sul da foz do grande rio de Santa Thereza, foi por muito tempo o seu principal alojamento (129). Bueno cheio de desgostos mas não de intrepidez, e desejoso de figurar com dignidade, recolheu-se a S. Paulo (130), e apezar da sua desdita, foi bem recebido pelo governador Rodrigo Cezar de Menezes, que o enviou segunda vez ao descobrimento do *Goyá* (131).

O nosso aventureiro foi agora bem succedido: o acaso levou-o a um lugar duas leguas e meia distante da cidade, onde em uma garganta formada por duas montanhas achou vestigios da antiga existencia de homens civilisados (132), e lançando ahi mão de dois indios *Goyaz* veiu a saber, que estava proximo ao lugar por tanto tempo procurado : com effeito, Bueno conduzido pelos indios foi dar ao terreno em que hoje existe o pequeno arraial do Ferreiro, onde havia estado com seu pai.

O anno de 1726 foi o da colonisação da provincia. Os companheiros de Bueno ficaram estabelecidos, e trabalhando

(129) Vide nota 103. As *Memorias Goyanas* dizem que os indios *Carijós* contaram ao Anhanguera, que nas suas terras havia metal semelhante ao que elles andavam procurando na provincia de Minas Geraes: talvez alguns d'elles fossem vizinhos dos indios *Goyazes*.

(130) No fim do anno de 1725, havendo muitos dos seus companheiros durante as suas digressões descido o Tocantins para o Pará d'onde não voltaram, e tendo-se outros retirado para S. Paulo. O peculio do descobridor foram 32 oitavas. *Memorias Goyanas.*

(131) Trouxe comsigo o padre Antonio de Oliveira Gago, o engenheiro Manoel de Barros e o Silva Ortiz da nota 127. *Memorias Goyanas.*

(132) Dizem que estes vestigios foram capoeiras antigamente roçadas, e outros querem que fosse uma camba de freio. *Memorias Goyanas.*

nas proximidades do arraial, emquanto elle regressou a S. Paulo com provas authenticas (133) da sua boa fortuna; que foi accrescentada com o emprego de capitão mór regente das terras de *Goyaz* no mesmo anno de 1726, ficando subordinado ao governador de S. Paulo. A sua boa sorte não foi constante : suspenso da capitania mór (134), morreu cheio de desgostos e penuria no arraial da Barra; entrando assim na grande lista dos sacrificados pela ingratidão do governo arbitrario.

A fama da immensa riqueza encontrada em Goyaz, fez com que alluviões de homens livres e escravos inconsideradamente se mettessem aos trabalhos da extracção do ouro nas terras contiguas á cidade: Anta, Santa Rita, Ouro Fino, Barra, Meia Ponte, e outros lugares foram logo explorados, arraiaes construidos, e igrejas levantadas: mas se os homens tiravam grandes riquezas da terra, tudo desapparecia, porque os mantimentos vendiam-se a tão alto preço (135), que pouco era o ouro, que se apurava, para se comprarem. D'esta arte os mineiros passavam incommodos, e os recovei-

(133) Oito mil oitavas de ouro.

(134) Não foi absolutamente suspenso, mas o ouvidor de S. Paulo Gregorio Dias da Silva debaixo do titulo de superintendente, de tal modo lhe coarctou a jurisdicção em 1734, que o capitão-mór ficou um fantasma de governador. Decahindo da sua grande fortuna, recebeu por emprestimo uma arroba de ouro da fazenda publica por ordem de D. Luiz Mascarenhas ; e não sendo approvada esta despeza, viu-se obrigado a vender todos os seus bens, e as proprias joias de sua mulher ; e assim ficou mais pobre do que estava quando se lhe fez o emprestimo. *Memorias Goyanas.*

(135) O alqueire de milho a 6 e 7 oitavas — de farinha 10 oitavas— Antonio Ferraz de Campos vendeu 40 porcos que trouxe de S. Paulo a uma libra de ouro por cabeça : a primeira vacca de leite foi vendida por 2 libras de ouro. *Memorias Goyanas.*

ros ou vendedores dos mantimentos ficavam com os lucros, emquanto alguns individuos mais atilados se não resolveram a lançar mão da agricultura para se livrarem do jugo cruel dos commerciantes de S. Paulo. Foi por este modo, que se formaram estabelecimentos permanentes em alguns lugares da provincia, e foram estes homens, que lançaram mão da agricultura, os unicos que da mesma provincia tiveram vantagens constantes, e atrahiam a si, o ouro das minas sem trabalharem. O sertanista que mais se distinguiu depois de Bueno, foi o capitão mór João de Godoy.

As riquezas de Goyaz, e os perigos das viagens para o Cuyabá pela estrada de Camapuam, deram motivo á descoberta dos sertões que ficam além do Rio Claro Diamantino. Angelo Preto foi o primeiro, que abriu caminho entre o Cuyabá e Goyaz, passando pelo arraial de Amaro Leite (136), além do Rio Grande ou Araguaya. Esta estrada abandonou-se para se seguir outra mais ao sul, e o arraial extinguiu-se; assim como no dia de hoje se estão arruinando muitos arraiaes em Goyaz por uma identica causa.

Povoadas as terras de Goyaz pela maneira que tenho relatado, foram tão grandes os interesses que o soberano recebeu do quinto do ouro, e outros ramos de administração, que se julgou conveniente dar consistencia solida aos novos descobertos; por isso no mesmo anno de 1726 a povoa-

(136) Foi fundado por Amaro Leite (não o descobridor do arraial d'este nome ao norte do Pilar), e chamou-lhe Amaro Leite dos Araés: falleceu pobre em 1768. *Memorias Goyanas.*

Se os indios *Araés* viviam n'este lugar, eram outros *Araés* differentes d'aquelles que trata a nota 19, ou dominavam um immenso territorio, e n'este caso os *Carajás* e outras nações ficavam no meio d'elles. Vide nota 125.

ção de Goyaz foi condecorada com o titulo de arraial (137), e cabeça de julgado de que ficaram dependendo todos os que houvessem de levantar-se na provincia. Deu-se-lhe preferencia ao arraial do Ferreiro, tanto pela riqueza do seu terreno, como pela abundancia das aguas de que é regado. A Igreja do arraial foi dedicada a Santa Anna, e ainda agora é matriz de toda a prelazia. Passou a ter o titulo de villa em 1739, posto que d'esde 1737 fosse cabeça de comarca sujeita a S. Paulo, e em 1749 separou-se d'esta provincia erigindo-se em governo e capitania general, cujo emprego foi conferido a D. Marcos de Noronha, conde do Arcos (138).

Quando este fidalgo começou a governar, já estavam erigidos quasi todos os arraiaes agóra existentes. Os povoadores do sul enviaram colonias ao norte, que se estabeleceram até o ribeirão da Matança abaixo do Pontal, d'onde fizeram expedições aos rios do Somno, Balças, Manoel Alves Grande ou Sereno, e outros, afugentando e destruindo os indios que então occupavam aquelles lugares. Pelo Pará vieram alguns descobridores com os jesuitas no principio do seculo 18°, e dizem que subiram pelo Tocantins até a Palma e pelo Araguaya até a ilha de Santa Anna. O certo é que os jesuitas possuiram algumas fazendas n'esta provincia, e tiveram um grande estabelecimento perto do rio de Santa

(137) As *Memorias Goyanas* chamam-lhe arraial antes do anno de 1729, em que João Leite da Silva Ortiz, genro do descobridor com o titulo de guarda-mór das minas de Goyaz foi a S. Paulo pedir a remuneração dos seus serviços; o que não conseguiu por se achar governando o general Caldeira Pimentel.

(138) A capitania de Goyaz foi desmembrada da de S. Paulo por alvará de 8 de Novembro de 1744, e D. Marcos de Noronha que foi conde dos Arcos por occasião da acclamação do senhor rei D. José, tomou posse do governo independente, em 8 de Novembro de 1749.

Thereza, onde levantaram a capella do Espirito Santo que hoje se acha arruinada.

A diminuição progressiva do ouro, a insalubridade do clima tão mortifero em alguns lugares, que consumia a maior parte dos povoadores; a falta de escravatura (necessaria consequencia da escacez do metal precioso, e da impolitica de introduzirem na provincia mui poucas escravas) as hostilidades dos indios, que se tornavam ferozes e respeitaveis á medida que a gente civilisada ia cahindo em fraqueza; tudo isto, e muitas outras causas poderosas, fizeram com que a provincia se fosse gradualmente atrazando, empobrecendo, e despovoando até chegar ao ponto de parecer um vastissimo deserto. Os campos e as margens dos rios ainda hoje attestam a opulencia, e a numerosa quantidade dos visinhos da provincia de Goyaz. Tudo acabou, e apezar das diligencias feitas pelos governadores, e capitães generaes para darem nova vida á provincia, ficáram baldados os seus esforços, e ella cada vez mais se vai dessecando.

As fortunas dos seus habitantes são mui limitadas; o metal enterrado não convida; e a não ser a falta de terrenos proprios para a agricultura na provincia de Minas Geraes, que obriga aos seus habitantes a procurarem novas e ricas terras ao longo do Corumbá, e pelo immenso territorio comprehendido entre elle e o Araguaya, certamente iria tudo a acabar-se. Os geralistas enviam grandes colonias para Goyaz; só elles poderáõ especar esta provincia, e dar-lhe aquelle tom importante, que ella merece.

Varios governadores e capitães generaes trabalharam muito a prol do provincia. O conde Sarzedas, o conde dos Arcos; o conde de S. Miguel, e José de Almeida e Vasconcellos foram os que mais se distinguiram, porque visitaram a maior parte das suas terras: José de Almeida pôz o pé na margem esquerda do Tocantins no districto de Pontal, e

e foi elle o governador e capitão general, que fez mais extensas marchas; os outros governadores, que lhe succederam eram mui amantes de seu repouso, ou queriam evitar o incommodo dos povos. Luiz da Cunha e Menezes, seu Irmão Tristão da Cunha, D. João Manoel de Menezes, o conde da Palma (139), e Fernando Delgado Freire de Castilho apenas davam algum passeio fóra do palacio ou iam até ás caldas de Piracanjuba. A malignidade do clima sempre em augmento, fazia fugir todos os homens; a pobreza dos habitantes das estradas era immensa: os grandes engenhos, e estabelecimentos agricolas, que tinham existido, haviam acabado, ou estavam reduzidos á taperas; por conseguinte os governadores nem queriam incommodar-se, nem dar incommodo a outras pessoas. Vivendo em uma quasi absoluta ociosidade, Luiz da Cunha tratou de prodigalisar a sua fortuna; Tristão da Cunha em augmental-a; D. João Manoel de Menezes passou tres annos em estrondosas desordens contra o seu antecessor, chegando a tal ponto as intrigas, que a camara instigada por Tristão da Cunha cahiu no absurdo de ir prender a D. João Manoel que deu o justo premio aos taes camaristas, que pensavam serem legitimos representantes da pessoa do soberano, e seus delegados para tomarem conhecimento da vida, e punirem aos governadores e capitães generaes. O conde da Palma tratou de instruir-se em quanto residiu em Goyaz; teve a consolação de nunca fazer mal a pessoa alguma, e de promover com todas as suas forças o commercio com o Pará, empresa que iría

(139) Este benemerito fidalgo por impulsos do seu zelo pelo adiantamento da provincia, correu grande perigo de vida no Rio do Peixe, por se virar a embarcação em que ia fazer expedir uma frota pelo Araguaya para a provincia do Pará. Aquelles que deviam trabalhar a bem do Estado, pouco fizeram, e o governador e capitão-general mais de uma vez se viu desesperado de conseguir os fins que se propunha.

avante se elle mesmo dirigisse em pessoa os negocios, e não os entregasse a individuos faltos de zelo e actividade. Fernando Delgado foi sempre insensivel á sorte favoravel ou adversa de Goyaz. No tempo do seu governo recebeu a provincia dois golpes mortaes. O primeiro golpe foi a desmembração de todo o territorio comprehendido entre o Rio de Manoel Alves Grande,a serra geral, o Tocantins, e a linha divisoria da confluencia do mesmo Tocantins com o Araguaya. Esta immensa porção de terra ficou incorporada á provincia do Maranhão em consequencia do aviso de 11 de Agosto de 1813. O segundo golpe mortal, foi a separação dos julgados do Araxá e Dezemboque, que em virtude do alvará de 17 de Maio de 1815, se uniram á provincia de Minas Geraes para formarem a nova comarca do Piracatú. Assim perdeu Goyaz muito além de 4000 leguas quadradas de terra, e já haviam abandonado o districto do Rio das Eguas (140).

Fluctuando sempre em inconstancias até ao fim do governo de Fernando Delgado Freire de Castilho, a provincia de Goyaz ia a tomar algum vigor, pela activa administracão

(140) Para nada servia á Goyaz, uma vez que está ao oriente da serra geral, e não tem minas de ouro nem gados. A natureza fez a divisão da provincia pela serra geral a que os antigos chamaram Espigão Mestre. A desmembração do territorio de S. Pedro de Alcantara a que se procedeu por termo lavrado em 16 de Julho de 1816, em consequencia do aviso de 11 de Agosto da 1813, que mandou fixar os limites das provincias do Maranhão e Goyaz, foi com effeito mui vantajoso aos interesses dos povos d'aquella provincia, assim como é prejudicial aos habitantes de Goyaz ; mas fazendo justiça a quem a merece, entendo que os povos do Maranhão deviam pugnar pela acquisição d'aquelle territorio, assim como os de Goyaz tem o mais bem fundado direito para clamarem pela reintegração dos julgados do Araxá e Dezemboque á sua provincia, visto ficarem a oeste da serra geral, que serve de limite oriental da mesma provincia de Goyaz.

do governador e capitão general Manoel Ignacio de Sampaio, que tomou posse do seu emprego no anno de 1820. Este homem, que sempre será lembrado em Goyaz por algumas pessoas com horror, e por outros habitantes com respeito, e veneração, metteu hombros á obra que teve o fatal resultado de o inimizar com individuos mui populares da provincia: alguns d'estes homens aproveitaram a occasião, e vingaram-se do procedimento do general; e quando em 1821 se fallou em governo provisorio, decidiram desde logo a expulsão de Manoel Ignacio de Sampaio, que com effeito se viu obrigado a sahir da provincia onde queria sustentar a autoridade absoluta, em uma época em que os espiritos estavam electrisados com idéas liberaes, e em que o mesmo santo Job havia de ser expulso se fosse governador e capitão general. Pela quéda de Manoel Ignacio de Sampaio ficou á testa dos negocios publicos uma junta administrativa interina, que foi succedida por outra junta provisoria que logo no principio do seu governo, expulsou da provincia o secretario do mesmo governo, o comandante da tropa de linha, e o juiz de Fóra, a requerimento de meia duzia de soldados pagos, que serviam de instrumentos occultos dos inimigos dos proscriptos que completamente se justificaram das accusações contra elles intentadas.

Este governo teve melhor sorte do que os de muitas provincias do Imperio: composto de homens prudentes, e não perseguido por pessoas inquietas, fez pouco bem, mas nenhum mal aos habitantes de Goyaz. Tomando a si o governo das armas, a junta provisoria manejava os soldados sempre com susto, e coroava a sua indisciplina por uma familiaridade além de toda a comprehensão. Expediu um dos seus membros, o padre Luiz Gonzaga de Camargo Fleury, á comarca de S. João das Duas Barras a tratar da reunião d'ella com a de Goyaz, de que se havia separado em 1821 á força

das diligencias do desembargador ouvidor geral Joaquim Theotonio Segurado, que teve a bondade de se persuadir que ficaria governando aquella comarca como dictador, no que se enganou miseravelmente, pois que criando-se governo provisorio em Cavalcante, d'onde foi transferido para o Natividade, viu-se obrigado a sahir da comarca com o honesto titulo de deputado ás côrtes de Lisbôa pela provincia de Goyaz. O deputado do governo Luiz Gonzaga pelas suas bellas maneiras, e ainda mais pela rivalidade dos moradores notaveis de alguns districtos da comarca de S. João das Duas Barras contra os membros do governo estabelecido na Natividade, conseguiu a reintegração da provincia, que finalmente foi sanccionada pela portaria de 23 de Junho de 1823 expedida pela secretaria do Estado dos negocios do Imperio, com extremo desgosto de quasi todos os habitantes do norte.

As repetidas queixas bem ou mal fundadas de alguns moradores da cidade, e mesmo de fóra d'ella contra o governo provisorio, accelerou a nomeação de Raymundo José da Cunha Mattos para o emprego de governador das armas, de que tomou posse no dia 16 de Junho de 1823. O governo provisorio mais desembaraçado dos negocios, continuou o seu expediente com a infelicidade de ter desavenças estrondosas com o juiz de fóra Francisco de Borja Pereira, que serve de ouvidor da comarca do sul. Estas desordens duraram emquanto o governo existiu, e é mui provavel, que se podessem evitar, se houvesse alguma moderação.

No mez de Agosto de 1823 chegaram noticias de Porto Real a Goyaz de se acharem, tropas portuguezas em S. Pedro d'Alcantra, arraial situado na margem direita do Tocantins, em terras da provincia do Maranhão, tres leguas distante da fronteira de Goyaz. O governador das armas, que

tinha hido passar revista ás tropas foi avisado d'este acontecimento pela junta do governo, e em consequencia marchou com a primeira linha para a comarca de S. João das Duas Barras; antes porém de chegar a Cavalcante, teve noticia de haver sido destroçada a força portugueza de que era chefe o sargento mór Francisco de Paula Ribeiro pelos paisanos de Pastos Bons, commandados por José Dias de Mattos que se intitulava capitão e presidente da independencia do mesmo lugar. Este homem atacou as forças do major Paula, compostas do mesmo sargento mór, um capitão, um alferes, um capellão, e 74 officiaes inferiores e soldados (que seguiam o partido portuguez) na cachoeira de Santo Antonio abaixo da povoação da Carolina. As forças brasileiras consistiam em 450 homens de Pastos Bons, e 250 indios *Apinangés* da provincia de Goyaz. O major Paula perdeu um capitão e nove soldados mortos; teve muitos feridos, e entregou-se á discripção com o resto da gente; e sendo conduzido para a villa de Caxias pelo sobredito presidente da independencia, foi por este homem feroz, barbaramente assassinado com o capellão, para lhes roubarem como com effeito roubaram o dinheiro que levavam. O governo do Maranhão procedeu contra o tal chefe José Dias, não só por motivo d'estes assassinios,mas pelas immensas devastações e desordens feitas no territorio de que se havia constituido capitão presidente da independencia. A acção da cachoeira de Santo Antonto foi em dias de Maio de 1823.

Com prosperas, e adversas fortunas, mas sempre em tranquilidade se conservou a provincia de Goyaz até ao dia 14 de Setembro de 1824 em que tomou posse do lugar de presidente da provincia Caetano Maria Lopes Gama, natural de Pernambuco, que servira de juiz de fóra no Penedo, ouvidor interino, e presidente da junta do governo provi-

sorio das Alagôas, e deputado da assembléa constituinte do Imperio do Brasil.

Este benemerito presidente, homem circumspecto atilado e trabalhador, talvez arrancará a provincia das mãos da morte a que parece estar condemnada : até agora tem-se conduzido com muita prudencia : queiram os céos que assim continue, e que tudo prospere debaixo da sua sabia administração, para que o escriptor que me seguir mostre aos povos do Imperio, que os males por mim apontados n'esta *Chorographia Historica* tiveram termo, e que tudo caminha para o bem que ja gozou, e que muito devemos ambicionar.

ITINERARIOS DA CIDADE DE GOYAZ PARA TODOS OS ARRAIAES E LUGARES NOTAVEIS DA PROVINCIA

N. 1.

Da Cidade para Meia Ponte

Da cidade á fazenda dos Coqueiros quatro leguas,— ao arraial do Curralinho tres leguas,—ao engenho do Palmital tres quartos de legua,— ao sitio das Arêas seis leguas, —ao arraial do corrego de Jaraguá cinco e meia leguas,— ao arraial de Meia Ponte, passando pela capella de Santo Antonio, sete leguas :— total 26 leguas.

N'esta marcha passa-se a váo o rio Bacalháo, a serra Negra, e o aspero monte do Leme, o Rio dos Patos, e o Rio das Almas no lugar em que cahiu a ponte.

N. 2.

Da cidade para o arraial de Santa Luzia

Da cidade ao arraial da Meia Ponte vinte e seis leguas, — ao arraial do Corumbá tres leguas,— ao Rio do Ouro tres leguas,—á Agua Fria tres leguas e um quarto,—aos Montes Claros quatro leguas,— aos Alagados quatro leguas,—ao arraial de Santa Luzia quatro leguas :—total 47 1/4 leguas.

N'esta marcha sóbe-se o morro de Meia Ponte para o Corumbá, e passa-se este rio a váo, posto que haja ponte um pouco abaixo do arraial.

N. 3.

Da cidade para o arraial do Bom Fim

Da cidade á fazenda dos Coqueiros quatro leguas,— á fazenda do Campo Alegre, pelo arraial do Curralinho, quatro leguas e meia,—á fazenda de Braz de Bessa oito e meia leguas,— ao engenho de S. Joaquim cinco e meia leguas,— ao engenho das Antas sete e meia leguas,—ao arraial de Bom Fim oito leguas :—total 38 leguas.

N'estas marchas passa-se duas vezes a váo e uma em ponte o ribeirão do Padre Sousa, a serra do Gongo, e alguns atoleiros : ao longo da estrada ha muitas fazendas e engenhos.

N. 4.

Da cidade para o arraial de Santa Cruz e rio Corumbá

Da cidade ao arraial de Bom Fim trinta e oito leguas,— ao rancho do Bazilio quatro leguas,— ao engenho do Bahú sete leguas,— ao arraial de Santa Cruz quatro leguas :— total 53 leguas.

Ao longo da estrada tem muitas fazendas, e os caminhos não são asperos. Do Bahú ao Corumbá cinco leguas.

N. 5.

Da cidade para o arraial de Anicuns

Da cidade ao rio Bacalhão um quarto de legua,— do Bacalhão ao Buriti ou Pai José uma legua,— do Buriti ás Arêas meia legua,— das Arêas aos Barbeiros um

quarto de legua,— dos Barbeiros á Estiva meia legua,— da Estiva á Quinta meia legua,—da Quinta a Santo Izidro um quarto de legua,— de Santo Izidro ao Urúhú meia legua,— do Urúhú ao Sobradinho meia legua,—do Sobradinho ao Paiol uma legua e um quarto,—do Paiol ao Limoeiro meia legua,— do Limoeiro ao Demanda uma legua,— do Demanda ao Rio dos Bois duas e meia leguas, — dos Bois ao corgo do Cemiterio duas leguas e um quarto,— ao arraial de Anicuns meia legua:— total 13 1/4 leguas.

N. 6.

Da cidade para o arraial de Campinas

Da cidade a Anicuns treze e meia leguas,— ao Bois embaixo duas leguas,— dos Bois ao corrego do Jatobá uma e meia legua,— ao corrego da Suçuarana uma legua e tres quartos,— ao Alegre duas leguas e tres quartos, — a Anicuns Grande meia legua,— ao Buriti uma e meia legua, — á Roçada duas leguas e tres quartos, — á Almecega uma legua e um quarto,— ao Brejo duas leguas,— ao arraial de Campinas duas e meia leguas:— total 31 3/4 leguas.

N. 7.

Da cidade para o Rio Claro

Da cidade á aldêa de S. José cinco leguas,— á Aldêa Maria seis leguas,— ao Rio Claro, passando o Pilões que é de canôa, sete leguas:— total 18 leguas. Atravessa-se a serra Dourada.

N. 8.

Outro itinerario

Da cidade á ponte da Bagagem meia legua,— ao rio Agapito duas leguas,—ao Caxambú uma legua,—á Estrella, rio com ponte, meia legua,— á Barreada, sitio do Jacob, duas leguas,— ao rio Buriti duas leguas,— aos Indios Pequenos (rio) uma e meia legua,— aos Indios Grandes (rio) um quarto de legua,— ao Taquaral (rio) duas e meia leguas,—ás Mamoneiras (pouso) quatro leguas,—ao Guarda-mór (dito Tapera) duas leguas,—a Pilões uma legua e tres quartos,— ao Rio Claro uma e meia: - total 22 leguas.

N. 9

Da cidade para o arraial de Anta

Da cidade ao rio dos Bugres tres e meia leguas,— a José Maria uma legua,— ao Ferreirinho duas leguas,— á Anta cinco leguas:— total 11 leguas.

N. 10.

Da cidade para o arraial de Santa Rita

Ao arraial de Anta onze leguas,— á Santa Rita tres leguas:— total 14 leguas.

N. 11.

Da cidade para o Pilar

Da cidade ao rio dos Bugres tres e meia leguas,—ao sitio do Queiroz quatro leguas,— ao sitio denominado Piqui do Campo quatro e meia leguas,— ao sitio dos Olhos de Agua quatro leguas,— á aldêa do Carretão cinco leguas,— ao engenho de D. Miquelina sete e meia leguas,— ao arraial do Pilar cinco leguas:— total 33 1/2 leguas.

N'esta marcha passam-se montes mui asperos, os rios dos Bugres, Ferreiro e Ferreirinho sem pontes, a espessa mata de Alexandre Affonso, o sertão ou deserto desde o sitio do Queiroz até ao engenho de D. Miquelina, e a serra do Caracol até ao Pilar.

N. 12.

Da cidade para Porto Real pelos arraiaes do Norte

Da cidade ao Pilar trinta e quatro leguas,— ao Engenho Novo quatro leguas,— ao engenho do Barroso cinco leguas, —ao arraial da Agua Quente cinco leguas,— ao arraial do Cocal quatro leguas,— ao arraial de Trahiras quatro leguas,— á fazenda da Vendinha pelo arraial de S. José duas e meia leguas— ao rio Bagagem quatro leguas e um quarto,—ao rio Tocantins quatro e meia leguas,— ao sitio de Guará quatro leguas,—ao sitio do Suçuapara quatro e meia leguas,—ao arraial de Cavalcante oito leguas,—á fazenda de Santo Antonio seis leguas e um quarto,—ao rio

Paraná quatro leguas,— á fazenda da Atalaia quatro leguas,— ao arraial de Arraias passando o rio Bezerra, mui doentio, oito leguas,— á fazenda de S. João tres leguas e um quarto, — á fazenda de Santa Brigida quatro leguas,—ao rio da Palma quatro leguas e um quarto,—ao arraial da Conceição quatro leguas,—á fazenda de S. Bento tres leguas,— á capella do Bom Fim sete e meia leguas,— ao arraial da Natividade, quatro leguas,— ao arraial da Chapada duas leguas,— da Chapada ao Bonito Pequeno duas e meia leguas,— ao engenho das Cangas quatro e meia leguas,— á fazenda do Boriti cinco leguas,—á fazenda das Arêas quatro e meia leguas,— ao arraial do Carmo tres leguas,—ao arraial do Porto Real seis e meia leguas: — total 163 1/2 leguas.

N'esta marcha passam-se os rios Maranhão, Bagagem, Tocantins, Preto, Paraná, Palma e Manoel Alves todos de canôa, os rios Bacalháo, Padre, Moquem, Montes Claros, Almas, Bois, Bezerra, Santa Brigida, Bonito, Bagagem, Pedras, Formigas e Arêas, que são invadiaveis no tempo das aguas, e não têm pontes. Ha a passar as serras ou Tombadouros de Cavalcante, a de Arraias, e a do Carmo. E' preferivel ir da fazenda da Atalaia ao arraial do Morro do Chapéo, e d'este ao de Arraias para não passar o Bezerra incorporado de todos os seus braços: da Atalaia ao Chapéo ha tres leguas e meia de muito bom caminho, e do Chapéo á Arraias sete leguas e meia.

N. 13.

Da cidade para o Porto Real pela estrada de Amaro Leite.

Da cidade ao Pilar trinta e quatro leguas,—ao Engenho da Conceição do commandante do Pilar duas leguas,—ao

Engenho de João de Araujo quatro leguas,—á fazenda de Santa Cruz quatro leguas,—á fazenda do Genipapo duas leguas,—á fazenda do Jacaré quatro leguas,—ao arraial de Amaro Leite cinco leguas,—á fazenda do Páo a pique, quatro leguas,—á fazenda da Lagôa quatro leguas,—á fazenda da Serra de Campos, porto de embarque do Rio do Ouro que cahe no Santa Thereza, que se mette no Maranhão, tres leguas,—ao arraial do Descoberto da Piedade duas leguas,—á fazenda do Bairro Alto, de José de Barros, nove leguas,—á fazenda da Enseada tres leguas,—ao rancho do Feixo da Serra, quatro leguas,—ao rancho dos Sucuriús proximo á fazenda dos Tucuns, quatro leguas,—á fazenda das Itans cinco leguas,—ao rancho da Extrema tres leguas,—ao rancho de Santa Izabel duas leguas,—ao rancho de S. José duas leguas,—ao rancho de Santo Antonio quatro leguas,—ao rancho da Capivara quatro leguas,—ao rancho das Pedrinhas quatro leguas,—ao rancho de Crixás uma legua,—ao Porto Real do Tocantins oito leguas:—Total 119 1/2 leguas.

Esta marcha é preferivel á dos arraiaes por ser muito mais breve posto que tenha deserto, e seja infestado o caminho pelos indios *Canoeiros*; quando porém tenham a marchar grandes corpos de tropa, e faltem bestas para conducção de bagagem, é melhor seguir pela estrada dos Arraiaes.

N. 14.

Da cidade para Trahiras pelo corrego de Jaraguá.

Da cidade ao corrego de Jaraguá dezenove leguas,— de Jaraguá á D. Mariana seis leguas,—ao Paula seis leguas,—ao Eleuterio cinco leguas,— a S. João quatro leguas,—

ao Rio Maranhão seis leguas,— ao Alvaro Gomes seis leguas,—á Trahiras quatro leguas.— Total 56 leguas.

N. 15.

Da cidade para Trahiras pelo arraial de Meia Ponte.

Da cidade á Meia Ponte vinte e seis leguas,—ao sitio das Araras tres leguas e meia,—ao Rio do Peixe tres leguas,—aos Olhos de Agua cinco leguas,—ao rio Fidalgo cinco leguas,—á fazanda Secca quatro leguas,—ao Retiro tres leguas,—ao Guarda Mór quatro,—ao Alvaro Gomes quatro leguas,—á Trahiras quatro leguas.—Total 61 1/2 leguas.

Tem a passar o Rio do Peixe em ponte, e algumas montanhas asperas e ribeirões caudalosos. N'esta estrada ha muitas fazendas, e o rio Maranhão entre o Retiro e o Guarda Mór.

Na marcha do corrego de Jaraguá para Trahiras passa-se a vào o Rio do Peixe que é mui caudaloso, e ás vezes ha n'elle uma pequena canôa.

N. 16.

Itinerario de Goyaz para o registro de Santa Maria.

Da cidade ao arraial de Meia Ponte vinte e seis leguas,—ao Rasgão quatro leguas,—ás Mamoneiras quatro leguas,—

á Severina cinco leguas,—aos Macacos tres leguas,—á Guariroba quatro leguas,—ao Rodeador quatro leguas,—a S. João das Tres Barras tres leguas,--ao Sobradinho tres leguas, —ao Mestre de Armas tres leguas,—ao sitio Novo Tapera tres leguas,—á Bandeirinha tres leguas,—á fazenda da Conceição da Beralia tres leguas,—á fazenda do Retiro de Antonio Pereira duas leguas,—á fazenda de Crixás do Neiva tres leguas,—á fazenda da Bocaina do Neiva quatro leguas, —á fazenda de S. Domingos duas leguas,—á fazenda de Santa Rosa, arraial, duas leguas,—á fazenda de Santa Rita uma e meia legua,—á fazenda do Poção cinco leguas,—á fazenda de S. Roque tres e meia leguas,—á fazenda do Tremedal uma e meia legua,—ao registro de Santa Maria uma e meia legua.— Total 94 leguas. N'esta marcha passam-se os rios Paraná, Parahim, e muitos outros caudalosos e doentios.

Em outro roteiro tenho 90 leguas; mas eu prefiro o primeiro por ser dado por pessoa mui pratica.

N. 17.

Itinerario de Trahiras para S. Felix.

Segue-se desde Trahiras até a fazenda da Gamelleira, tres leguas e um quarto, adiante do rio Tocantins,—ao Salto tres leguas,—ao Rio Preto duas e meia,— á Rocinha duas leguas.

Em outro roteiro tenho do Rio Preto a Rocinha tres leguas,—da Rocinha ao arraial de S. Felix quatro leguas e meia. Esta estrada desde o Rio Preto até o arraial de S. Felix é infestada pelos indios *Canoeiros*. Total 26 1/2 leguas.

N. 18.

Itinerario de Cavalcante para Trahiras pela chapada dos Viadeiros.

De Cavalcante ao Viadeiro seis leguas,—ao Pissarrão tres leguas,—ao Tocantins seis leguas,—á Capetinga seis leguas,—a José Soares, seis leguas,—aos Olhos de Agua seis leguas,—ao Moquem, arraial, tem grande serra a descer, seis leguas,—á Trahiras nove leguas.—Total 48 leguas.

N. 19.

Itinerario do arraial do Cavalcante para o de S. Domingos pela fazenda da Conceição.

De Cavalcante a Ignacio da Costa, fazenda, quatro e meia leguas,—a Manoel Gregorio uma e meia legua,—á Varzea Redonda uma legua,—ás Arêas duas leguas,—ao Feixo do rio Paraná, do ajudante Novaes, tres leguas,—á fazenda da Conceição, do mesmo Novaes, uma e meia legua,—ao Mocambo seis leguas,—ao Tamboril duas e um quarto—ao arraial de S. Domingos cinco leguas.—Total 26 3/4. Indo pela estrada do porto dos Bois faz-se a marcha seguinte:

De Cavalcante á fazenda de Santo Antonio seis e um quarto,—ao porto dos Bois, no Paraná, quatro leguas,—á fazenda da Atalaia quatro leguas,—ao arraial do Morro do Chapéo tres leguas e meia,—ao engenho do Sumidouro cinco

leguas,—ao engenho do Brejão tres leguas,—ao arraial de S. Domingos seis leguas.—Total 31 3/4 leguas.

N. 20.

Itinerario de Trahiras para Amaro Leite pelo porto de Manoel Martins.

De Trahiras ao Quebra Pés tres leguas,—ao Castello tres leguas,—ao rio Maranhão,no porto de Manoel Martins, duas leguas,—ás Lavras, deserto, tres leguas,—a Amaro Leite sete leguas.—Total 18 leguas.

Indo pelo porto de Agua Quente.

De Trahiras a Cocal quatro leguas,—á Agua Quente quatro leguas,—ao rio Maranhão, Porto Real do Pilar uma e meia legua,—ao porto do Ludovico ou Macacos, tres leguas, —ao porto do Estevão Corrêa,quatro leguas,— ao porto de Manoel Martins cinco leguas,—ás Lavras tres leguas—a Amaro Leite sete leguas: —total 31 1/2 leguas.

N. 21.

Itinerario de Cavalcante para o arraial de Santa Luzia.

De Cavalcante ao Viadeiro seis leguas,—ao Pissarrão tres leguas,—ao Tocantins, tem pinguela, seis leguas,—á serra do Maracaiá tres leguas, —á Capetinga debaixo tres leguas,—á Capetinga de cima treze leguas,—ao arraial Velho tres leguas,—á Varzea Bonita tres leguas,—ao Riachão duas e meia,—ao Cocal do Andrade duas e meia,—ao Sitio

Novo cinco leguas,—ao Mestre de Armas tres leguas,—ao Sobradinho tres leguas,—ao Riacho Fundo sete leguas,—ao arraial de Santa Luzia sete leguas:—total 70 leguas.

N. 22.

Itinerario de Trahiras para Santa Luzia.

De Trahiras a Alvaro Gomes quatro leguas,—de Alvaro Gomes á Raizama seis leguas,—ao Rio da Onça, que se atravessa nove vezes, tres quartos de legua,—ao Bonito seis leguas,—ao Brejão duas leguas,— ao rio Maranhão meia legua,—ao Barreiro Alto uma legua,— a Agua Fria dos Angicos tres leguas,— a Manoel da Rosa quatro leguas,—á serra de Miguel Ignacio duas leguas,—á Ponte Alta dez leguas, — á Santa Luzia cinco leguas :—total 44 1/4 leguas.

N. 23.

Itinerario de Santa Cruz para o arraial de S. Luzia.

De Santa Cruz ao engenho do Bahú quatro leguas,—á fazenda do Campo Aberto tres leguas,—ao corgo da Firmeza quatro leguas,—á fazenda da Agua Clara quatro leguas e meia— á fazenda da Boa Vista tres leguas e meia, —ao arraial de Santa Luzia seis leguas e meia :—total 25 1/2 leguas.

N. 24.

Itinerario de Meia Ponte para o Bom Fim.

De Meia Ponte ao Abrantes cinco leguas,—ás Antas quatro leguas,—ao engenho de S. João das Antas, do capitão

Costa, quatro leguas,— ao arraial do Bom Fim quatro leguas: — total 17 leguas.

N. 25.

Itinerario da Natividade para o Duro.

Da Natividade ao engenho do Mato Virgem sete leguas, — pela fazenda de Santo Antonio, José Lopes, Ponte Alta, Serra, e d'ahi ao Engenho, ao Rio do Peixe uma legua,— á Fazenda duas leguas,—á Posse duas leguas,—ao arraial de S. Miguel e Almas duas leguas,—ao rio de Manoel Alves da Natividade tres leguas, – á Vereda Comprida tres leguas,– á Gamelleira duas leguas, —á Serra uma legua,— ao corrego Sucuriú uma legua,—á aldêa de S. José do Duro uma legua,— ao registro do Duro uma legua :— total 26 leguas.

N. 26.

Itinerario do arraial de Arraias para o registro da Tagoatinga.

Do arraial ao rio Bezerra duas leguas e tres quartos,— ao Cuité uma legua,—á fazenda do Quilombo duas e um quarto,—á fazenda das Lavadeiras, junto ao rio da Palma, quatro leguas,—ao engenho do Sacco tres leguas e um quarto,—á fazenda do Bonifacio cinco leguas,—ao registro da Tagoatinga duas leguas :— total 20 1/4 leguas.

N. 27.

Itinerario da villa da Palma para a Natividade.

Da villa á fazenda de D. Theodora seis e meia leguas,—á fazenda de D. Feliciana uma e meia legua,—á fazenda de José Guilherme tres leguas,—ao rio de Manoel Alves seis leguas,—á Caissara uma e meia,—ao arraial da Natividade uma e meia legua :—total 20 leguas.

N. 28.

Itinerario da villa da Palma para o arraial da Conceição.

Da villa ao sitio do Miguel tres leguas,—á fazenda do Theodozio cinco leguas,—á fazenda da Agua Fria duas e meia,—á fazenda do padre Lourenço duas e um quarto,—ao arraial da Conceição uma e um quarto:—total 14 leguas.

Do Arraial da Conceição para a villa da Palma estrada ao norte seguindo rio da Palma abaixo :

	A' fazenda de Agua Fria.	Rio	Fazenda
1/2	A' Gamelleira pequena. .	»	»
2 1/2	Ao Brejinho.	»	»
2	A' Extrema	»	»
2	A' Gamelleira Grande .	»	»
1/2	Ao Riachão.	»	»
1	Aos Boés.	»	»
1	A' Santa Rosa. . . .	»	»
2	Aos Tucuns	»	»
1/2	Ao Porto da villa rio da Palma	»	Villa da Palma
15			

Seguindo do mesmo arraial estrada da parte do sul ao Rio da Palma.			
3	A' fazenda d'Agua Fria..	»	Fazenda
2	Ao Rio da Palma porto denominado Pernambuco.	»	»
1	Ao Quintanilha . . .	»	»
1 1/2	ás Pedras..	»	»
1/2	Ao Frade..	»	»
4	á fazenda de Miguel Esteves, Palmeira . . .	»	»
3	A' villa da Palma. . .	»	»
15			

N. 29.

Itinerario da villa da Palma para o arraial de Arraias

Da Villa á fazenda do Simão cinco leguas,—á fazenda do Luciano uma legua,—á fazenda do Riacho Fundo quatro leguas,—á fazenda do capitão Romão cinco leguas,—ao arraial de Arraias tres leguas:— total 18 leguas.

N. 30.

Itinerario da villa da Palma para o arraial de Cavalcante.

Da villa á fazenda de João Ferreira no rio de S. Boaventura quatro leguas,—á fazenda do Brejão tres quartos de legua,—á fazenda Satahira quatro leguas,—á fazenda do Ouro Fino sete leguas,— ao sitio de Luiza de Mello oito leguas,—ao arraial de Cavalcante quatro leguas:—total 30 leguas.

Outro Itinerario

De S. Felix ao Carmo duas leguas,—a S. Miguel cinco, á Sant'Anna quatro leguas,—ao Brejão pela Tatahira quatro leguas,—á Palma oito leguas.—Total 23 leguas.

N. 31.

Itinerario da villa da Palma para o arraial de S. Felix.

Da villa da Palma ao rio S. Boaventura quatro leguas,—á fazenda do Brejão quatro leguas,—á fazenda do Mocambo cinco leguas,—ao arraial da Chapada tres leguas,—ao arraial do Carmo tres leguas e tres quartos,—ao arraial de S. Felix duas leguas :— total 21 3/4. leguas Estrada muito povoada.

N. 32.

Itinerario de Cavalcante para S. Felix pela estrada dos Orphãos.

De Cavalcante à Forquilha quatro leguas,—aos Orphãos duas leguas,—á Volta seis leguas,—á Anna Maria tres leguas,—á S. Felix tres leguas:—total 18 leguas.

Em outro roteiro vejo de Cavalcante ao Magalhães quatro leguas,—aos Orphãos duas leguas,—á Bento Gonçalves na volta da Serra quatro leguas,—á S. Felix seis leguas :

—total 16 leguas. O primeiro roteiro parece-me ser exacto.

N. 33.

Itinerario de Cavalcante a São Felix pelo Rio Preto.

De Cavalcante á fazenda das Caldas seis leguas,—á Caissara tres leguas,—ao Tucumzal uma legua,—á São Felix oito leguas:—total 18 leguas.

Em outro roteiro tenho de Cavalcante ao Rio Claro oito leguas,—ao Tucumzal quatro leguas,—á Rocinha quatro leguas,—á S. Felix quatro leguas:—tatal 20 leguas.

Em outro roteiro tenho de Calvacante ao Rio Claro seis leguas,—ás Arêas duas leguas,— ao Tucumzal duas,—á Rocinha tres,—á S. Felix quatro:— total 17 leguas.

A diversidade do numero de leguas n'estes roteiros, mostra que as terras não foram medidas, e que cada homem chama legua á certa porção de terreno que caminha, e reputa como tal.

N. 34.

Itinerario de S. Felix para a Palma pelos Crystaes.

De S. Felix a Chapada seis leguas e meia,—ao Engenho duas leguas, aos Crystaes quatro leguas,—a S. Boaventura quatro leguas,—á Palma quatro leguas :— total 19 3/4. Esta estrada não é seguida por motivo das hostilidades dos indios *Canoeiros*.

N. 35.

Itinerario de Trahiras para Santa Luzia pela lagôa Formosa

De Trahiras a Alvaro Gomes ou S. João quatro leguas, —ao Rio das Pedras uma,—ao Riacho Fundo uma legua,— ao engenho de S. Bernardo tres leguas,—ao engenho da Raizama uma legua,—ao Rio da Onça tres quartos de legua,— ao Bonito cinco leguas e um quarto,—ao Sitio Novo quatro leguas,—á Prata duas leguas,—á Contagem uma e meia legua,—aos Bichos um quarto de legua,—ás Mangabeiras duas leguas,— a João de Sousa meia legua,—á Cachoeirinha um quarto de legua,—ás Pindahybas um quarto de legua,— ao Arraial Velho duas e meia leguas,—á varzea Bonita tres leguas,—ao Riacho, encruzilhada de Cavalcante duas e meia leguas,—ao Cocal do Andrade um quarto de legua distante da lagôa Formosa duas e meia leguas,—ao Sitio Novo cinco leguas.—Total 43 leguas. D'aqui segue-se como fica dito no itinerario de Cavalcante para Santa Luzia.

N. 36.

Itinerario de Trahiras para Flôres pelo arraial Velho da lagôa Formosa

De Trahiras até as Pindahibas vinte e sete e meia leguas, ao Arraial Velho duas e meia leguas,—ao pouso dos Crioulos meia legua,—á serra dos Crioulos meia legua,—ao Liborio na Capitinga uma e meia legua,—á serra das Bran-

cas uma legua,—a José Antonio, abaixo da serra duas legua.—ao Victoriano uma legua,—ás Viuvas ou Pindahybas uma,—a José Lino (fazenda) uma e meia legua,—ás Macambas meia legua,—á fazenda do Innocencio duas leguas,—á fazenda do Retiro meia legua,—á fazenda de S. Antonio uma e meia legua,—á fazenda do Castro duas leguas,—á fazenda do Faria duas leguas,—á fazenda de Santa Isabel uma e meia legua,—ao arraial das Flôres duas leguas.—Total 51 leguas.

N. 37.

Itinerario de Cavalcante para Flôres

De Cavalcante ao Faz Tudo tres leguas,—á fazenda do Mondego cinco leguas,—ao Anastacio quatro e meia leguas,—á Flôres seis leguas.—Total 18 1/2 leguas.

N. 38.

Itinerario de Flôres para o registro de Santa Maria

De Flôres ao rio Parahim tres leguas,—á Canna Brava quatro leguas,—aos tres Irmãos tres leguas,—á Malhadinha duas e meia,—aos Poções tres e meia leguas,—a S. Roque tres e meia leguas,—á Santa Maria tres leguas.—Total 22 1/2 leguas. Este caminho é frequentado no tempo das aguas.

N. 39.

Itinerario de Flôres para Santa Maria, no tempo secco

De Flôres á Ribanceira cinco leguas,—a S. Roque quatro e meia leguas,—á Santa Maria tres leguas.—Total 12 1/2 leguas.

N. 40.

Itinerario do arraial de Flôres para S. Domingos.

De Flôres aos Macacos duas leguas,—á Cachoeira tres leguas,—ao Corrente uma legua,—á Buenos Ayres duas leguas,—á Prata tres leguas,—á Posse tres e meia leguas,—ao Freio seis leguas,—a S. João sete leguas,—a S. Domingos cinco leguas e meia.—Total 33 leguas.

N. 41.

Itinerario da cidade para o registro da Piedade pelo arraial de Crixás

Da cidade á aldéa do Carretão vinte e uma leguas,—ao rio Crixás seis leguas, — ao arraial de Crixás seis leguas,—a Santo, Antonio seis leguas,—aos Patos seis leguas,—ao corrego dos Encarangados duas e meia leguas,—á Ipoeira, na margem do rio Crixámirim, oito leguas,—á aldêa de Bôa Vista ou Salinas cinco leguas,—ao registro da Piedade cinco leguas.—Total 65 1/2 leguas.

Da aldêa da Bôa Vista para o lugar em que se fabrica sal, ha um terreno secco de duas leguas de extensão, no qual ha conchas Perliferas; nas marchas da aldêa do Carretão para o registro da Piedade, passa-se duas vezes o rio de Crixámirim, que é de canôa.

N. 42.

Itinerario do arraial de Pilar para o de Crixás.

De Pilar ao ribeirão das Caraibas cinco e meia leguas,— ao arraial de Crixás cinco e meia leguas.—Total 11 leguas.

N'esta marcha passa-se o rio de Crixáuassù, que é de canôa.

N. 43.

Itenerario do arraial de Pilar para Meia Ponte.

Do Pilar ao Ribeirão das Pedras cinco leguas e tres quartos,—ao Ribeirão dos Bois passado o arraial das Lavrinhas cinco e meia leguas,—á Gamelleira cinco e meia leguas,—ao Ribeirão da Serra Negra quatro e tres quartos,— ao Sapezal quatro leguas, — á Meia Ponte quatro e meia leguas. —Total 30 leguas.

N'esta marcha passa-se o Rio das Almas e o do Peixe.

N. 44.

Itinerario do arraial da Conceição para o registro do Duro.

Do arraial á fazenda do Pintado cinco leguas,—á fazenda do Desterro cinco leguas,—ao registro do Duro sete leguas. —Total 17 leguas.

LEGUAS E MARCHAS		INFORMAÇÃO DAS ESTRADAS D'ESTE ARRAIAL DA CONCEIÇÃO PARA O REGISTRO DO DURO.	RIOS	FAZENDAS
1	1/2	Do arraial da Conceição ao Riachão	Rio	Fazenda
1	1/2	Ao Côco......................	»	»
2		Ao Pintado....................	»	»
2	1/2	Ao Riacho do Mato.............	»	»
1		A' Malhada....................	»	»
1	1/2	Ao Desterro	»	»
3		Ao Pé da Serra................	»	»
1		De Tombador...................	»	»
3		A' Contagem, registro do Duro...	»	»
17				

N. 45

Itinerario da cidade de Goyaz para o arraial do Araxá.

Da cidade ao porto do rio Corumbá na fazenda do Anhanguera cincoenta e quatro leguas e tres quartos, —ao Brito cinco e meia leguas,—a ponte do Braço do Veris-

simo cinco leguas,—ao rio do Verissimo cinco leguas,— é de canôa:—ao pé do Morro cinco leguas,—ao Ribeirão tres leguas,—ao arraial do Catalão duas leguas,—aos Casados quatro leguas,—ao rio Paranahyba, é de canôa, duas leguas, —á aldêa de S. Domingos uma legua,—ao Rio das Pedras uma legua,— á aldêa da Estiva duas leguas,—ao Cracrá, duas leguas,—á Bagagem quatro leguas,—ao porto do Vieira do rio Quebra Anzol cinco leguas,—á Capellinha quatro leguas,—ao Capão Grosso quatro leguas,—ao Galheiro duas leguas,—ao Araxá quatro leguas.— Total 112 3/4 leguas.

N. 46.

Itinerario de Goyaz para o Rio das Velhas.

Da cidade para a aldêa da Estiva oitenta e sete leguas e tres quartos,— á aldêa do Pissarrão quatro leguas,— ás Furnas duas leguas,—ao registro proximo á aldêa de Sant'Anna duas leguas.—Total 95 3/4 de leguas.

N. 47.

Itinerario de Goyaz para a passagem do Rio Grande

De Goyaz ao registro do Rio das Velhas noventa e cinco leguas e tres quartos,— ao pouso do Rio Claro sete leguas, á aldêa do Lanhoso quatro leguas,—ao arraial de Santo Antonio da Uberava duas leguas,— á passagem do Rio Grande tres leguas.—Total 111 3/4 leguas.

N. 48.

Itinerario de Goyaz para o porto do Pereira no rio Paranahyba.

De Goyaz ao Corumbá cincoenta e quatro leguas e tres quartos,— ao Brito cinco e meia leguas,—á Cachoeira seis e meia leguas,— a S. Francisco duas leguas e tres quartos,— aos Quarteis quatro leguas,— a S. Domingos uma e meia legua,—a S. Bento tres leguas,—ao porto do Pereira quatro leguas.— Total 81 leguas.

N. 49.

Itinerario de Goyaz para os Arrependidos.

De Goyaz ao arraial de Santa Luzia quarenta e sete leguas e um quarto, ás passagem de S. Bartholomeu cinco e meia leguas,—ás Taipas seis leguas,—ao registro dos Arrependidos 3 1/2.—Total 62 1/4 leguas.

N. 50.

Itinerario de Goyaz ao porto do Rio Grande ou Araguaya.

De Goyaz ao Rio Claro vinte leguas e tres quartos,— ao Guarda Mór tres e meia leguas,— aos Dois Irmãos duas leguas e tres quartos,—ao Capão Secco quatro leguas,— ao Lambary tres leguas,—ao Salobro quatro leguas,—a S. João tres leguas e um quarto,-—ás Arêas tres e meia leguas, —ao corrego do Cerrado cinco leguas,—ao Rio Grande ou Araguaya cinco e meia leguas.—Total 55 1/4 leguas.

MAPPA da população da comarca de Goyaz

FOGOS	DISTRICTOS	HOMENS LIVRES			MULHERES LIVRES			SOMMA	ESCRAVOS		TOTAL
		Branc.	Pardos	Pretos	Branc.	Pardas	Pretas.		Hom.	Mulh.	
	Cidade de Goyaz.										
	Curralinho.										
	Anicuns	—	—	—	—	—	—	—	—	—	617
	Barra e Capella.										
	Ouro-Fino.										
	Ferreiro.										
	Rio Claro.										
	Campinas.										
	Meia Ponte.										
535	Jaraguá	250	799	104	232	784	121	2290	239	208	2737
	Rio do Peixe.										
	Corumbá.										
	Santa-Cruz.										
301	Bom Fim.	271	298	52	287	374	87	1369	201	154	1724
	Catalão.										
	Anta.										
	Santa Rita.										
	Pilar.										
	Gorinos.										
	Lavrinhas.										
	Crixás.										
499	Santa Luzia	212	470	201	250	596	255	1984	344	283	2611
212	Couros	251	163	38	220	191	38	901	108	78	1087
163	Angicos	56	282	26	49	287	46	746	42	48	836
58	Carretão ou Pedro III	89	6	4	90	8	2	197	1	1	199
61	S. José de Mossamedes	45	10	2	40	10	2	109	—	—	109
1	Maria I	—	1								
16	Salinas	39	—	—	37	—	—	—	—	—	76
1846	Somma	1213	2029	427	1205	2250	551	7596	935	772	9966

MAPPA da população da comarca de S. João das Duas Barras

FOGOS	DISTRICTOS	HOMENS LIVRES			MULHERES LIVRES			Somma	ESCRAVOS		TOTAL
		Branc.	Pardos	Pretos	Bránc.	Pardas	Pretas		Hom.	Mulh.	
250	Trahiras	62	337	106	72	347	176	1100	244	250	1594
146	Agua-Quente . . .	17	142	102	18	164	154	597	60	51	708
78	Cocal	4	120	102	7	144	123	500	76	57	633
317	S. José	96	300	219	84	407	334	1440	279	246	1965
45	Santa Rita	1	58	21	—	70	34	184	15	10	209
35	Moquem	1	37	18	—	53	32	141	13	22	176
18	Cachoeira.	—	—	8	1	—	18	27	—	—	27
93	Amaro Leite. . . .	57	157	67	46	175	63	565	51	32	648
40	Descoberto da Piedade	25	41	25	17	35	34	177	12	19	208
391	Cavalcante	87	544	186	79	607	168	1671	245	220	2136
129	S. Felix	35	136	28	28	166	40	438	67	59	564
23	Carmo.	—	37	12	—	37	18	104	20	19	143
59	Chapada	7	58	48	9	56	37	215	35	36	286
	Flôres.										
	Santa Rosa.										
	Mato-Grosso.										
	S. Domingos.										
	Chapéo.										
	Arraias.										
	Conceição.										
	Palma.										
	Principe.										
	Natividade.										
	Chapada.										
	Almas.										
	Carmo.										
124	Porto-Real	18	109	69	32	93	74	395	41	30	466
123	Pontal.	31	193	51	37	196	72	580	96	65	741
70	Duro	131	33	—	62	—	—	226	—	—	226
20	Carolina	—	49	—	—	31	—	—	—	—	80
1961	Somma	572	2351	1062	492	2581	1377	8360	1254	1116	10810

Classificação da gente livre da comarca de Goyaz

DISTRICTOS	Casados	Viuvos	Solteiros	Clerigos	Frades	Menores até 16 annos	Maiores de 16 a 49 ann.	Ditos de 50 a 59 annos	Ditos de 60 a 69 annos	Ditos de 70 a 79 annos	Ditos de 80 a 89 annos	Ditos de 90 a 99 annos	Maiores de 100 annos	Engenhos	Roças	Fazendas de gado	Teares
Cidade de Goyaz.																	
Curralinho.																	
Anicuns . .	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	8	120	12	
Barra.																	
Ouro-Fino.																	
Ferreiro.																	
Rio Claro.																	
Campinas. .	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	3	34	1	
Meia Ponte.																	
Jaraguá . .	584	124	1578	4	—	980	1063	113	84	32	14	4					
Rio do Peixe																	
Corumbá.																	
Santa-Cruz.																	
Bom Fim. .	327	60	981	1	—	601	643	54	41	20	7	3	—	—	120	5	16
Catalão.																	
Anta.																	
Santa Rita.																	
Pilar.																	
Gorinos.																	
Lavrinhas.																	
Crixás. . .	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	16	10	35
Santa Luzia.	493	109	1378	4	—	706	923	177	92	45	28	9	4	13	160	9	100
Couros . .	61	48	791	1	—	405	309	42	25	11	12	6	—	6	40	39	20
Angicos . .	118	19	609	—	—	295	399	29	22	9	2	—	—	—	120	2	28
Carretão ou Pedro III .	56	5	137	1	—	80	95	9	7	4	1	3	—	1	20	—	4
S. José de Mossamedes																	
Maria I.																	
Salinas.																	
Somma. .	1639	365	5474	11		3067	3432	424	271	121	64	25	4	32	630	78	203

lassificação da gente livre da comarca de S. João das Duas Barras

DISTRICTOS	Casados	Viuvos	Solteiros.	Clerigos.	Frades	Menores até 16 annos.	Maiores de 16 a 49 ann.	Ditos de 50 a 59 annos	Ditos de 60 a 69 annos	Ditos de 70 a 79 annos	Ditos de 80 a 89 annos	Ditos de 90 a 99 annos	Maiores de 100 annos	Engenhos	Roças	Fazendas de gado.	Teares
Trahiras . .	215	66	817	1	1	403	578	72	58	32	9	1	—	13	109	2	7
Agua Quente	81	37	478	1	—	194	285	55	40	18	5	—	—	3	55	4	4
Cocal . . .	91	10	399	—	—	191	246	38	9	10	6	—	—	2	66	1	4
S. José. . .	301	97	1040	2	—	469	732	103	80	42	12	2	—	6			
Santa Rita .	27	10	147	—	—	50	149	19	11	3	2	—	—	1	—	1	
Moquem . .	31	10	100	—	—	50	119	9	6	4	2	1	—	2	—	1	
Cachoeira .	2	2	23	—	—	5	18	—	3	1							
Amaro Leite.	133	36	396	—	—	224	255	48	25	2	7	3	1	5	79	33	7
Descoberto .	46	14	117	—	—	68	77	11	6	7	4	2	2	—	25	9	7
Cavalcante .	475	148	1038	1	—	684	771	87	58	32	17	10	3	6	366	36	19
S. Felix . .	124	8	296	—	—	155	221	30	20	8	4	—	—	—	32	7	19
Carmo. . .	22	2	80	—	—	30	54	11	8	1	—	—	—	—	9	—	7
Chapada . .	53	6	144	—	—	54	129	19	10	2	1	—	—	4	17	4	5
'lôres . . .	—	—	—	1													
Santa Rosa .	—	—	—	1													
Mato-Grosso.																	
. Domingos.	—	—	—	1													
Chapéo . .	—	—	—	2													
Arraias . .	—	—	—	1													
Conceição .	—	—	—	1													
'alma . . .	—	—	—	1													
'rincipe . .	—	—	—	1													
Natividade .	—	—	—	2													
Chapada.																	
.lmas. . .	—	—	—	1													
Carmo. . .	—	—	—	1													
'orto Real .	116	24	255	—	—	131	200	31	21	5	4	2	1	1	89	2	4
'ontal. . .	133	35	417	[illegible]	—	130	289	54	29	15	2	1	—	4	101	13	10
'uro . . .	66	—	160	—	—	58	140	12	7	5	3	1	—	1	40	—	3
arolina . .	2	—	6	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	16		
Somma. .	1336	[illegible]	5967	19	1	2946	4253	592	391	187	78	23	7	48	1004	113	96

APPENDICE

Havendo eu por motivos mui imperiosos deixado de publicar no anno de 1825 a *Chorographia Historica da provincia de Goyaz*, não obstante a benigna licença que Sua Magestade o Imperador me concedeu de collocar no frontispicio d'ella o seu augusto nome ; e sendo talvez possivel que por mais tempo continuem os embaraços á sua publicação ; aproveito esta demora para fazer varios acrescentamentos filhos de occurrencias particulares, ou de noticias adquiridas depois de se acharem escriptas as notas á minha obra. Estou certo de que o publico interessará na demora que tem havido na publicação d'esta *Chorographia*, que pelos novos trabalhos, desempenho melhor os fins que me propuz.

Copia da portaria em que se permitte que eu colloque o augusto nome de Sua Magestade Imperial no frontispicio d'esta obra.

Merecendo o imperial beneplacito a licença que pede o brigadeiro Raymundo José da Cunha Mattos, de collocar o augusto nome de Sua Magestade o Imperador no frontispicio da obra, que se propôe dar ao prélo—*Chorographia Historica da provincia de Goyaz*,—assim lh'o manda o mesmo augusto Senhor significar, pela secretaria de Estado dos negocios da guerra, na certeza de que tal obra será uma apreciavel acquisição para as sciencias, e de transcendente utilidade á mesma provincia.—Paço, 10 de Maio de 1825.—*João Vieira de Carvalho*.

(**A**) A pagina 254 (*) tratando do Rio Paranahyba disse eu que o ultimo navegante e descobridor dos rios Anicuns, Bois e Turvo, declarára que o Paranahyba quando entra no Corumbá parece um regato, que se perde em um caudaloso rio : assim o escreveu o descobridor no seu *Diario*, que existe na secretaria de Estado dos negocios do Imperio, e por copia na do governo de Goyaz, e na minha secretária. Ha pouco mais de dois mezes (em Novembro de 1825), fallando eu pela primeira vez com este descobridor, conheci logo a sua extrema falta de luzes ; disse-me que lhe parecia não ter visto a foz do Paranahyba, e que o mappa que apresentou á secretaria de Estado foi feito pelas informações que elle mesmo deu ao brigadeiro Muller, e que este official general acrescentou o que sabia do territorio já conhecido. Que com effeito o descobridor não podia vêr a foz do Paranahyba é certo, por que ella fica 20 leguas ao sussudoeste do arraial de Santa Cruz; e entre a barra do Paranahyba, e a confluencia do Turvo com o Corumbá, existe um immenso territorio.

(**B**) A' pagina 261 em que se trata do rio Crixá, deve-se ter presente que este nome vem de uma extincta tribu de indios denominados— *Corixás*— de que por syncope se formou Crixás.

(**C**) A' pagina 280 digo que os transportes fazem-se em bestas de carga. Ainda assim acontece ; mas ha um anno

(*) Vide o tomo XXXVII, parte primeira da *Revista.*

tem-se introduzido a conducção em carros para a cidade e outros lugares, e é mui provavel que dentro de pouco se abandone o transporte de bestas pelos terrenos transitaveis. Deve-se a introducção dos carros aos habitantes de Minas Geraes, que vieram estabelecer-se em Goyaz.

(D) A' pagina 280 tratando do commercio da comarca pigo, que apezar das diligencias do conde da Palma e de Fernando Delgado, tudo esbarrou : assim aconteceu. Na provincia não havia capitalistas, nem capitaes seus ou alheios : o systema do negocio não andou a par da boa fé : o conde da Palma expondo-se afoitamente, naufragou no Rio do Peixe. As pessoas que elle empregou não corresponderam ás esperanças que d'ellas se formavam : Fernando Delgado era egoista em gráo heroico, e não sahia do seu palacio senão para as Caldas. Estou persuadido de que o commercio interior e exterior d'esta provincia, não monta annualmente a 600,000 cruzados.

(E) A' pagina 295 tratando das minas de ouro de Anicuns, digo que os socios estão desanimados, e quasi perderam as esperanças de um feliz resultado. E' o que com effeito acontece : os escravos têm morrido, as acções não se completam ; os trabalhos foram abandonados, e a sociedade acha-se empenhada em 18,000 cruzados ; isto é uma quantia quasi igual a todo o seu capital.

(F) A' pagina 311 tratando dos professores publicos, deve acrescentar-se, que no anno de 1825 creou-se uma cadeira de theologia, cujo lente percebe o ordenado de 400$000 réis annuaes, e 100$000 réis para compra de livros. O professor é o reverendo padre Luiz Bartholomeu Marques.

(G) A' pagina 313 tratando do palacio do governo, deve acrescentar-se, que foi construido pelo governador e capitão general conde de S. Miguel em terras pertencentes á casa da fundição.

(H) A' pagina 314 tratando do capitão Vicente Miguel da Silva, devo dizer, que foi promovido a tenente-coronel commandante do 1° batalhão de caçadores da 2ª linha da provincia, e o sargento-mór Joaquim Alves de Oliveira a coronel commandante geral do districto de Meia Ponte.

(I) A' pagina 319 nas igrejas da freguezia de Meia Ponte, deve acrescentar-se a capella de S. Francisco do Mato Grosso, sete leguas distantes do arraial ao rumo do sudoeste. E' pobre, e tem um altar.

(J) A' pagina 335 em que se trata da villa de S. João da Palma, deve acrescentar-se, que foi erigida em marque-

zado a favor de D. Francisco Mascarenhas, conde da Palma, no dia 12 de Outubro de 1825.

———

(K) A' pagina 336 onde se faz a descripção da villa de São João das duas Barras, deve acrescentar-se, que foi erigida em baronia a favor do tenente general Joaquim Xavier Curado em 12 de Outubro de 1825.

———

(L) A' pagina 387 onde se trata do Sècco do Curuá, deve entender-se—Secco do Acroá—nome de uma tribu, que possuia uma aldêa n'aquelle lugar. Por corrupção de vocabulo se chamou—Curuá— e pouca gente tem noticia da sua verdadeira significação.

———

(M) A' pagina 12 (*) tratando da navegação da comarca de S. João das Duas Barras para o Pará, deve notar-se, que desde o anno de 1774 em que se deu começo a esta carreira, ainda se não quebrou uma pedra, nem cortou um páo que obstem a livre passagem dos rios. A arte não tem auxiliado a natureza ; o governo não tem tratado de beneficiar os lugares mais arriscados dos rios, e os particulares passam pelos mesmos canaes, e com os mesmos riscos e inconvenientes das pessoas que os precederam.

———

(*) Do presente vol.

(N) A' pagina 46 tratando do estado ecclesiastico, digo que na comarca do norte só é collado o vigario de Trahiras : agora está tambem collado o da freguezia de S. José.

(O) A' pagina 49 onde se trata da graduação do cirurgião-mór da tropa de linha, deve notar-se, que foi promovido a capitão.

(P) A' pagina 56 mostrei a força armada da segunda linha da provincia. O plano de organisação de 14 de Dezembro de 1824 alterou os antigos corpos militares da mesma linha, na fórma que se segue.

Manda Sua Magestade o Imperador, pelo conselho supremo militar, remetter ao governador das armas da provincia de Goyaz para sua intelligencia, a provisão de quatorze de Dezembro do anno proximo passado, da copia inclusa, dirigida ao presidente da mesma provincia pela qual, em resulta dos officios do mesmo governador das armas de 19 e 20 de Agosto de 1823, e 22 de Abril do sobre mencionado anno : Ha por bem mandar organisar os corpos de segunda linha e ordenanças da referida provincia, conforme o disposto na mesma provisão e planos que a acompanham.

Rio de Janeiro, em 20 de Abril de 1825—*João Valentim de Faria Sousa Lobato*. Cumpra-se e registre-se. Quartel general de Goyaz, 20 de Julho de 1825.— assignado— *Cunha.*

Copia.— D. Pedro pela graça de Deus e unanime acclamação dos povos Imperador constitucional e defensor perpetuo do Brasil. Faço saber a vós presidente da provincia de Goyaz: Que sendo-me presente em consulta do conselho supremo militar os officios, que a este tribunal dirigiu o governador das armas d'essa provincia, com datas de 19 de Julho e 20 de Agosto de 1823 e 22 de Abril do corrente anno, nos quaes manifesta com toda a evidencia o deploravel estado em que se acham os corpos da segunda linha da mesma provincia, tanto pela irregularidade da sua actual organisação, que difficulta e até impede que se façam reuniões geraes determinadas por lei, tão necessarias á boa ordem, arranjo e disciplina, que deve haver em taes corpos, como pela impossibilidade de poderem seus commandantes ter o necessario conhecimento dos individuos que lhes são subordinados, e mesmo de se encontrarem pessoas com as circumstancias declaradas por lei para occuparem os postos de officiaes; e tomando na minha imperial consideração as razões produzidas pelo referido conselho, assim a respeito d'estes corpos, como sobre o abusivo estado em que se acha o corpo das ordenanças da sobredita provincia. Hei por bem, conformando-me inteiramente com o parecer dado pelo mesmo conselho que teve em vistas o bem geral da provincia, e a utilidade e mais proveito dos mencionados corpos, e do serviço; determinar o seguinte: 1.° Que das 32 companhias, que fazem a força do regimento de infantaria se formem dois regimentos de infantaria de dez companhias, e dois batalhões de caçadores de seis companhias cada um.—2.° Que tanto os regimentos de infantaria, como os batalhões de caçadores tenham a denominação de primeiro e segundo de milicias da provincia de Goyaz, e a sua organisação seja da força que mostram os planos n. 1 e 2.—3.° Que as 16 compa-

companhias do regimento de henriques, fiquem reduzidas unicamente a quatro, e cada uma d'estas seja aggregada aos sobre ditos regimentos e batalhões, tendo o exercicio do corpo a que pertencer, e a força que declaram os planos N. 1.º e 2.º— 4.º Que o 1.º regimento de cavallaria de milicias composto de treze companhias, e o segundo composto de 16, fiquem reduzidos unicamente a 8 companhias cada um, e organisados com a força que mostra o plano N. 3. — 5.º Que não podendo a actual divisão dos districtos dos corpos de milicias, ser aproveitavel na nova organisação a que passam, se proceda sem perda de tempo a uma nova demarcação dos districtos, que devem corresponder a cada um dos sobreditos corpos, na qual se attenda mui particularmente a que estes fiquem ao maior alcance possivel das vistas dos seus commandantes, e os pontos de suas reuniões geraes, offereçam a seus individuos a maior facilidade possivel de poderem comparecer n'elles, pelo muito que n'isto utilisa assim o serviço como a disciplina, e instrucção militar dos mesmos corpos.— 6.º Que depois de marcado o districto geral de cada corpo, se subdivida este, em tantos districtos parciaes, quantas forem as companhias, que lhe correspondem, havendo n'esta subdivisão as mesmas attenções que ficam declaradas a respeito do districto geral, para que os capitães da companhia, possam ter o preciso conhecimento dos individuos que commandam, e estes adquirir sem vexame a disciplina que lhes é necessaria. —7.º Que depois de concluida a demarcação, assim dos districtos geraes, como dos parciaes de cada corpo, me envieis o seu plano com toda a individuação e clareza, para ser por mim approvado como é mister.—8.º Que na nova organisação dos corpos tenham preferencia para os postos effectivos dos mesmos, aquelles officiaes actualmente existentes com patentes confirmadas, que pelo bom estado de

saude e aptidão, estejam nas circumstancias de continuar o serviço, com vantagem do mesmo.— 9.° Que para preencher os postos, que ficarem vagos por falta de officiaes confirmados, se escolham entre os não confirmados, aquelles, que além de boa saude, agilidade para o serviço, e os necessarios meios para se tratarem com a necessaria decencia a seus postos, tiverem sido nomeados para elles, conforme as leis e ordens existentes; preferindo tanto d'estes como d'aquelles, os de maior estabelecimento para os corpos de cavallaria por serem mais dispendiosos.— 10.° Que depois de completos os corpos do preciso numero dos seus officiaes, se ficarem alguns officiaes não confirmados, mas nomeados na conformidade das leis e ordens existentes, fóra do exercicio effectivo dos seus postos, estando nas circumstancias já declaradas de poderem continuar o serviço, sejam aggregados aos corpos dos seus respectivos districtos para entrarem nas vagas futuras, na effectividade dos postos em que se acharem aggregados.— 11.° Que todos os officiaes assim confirmados como por confirmar, que não entrarem no serviço dos corpos, ou seja por máo estado de saude, ou por falta de meios, me sejam propostos com as precisas informações dos seus serviços e motivos de impossibilidade para os contemplar em reforma, quando estejam nos termos da lei.— 12.° Que os officiaes inferiores, cabos, soldados, e mais praças actualmente existentes nos corpos, que estiverem nas circumstancias de continuarem o serviço sejam distribuidos pelos novamente formados, havendo attenção a que cada um d'elles, seja empregado na companhia do districto em que residir, e que para os corpos de cavallaria sejam preferidos os mais bem estabelecidos; porém os que por impossibilidade physica forem julgados inuteis ao serviço, sejam demittidos do mesmo.— 13.° Que dependendo a disciplina, boa ordem, e instrucção dos cor-

pos mui essencialmente da escolha dos seus officiaes superiores e ajudantes, se não contemplem para coroneis e tenentes-coroneis, dos mesmos officiaes, que além das qualidades recommendadas no alvará de 17 de Dezembro de 1802, não mostrem um zelo conhecido pelo bem do serviço e a mais firme adhesão á causa do Imperio, e á minha augusta pessoa ; e para sargentos-móres e ajudantes, não havendo na provincia officiaes de linha nas circumstancias determinadas para os primeiros, nas instrucções annexas ao decreto de 4 de Dezembro de 1822, e para os segundos no decreto de 5 de Março de 1823, se me dê parte por via do ministro e secretario d'Estado dos negocios da guerra, na fórma ordenada n'este decreto, para serem enviados para a mesma, os precisos officiaes para occuparem estes postos.—14.° Que sendo a disciplina dos corpos a que mais concorre para a subordinação dos seus individuos, e para a manutenção d'aquella boa ordem, que se faz indispensavel ao bem do serviço, o governador das armas a quem privativamente compete esta atribuição, terá sobre este objecto o maior cuidado, mas com aquella attenção devida á commodidade, que as leis recommendam em beneficio das praças de que se compõe os corpos da segunda linha.—15.° Que sendo mui prejudicial ao serviço, o abuso e falta de ordem em que se acha o corpo das ordenanças d'essa provincia, se ponham em effectiva pratica as determinações do alvará de 18 de Outubro de 1709, e do decreto de 9 de Outubro de 1812, e as mais leis e ordens que lhes são relativas ; e fique abolido e de nenhum effeito tudo quanto nas mesmas ordenanças se encontrar contra o disposto nas ditas leis. Compri-o assim. Sua Magestade o Imperador o mandou pelos conselheiros de guerra abaixo assignados, ambos do seu conselho. *Antonio José de Sousa Guimarães* a fez n'esta cidade do Rio de Janeiro, aos quatorze dias do mez

de Dezembro, do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil oitocentos e vinte quatro.— O Conselheiro *João Valentim de Faria Sousa Lobato.—José de Oliveira Barbosa.—Joaquim de Oliveira Alvares.*— Por immediata resolução de Sua Magestade o Imperador de dezeseis de Novembro de mil oitocentos e vinte quatro. Secretaria do conselho supremo militar, 14 de Dezembro de 1824.— Está conforme.- *Antonio Raphael da Cunha Cabral.*

Plano n. 1

Para a organisação do 1° e 2° regimentos de infantaria de milicias da provincia de Goyaz.

ESTADO MAIOR

Coronel	1
Tenente-coronel	1
Sargento-mór	1
Ajudantes	2
Quartel mestre	1
Secretario	1
Tambor-mór	1
Total	8

1ª companhia de granadeiros		1ª companhia de fuzileiros	
Capitão	1	Capitão	1
Tenente	1	Tenente	1
Alferes	1	Alferes	1

1° sargento	1
2° sargento	1
Forriel	1
Cabos	6
Tambor	1
Soldados, inclusive 6 porta-machados	70
Total	83

1° sargento	1
2° sargento	1
Forriel	1
Porta bandeira	1
Cabos	6
Pifanos	2
Tambor	1
Soldados	64
Total	80

A 2.ª companhia de granadeiros como a 1.ª.

A 2.ª companhia de fusileiros como a primeira.

As companhias 3.ª 4.ª 5.ª 6.ª 7.ª e 8.ª de fuzileiros com 77 praças, por terem menos que a 1.ª e 2.ª o porta-bandeira e os 2 pifanos.

A companhia de henriques deve ter a força da 3.ª

RECAPITULAÇÃO

Estado maior	8
Companhias	788
Praças	796

Plano n. 2

Para a organisação do 1.° e 2.° batalhões de caçadores de milicias da provincia de Goyaz.

ESTADO MAIOR

Tenente coronel commandante. . .	1
Major	1
Ajudante	1
Quartel mestre	1
Secretario	1
Corneta-mór	1
Total	6

1.ª Companhia

Capitão.	1
Tenente.	1
Alferes.	2
1.° Sargento	1
2.° ditos.	2
Forriel.	1
Cabos	6
Corneta.	1
Soldados	80
Total.	95

As companhias 2.ª 3.ª 4.ª 5.ª e 6.ª como a 1.ª

A companhia de henriques aggregada com a mesma força das de caçadores.

RECAPITULAÇÃO

Estado maior	6
Seis companhias.	570
Total.	576 praças

Plano n. 3

Para a organisação do 1.º e 2.º regimentos de cavallaria de milicias da provincia de Goyaz.

ESTADO MAIOR

Coronel	1
Tenente-coronel	1
Sargento-mór.	1
Ajudante	1
Quartel mestre	1
Secretario	1
Trombeta-mór	1
Total.	7

1.ª Companhia

Capitão.	1
Tenente.	1
Alferes.	1
Sargento	1
Forriel.	1
Porta Estandarte.	1
Cabos	4
Trombeta.	1
Soldados	56
Total.	67

As companhias 2,ª 3,ª e 4,ª como a 1.ª
As companhias 5,ª 6,ª 7,ª e 8ª. com 66 praças, por terem de menos o porta estandarte.

Recapitulação.

Estado-Maior.	7
8 companhias.	532
Total.	539

Resumo Geral.

	Praças.	
1º Regimento de infantaria	796	873
Companhia de henriques aggregada.	77	

2.° Regimento de infantaria. . . .	796	873
Companhia de henriques aggregada .	77	
1.° Batalhão de caçadores.	576	671
Companhia de henriques aggregada.	95	
2.° Batalhão de caçadores.	576	671
Companhia de henriques aggregada .	95	
1.° Regimento de cavallaria		539
2.° Regimento de cavallaria.		539
Total.		4:166

Secretaria do conselho supremo militar, 14 de Dezembro de 1824.

Antonio Rafael da Cunha Cabral

Havendo eu proposto a S. M. Imperial a absoluta inutilidade dos sargentos móres dos corpos da 2.ª linha,e apontando que seria muito vantajoso crear sargentos ajudantes nos corpos da mesma linha em lugar dos sargentos móres; tive a decisão suprema, que abaixo segue; decisão que a respeito de seis sargentos móres redunda em uma poupança annual de 3:667$680 réis. Prouvéra a Deus que em outros ramos de administração se lançassem vistas economicas sebre immensas superfluidades, que affligem o governo e sobrecarregam os povos do Imperio.

Copia. — Conformando-se S. M. o Imperador com a a representação que o governador das armas da provincia de Goyaz dirigiu a Imperial presença em officio n. 33. Ha por bem, que por agora, e provisoriamente até final deliberação se não façam propostas de majores para os corpos de 2.ª linha da mesma provincia, ficando os ajudantes dos di-

tos corpos encarregados das revistas das companhias; e outro sim, que para coadjuvarem os ditos ajudantes, se criem nos mesmos corpos de milicias tambem provisoriamente sargentos ajudantes tirados da 1.ª linha, os quaes deverão vencer os soldos correspondentes a sua gratificação, e forragens para um cavallo, sómente pelo tempo que forem passar revistas ás companhias, que ficarem mais de seis leguas distantes da assembléa geral dos corpos; e finalmente, que quando as inspecções dos corpos da 2.ª linha não possam ser feitas pelo governador das armas, o sejam, ou pelos commandantes dos corpos, ou por capitães da 1.ª linha: o que manda pela secretaria de Estado dos negocios da guerra, participar ao referido governador das armas para sua intelligencia e execução. Palacio do Rio de Janeiro, 4 de Novembro de 1825.—*Barão de Lages*—Cumpra-se e registre-se. Quartel General de Goyaz, 28 de Dezembro de 1825.—*Cunha.*

(Q) A' pagina 58 onde se trata das ordenanças, deve acrescentar-se, que no arraial do Rio Claro formou-se uma companhia.

(R) A' pagina 61 onde se diz, que não se cunha o cobre por falta de machina, deve notar-se, que com effeito cunhou-se todo no anno de 1825; e que no dia de hoje 12 de Fevereiro de 1826 não existe nos coffres da fazenda publica o valor de cinco reis; tudo se consumiu no mesmo anno de 1825, e ainda mais vinte mil cruzados que vieram do erario. Agora consta que se acham em caminho para esta provincia chapas de cobre, que depois de cunhadas montarão a quinze mil cruzados.

(S) A' pagina 64 mostrei a importancia dos soldos que no anno de 1824 vencia a tropa de linha e milicias d'esta provincia, montando a 15:727$000 : agora devo apresentar a despeza da folha militar no dia hoje 13 de Fevereiro de 1826; supposndo os corpos no seu estado completo.

Despezas militares da provincia de Goyaz.

Soldos.	16:006$800
Gratificações.	3:513$200
Forragens	3:163$300
Fardamentos.	1:898$040
Etapes	3:888$000
Ferragem para cavallos . .	388$800
Somma.	28:858$140

Addicionando as despezas que se fazem na compra de munições, concertos de armamentos, equipamento, transportes, obras militares, hospital, remonta da cavallaria, e outras casualidades, póde calcular-se a despeza militar da provincia em 33:000$000 de réis annuaes.

(T) A' pagina 69 em que se falla do triunvirato, que succedeu ao governador e capitão general Fernando Delgado Freire de Castilho, deve acrescentar-se, que o governo foi entregue no dia 20 de Agosto de 1820 ao desembargador Antonio José Alvares Marques da Costa e Silva, padre Luiz Antonio da Silva e Sousa, governador da prelazia, e coronel ajudante de ordens Alvaro José Xavier

(U) A' pagina 69 tratando do governador das armas Raymundo José da Cunha Mattos, deve acrescentar-se, que foi eleito deputado por esta provincia á 1.ª assembléa ordinaria legislativa do Imperio.

(V) A' pagina 71 deve acrescentar-se na lista dos ouvidores da comarca de Goyaz o desembargador da relação da Bahia José Joaquim Corrêa da Costa Pereira do Lago.

(X) A' pagina 71 onde se trata do ouvidor da comarca de S. João das Duas Barras deve acrescentar-se, que o desembargador Segurado sendo escolhido deputado de parte da provincia á assembléa constituinte de Lisboa não regressou a este seu lugar, e por isso o emprego acha-se vago.

(Y) A' pagina 72 onde se trata dos juizes de fóra de Goyaz deve acrescentar-se, que o ultimo (João Francisco de Borja Pereira) foi eleito deputado por esta provincia á 1ª assembléa ordinaria legislativa do Imperio, e logo depois promovido a ouvidor da comarca do Rio Negro. Em lugar d'este juiz de fóra veiu despachado o bacharel Manoel Rodrigues Villares.

(Z) A' pagina 73 onde se falla em José Manoel de Almeida como homem illustre da provincia, deve acrescentar-se, que foi nomeado governador das armas da provincia da Bahia, no anno de 1825.

APPENDICE A'S NOTAS

Na nota n. 19 (*) aponto o *Roteiro* dado pelo capitão mór de Cuyabá Antonio Pires de Campos ao capitão mòr Luiz Rodrigues Villares, para a descoberta das terras dos indios *Araés*. Esta peça é mui curiosa, e por isso a apresento como a transcreveu o erudito autor das *Memorias Goyanás*, e como eu tambem a consegui, por favor do muito reverendo Manoel da Silva Alves, vigario da vara e igreja de Trahiras.

A primeira está mutilada talvez por incuria do copista; a ultima é muito mais interessante.

« Depois de subir o morro de S. Jeronymo seguiráõ ao nascente até o Rio da Casca, e d'ahi seguiráõ ao norte, e o maior rio que acharem desceráõ em canôas por ser a marcha mais breve; e qualquer rio que encaminhe á sua corrente para o nascente dá no Araguaya, que é grande: desçam por elle abaixo, que n'elle se mettem muitos rios e riachos configurados para terem ouro, que vertem de serras muito grandes. O rio Araguaya faz barra no Paraupéba que corre do sul quasi ao norte, e pouco abaixo d'esta barra tem grandes pedrarias, que passam o rio de uma a outra parte, e visto de longe parece que o rio se subverte por baixo, porém tem bons canaes, por onde passam as canôas. Seguindo pelo mesmo abaixo até onde se acha um morrinho de Taguá, para a parte esquerda, ao pé do rio todo escalvado, com trabalho subiráõ por elle arriba, e olhando entre o poente e norte, se avistaráõ uns morros azues, que

(*) Vide o tomo XXXVII, parte 1.ª

distam d'aqui sete ou oito dias de sertanista, e n'estes chegarãõ á Tapéra dos *Araés*, onde chegamos com meu pai, que Deus haja, e achamos varias cunhãs com folhetas pelo pescoço e braços, e d'estas folhetas mandou meu pai fazer um resplandor para uma imagem de vulto de Nossa Senhora do Rosario, que na nossa casa tinhamos, e tambem uma corôa do mesmo ouro, que pezava quarenta e tantas oitavas, para a Senhora do Carmo do Hospicio de Itú. E perguntando aos ditos indios a onde tinham achado aquellas folhetas, respondeu o cacique, que n'aquelles morros, depois de chover. E isto foi o que ouvi, e não são historias contadas.

Na volta que fizemos, encontramos com o pai do capitão-mór Bartholomeu Bueno, e ouvindo a meu pai todo o referido, foi nas mesmas vizinhanças onde tinhamos deixado uma aldêa de gentios da mesma nação *Araés*, por não podermos conduzir duas aldêas, por serem numerosas; e o dito Bartholomeu Bueno aleivosamente os conduziu, e por isso se não logrou d'elles, que lhe deu a peste, e quasi acabaram todos, e o dito entrou por Goyaz, e nós para Cuyabá; e na volta que fizemos para Cuyabá subimos todos o rio, para cima para vêrmos os Martyrios.

E por cima da barra do Araguaya achamos muita gentilidade, e o rio com má navegação, por ter muitas cachoeiras; e onde estão os Martyrios fica subindo rio ácima da parte esquerda com apparencia de gallo, cruz, cravos, lança e mais cousas; e é difficultosa esta navegação até sahir a ponta da ilha dos *Carajás*; e na ponta de riba fica um rio á mão direita, que é o Rio das Mortes, pelo qual subimos até as cabeceiras, e depois sahimos por terra, e puzemos vinte e tantos dias á villa do Cuyabá. E tudo isto que digo affirmo com a verdade que costumo, e jurarei aos Santos Evangelhos se necessario fôr. »

Roteiro que deu o capitão-mór Antonio Pires de Campos ao capitão-mór Luiz Rodrigues Villares, procurador do povo da Villa Real do Senhor Bom Jesus de Cuyabá, para o descobrimento de grandes haveres para as aldêas dos gentios Araés, o seguinte :

« Depois de subir o morro de S. Jeronymo seguirão para o nascente até ao rio da Casca, e d'ahi seguirão o norte, e no maior rio que se achar farão canôas, e por elle descerão, por ser a marcha mais breve; e qualquer rio que se encontrar para o nascente, sua corrente dá no rio Araguaes, que é grande; e descerão por elle abaixo, que n'elle se mettem muitos rios e riachos bem afigurados para ter ouro, e vertem de serras mui altas; e este dito Araguaes faz barra no rio Paraúpeba, que corre do sul quasi ao norte; e pouco abaixo d'esta barra tem grandes pedrarias, que passam o rio de uma á outra parte, e visto de longe parece que se subverte o rio por baixo, porém tem bons canaes para andar e passar as conôas; e seguindo por elle mesmo abaixo até aonde se achar um morrinho de tauá, para a parte esquerda, ao pé do rio todo descalvado, com trabalho subirão por elle arriba, e olhando entre o poente e norte se avistará uns morrinhos azues, que distam d'aqui sete ou oito dias de sertanista, e n'estes achará a tapéra dos *Araés*, aonde chegamos com meu pai, que Deus haja, e achamos varias cunhãs com folhetas pelo pescoço e braços ; e d'estas folhetas mandou fazer meu pai um resplandor para uma imagem de vulto de Nossa Senhora do Rosario, que em nossa casa tinhamos, e tambem uma corôa do mesmo ouro que pezava quarenta oitavas, para Nossa Senhora do Monte do Carmo do hospicio da villa de Itú ; e perguntando aos ditos indios aonde tinham achado aquellas folhetas, respondeu o cacique dizendo : por aquelles morros, depois de chover : e isto foi o que eu vi, e não são historias contadas;

e na volta que fizemos, encontramos com o pai do capitão-mór Bartholomeu Bueno da Silva, *e na mesma companhia ia seu irmão Simão Bueno, que seria pouco mais ou menos da minha idade*, e ouvindo a meu pai todo o referido, foi na mesma visinhança aonde tinhamos deixado uma aldêa de gentios da mesma nação *Araés*, por não podermos conduzir duas aldêas por serem numerosas; e o dito Bartholomeu Bueno aleivosamente os conduziu, e por essa razão se não logrou d'elles, que lhe deu a peste, e quasi acabaram todos ; e o dito entrou para Goyaz, e nós pelo Cuyabá *na era de* 1746, e na volta que fizemos para o Cuyabá subimos todos do rio para cima para vermos os Martyrios, e por cima da barra do Araguaes achamos muita gentilidade, e o rio com má navegação por ter muitas cachoeiras; e onde está o Martyrio *é o rio muito afunilado com pedrarias de parte á parte* ; e o dito Martyrio fica subindo rio acima, da parte esquerda, com apparencias de gallo, cruz, corôa, lança e mais cousas; e é difficultosa esta navegação até sahir á ponta da ilha dos *Carajás*, e na ponta de riba fica um rio, á mão direita, que é o Rio das Mortes, pelo qual subimos até as cabeceiras, depois sahimos por terra, e pozemos vinte e tantos dias á villa de Cuyabá: e tudo isto que digo, affirmo com verdade e jurarei aos livros dos Santos Evangelhos, se necessario fôr.—*Antonio Pires de Campos Bueno.*

N. B. As variantes vão sublinhadas.

A' nota 27 deve acrescentar-se, que no anno de 1824 Antonio José Leite desceu os rios dos Bois e Turvo ; cahiu no Corumbá a que elle chama Paranahyba; subiu aguas acima até a foz do Rio das Velhas que elle diz, que segundo a informação dos indios *Cayapós*, está duas leguas abaixo da bocca do Corumbá (Paranahyba, visto constar ser aquelle

maior do que este),e seguiu pelo mesmo Rio das Velhas por espaço de seis dias até á aldêa de Sant'Anna. Este navegante ou descobridor (por ser o primeiro que fez esta viagem) declara, que desde a foz do Turvo até á do Rio das Velhas, existe uma unica cachoeira muito alta onde abandonou a canôa, e construiu outra na parte superior ; e que o Rio das Velhas não tem cachoeira alguma, mas sim varias corredeiras.

A' nota 31 deve acrescentar-se, que a nova companhia tinha apenas apurado até ao fim do anno de 1824 a quantia de 600$637 réis; que as acções em dinheiro montavam a 672$000 réis ; e o alcance 6:379$201 réis.

A' nota 51 deve acrescentar-se, que por motivo da destruição do arraial de Thesouras pelos indios *Chavantes*, incorporou-se a parochia de S. Miguel de Thesouras á freguezia de Anta e Santa Rita.

No Itinerario n. 11 ha differença n'estes ultimos tempos, visto que antes de chegar á aldêa do Carretão, estabeleceu-se uma pequena fazenda ; e adiante do Carretão ha outra.

FORTIFIÇAÇÕES

Grandes obras de fortificação têm sido encontradas no interior da America septentrional, e muito principalmente as immensas ruinas de Palenque na republica de Guatemala, descobertas no anno de 1750 pelos moradores da Cidade Real, e examinadas por ordem d'el-rei de Hespanha, por Antonio del Rio e João Alonso Calderon, no dia 3 de Maio de 1787. Pelas observações que se fizeram, conheceu-

se que estes edificios a que os hespanhóes deram o nome de Casas de Pedra, são as ruinas de uma immensa cidade pertencente á nação muito mais industriosa do que os *Mexicanos*, e talvez fossem de origem egypicia, phenicia, ou tartara. Junto á Merida tambem ha edificios da mesma natureza, e os do districto de Pompey,no estado de Nova-York, igualmente existem as ruinas de outra grande cidade. Tudo prova que o Novo Mundo foi conhecido pelos habitantes do antigo, em seculos remotissimos, e que chegaram a um alto grão de civilisação e prosperidade.

LIMITES DE GOYAZ

A demarcação dos limites de Goyaz e Maranhão foi feita no mez de Julho de 1816 pelos majores José Antonio Ramos Jubé, por parte de Goyaz, e Francisco de Paula Ribeiro por parte do Maranhão. Este ultimo acabou desgraçadamente, como fica apontado na parte historica d'esta *Chorographia.*

ARRAIAL DE CAROLINA

O arraial de Carolina foi creado villa d'este nome por lei de 25 de Outubro de 1831; os seus limites são : pelo sul os rios do Somno, e o das Tranqueiras até as contravertentes do Araguaya. Ao nascente a cordilheira que divide as vertentes para o Tocantins até á cachoeira de Santo Antonio ; e pelo norte o angulo da confluencia do Tocantins com o Araguaya; e pelo occidente o Araguaya.

N. B. Parece pela letra d'esta lei, que a provincia do Maranhão ficou perdendo as terras desde o rio de Manoel Alves até a cachoeira de Santo Antonio.

PRELAZIA DE GOYAZ

A prelazia de Goyaz foi creada em virtnde da bulla do SS. padre Benedicto XIV que principia *Candor Lucis Œternœ*, datada de 6 de Dezembro de 1746, juntamente com a do Cuyabá e Mato Grosso; e emquanto se não nomearam prelados proprios, foram ambas as prelazias administradas pelos bispos do Rio de Janeiro,D. frei Antonio de Guadalupe até D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco á cujas dioceses pertenciam.

No dia 23 de Janeiro de 1782 foi nomeado prelado de Goyaz D. frei Vicente do Espirito Santo, agostinho descalço, o qual era bispo 23.º de S. Thomé, e tinha pedido renuncia; e não se recolhendo a Goyaz, veiu a fallecer em Lisboa no dia 29 de Novembro de 1798.

D. José Nicoláo de Azevedo Coutinho Gentil, que era prelado de Cuyabá e Mato Grosso foi nomeado para succeder ao bispo de S. Thomé como prelado de Goyaz, em 7 de Março de 1788. Não veiu á prelazia por ser transferido para deão da capella real de Villa Viçosa, por decreto de 16 de Março ou Maio de 1795, succedendo ao bispo de Hetaloma D. Vicente da Gama Leal, que havia sido nomeado coadjuctor do Rio de Janeiro em 21 de Janeiro de 1755.

D. Vicente Alexandre de Tovar, natural da Bahia, conego reitor da Sé de Faro depois de haver estado em Goyaz com licença,em qualidade de vigario encommendado da igreja do Pilar e ao mesmo tempo vigario da vara da comarca ecclesiastica d'este nome, foi obrigado a recolher-se á reitoria de Faro, a qual deixou por uma conezia da metropolitana da Bahia,d'onde em observancia da reso-

lução de 11 de Setembro de 1802 foi provido na prelazia de Goyaz, e obtendo o bispado de Titiopolis, foi sagrado em 28 de Agosto de 1803. Em sua ausencia governa a prelazia o padre Vicente Ferreira Brandão. Demorando-se em Lisboa contra vontade de S. A. R. o principe regente, foi obrigado a sahir para a prelazia em 1807, e pondo-se em jornada para o Cuyabá falleceu de uma indigestão na villa do Paracatú em 8 de Dezembro de 1808. Por seu fallecimento governou a prelazia o padre Vicente Ferreira Brandão eleito pelo prelado do Cuyabá como mais proximo pastor da prelazia vaga.

O padre Antonio Rodrigues de Aguiar, nascido no Rio de Janeiro, foi eleito prelado de Goyaz em 24 de Junho de 1810. Tomou posse da prelazia o seu procurador o padre Vicente Ferreira Brandão em 13 de Janeiro de 1811, e por morte d'este o padre José Vicente de Azevedo Noronha e Camara nomeado pelo precedente antes de fallecer. Foi confirmado bispo de Azoto em 1816 e sagrado em 29 de Setembro pelo bispo capellão-mór. Sahindo do Rio para Goyaz em outro igual dia do anno de 1818, falleceu repentinamente no lugar de Iguassú, seis leguas distantes do Rio de Janeiro, no dia 2 de Outubro.

D. Francisco Ferreira de Azevedo, natural da villa de Macacú ou Santo Antonio de Sá, e freguezia de Santo Antonio de Cassarebú, oito leguas distante do Rio de Janeiro, e que era bispo eleito de Meliapor desde 17 de Dezembro de 1811, foi nomeado prelado de Goyaz em 18 de Outubro de 1818: tomou posse por procuração em 29 de Agosto de 1819; tendo recebido o titulo de bispo de Castoria por não se poder realizar n'elle o de Meliapor, chegou a Goyaz em o dia 21 de Outubro de 1824. Agora tem o titulo de bispo de Goyaz.

PRELADOS DE CUYABÁ' E MATO GROSSO

1.° O seu primeiro prelado foi D. José Nicoláo de Azevedo Coutinho Gentil, nomeado em 23 de Janeiro de 1782 eleito bispo titular de Zoara em 11 de Setembro de 1783. Foi transferido para prelado de Goyaz em lugar do bispo de S. Thomé D. frei Vicente do Espirito Santo em 7 de Março de 1788; e em 16 de Março ou Maio de 1795 foi transferido para deão da capella de Villa Viçosa. Nunca veiu ás prelazias, e por isso foram governadas pelos bispos do Rio de Janeiro.

2.° D. Luiz da Castro Pereira, conego regular de S. João Evangelista nomeado prelado em 29 de Outubro de 1803: confirmado bispo de Ptolamaida, e sagrado em 14 de Julho de 1805. Durante a sua ausencia governou o padre Agostinho Luiz Gulart que tomou posse em 8 de Dezembro de 1807. Em 21 de Abril de 1821 foi eleito bispo de Bragança, mas falleceu no Cuyabá no 1 de Agosto de 1822.

3.° O Barbadinho . . . .

4.° D. Antonio. . . . .

Reliqua désiderantur (*)

(*) Em consequencia de trabalhos urgentes no archivo militar, não ficou prompta a tempo a *Carta Chorographica* da provincia de Goyaz que annexamos a esta *Chorographia*.

(*Da Redacção*).

População do districto da cidade

		Homens livres				Escravos	Mulheres livres				Escravas	Total
		Brancos		*De côr*			*Brancas*		*De côr*			
		Casad.	Solt.	Casad.	Solt.		Casad.	Solt.	Casad.	Solt.		
Cidade		202	411	589	1587	1109	202	308	589	2025	1030	8052
Povoações e seus nomes	Ouro Fino	14	29	19	48	87	11	17	28	39	53	345
	Ferreiro..	4	8	9	21	4	4	5	6	15	5	81
População dispersa.......		49	75	37	81	39	11	27	19	28	12	378
TOTAL.......		269	523	654	1737	1239	228	357	642	2107	1100	8856
Que obtiveram liberdades...		...	...	163	234	....	...	...	110	139	....	646

	Idades					
	Homens livres		Escravos	Mulheres livres		Escravas
	Brancos	*De côr*		*Brancas*	*De côr*	
Do nascimento a 10 annos..	85	417	168	93	556	307
De 10 a 20..	56	396	237	99	603	221
De 20 a 40..	230	359	431	129	585	210
De 40 a 60..	270	799	262	167	386	107
De 60 a 80..	110	328	97	88	397	132
De 80 a 90..	41	92	44	9	222	123
De 90 a 100.						

MAPPA demonstrativo do hospital militar da provincia de Goyaz

ENTRADAS E SAHIDAS DOS ENFERMOS	OFFICIAES	OFFICIAES INFERIORES E SOLDADOS	NOMES E ESTADO DOS UTENSIS	UTENSIS																	
				Enxergões	*Lençoes*	*Cobertores*	*Toalhas*	*Barras de madeira*	*Mesas*	*Bancos*	*Bacias pequenas*	*Ditas de meio banho*	*Ditas de banho*	*Almofarizes*	*Candeeiros*	*Estantes*	*Taboas de papeletas*	*Vidros com remedios*	*Vasos de lata, dito*	*Ditos de barro*	*Caixas de arrecadação*
Existiam no 1° de Janeiro de 1825	..	....	Bom estado.......	..	15	16	7	15	7	4	..	..	1	3	..	1	12	54	20	6	3
Entraram no anno de 1825	1	89	Para concerto.....	15	..	..	..	..	..	..	2	1	..	..	2						
Sahiram curados no mesmo anno.	1	81	Inuteis...........	..	..	..	..	..	..	..	2	..									
Falleceram no mesmo anno.....		4																			
Existem no 1° de Janeiro de 1826		4	Total.............	15	15	16	7	15	7	4	4	1	1	3	2	1	12	54	20	6	3

OBSERVAÇÕES

O hospital militar da provincia de Goyaz é o estabelecimento d'este genero o mais infernal de todo o universo. Os desgraçados enfermos, em vez de encontrarem um asylo nas suas molestias, acham um acrescimo de adversidades, a que so podem resistir mediante os esforços da natureza. Pela quantidade dos utensis existentes no hospital póde fazer-se idéa do verdadeiro tratamento dos doentes. Muitos não encontram camas, lençoes, nem cobertores; nenhum acha camisas ou roupões: faltam medicamentos, ainda os mais necessarios, e por muitas vezes são soccorridos os enfermos por pessoas estranhas, que lamentam tantas desventuras. O hospital fica situado no recinto do quartel da tropa de linha, e consta de duas pequenas enfermarias, mal ventiladas e assoalhadas de tijolo. Ainda que ha uma pequena cosinha junto ás enfermarias, não é ahi que se prepara a comida. Ella vem feita da casa de um individuo que para este fim se ajustou com a junta da fazenda publica. O physico das tropas e o cirurgião-mór fazem o curativo com medicamentos que elles mesmos manipulam ou mandam preparar pelo homem que fornece os alimentos aos enfermos, em razão da falta de botica e pharmaceutico n'esta cidade e em toda a provincia. Não ha instrumentos e apparelhos para grandes operações, nem macas de conducção e ambulancias preparadas; finalmente, nada ha que qualifique esta casa como hospital, senão a existencia dos enfermos dentro d'ella. Todas as faltas que se soffrem n'este estabelecimento procedem da decadencia das rendas publicas e de não existir uma botica bem sortida n'esta provincia. Se S. M. Imperial se dignasse mandar pôr em pratica o systema seguido nos hospitaes regimentaes, como já suppliquei ao mesmo Senhor, é provavel que os enfermos fossem mais bem tratados, ainda apezar do pequeno numero de praças que entram no hospital. No mappa dos doentes comprehendem-se 18 soldados da provincia do Cuyabá e tres indios da nação *Taperapé*, um dos quaes falleceu, logo que entrou na enfermaria, por vir muito fatigado da jornada.—Quartel-general de Goyaz, 1° de Janeiro de 1826.

NOTICIA

DA

Sepultura do poeta Manoel Ignacio da Silva Alvarenga.

Ignorar onde jazem os benemeritos da nação, os homens que viveram pelas letras, pelas musas, pelas artes, que entregues ao trabalho no campo safaro da sciencia, afadigaram-se e encaneceram-se, é triste, é doloroso para a patria ; mas penetrar em uma igreja, transpôr os umbraes de um cemiterio, pisar no chão dos mortos, tocar na lapida branca como a mortalha do finado que alli dorme, e saber que n'aquella igreja, n'aquelle cemiterio, n'aquella cova veiu repousar o militar valente, ou o artista distincto, ou o sabio modesto, cujos nomes o paiz commemora no granito, no marmore, no bronze dos monumentos, é uma consolação, um lnitivo á saudade da patria.

Relatam os nossos escriptores que pereceu n'esta cidade do Rio de Janeiro o poeta Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, mas não indicam onde foi sepultado ; e baldados foram os esforços que alguns fizeram para descobrir o jazigo do poeta ; outros como o nosso prestimoso amigo e digno consocio, o Sr. Joaquim Norberto de Sousa Silva, lastimou-se por ignorar a patria, o lugar em que abriu-se a sepultura de Silva Alvarenga ; diz elle :

«Um punhado de terra cobre ha muito, os ossos de Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, mas a patria que elle tanto amava, a patria que ainda hoje desdenha das glorias, nem ao menos sabe apontar o lugar em que elles descançam.»

Desejosos de saber em que recinto mortuario

cavou-se o tumulo do poeta mineiro Manoel Ignacio, que no dizer do douto escriptor, o conego Dr. Fernandes Pinheiro, foi o primeiro que na nossa litteratura naturalisou os rondós e madrigaes, e procurou dar uma côr local, brasileira a seus versos, cantando as nossas arvores, fructas, flôres, montanhas, rios e florestas ; desejosos de saber que terra cobriu o despojo mortal d'esse distincto brasileiro, que na vida afanosa e difficil do magisterio, valiosos serviços consagrou á nação, começamos a percorrer ás parochias da cidade, a folhear os carcomidos e empoeirados livros de obitos, e depois de muita pesquiza e canceira, tivemos o prazer de descobrir o lugar em que teve jazida o poeta de Villa Rica, Manoel Ignacio da Silva Alvarenga. Do assentamento fizemos extrahir uma certidão que é do theor seguinte :

Certifico que revendo o livro terceiro de obitos d'esta matriz de Santa Rita, n'elle a fl. 309, v., se acha lançado o assento do theor seguinte.

Ao primeiro dia do mez de Novembro de 1814 annos, falleceu o Dr. Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, natural de Minas, de licença foi encommendado e sepultado na igreja de S. Pedro, e fez testamento, do que fiz este assento. O coadjutor *João Duarte do Amaral*. E nada mais se continha em o dito assento, que fielmente copiei do referido livro ao qual me reporto e affirmo em *fide parochi*.—Matriz de Santa Rita do Rio de Janeiro, 20 de Novembro de 1873.—O coadjutor padre *Antonio Joaquim da Conceição e Silva*.

Mas onde param os ossos de Silva Alvarenga ? . . perderam-se, como os do poeta Antonio Pereira de Sousa Caldas; confundiram-se com os de outros finados, e consumiu-os a terra, transformou-os em pó !

Dr. Moreira de Azevedo

DOCUMENTOS

PARA A HISTORIA DA REVOLUÇÃO DO CEARA'

EM 1817

(Extrahidos do Archivo Publico)

SEGUNDA SERIE

N. 7.—Illm. Sr.— Varias pessoas das que tendo sido destinadas pelo ouvidor pela lei d'esta camara para depôrem na devassa da inconfidencia, não foram por fim admittidas, umas em razão do officio de V. S. de dezoito de Abril, e outras por negligencia do mesmo ouvidor, ou por outra qualquer causa, acabam de me dirigir as representações, ou denuncias, que inclusas remetto a V. S. juntamente com varios outros papeis, afim de que V. S. possa de tudo fazer o uso, que achar conveniente á vista das instrucções particulares, que V. S. tiver recebido, e houver de receber para a execução do decreto de 6 de Fevereiro do corrente anno. O documento n. 1 contem verdades innegaveis todas passadas debaixo dos meus olhos; e que todas eu afianço a V. S. excepto unicamente o que diz respeito ao cirurgião mór d'esta capitania Bernardo de Oliveira Pacheco, em que

e tambem para o Sobral, dirigia-se sem duvida ao ouvidor Carvalho, e dá motivo a novas suspeitas. Os documentos de n. 9 a n. 25, confirmam e ampliam o que consta dos documentos n. 25 e seguintes, juntos ao officio que dirigi a V. S. em vinte e tres de Abril do corrente anno. Já pelos ditos documentos, assim como pelo depoimento do capitão mór José Alves Feitosa no summario sobre a conducta de Carvalho, eu tinha conhecimento d'este tal assignado, que eu julgava unicamente ser destinado a me atacar por este, ou por aquelle modo. Agora porém vejo que outros eram os fins, e V. S. conhecerá o estado de contaminação d'estes sertões, e o modo e maneira, porque se conseguiu uma tal desgraça. Conversando ha poucos dias sobre este objecto com Manoel do Nascimento Castro e Silva, me apresentou elle a carta inclusa n. 26, que recebêra em tempo competente, e a que n'aquella épocha não déra inteiro credito, por isso que a nenhuma outra pessoa ouvira fallar em tal assignado, motivo porque não a citára no seu depoimento; agora porém tudo combina, e o assignado foi em um livro. Depois da restauração do Crato houve alli o maior cuidado em consumir papeis, e com razão, porque os mesmos restauradores tinham assignado quantos papeis revolucionarios lhes appresentaram; e por fim tão sómente apparecem os registros de alguns nos livros da camara da villa do Jardim. Nada d'isto, nem de muitas outras cousas ha de constar da devassa, em razão da mamparra que estava, e está armada: estou certo que da devassa só ha de constar o que foi publico e conhecido até da ultima pessoa do povo. Mas José Martiniano Pereira de Alencar, que foi d'aqui esperançado em alcançar o perdão em attenção á sua menoridade, é natural que sendo instado tudo declare a V. S. São tambem muito notaveis os dois officios ns. 18 e 20, que o capitão Francisco Fernandes Vieira expediu em consequencia das minhas

ordens no tempo da revolução, e que então se não atreveu a assignar (sem duvida em virtude da sua anterior assignatura no tal livro) e que depois pediu para assignar. E' indubitavel que V. S. terá descoberto semelhantes tramas nas capitanias de Pernambuco e Parahyba, e que estará persuadido do perigo, em que ainda se acha o Estado. Felizmente foi V. S. escolhido para presidente da alçada, e assim eu, como muitos outros realistas, estamos certos que V. S. seguindo as pisadas do grande desembargador João Pereira Ramos fallará ao ministerio na phrase de um portuguez do Seculo XIV, eternisando por esta maneira o seu nome, e adquirindo uma gloria igual á d'aquelle inclyto ministro. O partido honrado dos realistas, fieis vassallos de S. Magestade, e de toda a familia de Bragança é por ora o mais numeroso, e sendo sustentado pelo ministerio, como é de esperar, nada ha a receiar; com penna porém tenho n'estes ultimos mezes observado, que todos os dias diminue em numero, e (o que mais é) em intensidade dos seus componentes, os quaes pouco a pouco vão succumbindo, ao mesmo tempo que os revolucionarios e suspeitosos, e os seus auxiliadores com o hypocrita e aleivoso exterior de humanidade e confraternidade, cada dia se tornam mais ufanos, soberbos e insultadores. Nada mais digo, porque V. S, tudo deve conhecer melhor do que eu. Volto aos documentos que agora envio a V. S., que juntos aos outros, que lhe tenho enviado por vias particulares (que são presentemente mais seguras que as publicas) fazem um todo de bastante interesse. N'esta occasião julguei tambem dever remetter a V. S. as cartas inclusas de n. 27 a n. 33, cujo conteúdo V. S. poderá comparar com o que tem observado n'estes ultimos tempos. O sujeito, o homem, de quem se falla nas ditas cartas é o desembargador José Raymundo, com quem agora se está em braços.

O salvo conducto allegado era tendente a livrar de compromettimentos as testemunhas que deviam vir a Monte Mór o Novo, das quaes umas vieram, e voltaram sem nada fazer, por se não achar alli quem as convidára mediatamente; outras vieram, e só se lhes aceitou parte do depoimento; outras emfim não poderam vir a tempo, e por ultimo só por via de denuncia poderam fazer constar o que como fieis vassallos pretendiam depôr legalmente, para o que tinham mesmo sido chamadas. A sentença de que tratam as cartas ns. 28 e 29, e a que condemnou Gomes Freire, e mais socios, a qual tanto se tem pretendido supitar. Para quanto fôr do serviço de S. Magestade, ou de V. S., me achará V. S. sempre prompto. Deus Guarde a V. S. Ceará, seis de Junho de mil oitocentos e dezoito.—Illm. Sr. desembargador Bernardo Teixeira Coutinho Alves de Carvalho, presidente da alçada em Pernambuco—*Manoel Ignacio de Sampaio* — P. S.— Previno a V. S. que é pela alcunha de *Bracará* que são mais conhecidos n'estes sertões o padre João Fernandes Vieira, o capitão Gonçalo Baptista Vieira, o capitão Francisco Fernandes Vieira, e todos os seus irmãos, todos moradores na fazenda ou povoação do Saboeiro, que tambem se denomina da Cruz.

No impedimento do secretario. O official da secretaria — *Vicente Ferreira de Castro Silva.*

N. 1— Illm. e Ex. Sr. Governador.— Diz Bernardo José Teixeira, alferes da setima companhia do regimento de infantaria miliciana das marinhas do Ceará e Jaguaribe, que em dias ultimos de Agosto do anno passado de mil oitocentos e dezesete, estando aberta n'esta villa a devassa de inconfidencia, a que procedia o Dr. ouvidor pela lei Manoel José de Albuquerque foi o supplicante a dar o seu juramento do que sabia, e lhe disse o dito ministro,

que não podia tomar o seu juramento por estar em arrumações de viagem, porém que com a sua chegada a esta villa o tomaria; e chegando de facto no dia vinte e quatro de Abril do corrente anno, fôra o supplicante em um dos primeiros dias do corrente mez e anno, para o fim de dar o seu juramento, que o não quiz receber mais o dito ministro, conhecendo em sua conversa não haver n'elle já aquella energia, com que se mostrou no principio da revolução; e porque o motivo d'esta repulsa talvez fosse o não querer o dito ministro que apparecessem as conversas, que teve com o supplicante sobre o crime do seu collega ex-ouvidor João Antonio Rodrigues de Carvalho, e persuadido o supplicante de que nada se deve occultar a Sua Magestade e a seus ministros, visto a gravidade do crime, o suppli cante offerece como fiel vassallo a V. Ex. os factos no memorial junto, para que V. Ex. como fiel representante do mesmo Real Senhor os leve á sua augusta presença, afim de que a verdade seja por elle sempre sabida para castigar e premiar a quem merecer, e fôr de sua real vontade. O que tudo com a maior submissão e respeito, pede a V. Ex. haja por bem do real serviço, assim deferir se achar justo e de direito.— E receberá mercê.—*Bernardo José Teixeira*:

JURAMENTO.—Eu Bernardo José Teixeira, alferes da setima companhia do regimento de infantaria miliciana das marinhas do Ceará e Jaguaribe, juro pela palavra de honra militar, e aos Santos Evangelhos o seguinte: Tendo eu jurado no summario que se fez contra o ex-ouvidor João Antonio Rodrigues de Carvalho, por inconfidencia, tive receios de jurar no dito summario, as conversas que commigo teve o Dr. juiz de fóra, então ouvidor pela lei Manoel José de Albuquerque a respeito da convicção do crime do dito ex-ou-

vidor Carvalho, porque era referir-me ao dito ministro, que procedia ao summario, o que agora satisfaço: tendo acontecido a prisão de Carvalho, poucos dias depois conversando eu sobre a revolução, e as consequencias que teria, se Carvalho realizasse o seu plano, disse-me o dito ministro Albuquerque, com quem eu conversava, que nem era bom pensar nos horrores que o Ceará experimentaria, e tanto se convenceu, que Carvalho era envolvido na revolução, que me disse o seguinte pelas formaes palavras—perguntando-lhe eu pela manhã do dia em que elle foi preso—Então collega, como passou a noite?—Respondeu-me Carvalho que muito mal, e peior ao amanhecer, porque os reflexos da luz que entravam pelas frestas das portas, e batiam n'aquellas cousas vermelhas, esta vista lhe fizéra tal desinquietação no interior, que não pôde mais dormir, nem descançar: aqui perguntei-lhe eu:—Que cousas vermelhas eram essas? Respondeu-me o ministro Albuquerque, são aquellas lanternas; porém tornou de novo, o dito Ministro: — Não eram as lanternas, e nem a tinha encarnada, eram sim as armas reaes, que estavam n'ellas pintadas: e maior desinquietação Carvalho havia de ter com a vista do retrato de Sua Magestade n'aquelle quadro, que lhe ficou bem defronte da cama: e continuou mais a dizer: não se lembra, Sr. Bernardo, ha que tempos lhe peço que mandasse fazer as portas que esta casa precisava? Era já pelo receio que eu tinha d'estas cousas: não que eu soubesse de nada, parece que o meu coração adivinhava, porque quando Carvalho estava a chegar tive sonhos tão medonhos e continuados, que me não deixavam descançar: apenas soube que Carvalho estava a chegar, fui mais que depressa correndo para a casa de Joaquim Ignacio, para vêr se elle achando a porta fechada procurava outra casa: não que eu soubesse de suas intenções, mas porque temia que fosse

atacado para seguir o seu partido; eu que o não seguia, matava-me, porque Carvalho havia se temer de mim, em razão de eu não ter cumprido as opposições que elle queria que eu fizesse ao Sr. governador, lá para sustentar os seus caprichos, e por me vêr eu ter-me chegado ao mesmo Sr. governador: creia-me Sr. Bernardo, uma verdade, que eu não pude dormir toda a noite; e eu não me quiz fechar para que Carvalho não desconfiasse; ficou a porta aberta: isto é que foram sustos. Esta foi a conversa que eu tive com o ministro Albuquerque sem a mais pequena alteração. Depois que jurei no dito summario de Carvalho, conversando-se com Ricardo Pedro de Figueiredo sobre a revolução de Pernambuco, e do milagre de ter escapado o Ceará, e eram presentes Manoel do Nascimento Castro e Silva e seu irmão Vicente Ferreira de Castro e Silva, aquelle inspector do algodão, e este secretario interino do governo, disse o dito Ricardo, que tendo elle vindo da India de piloto na fragatinha entrára enganado em Pernambuco oito dias depois da revolução, e referiu varios acontecimentos dos revolucionarios, e que alli ouvira dizer publicamente que o ouvidor do Ceará era o cabeça do levante do Ceará, porém que elle não tinha verdadeira lembrança das pessoas a quem isto ouvira, e só conservava lembrança de Joaquim Pires, que o disse no botequim da praça em um ajuntamento, em que se tratava do Ceará seguir ou não o mesmo partido, e n'essa occasião ouviu elle dizer ao tal Pires— Lá temos o patriota ouvidor Carvalho, elle fará o levante:— e que elle tambem ouvira dizer alli em Pernambuco, que o tal ouvidor Carvalho havia ser o governador do norte até Maranhão; e que chegando elle a Lisboa soubéra que alli se achava preso o dito Carvalho; e porque em Pernambuco ouviu fallar muito em seu nome no tempo da revolução o quiz ir ver por curiosidade na prisão, porém não o vi, por-

que já tinha sido mandado pela regencia para Setubal. Conversando eu na casa do escrivão deputado da real junta da fazenda Marcos Antonio Bricio poucos dias depois da prisão de Carvalho, ahi ouvi dizer, não tenho verdadeira lembrança a quem, que Carvalho tinha uma carteira e que esta desapparecêra na occasião em que lhe foram apprehendidas as suas caixas, e que a tal carteira estava n'aquella occasião da apprehenção em cima da mesa na sala grande das casas da camara onde Carvalho estava hospedado; e que se lhe não fizéra apprehensão, porque o juiz de fóra Manoel José de Albuquerque disséra que era sua; assim como tambem alli ouviu dizer, que na casa do mesmo Albuquerque estava um bahú com a livraria e papeis de Carvalho, que Marianno lá tinha posto por ordem do mesmo Carvalho, que era intimo amigo de Albuquerque, e este de Carvalho, o que sabe por ver e presenciar, e quasi sempre na casa de Carvalho jantava Albuquerque, e aconteceu assistir eu em alguns jantares de Carvalho, a que sempre assistiam como certos o vigario Antonio José Moreira, o tenente-coronel João da Silva Feijó, Luiz Antonio da Silva Vianna, Marianno Gomes da Silva e algumas vezes o padre Amaro, vigario de Arronches e Joaquim Ignacio Lopes de Andrade; e lembra-me, que por, todas as vezes, que assisti, Carvalho fazia saúdes equivocas, que algumas percebi ser contra o senhor governador, a que os seus satellites logo satisfaziam com outras semelhantes, e por acenos. Todos os satellites de Carvalho eram absolutos, e muito atrevidos para fallar publicamente do mesmo Illm. Sr. governador, e em um jantar em Arronches na casa do padre Amaro, a que assistiu Marianno, fallou com o maior insulto o vigario Antonio José Moreira contra o Illm. Sr. governador; e isto me disse José Pinto Coelho, que lhe contára José Theodorico por ter estado presente, e dizendo-lhe eu se elle Pinto sustentaria isto

mesmo, sendo chamado, me respondeu, que nem só isso, como outras cousas mais delicadas. De entre os satellites de Carvalho, Marianno era o da sua maior correspondencia e intimidade, o que todos sabem; e que elle era o espião de Carvalho, e quem fazia correr todas as noticias que pareciam a bem de Carvalho; igualmente Marianno fallava sem rebuço algum em todos os lugares publicos ; e na casa de Luiz Antonio era onde se fazia o conclave, e o dito Luiz Antonio da Silva Vianna no anno de mil oitocentos e quatorze tendo a camara tratado de fazer um officio a Sua Magestade pedindo a reconducção do mesmo Illm.Sr. governador, e sendo eu o encarregado, como procurador do conselho, para fallar ao advogado Miguel Antonio da Rocha Lima, afim de fazer a minuta do officio, e promettendo-me o dito advogado de a fazer ; indo eu á casa do dito Luiz Antonio na vespera do dia em que se havia de fazer sessão para se assignar o dito officio, achei lá o dito advogado e Luiz Antonio, em conversa disse : — quando as camaras pedem a a reconducção dos governadores mais depressa, são elles mudados do governo; e sahindo para fóra perguntei ao dito advogado se a minuta já estava feita. Respondeu-me não vê o que acaba de dizer o Sr. Luiz Antonio, eu estava prompto, mas vejo que não tem lugar á vista do que diz o Sr. Luiz Antonio: o facto é, que pela opposição de Luiz Antonio não se fez a dita representação ; isto foi no juizado de João da Rocha Moreira, e depois no juizado de Joaquim Lopes fez-se a dita representação para reconducção do mesmo Illm. Sr. governador; e sabendo d'isto Luiz Antonio, e indo eu á sua casa, passou logo a fallar sobre a dita representação, e olhando para mim encolerisado disse-me: Com que sempre se fez a representação para a reconducção do governador ?— Eu que não queria satisfações com elle ; lhe respondi enfadado:— Não sei d'isso.—Aqui encolerisou-se

mais Luiz Antonio, e me disse por tres vezes e muito raivoso.—Com que vossa mercê não sabe?— Respondi-lhe eu:—Concedo que saiba, por ventura terei obrigação de lh'o dizer? Supponho que tenho tanta obrigação de lhe dizer o que se passa na camara, quanta vossa mercê em dizer-me o que se passa na junta : a isto disse elle Luiz Antonio:—Está bem, está bem.—Não me lembra se foi n'esta mesma occasião ou em outra, em que debatiamos, eu a favor do Illm. Sr. governador e elle contra, que me disse Luiz Antonio, que não haviam de valer representações da camara para a sua reconducção no governo, porque o capitão-mór Antonio. José Moreira Gomes tinha dito que ou havia de voltar do Rio de Janeiro com cincoenta mil cruzados, ou sem elles, que os sacrificava para botar d'aqui para fóra o governador, e acrescentou Luiz Antonio, que se Moreira bem o dizia melhor o faria. E' de lembrar que Luiz Antonio sendo inimigo capital do dito capitão-mór Moreira por motivos de honra de familia, apenas o capitão Moreira declara-se inimigo do Illm. Sr. governador, e foge para o Rio, Luiz Antonio torna-se seu grande amigo, e um forte campeão em sua defeza ; e é n'essa occasião que Luiz Antonio casa uma sua filha com Luiz da Costa Gomes, sobrinho do dito capitão-mór Moreira. Luiz Antonio á sombra de um caracter hypocrita nutre um genio intrigante, revoltoso e vingativo, e tem sido sempre cabeça de partido, quando ha collisões entre as autoridades d'esta capital : já no tempo do Illm. Sr. governador Bernardo Manoel de Vasconcellos, já fallecido, o dito Luiz Antonio com os da sua facção fizeram satyras contra o mesmo governador, o que deu causa a vir uma ordem do ministerio, para ser elle preso com os mais companheiros, o que nunca se cumpriu; e quando falleceu o dito governador botaram bandeirolas pelos quintaes : isto sei por ser publico n'esta villa, e não porque presenciasse,

por não estar aqui; e o mais que digo sobre Luiz Antonio sei de facto proprio por vêr e presenciar. Trago estas cousas á lembrança, não porque sejam proprias do caso da revolução, sim para que á vista d'ellas se tire as consequencias, se é possivel que fosse só o calor de Carvalho, que excitasse a seus satellites a serem tão absolutos e temerarios a fallar de publico, e com opposição escandalosa do Illm. Sr. governador, sem temor de castigo, ou se estes procedimentos mostram hoje se estes homens esperançavam ou não, mudança no governo legitimo do soberano, uma vez que não tinham respeito ao representante do mesmo real senhor, sem que elle désse motivo algum mais, do que fazer observar as leis monarchicas, e ser imparcial no seu feliz governo e nunca assás louvado : e o ministro Manoel José de Albuquerque tendo tambem sido do conventiculo de Carvalho, e que por consequencia devia saber a conducta dos satellites de Carvalho, disse-me, conversando sobre algumas pessoas em quem havia mais ou menos desconfianças de suspeitosos na revolução, que se elle fosse governanador do Ceará na occasiao em que se prendeu Carvalho, prendia igualmente a Luiz Antonio e o vigario Antonio José Moreira, que estes homens eram muito suspeitosos. Lembra-me mais que um anno antes de acontecida a revolução, estando Luiz Antonio fallando commigo sobre o estabelecimento de uma nova botica, que pretendia pôr o cirurgião-mór Bernardo de Oliveira Pacheco, e debatendo eu, que isto não podia ser, uma vez que elle era cirurgião, e por consequencia prohibido pela lei de ser boticario, disse Luiz Antonio : antes de um anno eu lhe mostrarei que ha de haver nova botica. Estando ahi presente o tenente-coronel João Gomes Nobre, este batendo na caixa de tabaco disse : talvez antes d'isso.—Não sei quaes serão as consequencias d'estes enigmas senão a revolução que appareceu ; e todos se de-

clarariam revolucionarios se o Illm. Sr. governador não atalhasse, como atalhou este mal tão contagioso, e o dito cirurgião-mór que tambem era do mesmo partido de Carvalho, tendo precisão de ir á villa do Aracaty a examinar-se de boticario para o estabelecimento d'esta nova botica, e requerendo licença ao Illm. Sr. governador, lhe foi concedida não pelos dias, que requereu pela necessidade da sua assistencia para o curativo dos doentes do hospital real militar; e apaixonado por isso o dito cirurgião-mór deixou de ir á viagem pretendida, e disse de publico presente Pedro Antonio del-Villar, que o governador lhe havia de pagar : e de então por diante fallava como os satellites de Carvalho contra o Illm. Sr. governador, e a mim mesmo me disse em uma accasião em que passava o Illm. Sr. governador, vindo da Fortaleza:—lá vem aquelle diabo, os diabos o carreguem:—a isto lhe disse eu, que não fosse tão absoluto, e que tivesse respeito ás autoridades; ao que respondeu;—que não lhe importava, e que se apertassem com elle, que tinha veneno em casa para se matar : e sobre o dito cirurgião-mór ha outra cousa mais, e vem a ser, que vindo á minha casa Antonio Rodrigues Ramos, morador no Siqueira, sendo presente Belchior da Silva Loureiro, disse-me que o dito cirurgião-mór lá estava muito zangado commigo, e perguntei-lhe eu o porque, respondeu-me que não sabia, e continuou a dizer o dito Antonio Rodrigues que por estes quinze dias eu havia ficar sem a botica, isto me admirou, e lhe perguntei como poderia ser isto ? Respondeu-me que o cirurgião-mór era que o dizia, e que fallava com muita certeza : esta verdade provo com o documento junto: e como depois que isto aconteceu, não se passaram os quinze dias prophetisados, e logo d'ahi a tres ou quatro dias appareceu a noticia da revolução: é de suppôr que o dito cirurgião-mór como creatura de Carvalho, e que deve-

ria saber da senha da revolução, vomitasse isto pela paixão que teve de mim, pois é impossivel que todos os satellites de Carvalho não soubessem das intenções do seu chefe Carvalho ; os satellites, torno a dizer, são Luiz Antonio da Silva Vianna, o vigario Antonio José Moreira, Marianno Gomes da Silva, o padre Amaro, vigario de Arronches, que é bem conhecido no Rio de Janeiro pelas habilidades de tirar portarias falsas, o cirurgião-mór Bernardo de Oliveira Pacheco, o tenente-coronel João da Silva Feijó, o capitão-mór Antonio José Moreira Gomes; estes dois talvez já fossem instruidos por Carvalho sobre a revolução para o Rio de Janeiro, por serem todos elles pedreiros livres, inimigos da religião e do Estado, Joaquim Ignacio Lopes de Andrade tambem era do partido, e disse-me o alferes Luiz Rodrigues Chaves, que o dito Joaquim Ignacio ou o vigario, haviam escripto a Carvalho em Soure que viesse, que tudo estava desappercebido, e que isto lhe disséra Antonio André, porta-bandeira d'este batalhão ; e que o dito Antonio André lhe disséra ser voz vaga ; o ministro Albuquerque era tambem do mesmo partido de Carvalho e seu conluio; era muito seu apaixonado, como presenciei quando tive familiaridade com Albuquerque, n'esse tempo que Albuquerque tinha toda a intimidade com Carvalho seu collega, acontecendo algumas vezes fallar em abono do governo do Illm. Sr. governador, Albuquerque se enfurecia, e houve occasiões em que Albuquerque chegou a dizer-me, que se eu fallasse mais em semelhante homem me punha na rua, ao que eu sempre o ia abrandando; e na occasião em que o coronel José Rebello de Sousa Pereira foi para o Rio de Janeiro, Albuquerque tomando as dores por parte de Carvalho, a quem dizia elle, se encaminhava a commissão de Rebello, chegou ao excesso de dizer, que mesmo no Rio o havia de mandar massar com um páo pelos seus amigos, a

quem havia de escrever ; porém todas estas raivas e inimizades cessaram com a prisão de Carvalho; e Albuquerque tornou-se outro homem, e muito respeitador do Illm. Sr. governador, com quem de mãos dadas trabalharam na defeza da capitania, e deu evidentes provas de fidelidade : e sei de facto proprio, porque no tempo da revolução, sendo eu procurador do conselho, fazendo eu uma minuta de uma falla, que de facto recitei no dia quatro de Abril na presença do Illm. Sr. governador, em que por parte do povo agradecia ás providencias com que assiduamente estava obviando o mal da revolução, e lhe offerecia por parte do mesmo povo, as vidas e fazendas de cada um para defeza dos sagrados direitos de Sua Magestade; e sendo esta falla projecto meu, que o communiquei a Manoel do Nascimento Castro e Silva, este approvou, e lembrou que seria de muito proveito nas actuaes circumstancias, que a camara fosse formada ao palacio do governo a praticar uma semelhante acção de fidelidade, que influiria muito ao povo, e aproveitando-me da sua lembrança a communiquei ao vereador mais velho José Agostinho Pinheiro, e o convoquei para irmos fallar sobre isto ao Dr. Manoel José de Albuquerque, que já era ouvidor pela lei, e concebeu este tanta alegria, que pediu para ser o presidente da camara, e que ia trabalhar para fazer a falla que se devia recitar na presença do Illm. Sr. governador, como tudo se realizou, e foi o rasgo de fidelidade do dia seis de Abril de mil oitocentos e dezesete, para o que me offereci para convocar o clero, nobreza e povo que assistiu, e tudo emanou d'aquella minha falla, cuja copia tenho a honra de juntar aqui com o n. 2, e todas as mais acções de fidelidade, que se seguiram : o Dr. Manoel José de Albuquerque dava provas de muita alegria e prazer pelos bons exitos da causa do soberano, e tanta mostrasse elle agora, porque o vejo agora

sem aquella energia como no principio, que abandonando a todos os satellites de Carvalho, vociferava contra elles, e por muitas vezes me disse, que Luiz Antonio, vigario, e os mais eram uns patifes e desavergonhados, e agora está de amizade com todos, e sobre Carvalho não se ouve uma palavra, e parece como arrependido de ter fallado d'elle; esta mudança tão extraordinaria só motivos maçonicos, e da pedreirada a podiam fazer. O Dr. Albuquerque antes da revolução estava differente commigo por motivos de uma medição nas minhas terras com S. José, aconteceu a revolução tornou-se meu amigo, honrando-me com attestações e outros differentes obsequios, e deu lugar a ter commigo aquellas conversas, que tenho dito sobre Carvalho; e agora com a sua chegada declarou-se outra vez differente, sem motivo algum; e supponho que esta differença nasce de eu lhe dizer, que tinha novos factos que jurar sobre Carvalho.

Isto trago aqui para mostrar a volubilidade do Dr. Albuquerque, que não persiste certo em um systema, tem mil accordos em um dia; e queixando-me eu agora a D. Anna da Costa Porto d'esta differença do Dr. Albuquerque commigo, e conversando sobre outras cousas mais sobre Carvalho, e os da sua roda a respeito da revolução, e da bondade do Illm. Sr. governador não prender todos os satellites de Carvalho, e distinguir tanto Albuquerque na acção da prisão de Carvalho, pois que todos eram mais ou menos suspeitosos á vista dos seus procedimentos e conducta, disse-me D. Anna, que estando ella na serra de Uruburetama, onde tambem se achava de correição o Dr. Albuquerque, e o vigario Antonio José Moreira, de desobriga, ambos se hospedaram em casa d'ella, e que o Dr. Albuquerque em um dos dias, que alli esteve, disséra ao vigario, presente ella, que na noite passada tivéra sonhado que Carvalho já tinha chegado á villa da Fortaleza, que o governador o tinha levado

o diabo, e que elles eram chamados; o que o vigario applaudiu muito este sonho: parece que não póde estar mais claro. Disse-me mais D. Anna que em todo o tempo que alli se demoraram faziam á mesa muitas saúdes a Carvalho, e a todos os amigos da roda, deitando abaixo e praguejando ao Illm. Sr. governador, o que era de costume em todos os seus adjuntos. Nada mais tenho a dizer; e torno a segurar com o juramento serem puras verdades o que tenho dito e escripto; e só a causa de S. Magestade, e ter eu a honra de ser seu fiel vassallo me faria declarar todos estes factos,que os conheço muito melindrosos, e apesar de conhecer o perigo, a que me tenho exposto, nada me assusta pela protecção de justiça, que espero no mesmo Real Senhor, e será para mim como de maior satisfação e prazer, o ser sacrificado por motivos de fidelidade, pois nunca haverão forças n'este mundo, que me abalem, e até morrer conservarei sempre a mesma fidelidade ao nosso augusto soberano o muito alto e muito poderoso rei o Sr. D. João Sexto, e á toda a sua real familia da casa de Bragança. Eu tenho motivos para assim o temer á vista das oppressões, que tenho soffrido, e estou soffrendo dos satellites de Carvalho, só por ser eu um mero respeitador das virtudes do Illm. Sr. Manoel Ignacio de Sampaio, governador d'esta capitania: elles não têm perdido de vista um só ponto da minha subsistencia para diminuir os meus interesses, e ver assim aniquilada a minha onerosa familia, em que se contam sete filhos de tenra idade; por um lado se me tem desfalcado das minhas terras o melhor d'ellas, em que consistia todo o seu valor ; por outro lado se tem suscitado de proposito novas padarias para enfraquecer o consumo de minha fabrica; e a final o cirurgião mór Bernardo de Oliveira Pacheco diminuindo o receituario do hospital real militar, não lhe doendo a consciencia de ver perecer a humanidade á falta de remedios, e

arruinar a saude de tão fieis soldados de tropa de linha d'esta capital, de que é cirurgião mór, chegando ao extremo de haver dia, em que havendo mais de quarenta doentes no hospital, receitava remedios, que importavam meia pataca, e outros nada,como melhor ha de constar doreceituario diario no archivo da intendencia; ao mesmo cirurgião mór não contente ainda com a diminuição de mais de metade,que tenho tido nos interesses de botica, alcançou presentemente, pela protecção dos satellites de Carvalho, carta de boticario,e licença de abertura de botica n'esta villa, sendo-lhe pela lei prohibido por ser cirurgião; e jacta-se de ser brevemente boticario do hospital real militar. Omitto de referir outros muitos ataques, que se me tem feito, por não ser tão prolixo, e enfadonho, restando-me unicamente a dizer, que se não fôra o paternal e sempre feliz governo do Illm. Sr. governador já ha muito tempo que a minha familia experimentaria a minha falta; e se por ter sido só, como já disse, respeitador das virtudes do Illm. Sr. governador tenho soffrido todos estes debates, quanto mais deverei receiar se por minha infelicidade os satellites de Carvalho souberem d'esta minha denuncia! Porém entrego-me á divina providencia, á protecção do meu soberano, e ao abrigo do meu governador; e nada temo,porque fallo com a verdade, e vamos a juizo—*Bernardo José Teixeira*—Em tempo lembra-me dizer mais, que no jantar de Arronches, em que fallou muito o vigario Antonio José Moreira, disse-me José Pinto Coelho, que elle fallou com tanta audacia, que disse a José Theodorico, por ser da casa do Illm. Sr. governador que elle vigario fallava assim para elle Theodorico lhe ir dizer mesmo, e que o não temia; e quanto ao cirurgião mór lembra-me tambem, que quando elle andava zangado com o Illm. Sr. governador por lhe não ter dado aquelles dias de licença,que elle tinha pedido para ir ao Aracaty,

me disse que o cirurgião Pedro Antonio del-Villar lhe contára, que o cirurgião mór de Moçambique havia já morto tres governadores com veneno; e que dando-se por isso o cirurgião mór não teve incommodo algum; isso me disse elle como quem tinha gostado da noticia, para applical-a quando lhe parecesse e tivesse occasião. Juro com a mesma verdade acima—*Bernardo José Teixeira.*

1.º DOCUMENTO —N. 1.—Sr. Belchior da Silva Loureiro—Desejo que vossa mercê me faça o favor de me dizer n'esta o nome d'aquelle sujeito, que no dia vinte e seis, ou vinte e sete de Março disse na minha botica, que o cirurgião mór lhe tinha dito que dentro em quinze dias eu havia de ficar sem botica, ao que eu respondendo, que não sabia quem me havia de tirar, uma vez que a real junta me tinha entregado, ignorava esse procedimento, e o julgava impossivel; ao que elle disse, que quando elles querem tudo se faz, eu lhe repliquei: quem são elles, eu não conheço outros superiores senão os deputados da junta, e o seu presidente o Illm e Exm. Sr. Manoel Ignacio de Sampaio, governador d'esta capitania; espero me diga com toda a verdade o que ouviu, se foi isto mesmo, e o nome do homem, que tambem ha de ser ouvido o seu depoimento. Fortaleza, vinte e nove de Abril de mil oitocentos e dezesete. Seu venerador e creado.—*Bernardo José Teixeira.*

Sr. Bernardo José Teixeira.—Presumo ser Antonio Rodrigues, morador no Siqueira; e o que vossa mercê diz é o mesmo que eu ouvi com toda a verdade, e que o dito Antonio Rodrigues dirá. Villa da Fortaleza, vinte e nove de Abril de mil oitocentos e dezesete—De vossa mercê—attento venerador e criado. *Belchior da Silva Loureiro*—Reconheço serem as letras e firmas da carta e resposta retro dos proprios punhos de Bernardo José Teixeira e Belchior da Silva Lou-

reiro, do que dou fé. Fortaleza, dois de Junho de mil oitocentos e dezoito. De meus signaes seguintes, de que uso, escrevi e assignei. Estava o signal publico.—Em fé e testemunho de verdade o tabellião publico—*Antonio de Oliveira Castro*—N. 806—Pagou quarenta reis de sello. Fortaleza, vinte e sete de Maio de mil oito centos e dezoito—*Garcia*—*Faria*.

2.º DOCUMENTO—N. 2.—Illm. e Exm. Sr.—Como procurador da camara, que representa o povo, que V. Ex. tão sabiamente governa, venho gratificar a V. Ex. tantas provas de amor, religião e patriotismo, com que V Ex. tão perspicazmente tem obviado tantos males emminentes a este mesmo povo, que tanto ama e respeita a V. Ex. como fiel representante de um monarcha, de quem temos a ventura de ser vassallos. Igualmente venho offerecer a V. Ex. tudo quanto em particular cada um dos habitantes d'esta villa possue, para defender a corôa do soberano até dar a ultima gota de sangue pela religião, pelo rei, pela patria, e pela honra. Eu me apresso em fazer esta falla a V. Ex. emquanto a camara não vem pessoalmente prestar o devido juramento de fidelidade. Villa da Fortaleza, quatro de Abril de mil oito centos e dezesete.—*Bernardo José Teixeira*—Reconheço ser toda a letra do requerimento, depoimento e copia supra e retro com as suas competentes assignaturas do proprio punho de Bernardo José Teixeira, do que dou fé. Fortaleza, dois de Junho de mil oito centos e dezoito. De meus signaes seguintes, de que uso escrevi e assignei—Estava o signal publico.—Em fé e testemunho de verdade o tabellião publico—*Antonio de Oliveira Castro*.— N. 805—Pagou quarenta reis de sello. Fortaleza, vinte e sete de Maio de mil oitocentos e dezoito.—*Garcia* —*Faria*.

N. 2.—Illm. e Exm. Sr. governador—Depois do meu juramento que remetti a V. Ex. em vinte e nove de Maio, indo

eu a casa do cirurgião mór Bernardo de Oliveira Pacheco na tarde do dia trinta e um do dito mez, e conversando com elle sobre differentes objectos, e por ultimo sobre o curativo da tropa, e disse o cirurgião mór muito colerico: - tomára que caia um raio sobre aquelle hospital, e que leve o diabo tudo que alli está:— e arguindo-o eu que isto não era ser proximo, respondeu-me o cirurgião mór, que se eu quizesse que me fosse bem, fizesse mal, e continuou a dizer:—Deixe estar que por estes quatro mezes se lhe ha de acabar a protecção. Sua Magestade está muito doente da perna, que já não anda, e não durará muito, e com a sua morte isto ha de tomar outra face.—Vim para minha casa banzativo, e porque d'este dizer prevejo funestas consequencias o delato a V. Ex., afiançado a V. Ex. esta verdade com o juramento dos Santos Evangelhos.

Tenho de dizer mais a V. Ex., que no meu juramento, na parte que fallo da conversa que commigo teve o Dr. Manoel José de Albuquerque sobre convicção de crime do ex-ouvidor João Antonio Rodrigues de Carvalho, esqueceu-me dizer, que o Dr. Albuquerque na mesma conversa me disse que vira Carvalho receber duas horas antes da prisão d'este as cartas, que lhe mandou Pamplona do Aracaty, e que Carvalho depois de as lêr entrára para dentro da cozinha, e as queimára. Deus guarde a V. Ex. por muitos e dilatados annos, e que o mesmo Sr. conserve a vossa no governo d'esta capitania, tanto tempo quanto ella o necessita, e a nossa gratidão ambiciona. Villa da Fortaleza, primeiro de Junho de mil oitocentos e dezoito— De vossa Ex. muito prompto e humilde subdito— *Bernardo José Teixeira.*

N. 3. — Anno do nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil oitocentos e dezesete, aos trinta dias do mez de Março do dito anno n'esta villa da Fortaleza de N.

Senhora da Assumpção, capitania do Ceará Grande nos paços do conselho da dita villa, onde foi vindo o Illm. e Exm. Sr. Manoel Ignacio de Sampaio, governador d'esta capitania, e sendo pelo mesmo Exm. Sr. convocado camara, significou que tinha o summo desgosto em ser obrigado por imperiosas circumstancias a vir dar voz de preso, á ordem de Sua Magestade, ao ouvidor d'esta comarca João Antonio Rodrigues de Carvalho, que se achava residindo n'estes paços, em razão do summo respeito e veneração, em que sempre teve esta camara, bem como o amor e desejo de beneficiar este povo, que a mesma camara representa, declarando que lhe era necessario dar busca, e fazer apprehensão em todos os seus papeis, ficando intacto o archivo da camara, e tudo quanto o Dr. juiz de fóra dissesse pertencia ao mesmo Dr. juiz de fóra. O que sendo ouvido por esta camara foi uniformemente respondido que respeitavam muito a vóz do soberano, de que o Ex. Sr. governador se havia servido, e lhe agradeciam muito a sua attenção; do que para constar se mandou fazer este auto, em que assignou o mesmo Exm. Sr. e a camara: e eu *Antonio Lopes Benevides*, escrivão da camara que o escrevi.—*Manoel Ignacio de Sampaio—Manoel José de Albuquerque—Francisco José de Sousa—Manoel José de Araujo—Bernardo José Teixeira.*

N. 4—Illm. e Exm. Sr. governador— Nada mais do que motivos de fidelidade me trazem á respeitavel presença de V. Ex.; factos, que só tem o sello da verdade, me chamavam, como vassallo fiel a depôr na devassa da inconfidencia, porém foram baldados os meus passos, porque apresentando-me ao Dr. ouvidor, este me disse, que não tirava mais testemunhas segundo as ordens régias, e do perdão geral; e como me dizem que os cabeças da revolução não foram perdoados por Sua Magestade, e o que eu tinha a depôr era

sobre o capitão Miguel José de Queiróz,da villa de Quexeramobim, aonde sou morador, a quem julgo um dos associados para a revolução, e eu passo a declarar a V. Ex. os motivos da minha opinião. Quando o ouvidor João Antonio Rodrigues de Carvalho esteve de corr eição na villa de Quexeramobim,nos fins do anno de mil oitocentos e dezeseis,foi Miguel José de Queiroz o unico, com quem o dito ministro se alargou em amizade, de sorte que admirou a todos aquella estreiteza, ou o ministro na casa de Miguel José, ou este na casa do ministro, e por muitas vezes foi visto Miguel José escrevendo cartas no gabinete do ministro. Mandando a a real junta ordem a este ministro para executar a Miguel José, não houve execução a ella, e Miguel José disseme em particular, que o ministro lhe tinha dito, que elle fizesse um pagamento para contentar a junta, e palliar tempo; que isto ia tomar outra face, e que elle Miguel José ficaria então servido. Acontece a infame revolução, todos mostraram coragem a expôr as vidas por Sua Magestade, e só Miguel José de Queiroz se mostrou ferrenho, e nem se soube disfarçar, chegando ao extremo de publicar perante mim, que todos deviam seguir o partido da liberdade, que não só era maior, como melhor; isto mesmo eu o denunciei ao respectivo capitão mór, que se limitou em respondel-o asperamente, e se deixou convencer das suas afectadas desculpas, de que tal nunca disséra, quando na realidade elle o disse perante mim; e tambem o disse em segredo a seu genro Francisco de Borja Magalhães Pinto, a quem Manoel João, famulo que foi de Miguel José de Queiroz, dizer que sobre Miguel José de Queiroz tinha muita cousa que dizer, se fosse chamado a jurar na devassa da inconfidencia. O dito Miguel José era tanto do partido da revolução, que foi quem deu auxilio e concorreu para a fugida do cadete Manoel Januario; pois me disse o sargento

Agostinho de Moraes, que andou nas tropas para a prisão do dito cadete; que não tinha pegado o cadete porque Miguel José o escondia; tanto assim, que por detraz de sua casa achou varios ranchos por onde se escondeu o cadete; e se elle fosse outro Miguel José ficava perdido; e na casa do dito Miguel José esteve um rapaz do cadete; e por estes e outros motivos muito se temeu Miguel José não sahisse criminoso no summario que V. Ex. mandou que eu procedesse, como juiz ordinario; e queria absolutamente ver o que tinham jurado as testemunhas: e alem d'isto Miguel José conhecia-se tanto criminoso, que por differentes vezes que a camara praticava algum rasgo de fidelidade, ou tratava fazer algum officio a V. Ex.; e porque eu era o que estava de mez, e me competia presidir á camara, rogava-me com as mais fortes expressões que lhe cedesse o lugar para elle presidir, dizendo-me que eu não estava nas circumstancias d'elle; e que elle estava de má fé com o povo, e com V. Ex., e assim deixasse elle assignar aquelles actos, que a camara fazia para vêr se era feliz; e se Miguel José não se conhecesse criminoso não fazia isto, acontecendo as vezes vir da sua fazenda Muxuré ás carreiras, quando tinha noticias que a camara estava para officiar a V Ex., e n'estas occasiões acontecia eu estar presidindo a camara, e ceder o meu lugar a Miguel José. Este homem, Exm. Sr., pelo seu genio orgulhoso e revoltante era proprio para a revolução, e por estas circumstancias, que lhe conheceu o ouvidor João Antonio Rodrigues de Carvalho, talvez fosse o motivo porque se estreitou tanto com elle em amizade, e igualmente por ser de uma parentella mui crescida; posto que seus irmãos procedem mui differentemente, e como homens de bem e fieivassallos. O juizado de Miguel José foi um tropel de despostismos e infracções ás leis; e omitto de narrar os factos para não ser enfadonho a V. Ex. que mandando que eu as diga,

estou prompto a obedecer; como tambem deixo de representar a V. Ex. os incommodos que Miguel José me procura com o novo ministro, de quem se jacta de muito amigo. Isto que tenho dito a V. Ex. o juro sobre a minha alma, e sem receio de calumnia, V. Ex. póde levar á real presença; pois seria eu indigno do nome de homem, se por motivos de indefferença faltasse á verdade, e perante superiores, como V. Ex. tão recto e inteiro no seu feliz governo, á cujas providencias vivemos tranquillos.—Deus guarde a V. Ex. por muitos annos. Villa da Fortaleza, quatorze de Maio de mil oito centos e dezoito.— De V. Ex. o menor subdito—*José Monteiro de Magalhães Pinto.*

N. 5— Illm. Sr. Francisco Xavier Torres— Meu amigo e Senhor.— Eu sou sempre igual, e o mesmo, e nada ha que me mude a cabeça, e circumstancias particulares para mim nada são. Estimei desde que entrei no Ceará a V. S., e ainda não tive motivo de mudar, e estou certo que o não terei. Ora pois, se seu cunhado por mim tivesse incommodo, era, e é muito feio que outra pessoa por elle fallasse. Se se podesse servir, a quem o faria eu de mais vontade do que á V. S., de quem sou amigo, e é mano da senhora D. Anna, a quem minha mulher (assim lhe devo ainda chamar, posto que haja quem diga que não) estima? Seja mais ingenuo, e faça de mim outra idéa, certo de que não hei de exigir-lhe nada, e nem mudar de conceito. Sei que sua comadre está, ainda que pouco, melhor, mas protestando que por caso nenhum, e succeda o que succeder, volta, e só me pede que trate de me pôr ao fresco. Eu bem quero, mas quem se aluga pelo S. Miguel, não é seu quando quer. Recommende-me a senhora D. Anna, e Deus lhe dê quanto deseja.— seu amigo fiel e criado— *João Antonio Rodrigues de Carvalho*— Aracaty, vinte e

tres de Junho—Reconheço ser a letra e firma da carta retro e supra do proprio punho de João Antonio Rodrigues de Carvalho, ouvidor que foi d'esta comarca, do que dou fé. Fortaleza, dezoito de Abril de mil oitocentos e dezoito. De meus signaes seguintes, de que uso, escrevi e assignei. Estava o signal publico. Em fé e testemunho de verdade o tabelião publico— *Antonio de Oliveira Castro.*

N. 6—Sr. João Tiburcio Pamplona— Meu venerado Sr. e amigo. Desejo-lhe uma saúde muito feliz em companhia das prendas que estima. Não repare eu não me despedir de V. mercê quando me arrastei para este fim do mundo, porque a pobreza faz um homem impolitico. Logo que tive noticia que chegou o documento para posse do Sr. João Antonio arrastei-me de pé a Ceará, elle disse-me que tinha escripto a vossa mercê perguntando por mim para ir para um officio, mas até n'isso fui infeliz,mas prometteu-me que assim que chegasse n'esta villa arranjar-me no officio da camara, e orphãos d'esta villa; e logo me habilitou, cuja habilitação acha-se dentro de um requerimento na secretaria do governo com o despacho—Não ha que deferir por ora—Agora presentemente o governo dirigiu uma carta de officio a camara d'esta villa,cuja se abriu aos vinte e cinco do presente, mandando suspender o dito escrivão até achar outro idoneo e capaz; assim disse a carta de officio. Ainda que tenha noticia que o Furtado vem para o dito officio, do que duvido muito, por tanto sempre quero fazer a diligencia; conheço que em chegando o Sr. João Antonio passa-me um provimento, porém temo que não vá outro adiantar-se a tirar provisão; e como eu assim que cheguei a este Ceará sempre lhe fui pesado, por tanto presentemente rogo a vossa mercê, pela vida de sua Senhora e dos seus meninos, que me mande procurar a minha provisão por al-

gum seu amigo, que tenha n'aquella villa da Fortaleza;concorrendo com tudo quanto é o costume, que com a conta que d'ella vier, e vossa mercê me mandar, ficando eu encartado do dito officio, tudo mando satisfazer a vossa mercê ou a quem pertencer. E' verdade que alcancei uma carta do sargento mór d'esta villa para o Crasto, inspector, para fazer esta diligencia, pois um navio, que está á duas amarras nunca se perdeu, e a sua é a mais forte, e n'ella é que vou fiado;e assim desejo já ficar arranjado para lhe satisfazer o que lhe devo; e assim desejarei que por falta de diligencia não fique sem o officio, pois estou nas circumstancias de ser admittido por se achar a minha habilitação na secretaria desde vinte e cinco ou vinte seis de Junho passado,e tambem n'este correio escrevo a Sr. João Antonio dando-lhe parte, mais julgo já lá o não achará; tambem escrevo ao Sr. governador sobre esta minha provisão, segundo o que elle me disse quando lhe fallei. Parece que sempre será bom vossa mercê escrever ao mesmo Crasto por causa d'elle já ter a mesma incumbencia, ou aliás a quem vossa mercê melhor lhe parecer; o que desejo é que vossa mercê me faça um tão grande beneficio, por este mesmo correio para não haver mais demora, que toda é prejudicial. Far-me-ha a mercê dar lembranças ao Sr. Belem, e que me mande noticias de Pernambuco. Eu aqui fico n'esta villa do Crato esperando pelas suas ordens.—Deus guarde, vinte e oito de Setembro de mil oitocentos e quinze—de vossa mercê— muito obrigadissimo servo, venerador e criado.—*João Bernardo de Carvalho.*

N. 7—Illm. e Exm. Sr.— Tendo eu na inquirição, a que se procedeu sobre os procedimentos do bacharel João Antonio Rodrigues de Carvalho, ouvidor que foi d'esta comarca jurado que na manhã do dia trinta de Março do anno pas-

sado chegára á janella de minha casa um portador, que entregando uma carta ao advogado José da Silva, de sua mulher, disséra que vinha do Aracaty com cartas a Carvalho, mandado por Pamplona, vindo já de volta de São Gonçalo, onde soube que o ex-ouvidor tinha passado para esta capital, e que tendo chegado n'aquelle instante, ou tinha entregado, ou ia entregar as cartas ao mesmo ex-ouvidor ; de novo ratifico tudo, acrescentando o seguinte : — Hontem passando pela minha porta aquelle portador, perguntei-lhe eu algumas noticias do Aracaty, e depois de satisfazer as minhas perguntas, de contar a causa de sentar praça no batalhão de tropa de linha d'esta capitania, onde actualmente está, e de me dizer que se chamava Manoel Antonio, perguntei-lhe se elle não era um portador que no dia da prisão do ouvidor Carvalho lhe entregára uma carta poucas horas antes de ser preso o mesmo ouvidor, a qual lhe remetteu Pamplona do Acaraty, respondeu-me que era, e que Pamplona lhe tinha recommendado muito que fosse esperar aquelle ouvidor á serra da Uruburetama, a fim de que a carta fosse entregue antes do dito ouvidor chegar a esta capital, e que por vir doente não chegou á serra, e desencontrando-se do mesmo ouvidor no dia vinte e nove de Março encontrára quatro leguas adiante de Soure o comboio do advogado João Damasceno, e do escrivão da correição Antonio Ignacio, e estes lhe disseram que o ouvidor vinha adiante ; voltou e chegando a Soure soube que o ouvidor já tinha partido para esta capital, e por estar muito cançado dormiu alli; e na madrugada do dia seguinte partiu para esta villa, onde chegou de manhã, e foi logo entregar a carta, que era algum tanto volumosa, ao ouvidor Carvalho, que estava hospedado em casa do actual ouvidor pela lei Manoel José de Albuquerque, então juiz de fóra d'esta capital, aonde se achavam varias pessoas :

logo que Carvalho recebeu a carta e leu, mostrou alguma admiração, e disse — já é tarde, — e dando-a ao Albuquerque para ler, este depois de ler disse — tambem Pamplona quer umas cousas que não podem ser — e tornou a entregar a carta a Carvalho, que logo a fez em miudos pedaços, e os lançou por uma janella, que deitava para o quintal, e entraram ambos para o interior da casa; e logo que voltaram para a mesma sala, onde estavam as demais pessoas, disse elle portador ao ouvidor Carvalho, que estava sem dinheiro, e lhe désse alguma cousa para comer, ao que lhe respondeu que se fosse arranjar em outra parte, e ao meio diã fosse jantar; e perguntando-lhe eu se era só uma, carta, respondeu-me que Pamplona lhe entregára só uma que pagou o porte de duzentos réis, porém dentro d'estas vinham outras, que Carvalho depois de rasgar uma as pôz em cima da mesa, que estava na sala. Pouco depois foi preso o ex-ouvidor Carvalho; e logo que V. Ex. sahiu da casa do Albuquerque, onde foi feita a prisão, foi elle portador para jantar, e dizendo ao Albuquerque: — senhor eu sou o portador que vim do Aracaty, e venho jantar; — respondeu-lhe o Albuquerque: — deixa-me com todos os diabos; vai para a cozinha: — e logo depois mandou que elle fosse levar o jantar ao ouvidor Carvalho em um taboleiro. Perguntei-lhe mais se o motivo d'elle sahir n'aquelle mesmo dia para o Aracaty ás nove horas da noite quando recebeu a carta de José da Silva para a mulher, foi porque Carvalho lhe disséra de manhã que se fosse embora e não lhe appareeesse mais, como eu tinha ouvido dizer, respondeu-me que Carvalho não lhe disse mais cousa alguma além do que já fica dito, e que elle não sahiu n'essa noite, e sim na madrugada do dia esguinte. Perguntei-lhe mais para que ia dizendo por todo o caminho que o ouvidor e Marianno tinham sido presos, e

que todos os amigos d'aquelle se iam tambem prender, respondeu-me que elle não, e sim um escravo do vigario d'esta capital Antonio José Moreira, que sahiu na mesma noite do dia trinta de Março com cartas para Manoel Antonio, cunhado do mesmo vigario, que chegou ao Aracaty primeiro do que elle; que quando chegou já Pamplona tinha desapparecido da villa, e que a casa d'este estava com as portas fechadas, e tudo mostrava tristeza, e que o irmão lhe perguntára pelas cartas, e pela resposta; e dizendo elle portador que ainda não estava pago, este lhe déra quatro mil e oitenta réis, resto dos seis mil réis porque foi justo para fazer aquella viagem. E' quanto realmente se passou entre mim e o dito soldado Manoel Antonio, que eu julgo do meu dever participar a V. Ex. para sua intelligencia. Deus guarde a V. Ex. muitos annos, como havemos mister. Villa da Fortaleza, trinta de Maio de mil oitocentos e dezoito. — De V. Ex. Illm. e Exm. Sr. Manoel Ignacio de Sampaio. — Obediente subdito. — *Vicente Ferreira de Castro Silva.*

N. 8. O senhor administrador geral do correio d'esta capitania mande passar por certidão o que dos cadernos competentes da agencia do correio da villa do Aracaty deve constar sobre as pessoas, que n'aquella agencia franquearam cartas, para serem conduzidas por mãos particulares, desde o dia quinze até trinta e um de Março do anno proximo passado de mil oitocentos e dezesete, com as declarações competentes e de modo que faça fé. Villa da Fortaleza, cinco de Junho de mil oitocentos e dezoito. — Estava a rubrica do Illm. Sr. governador. — Cumpra-se como S. Ex. manda. Fortaleza, cinco de Junho de mil oitocentos e dezoito. — *Bricio.* — Certidão. — Certifico que á folhas uma do caderno das cartas franqueadas para serem remettidas

por mãos particulares da agencia do correio da villa do Aracaty pertencente ao anno proximo passado de mil oitocentos e dezesete, consta terem franqueado cartas para serem remettidas por mãos particulares desde dezoito até trinta de Março do corrente anno ás pessoas seguintes, a saber: — Em dezoito para a Fortaleza, Francisco Coelho de Mello uma carta por oitenta réis. — Em vinte para o Sobral, João Tiburcio Pamplona uma carta por duzentos réis. — Em vinte e oito para a Fortaleza, Luiz da Silva Corrêa uma carta por duzentos e quarenta réis.—Em trinta e um para o Sobral,João Tiburcio Pamplona uma carta por oitenta réis. E por ser verdede o referido ao mesmo caderno me reporto, em fé do que passei a presente que assignei em observancia da portaria retro. Villa da Fortaleza, cinco de Junho de mil oitocentos e dezoito. — O official da administração geral do correio— *José Alexandre de Amorim Garcia.*

N. 9. Illm. e Exm. Sr. Governador — João do Rego Barros, morador no termo da villa do Crato d'esta capitania, seguindo viagem para a villa da Fortaleza, chegando á passagem chamada Governo do Rio de Banabuiú, encontrando o dito rio cheio, e querendo passar depois de estar encalhado dia e meio, teve a infelicidade de perder um cavallo afogado, e parte do trem que conduzia, acrescendo a isto a molestia que persegue ao supplicante, um bolo na boca do estomago, e lançando varios escarros de sangue; o motivo porque volta a prevenir-se a montar a cavallo, tendo alivio na molestia, para então dirigir os passos á respeitavel presença de V. Ex., ficando o mesmo supplicante n'esta intelligencia, o que mandará V. Ex. o que fôr servido. Fazenda da Serra, em doze de Abril de mil oitocentos e dezoito. — Reconhecemos ser a letra d'este

papel do proprio punho de João do Rego Barros, por termos d'ella perfeito conhecimento, o que juramos. Villa da Fortaleza, primeiro de Junho de mil oitocentos e dezoito. — *Eufrasio Alves Bezerra.* — *José de Barros e Araujo.* — Reconheço serem as letras das firmas postas ao pé do reconhecimento retro dos proprios punhos de Eufrasio Alves Bezerra, e de José de Barros e Araujo, por terem feito em minha presença outras semelhantes assignaturas, do que dou fé. Fortaleza, primeiro de Junho de mil oitocentos e dezoito. De meus signaes seguintes, de que uso, escrevi e assignei. — Estava o signal publico. — Em fé e testemunho de verdade. — O tabellião publico — *Antonio de Oliveira Castro.*

N. 10. Illm. e Exm. Sr. Governador — João do Rego Barros, morador no termo da villa do Crato, seguindo viagem para a villa da Fortaleza, e chegando na beira do rio Banabuiú, na passagem chamada Governo, achando o dito rio cheio, e sem ter morada, onde se podesse o supplicante agasalhar, commetteu o rio, e teve a infelicidade de perder um cavallo afogado, e juntamente perdeu parte do trem que levava, e atacado de uma molestia que o persegue, erigida de um bolo na boca do estomago, tem lançado varios escarros de sangue; o motivo por onde foi obrigado a voltar a prevenir-se, e ver se melhora, para seguir o intento que tem de chegar á vista de V. Ex., e prostrar-se-lhe como intenta; o que V. Ex. mandará o que fôr servido, e juntamente procurar algum remedio para o ataque que tem. Povoação de S. Matheus, em dezesete de Abril de mil oitocentos e dezoito. — *João do Rego Barros.*

N. 11. Illm. e Exm. Sr. Governador. — Em dias do mez de Novembro de mil oitocentos e dezeseis, estando de

correição na villa de S. João do Principe o Dr. ouvidor, que então era o Sr. João Antonio Rodrigues de Carvalho mandou-me sequestrar parte dos meus bens, sem que devesse eu, ou fosse comprehendido em divida alguma, crime ou civil; e mandando-me recolher á prisão, fez de mim remessa para a villa de Marvão, onde fui solto pelas folhas corridas e certidões dos escrivães da ouvidaria geral d'esta comarca, que juntei, e de nada constar culpa minha, o actual corregedõr mandou-me pôr de posse, e na occasião d'este acontecimento fui a villa do Icó em dias de Dezembro do mesmo anno, e arranjando-me, em casa de João Baptista Mendes, pessoa da minha amizade, lhe communiquei o que me havia feito aquelle mesmo, sem saber a causa; respondeu-me o dito, que era nada; porquanto elle tinha amizade com o ajudante José de Sousa Pacheco, e este ajudante era muito amigo do Revd. vigario d'aquella villa, e o Revd. vigario como ministro fazia tudo quanto queria, e assim por via do dito ajudante prometteu-me, que o dito vigario me daria carta para aquelle ministro, e indo a casa do dito vigario deu-lhe de mim conhecimento, e mandou-me que fosse eu á casa do dito vigario; assim o fiz e o Revd. vigario disse-me,que nada era, e que tendo eu por exemplo feito dez mortes, que o ministro de todas me daria perdão, o ponto era que eu fizesse o que elle vigario me determinasse ; respondi-lhe qne sim, e que tudo faria, e contei-lhe o caso que me havia passado com aquelle ministro, respondeu-me que me calasse, e que eu não sabia o que dizia, e que o Sr. João Antonio não era ministro, era um ministrão, pois que eu ainda no tempo d'elle havia ver em qualquer das villas d'esta capitania passearem sejes e carruagens, e que, não tinha duvida dar-me uma carta, que era o mesmo que breve, porém eu lhe havia segurar a entrega d'ella na mão d'aquelle ministro

pessoal, e que adoeçendo eu em caminho de ninguem a fiasse ; perguntei-lhe n'este caso o que fazia, disse-me que vendo eu que tinha risco de vida, que a queimasse, e que não fiava de mim, fiava do ajudante, pois era quem lhe dava de mim conhecimento, e assim estivesse o ministro na maior publicidade em pessoa lh'a fosse eu levar, e seguisse o que elle me determinasse ; disse-lhe, senhor, o ministro me não quer ver, se elle me prender ? Respondeu-me, que não era capaz o ministro, e que eu não sabia o que levava, por isso pensava tal; respondi-lhe que pessoal a entregava, houvesse o que houvesse, e assim parti : e chegado á villa de Quexeramobim dia de anno bom a tocar Ave-Maria, indo junto commigo Francisco Gomes, morador na fazenda de S. João, vaqueiro do coronel Saraiva, a quem eu pedi ao dito Gomes para me fazer guia á casa do ministro e darme quartel, chegando eu no mesmo instante á porta do ministro, tempo que chegava no mesmo instante adiante de mim uma dança de congos, e tomaram a porta, que não tive lugar de chegar á ella, alli mistica á porta do ministro estava outra porta onde estava arranjado Angelo José, advogado da correição, e sentado na dita porta estava o official Gerardo Manoel, morador em S. João do Principe, que ia em companhia do dito Angelo, e alli me recebeu, e quando foi-se retirando a funcção, que fui entrando, foi-me o ministro batendo a porta antes que chegasse á d'elle, porém não porque o fizesse por mim, mas porque ia por detraz, e entrava na porta de D. Luzia ou de D. Rosa a conversar ; e entrando o official de justiça Gerardo commigo por dentro da casa do Angelo, fui me pôr na porta do muro da tal dona, aonde estava o ministro e outros homens conversando ; e na porta do muro sentei-me, e estava a lua bem clara, até que sahiram varios homens, e por fim sahiu o ministro, e entregando-lhe eu as cartas, perguntou-me que queria eu,

disse-lhe que o Revd. vigario me tinha determinado assim, aliás não teria eu aquella animosidade ; entrou e mandou-me entrar,e depois que leu as cartas mandou-me que procurasse a casa do commandante d'aquella villa Luiz Machado, para me recolher, e com escuro fosse á sua porta, achando fechada empurrasse que achava só cerrada ; assim o fiz, e quando empurrei a porta já o dito ministro estava assentado, e entregou-me tres cartas, uma para o vigario dito do Icó, outra para o vigario do Crato, outra para o coronel Manoel de Sousa Martins, e a mesma recommendação me fez, e alli deu-me uma moeda velha, e tres moedas de tres patacas para gastar no caminho ; e chegando eu a villa do Crato entreguei ao vigario d'ella as duas cartas, ficando com a que levava para o vigario do Icó, que eu mesmo havia ser o portador d'ella ; determinou-me o vigario do Crato que fosse eu sem falta levar aquella carta ao coronel Sousa Martins, aluguei o mameluco Francisco Ribeiro, morador no Engenho das almecegas, a quem dei doze mil réis pela viagem, e tudo para o caminho com promessa que se elle chegasse em treze dias cá dar-lhe mais quatro mil réis, viagem esta que ganham os correios seis míl réis : n'este tempo retirei-me para a casa de um meu irmão na capella de Sant'Anna, onde era capellão o padre Carlos José dos Santos, vindo este á villa n'este tempo que mando o correio, conta ao vigario que eu mandei e não fui. O vigario ralhou contra mim muito, e a tod a pressa mandou o negro Brejão atraz do mesmo portador a tomar-lhe os papeis e leval-os a elle, vindo o dito padre Carlos, e contando-me tornei a alugar ao mulato José Pereira, morador no Passo da Pedra por dezeseis mil réis, e a toda pressa o mandei atraz, para que o meu primeiro portador não entregasse os papeis ao negro, e que elle m'os trouxesse e a resposta d'aquelle coronel, virou-se e disse-me,que eu não contasse mais

com a protecção do vigario de Icó, e nem com a do ministro, porque tinha mandado e não ido onde elle me determinou: disse-lhe que elle me não havia explicado tanto, e que só me recommendou a brevidade e entrega em mão propria, e que alli estavam sem risco algum ; no mesmo instante á minha vista os remetteu para o ministro, estando eu ainda com a carta do mesmo para o vigario de Icó, a espera do portador para a ir eu mesmo levar; e porque n'aquella occasião grassava uma rigorosa secca, e só me botavam com cartas tão apressadas, e não sabia eu o meu exito qual era, senão promessas, fiquei descoroçoado e despersuadido da protecção do ministro e do vigario do Icó, pelo que me disse o vigario do Crato, gastando eu com correios, disse-me um ou dois sujeitos da minha amizade, que no vigario do Crato me não fiasse, por quanto costumava a tirar o serviço de qualquer pessoa, que valia, e por ultimo nada fazia. Seguindo porém, comtudo, eu para o Icó a levar ao vigario a carta, e contar-lhe o que havia acontecido com o do Crato, cheguei a casa do alferes Antonio Prudente, da minha amizade e da do vigario de Icó, communiquei-lhe o que se tinha passado, morador este no Bom-Jesus junto á povoação da Telha, disse-me, que como amigo me dava o parecer, que do vigario de Icó nada esperasse, salvo se eu despendesse com elle muito, e que eu levei a carta d'elle vigario para o ministro, não leu para eu ver o que a meu respeito dizia, foi fechada com lacre, aquentei o lacre e abri, e vi o que dizia, o seguinte : — Meu amigo e Sr.— Estimo a sua saude seja continuada &c. João do Rego Barros portador d'esta de mim se val para que V. S. ponha os olhos n'elle, eu lhe disse que V. S. o havia mister debaixo da sua protecção, elle é esperto e diligente. Chegou o correio de Pernambuco e ficou tudo feliz. Eu tenho recebido parte das promessas dos nossos contemplados ; V. S. não se esqueça

de communicar ao coronel Sousa Martins anticipadamente, que o vigario do Crato é preguiçoso; communique-me como lhe tem ido, &c. Aqui fiquei despersuadido de tudo, e determinei ir para o rio S. Francisco, e como fui arranjar-me por lá, e considerando que podia passar sem andar sujeito, determinei a não dar mais a carta do vigario, que o ministro mandava, e como assim abri-a para queimal-a, e n'ella não fallar mais ; dizia a dita carta o seguinte :—Meu bom amigo. — Pelo seu afilhado João do Rego Barros recebi a sua carta inclusa ás de Pernambuco, que por elle me remette, e me admiro que vossa mercê fiasse d'elle semelhante circumstancia, tendo-lhe eu communicado que n'essa villa só se devia vossa mercê fiar de Francisco Corrêa Motta e Manoel do Espirito-Santo ; porém como vossa mercê o acha capaz, por elle escrevo ao vigario do Crato e ao coronel Manoel de Sousa Martins : vossa mercê esperte ao Sousa, e o dinheiro que tem recebido remetta-o logo ao Tiburcio: eu até aqui a muitos poucos tenho communicado, pelos achar faltos de caracter, exceptuando o amigo Lima, vigario de Arneirós, quem concorre para a nossa feliz dependencia, e se encarregou d'ella inteiramente. — Tres epidemias grassam n'este sertão, sêcca, fome e molestias : eu vou passando agora um pouco carregado de defluxo &c. —Seu amigo obrigado.—Não queimei a dita carta , conservei-a em mim : na occasião da revolução, eu estava impedido sem se conceder passagem a ninguem ; estando eu no termo do Crato n'aquella revolução temi dal-a ao prélo, lá me não tirassem a vida no mesmo tempo, e em dias de Maio de mil oitocentos e dezeseis topei-me com o ajudante Domingos Alves, do meu termo, e communiquei-lhe tudo, e pedi-lhe communicasse ao capitão-mór José Alvares, de quem confiava eu tudo, e passando sete ou oito mezes sem aquelle capitão-mór, nem o ajudante me procurarem, tornei

a escrever ao capitão-mór ; não tive resposta : quando este corrente anno em dias de Fevereiro mandou-me o dito capitão-mór chamar como para negocio, fui a sua casa, disse-me que era para eu ir levar a V. Ex. a dita carta, respondi que eu estava prompto, e que eu estava muito vexado de serviço além da molestia que elle sabia eu padecia, respondeu-me que V. Ex. o estimava, e portanto queria quem e estimasse tambem, e que viesse eu levar a dita carta ; logo em dias de Abril montei a cavallo, e um indiosinho no meio de uma carga, e segui pela estrada de Quixelou, e sahi pelo riacho do Sangue, tempo que não chovia n'aquella occasião, e chegando no riacho do Pimenta toda noite levei chuva, e no outro dia ás oito horas cheguei á fazenda Murici, beira do rio Banabuiú, o passei com agua pela barba, e chegando adiante meia legua no rio Quexeramobim achei-o muito cheio, voltei para o de Banabuiú para o rodear e passar no Cruxatú já o achei cheio, e tomando agua com soberba, voltei para o de Quexeramobim, e na beira d'elle estive até as cinco horas da tarde ; e não tendo casa para onde me recolhesse, todo o dia tinha chovido e inda estava chovendo, gritei, chegou á beira d'elle da outra parte um velho e uma mulher, e disse-me a mulher, que n'aquelle homem me não fiasse, por quanto já tinha sido doudo e ainda andava diliriado, que procurasse eu para baixo que tinha passagem melhor, e que o rio cada vez mais enchia e não vasava ; procurei a passagem chamada Governo, e fiado em um cavallo russo de sella que levava, gordo, e que já o tinha visto nadar, e fiado tambem em mim por já ter passado muitas vezes rios cheios, metti toda a minha roupinha que levava de risco dentro de uma maca de couro de ovelha, papeis e o mais de importe, dinheiro que levava vinte e quatro mil réis, a carta de que trato dentro da algibeira da casaca, que levava dentro de outros papeis, e montei no

cavallo sem sella com a maca na mão, ou braço, e estando quatro ou cinco braças dentro do rio cahiu o cavallo de mergulho, e fui sahir pegado com elle uma estancia pelo rio abaixo, e encontrei em um rochedo de pedras dentro d'agua, que apenas safei-me do cavallo sem saber este o rumo que levou, e ora pegado com a maca, ora fóra d'ella, andei n'esta competencia muito pela agua abaixo, e mergulhando a maca a não vi mais, tempo que já me davam caimbras pelo corpo todo, que por providencia do Altissimo sahi para fóra, perdendo cavallo e tudo o mais, e voltando para o Banabuiú, tempo que chegavam uns homens, que seguiam para a barra do Junqueiro, e passei solicitando um animal; jámais foi possivel achal-o, e assim despido cheguei no outro dia na fazenda da Serra em casa de Ambrosio de Sousa, e logo por um filho do tal que seguia para a villa do Icó com uns soldados a fazerem guarda, por elle participei a V. Ex. por officio, e mandei passar na agencia do correio do Icó, e pelo correio do Icó mandei que fosse remettido o dito officio a V. Ex., e um filho do dito velho Ambrosio de nome Antonio, quem me deu cento e vinte réis para mandar passar o dito officio no correio, e no outro dia entreguei a José Silvestre de Mello, filho do capitão Antonio Gomes Barreto, quem me vendeu por conhecimento duas camisas a credito por seis mil e quatrocentos réis ambas, e chegando á fazenda da Lagôa do Capim, Francisco José de Oliveira me vendeu a credito um cavallo velho e magro por dezoito mil réis, e chegando á povoação de S. Matheus encontrei a Matheus Francisco Barbosa, que seguia para a Fortaleza ver uma Data, e por elle fiz segundo aviso a V. Ex. por officio, não com tanta realidade, por não irem destinados pelo correio competente, e na mesma marcha fui á casa do capitão-mór José Alves Feitosa a communicar-lhe este successo e o achei de cama em este dia vomitado, e só

por outrem mandou fazer uma carta, e mandou-me trazer para a entregar a V. Ex. a qual remetto por via segura. Esta é a verdade d'este facto. Exm. Sr., bem conheço, que V. Ex. me reputará por um impostor ou traidor; porém, Exm. Sr., eu antes que passasse pelas primeiras letras, já a minha natureza me clariava que a quatro votos necessarios eu era obrigado, fidelidade, obediencia, sinceridade e verdade, e esta é a propensão da minha natureza, pois em tudo desejo guardar a fidelidade que os nossos antepassados sempre guardaram aos nossos monarchas, a quem Deus guarde com felicidade e saude, e a V. Ex. para amparo d'esta capitania. — Villa de Campo Maior, dezoito de Maio de mil oitocentos e dezoito.— *João do Rego Barros.*— Reconhecemos ser a letra e assignatura acima do proprio punho de João do Rego Barros, por ter d'ella perfeito conhecimento o que juramos. — Villa da Fortaleza, primeiro de Junho de mil oitocentos e dezoito. — *Eufrasio Alves Bezerra.* — *José de Barros de Araujo.* — Reconheço serem as letras das firmas postas ao pé do reconhecimento retro e supra dos proprios punhos de Eufrasio Alves Bezerra e de José de Barros de Araujo, que na minha presença fizeram outras semelhantes assignaturas, do que dou fé. — Fortaleza, primeiro de Junho de mil oitocentos e dezoito. De meus signaes seguintes de que uso, escrevi e assignei. — Estava o signal publico. — Em fé e testemunho de ververdade. — O tabellião publico — *Antonio de Oliveira Castro.*

N. 12.—Illm. Sr. ajudante Domingos Alves de Góes.—Dou parte a vossa mercê em como o capitão Francisco Fernandes Vieira, sendo notificado o soldado Gonçalo da Costa para ir para os presidios, foi se queixar ao dito capitão Vieira que não podia ir para tal presidio, e que o dito capitão o pare-

cer que lhe deu foi, que se levantasse elle junto com os mais, e que lá não fossem; isto me disse Rita Clemencia, sogra do dito Gonçalo, os quaes moram juntos, e diz a dita que o tal Gonçalo genro d'ella mesmo lhe disséra; com que participo a vossa mercê para que saiba que no nosso districto ha traidores contra a corôa do nosso rei.— Santo Antonio, trinta de Setembro de mil oitocentos e dezesete. — De vossa mercê servo e criado — *Fidelis Domiciano Pereira.*

N. 13.—Illm. e Exm. Sr. Governador.— Vai o sargento Eufrasio Alves Bezerra e as mais pessoas que parece necessarias para o fim que V. Ex. sabe, isto é alguns d'elles, eu os não ouvi, porém me informa o ajudante que elles sabem de algumas cousas, que muitas se vão descobrindo, como seja sobre a funcção do assignado, que já alguns têm fugido, como seja Pedro Pereira de Almeida, que esteve preso no Forte; o commandante Manoel Estacio e outros dizem-me, que o commandante Gonçalo Baptista está passando os gados d'elle todos para o Pajaú: eu desejo que antes que cada um d'estes vá á presença do Sr. ouvidor primeiramente, sejam ouvidos de V. Ex., a quem Deus guarde felizmente. —Quartel do Amaral, quinze de Maio de mil oitocentos e dezoito. — De V. Ex. obediente subdito — *José Alves Feitosa.*

N. 14.—Illm. Sr. capitão-mór José Alves Feitosa.— Inclusos remetto a V. S. essas duas cartas, e verá V. S. o contexto d'ellas, e quero examinar essa circumstancia com mais vagar, pois bem julgo pelas circumstancias que vejo, que estamos com patriotas no nosso districto.—Quartel do Embuseiro, treze de Maio de mil oitocentos e dezoito.— Deus guarde a V. S.— *Domingos Alves Góes.*

N. 15.—Illm. Sr. ajudante Domingos Alves Góes.—Com esta dou parte a vossa mercê em como a Florencia, mulher de Manoel Ferreira, chegando n'esta Serra Nova, contou a uma minha irmã em como o capitão Francisco Fernandes Vieira era patriota, pois lhe contára uma pessoa da casa do dito capitão, e que vira até quando elle se assignou, e que rogára muito a mulher para se assignar tambem, mas que elle nunca quiz, e que só ella e a mulher do capitão Manoel Mathias, não, o mais tudo era, e que tambem o Francisco Fernandes andava muito triste, a mulher era a que animava para que não fosse descoberto, e é o que se me offerece a dizer á nobre pessoa de vossa mercê, a quem Deus guarde. — Quartel da Serra Nova, quatro de Maio de mil oitocentos e dezoito. — *Francisco Ferreira de Brito.*

N. 16.—Illm. Sr. ajudante Domingos Alves Góes. — A' minha casa veiu uma escrava de João d'Oliveira, disse-me que um afilhado do capitão Francisco Fernandes de nome João Batalha viu e assistiu quando o dito capitão assignou-se no livro do ouvidor João Antonio quando aqui andou; e como tenho esta certeza faço a vossa mercê sciente para vossa mercê ficar certo quem elle é, e tambem na mesma occasião assignou-se o vaqueiro da dita casa, que o dito mesmo me contou.— Deus guarde a vossa mercê.— Santo Antonio, doze de Maio de mil oitocentos e dezoito. — *Fidelis Domiciano Pereira.*

N. 17.—Illm. e Exm. Sr. governador.— Sendo eu notificado por officio do meu capitão Francisco Fernandes Vieira, para notificar os soldados e me achar na villa para assistir ao acto da solemnidade da acclamação do nosso soberano no dia 12 de Maio, como mostro com officio junto, que não está assignado pelo dito capitão, fui para a villa, e

no dia da solemnidade o ajudante Domingos Alves Góes mandou que eu fosse para onde estava o meu capitão, e que o Sr. capitão-mór mandava que elle fosse para o quartel do commandante Gonçalo Rodrigues a unir-se á sua companhia e marcharem então unidos; achei o meu capitão fazendo a barba e quando acabou lhe dei o recado, e me perguntou o capitão, então o ajudante mandou que vá por obsequio ou por ordem superior? lhe respondi eu que o Sr. ajudante mandava por ordem superior, que de obsequio elle não carecia; disse o capitão—pois o ajudante me devia officiar por um officio, e assim vá vossa mercê e lhe diga que se é por ordem superior ou por obsequio, que elle me mande dizer; fui eu aonde estava o ajudante e lhe disse isto mesmo, e o ajudante mandou-me que eu fosse dizer ao meu capitão, que se elle o tinha mandado chamar era por ordem do Sr. capitão-mór, e que se elle quizesse ir que fosse, ou não fosse, vim eu e lhe disse o recado, me respondeu que estava entendido, e d'ahi a pouco passou o capitão de casaca pelo quartel do commandante e não chegou ao lugar onde estava a sua companhia, e d'ahi desceu para a casa de um comboeiro, e quando fomos todos para a casa do Sr. capitão-mór lá vi o capitão; não tenho lembrança se ainda estava de casaca ou de farda. Estando eu commandando o presidio do lugar das Porteiras, e como os soldados já estavam muito estropiados e mortos á fome, escrevi eu ao alferes André de Araujo Pereira, que estava commandando a companhia, para que me mandasse nova esquadra para o presidio, e o alferes mandou notificar ao cabo de esquadra Nazario para vir para o presidio com os soldados e tendo o dito cabo notificado os soldados, e estando tudo prompto foi procurar uma rez para matar para o mesmo sustento do presidio; e como n'isto gastou muitos dias, e conhecendo elle a demora, e para não vir mais para o pre-

sidio, valeu-se de uma licença antiga que tinha do capitão e apresentando-a ao capitão, e sabendo este que elle estava notificado para aquelle presidio, e além d'isto não estava elle commandando a companhia e sim o alferes, apesar de tudo isto pôz o cumpra-se, e o Nazario veiu para o Aracaty, e foi causa de estar o presidio sem gente mais de quinze dias, até que chegou o reforço; e estando n'este entretanto eu só mais um soldado no presidio. Indo Manoel Ferreira com sua mulher Florencia e arranjando-se em casa do meu cunhado Francisco Alves Maia, disse a mulher de Manoel Ferreira a a minha irmã Anna, casada com este meu cunhado, que um afilhado de Francisco Fernandes, que me parece ser João Batalha, que havia dito ella que viu quando o seu padrinho Francisco Fernandes se tinha assignado por patriota, e que rogou muito á mulher para tambem se assignar e que ella chorou muito, e que não se quiz assignar, e que quando marcharam as tropas o seu padrinho andava muito triste, e que a mulher lhe dizia que não andasse assim, que era fazer se culpado, que agora rolasse a cousa para diante e não se d'esse a conhecer; e sobre se assignar por patriota é publico e notorio que o capitão Gonçalo Baptista, o vigario Antonio José de Lima, o pai do vigario, o alferes Joaquim Pinto, o tenente Gonçalo Rodrigues, o capitão João de Araujo e Antonio da Motta se assignaram por patriotas, quando o ouvidor andava por S. João do Principe, e que só a mulher de Francisco Fernandes e a mulher de Manoel Mathias foram as que se não assignaram, e o que mais tudo que era de familia dos Cracarás estavam mettidos na irmandade. Vindo nós do Inhamum nos seguiu Francisco Fernandes solicitando para onde iamos, e em uma manhã ao meio dia, encontrou-se com o meu moleque Francisco que ia pear os cavallos, e por elle me mandou lembranças, e elle sabe de todos que agora viemos, e não deixo de receiar incom-

modos, porém não esmoreço, porque V. Ex. é governador d'esta capitania, que protege os fieis habitantes, em cujo numero tenho o prazer de ser um, que com as mãos no livro dos Santos Evangelhos juro tudo o que tenho dito. — Deus guarde a V. Ex. por felizes annos. — Villa da Fortaleza, primeiro de Junho de mil oitocentos e dezoito.—De V. Ex. soldado muito fiel— *Francisco Ferreira de Brito*.—A rogo de Francisco Ferreira de Brito escrevi o presente por elle não o poder fazer, e só se assignou depois de lido, e achar conforme ao que me dictou.— O tabellião, *Antonio de Oliveira Castro*.

N. 18.—Sr. sargento Ferreira de Brito. — Incluso remetto a vossa mercê dois officios vindos do Illm. e Exm. Sr. governador, que me dirigiu o nosso sargento-mór por ordem do Sr. capitão-mór, para vossa mercê cumpril-os á risca como n'elles se contém e ordena S. Ex. Além do que contêm n'estes officios ordena o mesmo capitão-mór, que vossa mercê não consinta de fórma alguma e de seus districtos saiam para fóra da capitania gado algum vaccum e cavallar, mantimentos para fóra da capitania, nem consinta que entre ou sáia pessoa alguma para as capitanias de Pernambuco, Parahiba e Rio Grande; e todo aquelle que trouxer cartas, ou papeis sem serem carimbados em alguma das agencias d'esta capitania, seja preso o conductor d'elles, e tanto os papeis, como o conductor sejam remettidos á cadêa d'esta villa; e da mesma fórma sejam presos os conductores de gados, e extraviadores de mantimentos para fóra das capitanias apontadas; tambem determina o mesmo capitão-mór que no dia doze do presente mez se ache vossa mercê na villa com os soldados que mais commodamente possam tambem irem para para assistirem ao acto de solemnidade que se ha de fazer no dia treze do mesmo mez de Maio.—

Santo Antonio, primeiro de Maio de mil oitocentos e dezesete.

N. 19.— Illm. Sr. ajudante Domingos Alves de Góes.— Meu respeitavel senhor, incluso remetto o officio do capitão Francisco Fernandes, que vossa mercê me manda pedir, porém já vai assignado com o seu proprio punho, pois aqui o veiu procurar e assignou ; o Sr. Salles não está em casa, anda no Brejo, quando chegar o farei sciente. Estimo a sua saúde e de tudo quanto lhe pertence, como tambem a sua boa chegada, e que tivesse boas felicidades para gosto de quem o estima. Meu amigo eu vivo com poucas esperanças de vida pelos grandes ataques que padeço de molestias, sobretudo vexa-me uma que sinto no interior, porém consolo-me com a vontade de nosso bom Deus, que de tudo é servido, e o mesmo o guarde como lhe deseja quem se confessa ser — De vossa mercê amigo muito amante e venerador.— *Francisco Ignacio de Loiola.*— Caissára, nove de Maio de mil oitocentos e dezoito.

N. 20.— Sr. cabo de esquadra Francisco Ignacio de Loiola.— Incluso remetto a vossa mercê dois officios vindos do Illm. e Exm. Sr. governador, que me dirigiu o nosso sargento-mór, por ordem do Sr. capitão-mór, que vossa mercê não consinta de fórma alguma e de seus districtos saiam para fóra da capitania, gado algum vaccum e cavallar, e mantimentos para fóra da capitania, nem consinta que entre, ou saia pessoa alguma para as capitanias de Pernambuco, Parahiba e Rio Grande, e todo aquelle que trouxer cartas e papeis sem serem carimbados em alguma das agencias d'esta capitania seja preso o conductor d'elles, e tanto os papeis como o conductor sejam remettidos á cadêa d'esta villa, e da mesma fórma sejam presos

os conductores de gados e extraviadores de mantimentos para fóra das capitanias apontadas. Tambem determina o mesmo capitão-mór que no dia doze do presente Maio se ache vossa mercê na villa com soldados da sua esquadra que mais commodamente possam tambem ir para assistir o acto de solemnidade que se hade fazer no dia treze do dito mez. — Deus guarde a vossa mercê muitos annos.— Souto, primeiro de Maio de mil oitocentos e dezesete. — *Francisco Fernandes Vieira.*

N. 21.—Illm. e Exm. Sr. governador.—Eu o que tenho a jurar, e juro aos Santos Evangelhos é que conversando eu com Rita Clemencia, me disse ella, que indo seu genro Gonçalo da Costa, valer-se do capitão Francisco Fernandes Vieira, a pedir-lhe escusa de não ir para os presidios, para o que fôra notificado; o capitão depois de lhe dar a escusa, lhe disse, porque elle se não levantava assim como os outros se tinham levantado, e passado isto, e em minha ausencia veiu o tal Gonçalo da Costa, e contou isto mesmo a minha mulher que me o disse. Conversando eu em outra occasião com João Paulo, escravo de João de Oliveira, d'isto que dizia o soldado Gonçalo da Costa, me disse o João Paulo que o João Batalha afilhado do capitão Francisco Fernandes lhe tinha dito que elle viu quando seu padrinho se assignou no livro dos patriotas, quando o Dr. ouvidor esteve em sua casa em Santo Antonio, e que tambem elle viu o vaqueiro de seu padrinho o Antonio Martins se assignar no mesmo livro, e sobre isto é uma voz publica, que no tal livro do ouvidor se assignaram o capitão Gonçalo Baptista, o vigario Antonio José de Lima e seu pai. E' o que tenho a dizer a V. Ex., a quem Deus guarde por muitos annos.— Villa da Fortaleza, dois de Junho de mil oitocentos e dezoito.— De V. Ex.— Soldado muito obediente.

— *Fidelis Domiciano Pereira.* — A rogo de Fidelis Domiciano Pereira, escrevi este por não poder escrever, e se assignou sómente na minha presença depois de me ditar e eu lh'o ler, que o achou conforme.—O tabellião —*Antonio de Oliveira Castro.*

N. 22.—Illm. e Exm. Sr. governador.— Tendo eu dado alguns avisos por escripto e de viva voz ao meu tio o capitão-mór José Alves Feitosa, este me mandou que viesse jurar aquillo mesmo na devassa de inconfidencia, e chegando n'esta villa no dia vinte oito do corrente, achei a devassa finda pelas ordens de Sua Magestade. Se a legalidade que se exige para authenticar aquellas mesmas participações é a falta de juramento, eu o juro aos Santos Evangelhos, que o sargento Arnaut de Sousa Barros, me disse, que elle tinha visto e presenciado a Francisco Xavier dos Santos, dar vivas á liberdade com a noticia da revolução do Cariri; e que a isto assistiu o capitão Gonçalo Baptista, porém, que este nada dissêra ; e quando o dito Francisco Xavier disse ao capitão Gonçalo Baptista que era tempo d'elle se vingar do capitão-mór José Alves, respondêra o capitão Gonçalo que deixava para quando subisse aquillo para o Inhamum, e que isto aconteceu em casa de Alexandre da Silva Pereira no Assarésinho no tempo da revolução ; quando chegou alli a noticia da prisão do Dr. ouvidor Carvalho estando eu na casa do vigario Antonio José de Lima, em um domingo, estava na sua casa muita gente e a conversar sobre a prisão do Dr. ouvidor, e disse o vigario que tinha sido injusta, porque elle era muito bom rapaz; a isto respondeu um dos que diziam, uns que era por elle ser pedreiro livre, outros porque elle era revolucionario ; respondeu um dos que alli estava e que não pôde ver, porque estava da parte de fóra na janella, que tambem se dizia que elle vigario era pe-

dreiro livre, ao que elle respondeu, é assim mesmo que dizem isso, porém que elle não era ; que era verdade que elle se tinha assignado em um papel do ouvidor, porém, que ainda não tinha podido saber para o que era, isto eu ouvi e presenciei, e José de Barros de Araujo tambem estava ahi, com quem eu disse quando ouvi o vigario dizer aquillo, haveria homem que tal diga em semelhante tempo. Em outra occasião estando eu em casa do mesmo vigario, este entrou a fallar sobre a boiada que o capitão-mór mandou apromptar para ir para a tropa, e dizendo que o capitão-mór deveria ter mandado ajuntar aquella boiada dos bois de suas fazendas e não pela Ribeira, e que se elle quizesse fazer offerta a Sua Magestade fizesse do que era seu e não do alheio ; e por estas e outras cousas sahiu o alferes Gabriel de Moraes Rego, que era sobrinho do capitão-mór, a defender aquillo que dizia o vigario e tiveram seu argumento; e por fim disse o vigario que oito bois seus que tinham ido na boiada fazia de conta que os tinha dado ao diabo. Sobre o dito vigario me disse João Ferreira, sobrinho de Manoel Estacio, conversando eu com elle na Serra Nova de meu sogro o ajudante Domingos Alves Góes, que elle João Ferreira tivéra ordem do dito seu tio Manoel Estacio para fazer uma notificação dos povos e passar revista no Brejinho onde o tio devia de estar com mais povo e junto descerem pela ribeira dos Bastiões, e irem pelo Arneirós apresentarem-se ao vigario, que era quem estava entendido de todas as ordens ; e sobre aquillo do vigario dizer que se tinha assignado em um papel do Dr. ouvidor, isto eu tinha ouvido dizer publicamente ; que quando o Dr. ouvidor estava a chegar no Inhamum nos fins do anno de mil oitocentos e dezeseis, o capitão João de Araujo Chaves, o vigario, o pai do vigario, Antonio José dos Reis e o capitão Francisco Fernandes Vieira sahiram juntos de

Arneirós para a Timbaúba, fazenda do capitão Gabriel de Moraes Rego, e ahi estiveram nove dias, e d'ahi sahiram para a povoação da Cruz a umas festas, aonde esperaram pelo Dr. ouvidor, ajuntando-se tambam o capitão Gonçalo Baptista, Antonio da Motta Sousa, e no Arneirós dizem que foi aonde se fez um assignado com o Dr. ouvidor ; isto não sei de vista, porém voz publica, e nem os que assistiram me disseram, porém é uma cousa notoria que houve tal assignado. Eu tambem disse a meu tio o que me havia acontecido em Pernambuco, e o mesmo passo a contar a V. Ex.—Indo eu de Piancó a Pernambuco a fazer um pagamento ao coronel Bento José da Costa,por José dos Santos, irmão de Manoel dos Santos e trazer mais fazenda para o dito, quando entreguei os quatrocentos mil réis do pagamento, perguntou-me o coronel de que familia eu era e aonde morador: disse-lhe que no Inhamum; perguntou-me o coronel se eu conhecia o capitão-mór José Alves Feitosa; disse-lhe eu que era meu tio ; ahi fez-lhe muito elogio, e que desejava communicar-se com elle, e logo me perguntou o porque eu não negociava: eu respondi-lhe porque era pobre: disse o coronel, quer você entrar em uma sociedade? E entendendo eu ser de negocio, disse-lhe que sim, e offertou-me um conto de réis de fazenda: disse-lhe que fazenda não, porque não tinha cavallos para a conduzir ; disse o coronel que sim, que querendo eu a sociedade não teria duvida de me dar parte em dinheiro e que eu seria feliz, e que me dava nove annos para pagar, e fiquemos n'isto, e me disse o coronel que eu viesse na sexta-feira para fecharmos o negocio, chegou o dia fui á sua casa e o achei com dois homens, chamou-me de parte e me perguntou se eu trazia dinheiro, respondi-lhe que não, e mettendo elle a mão na algibeira deu-me cincoenta mil réis e me disse o acompanhasse, chamou os dois homens e sahimos nós qua-

tro, e fomos pelo convento da Penha e entrámos em uma casa aonde achamos uma mesa posta e muitos clerigos e frades, que eram mais que os homens de casaca, e um dos padres foi dizendo, já tardava Sr. coronel: isto havia de ser pelas oito ou nove horas do dia, e logo todos se foram assentando á mesa, e o coronel mandou-me assentar, e eu me assentei, ficando arredado d'elle, tendo no intervallo quatro homens; principiou a comida e a fazer-se muitos brindes, e alguns entendi serem commigo, chamando-se-me maçon de quinta classe; aqui fiquei eu desconfiado, continuou-se, e emfim acabou pelas onze horas, e ao sahir disse um conego, que lhe disseram que se chamava Dr. Bernardo, que ainda não tinha dito missa e que a ia dizer, isto me fez impressão, e por isso indo eu com o coronel pedi-lhe licença que ia ouvir missa; disse-me o coronel; que quando acabasse fosse para sua casa; e quando me desapartei do coronel segui o padre que entrou na matriz de Santo Antonio, revestiu-se e foi para o altar, e como presenciasse isto não quiz ouvir a missa e sahi da igreja e fui para a casa do coronel, que não quiz que eu sahisse d'ahi; e quando foi de tarde pelas seis horas chamou-me o coronel e me perguntou se eu tinha dinheiro, disse-lhe que tinha o que elle me deu; disse elle, é pouco, e me deu mais cem mil réis, e que o acompanhasse, fui, e entramos na mesma casa, aonde achei mais gente que pela manhã, entrou o coronel com todos para uma sala e fiquei eu só na primeira, e depois sahiram e fomos cear, onde houveram os mesmos brindes; acabada a cêa espalharam-se alguns, e chamou-me o coronel que era occasião de assignar-se, eu que cuidava que era sobre o negocio entrou o coronel adiante na segunda sala da parte direita e eu atraz segui ao coronel para um quarto pequeno que tinha uma luz, e no chão estava a imagem do Senhor Crucificado; eu quando vi a imagem e

o coronel passar por cima fiquei fóra de mim, disse o coronel que entrasse, eu lhe respondi que d'alli não passava: disse o coronel, e então teve medo do que viu? Eu para disfarçar com temor de que me não matassem, respondi que não me fez medo, porém estava indisposto: disse o coronel, está bom, o que não se faz em um dia far-se-ha em outro; sahiu o coronel do quarto e eu adiante, e ao sahir na sala disse o coronel, o maçon temeu, e logo sahimos todos, e eu segui com o coronel e com tanto medo que não quiz mais entrar na sua casa; voltei da porta e procurei a Boa-vista, e entrei na casa do ourives Francisco dos Santos que era do meu conhecimento e lhe contei tudo isto que me tinha acontecido, ao que me disse, que aquillo era uma irmandade do demonio e que eu me sumisse, o que assim fiz, e ao amanhecer do dia sabbado sahi e nem procurei mais a fazenda que tinha de levar para José dos Santos, e em Goiana foi que comprei a fazenda. — O que acabo de dizer a V. Ex. aconteceu-me no anno de mil oitocentos e onze, e tudo que tenho dito affirmo a V. Ex. de ser verdade, assim como é verdade, que tanto se receia o capitão Francisco Fernandes, que sabendo que nós vinhamos do Inhamum nos seguiu até Quexeramobim indagando se nós iamos para o Dr. ouvidor José Raymundo ou para o Ceará. Quando V. Ex. quizer e fôr preciso que eu venha jurar perante o ministro estou prompto; móro na fazenda do Imbuseiro, sou casado e sargento de ordenanças, com trinta e dois annos de idade. — Deus guarde a V. Ex. muitos annos.—Villa da Fortaleza, trinta de Maio de mil oitocentos e dezoito.—De V. Ex.—soldado e subdito.—*Eufrasio Alves Bezerra.*—Reconhecimento.—Reconheço ser a letra e firma do officio retro do proprio punho de Eufrasio Alves Bezerra que me disse ser sua, e na minha presença fez outra semelhante assignatura, do que dou fé. — Fortaleza, primeiro

de Junho de mil oitocentos e dezoito. De meus signaes seguintes de que uso escrevi e assignei.— Estava o signal publico. Em fé e testemunho de verdade.— O tabellião publico— *Antonio de Oliveira Castro.*

N. 23.—Illm. e Exm. Sr.—Juro aos Santos Evangelhos, que sei por ver e presenciar, que indo eu a casa de Alexandre da Silva Pereira, na alagôa da Pedra do Assaré a comprar duas varas de morim a um mascate, que estava arranchado na sua casa, chamado Francisco Xavier dos Santos, achei ahi o capitão Gonçalo Baptista, que andava em junta de dizimos, e tendo comprado o panno entrou a conversar o dito Francisco Xavier, e tirou por uma carta do commandante Joaquim Pereira, em que o tratava por patriota; e pôz-se a lêr muitas vezes, e eu lhe pedi para lêr, e dizia a carta assim :—Patriota Sr. Francisco Xavier dos Santos.— Não vou pessoalmente aos seus pés, como devêra e pretendia, por me chegar um officio do patriota Sr. capitão-mór José Pereira Filgueiras para passar uma revista a vinte e dois d'este, e ao depois d'ella passada por um presidio.— Não me lembro do resto, e é mais ou menos palavras, e acabava com tres ou quatro vivas, e me lembro que era; viva a patria, viva a religião; o mais não me lembra, e a isto assistiu Antonio Ferreira de Almeida, e foi quando eu soube que o brado estava alevantado, e disse Francisco Xavier : viva a patria Sr. capitão Gonçalo Baptista, e o capitão Gonçalo abaixou a cabeça, e não disse cousa nenhuma ; disse o Francisco Xavier por mais duas vezes : viva a patria Sr. capitão Gonçalo, e como elle não dizia nada, disse o Francisco Xavier : se vossa mercê estivesse na minha terra ou no Crato, vossa mercê havia de dar viva a patria, ou vossa mercê se está guardando para dar os vivas quando isto fôr para o Inhamum ? Senhor capitão grite viva a patria; se eu

fosse vossa mercê gritava, viva a patria, só para fazer acintes ao José Alves Feitosa, que é seu inimigo; respondeu o capitão Gonçalo: eu não o tenho por meu inimigo; e eu me levantei e disse ao Francisco Xavier: vossa mercê não diga isto, e nem vexe ao Sr. capitão para gritar viva a patria, porque com isto o Sr. capitão não faz deshonra nenhuma ao Sr. capitão-mór José Alves, porque é um homem muito honrado, e se o Sr. capitão dissér isto faz mal a si, e não ao Sr. capitão-mór. Calou-se o Francisco Xavier, e eu me retirei para a casa de meu sogro Francisco Ferreira de Almeida, que mora uma legua distante de Alexandre da Silva Pereira, e logo eu fui a casa de João do Rego Barros, que tambem estava morando alli, e lhe perguntei que diabruras eram aquellas de tantas confusões, que vi uma carta de Joaquim Pereira, e contei tudo, e João de Barros me disse que tambem tinha ido ao Assaresinho, e tinha visto aquella confusão; e d'ahi a tres dias estando eu na casa do dito meu sogro ouvi muitos tiros para as partes do Assarezinho, e fui logo á casa de João do Rego e lhe perguntei, que confusão era aquella, disse João do Rego que era o diabo, e que ouvira dizer que o José Martiniano vinha para Inhamum, porém, que elle já tinha feito seis balas que me mostrou, e que se algum adiante d'elle gritasse viva a patria, que o mostrava, e vinha para o Ceará e me convidou para estar prompto, e indo n'esse mesmo dia o meu sogro á casa de Joaquim Cardoso, quando veio lhe perguntei eu a razão d'aquelles tiros, me respondeu que lá tinha ouvido dizer, que eram vivas pela restauração do Crato, e que outros diziam que foram vivas á patria; e antes de haver estes tiros andou por alli o genro de Manoel Estacio, a notificar o povo para uma revista no Brejinho, e foi notificado meu sogro Joaquim Cardoso, e seu filho José do Espirito Santo e outros, em cujo numero entrou Antonio Fernandes, tenente de

cavallaria, que me disse que respondêra ao notificante que lá não ia, e que o officio não era do capitão-mór José, digo, e sim de Francisco Pereira Maia, que fizéra o dito officio em nome do capitão-mór José Pereira; e como houve a restauração vieram outra vez a notificar para não irem mais ao Brejinho, e na primeira notificação que fez o genro de Manoel Estacio que era europêo, quando notificou a João do Rego este lhe perguntou que cousa era aquella, e se não havia mais governo, e que respondêra o tal, que o Sr. governador já estava nos *de profundis*. A respeito do capitão Gonçalo Baptista, me disse o commandante Domingos Maciel, que é o vaqueiro e procurador da fazenda do Pilar, que conversando elle com o capitão Gonçalo Baptista sobre o Francisco Xavier, e a razão porque o não prendeu, que lhe respondêra o capitão Gonçalo, que não o prendeu porque estava no termo do Crato, e que se estivesse no termo de Inhamum o prendia; e que pela pascoa fallando n'isto com o dito capitão Gonçalo em S. Matheus, este adiante de varias pessoas negou que tal cousa nunca disséra de não prender a Francisco Xavier por estar no termo do Crato; e ao depois passando o capitão Gonçalo pela sua porta viéra de proposito dizer-lhe que se tinha lembrado, e era verdade lhe ter dito aquillo de não prender a Francisco Xavier, que n'aquella ribeira lhe chamavam o Pedreiro. E quanto a Joaquim Pereira não foi só aquella carta que elle escreveu de patriota a Francisco Xavier: é publico que elle escreveu aos cabos de esquadra Manoel Ribeiro do Pinga, e Antonio Ferreira de S. Gonçalo para notificar os povos para na povoação de Sant'Anna dar-se um viva á liberdade, e meu sobrinho Feliciano me disse que Joaquim Pereira mandou por elle notificar povos para estes vivas, e que para este fim o commandante Joaquim Pereira mandou limpar o pateo da capella, e eu vi o pateo limpo, e que se não deu o

tal viva porque n'este entretanto houve a restauração do Crato, e que o dito commandante ainda puzéra presidios na Boa Vista do Taboleiro da Cobra. E' o que sei, e juro sobre a minha alma. Deus Guarde a V. Ex. por muitos annos.—Villa da Fortaleza, o primeiro de Junho de mil oitocentos e dezoito.—De V. Ex. soldado muito fiel e obediente.—*Arnaut de Sousa Barros.*—A rogo de Arnaut de Sousa Barros escrevi o presente por elle o não poder fazer, e só se assignou depois de lido, e achar conforme ao que me dictou.—O tabellião —*Antonio de Oliveira Castro.*

N. 24.—Illm. e Exm. Sr. governador.—Eu sou morador no Saboeiro, e quando o Dr. ouvidor passou ahi, arranchou-se em casa do capitão Gonçalo, em que morava o irmão o padre João Fernandes, e quando sahiu d'ahi foi arranchar-se em casa do capitão Francisco Fernandes, e do alferes Joaquim Pinto, passou, e sei que o capitão Gonçalo Baptista foi quem deu cavallos e matalotagem, para o Dr. ouvidor vir para S. João do Principe ; e todo o mundo falla da gente do Bracará que estava mettida n'esta diabada da revolução, e João Batalha me disse que o padrinho o capitão Francisco Fernandes Vieira andava muito triste, e que elle não havia de morrer por isso, e Manoel de Jesus que trabalhava na casa do mesmo capitão sabe d'isto, e o Florencio genro de Ignacio da Silva Cavaco me disse conversando sobre o boato da gente do Cracará estar envolvida na revolução, que elle mora com o tenente Gonçalo Rodrigues Lima, e que dizia que elle tinha sido um dos pedreiros livres que se tinha assignado no papel do ministro. O capitão Francisco Fernandes teme tanto o seu crime, que pôz-se em nosso seguimento desde a villa até Quexaramobim só perguntando para onde nós vinhamos. Eu móro como já disse no Saboeiro e vivo entre esta familia e não posso

negar que é uma gente sem consciencia e sem caridade. E' só o que sei, e mais nada, o que juro aos Santos Evangelhos. — Deus guarde a V. Ex. muitos annos. — Villa da Fortaleza, primeiro de Junho de mil oitocentos e dezoito. —De V. Ex. o menor e humilde soldado — *Felix Antonio Carneiro*. — A rogo de Felix Antonio Carneiro escrevi o presente por elle o não poder fazer, e só se assignou depois de lido e achar conforme ao que me dictou.—O tabellião — *Antonio de Oliveira Castro.*

N. 25.—Illm. e Exm. Sr. governador. Estando na Serra Nova do ajudante Domingos Alves de Góes alimpando um roçado meu, fui notificado por ordem do sargento-mór João de Araujo Chaves para me achar em Arneirós, e porque quando chego já a cavallaria tem marchado para o Saboeiro, segui e me uni á minha companhia, que é do capitão Manoel da Costa Braga, e fui com a tropa legua e meia, de onde voltei por ser tirado para a guarda da cadêa da villa de S. João do Principe, porém quando a tropa marchou eu estava fóra, porque quando eu cheguei já ella estava de marcha, e estive junto do capitão Francisco Fernandes Vieira, e me fez admiração de o ver como elle estava com uma cara de indemoninhado, e quando voltei da tropa estive na casa do mesmo Francisco Fernandes no Saboeiro, e no meio dia que alli estive de descanço, presenciei elle com a mesma cara do diabo, fallando muitas asneiras, para onde iam aquelles tolos com as tropa, e mais cousas d'este mesmo sentido que eu me não lembro, e me disse o Florencio e o Vicente conversando eu sobre isto, que acabo de dizer do capitão Francisco Fernandes, que o capitão Gonçalo Baptista estava tambem amuado em casa, muito triste, e que lhes disséra que só lhe faltava dar a cabeça ao rei; e mais ouvi dizer publicamente que o capitão Gonçalo Ba-

ptista assistira a uns vivas á liberdade ou á patria lá para o Assaré. Acabando eu de estar de guarda na villa, não da primeira guarda que vim fazer quando voltei da tropa, sim outra, e chegando á casa do meu compadre Gabriel de Moraes Rego, no Arneirós, achei elle conversando com Caetano Luiz da Silva, e presenciei elle dizer estas palavras: — que tem isto agora de patriotas, toda a vida houveram pedreiros e nunca n'isto se fallou, agora dos patriotas é que todo o mundo carrega n'elles. — Eu presenciei isto em um dia de sexta-feira e me retirei para minha casa, que é no Poço Redondo, e quando foi no domingo vim ouvir missa na matriz, que é no Arneirós, e fui para a casa do vigario, aonde achei muita gente conversando, e fiquei da parte de fóra da porta, e ouvi o vigario, que é o padre Antonio José de Lima, dizer, que elle tinha sido um dos que se haviam assignado no papel do ministro, para o que ou para o que não, não sabia; eu que ouço isto vou aonde estava o sargento Eufrasio Alves Bezerra, que ficava arredado de mim, e lhe disse o que tinha ouvido dizer o vigario, e me disse o sargento que elle tambem ouviu; e eu lhe disse: — Veja que menino aquelle que não sabe o que assigna. — O motivo do vigario dizer isto foi por se estar conversando sobre o ministro e sobre os patriotas; e disse mais o vigario fallando sobre o ministro de ter sido preso, gabou muito, e que nós nunca mais haviamos ter um ministro como o Carvalho. Sobre este assignado, estando eu em minha casa para sahir para Cariri chegou a noticia que o ministro estava em S. Matheus, e na minha casa vi passar o vigario Antonio José de Lima, o pai Antonio José, o capitão João de Araujo Chaves, e soube que foram para a casa do capitão Gabriel de Moraes Rego, na Timbaúba, e d'ahi mandáram chamar Caetano Luiz, na Andreza, e se demoráram na casa do capitão Gabriel nove dias; acabo dos nove dias

sahiram todos, menos o capitão Gabriel e foram para o Saboeiro, para a casa do capitão Francisco Fernandes, e ahi esperáram pelo ministro que veiu arranchar-se na casa do mesmo capitão Francisco Fernandes, aonde se demorou tres ou quatro dias, e dizem que ahi se fizéra um assignado, para o que se não sabe; e no cabo d'estes dias vieram odos para Arneirós, e d'ahi voltou o Caetano Luiz, e os tmais seguiram com o ministro até a villa e depois que chegáram na villa, foi o Caetano para a villa, e dizem, que, porque elle se assignára, o ministro rasgou os papeis de Ignacio de Barros, que andava para querelar d'elle, e sumiu-se uma demanda que andava o dito Ignacio de Barros com elle, em que tinha sahido sentença a favor do dito Barros, que tudo isto me contou, e de não ter na correição quem lhe quizesse fazer um requerimento por vinte patacas, e de nunca o ministro lhe querer fallar; e só lhe fallou na vespera de sua sahida de S. João do Principe, e que o Caetano teve um grande cabimento com o ministro, e sei tambem que o mesmo cabimento teve o juiz João da Silva Velloso, sobre quem se esperava uma grande revoada pelo que tinha feito, e Antonio da Mota tambem ouvi dizer, que, porque se assignou no papel do ministro elle o fez juiz, e teve com elle muito cabimento quando o ministro esteve na villa; e este Antonio da Mota foi o que matou ao mameluco Antonio com uma faca depois do seu juizado. Eu juro no livro dos Santos Evangelhos de ser verdade o que tenho dito a V. Ex.; e tenho de dizer mais, que quando nós vinhamos para esta villa o capitão Francisco Fernandes, que anda com a pulga na orelha, temeu-se e nos acompanhou quarenta e duas leguas até Quexeramobim, tirando inculcas para onde nós vinhamos; e agora muito me temo de ir para casa, porque tendo eu sido notificado para vir á respeitavel presença de V. Ex., fui notificado para a guarda;

e como meu capitão é cunhado de Francisco Fernandes este é o motivo do meu temor, e sobre o que recorro a V. Ex., a quem Deus guarde por felizes annos. — Villa da Fortaleza, aos dois de Junho de mil oitocentos e dezoito.— De V. Ex. — soldado prompto e fiel — *José de Barros de Araujo.* — A rogo de José de Barros de Araujo escrevi o presente por elle o não poder fazer, e só se assignou depois de lido e achar conforme ao que me dictou.—O tabellião— *Antonio de Oliveira Castro.*

N. 26.—Illm. Sr. Manoel do Nascimento Castro e Silva. —Icó, vinte e seis de Junho de mil oitocentos e dezesete. —Meu amigo e Sr.— Hontem pelo meio dia cheguei a esta sua casa muito atacado de uma formidavel dôr nos dentes; e por tanto vou a fazer-lhe certo que aqui estou prompto e apto ao seu querer. Amigo e Sr., já estão principiadas as minhas prophecias, sobre o que lhe ponderei a respeito da regencia d'esta villa em mão de Fiusa; porém só peço á Deus queira dar-me prudencia e paciencia para tudo tolerar com moderação, e em tudo comparecer com aquellas pessoas a quem por obrigação o devo fazer e obedecer. Não ignora vossa mercê quem são os meus inimigos n'esta terra, e os seus caracteres, e que todos estes são ligados por diversos vinculos ao Fiusa, ou com sua mulher que é o mesmo. Foi bem publico n'essa capital o que Angelo fallou a meu respeito, logo que se divulgou a fugida dos presos em Cangati, e não se satisfazendo com o que disse em desabono de minha honra, escreveu para esta villa aos parentes e amigos seus parciaes, que eu lá ficava na cadêa com uma corrente ao pescoço, e que tinha recebido tres contos de réis e uma letra de igual quantia para receber em Cariri, tudo em premio da fuga que dei aos ditos presos; e d'estas noticias se pediram muitas alviçaras e se despediram varias

cartas para diversos lugares, e já com seus acrescimos ; e os que mais influiram n'estes progressos foram o grande juiz José Baptista, seu irmão Manoel Francisco de Mendonça e Francisco Corrêa Motta, este penultimo heróe no tempo em que andou fugitivo pelas pancadas dadas em Paulo Martins, por protecção do padre Miguel Carlos sabia muito bem dos bosques, ou lugares em que o dito padre occultava os malfeitores seus validos, e que por consequencia se havia de utilisar de algum d'elles ; sem expressa ordem e só afim de entrar na graça, assim como Pilatos entrou no Credo, e para compensar os beneficios recebidos d'aquelle, o foi prender, como de facto o conduziu a esta villa e igualmente á sua consorte, e não lhe valeu o serem compadres ; e depois que os ditos presos sahiram d'esta villa escoltados pelo capitão José Claudio com tropa sufficiente para sua segurança, influido, não sei por quem, se foi valer do Sr. coronel e commandante das fronteiras para elle ser o conductor dos ditos presos, e a final ahi vai não sei a que titulo. Sou a participar-lhe que antes de chegar a esta villa tive certeza que em mão do capitão-mór José Pereira se achava um livro conduzido pelo padre José Martiniano, onde se acham matriculados uns poucos de tapiocas d'esta villa ; quem déra que este livro apparecesse para melhor se verificar quem elles são, apesar de já serem bem divulgados n'esta villa. No correio vindouro cumprirei com as suas recommendações e então serei mais extenso, o que agora não faço por molesto. Hei de estimar que desfructe robusta saude, e queira persuadir-se que sou — De vossa mercê fiel amigo e reverente criado — *Manoel da Cunha Freire Pedrosa.* — P. S. — Lembranças a Sr. mano e sobrinho. — Reconheço ser a letra da firma d'esta carta do proprio punho do capitão Manoel da Cunha Freire Pedrosa, do que dou fé. Fortaleza, cinco de

Junho de mil oitocentos e dezoito.— De meus signaes seguintes de que uso, escrevi e assignei. — Estava o signal publico. — Em fé e testemunho de verdade. — O tabellião publico — *Antonio de Oliveira Castro.*

N. 27.—Illm. e Exm. Sr. — Tenho presente as muito prezadas cartas de V. Ex., de dez e doze do proximo passado, e agradeço quanto é possivel as expressões honrosas de attenção que a benignidade de V. Ex. se digna prestar a este indigno servo de V. Ex. Eu pelas noticias mais exactas que tinha alcançado, previ a precipitação do desembargador José Raymundo, porém acautelei-me ; e logo que aqui cheguei tratei de devassar ao mesmo tempo de uma e outra villa, para o que passei em continente as ordens necessarias, que vão sortindo os seus effeitos. Já estou de posse dos livros em que se lançavam cartas, e termos revolucionarios, e não ha verdade que me não tenha sido patente. Este era o meu desejo e dou-me por muito satisfeito. Deus ajuda as boas intenções, e pela cópia inclusa conhecerá V. Ex. o acerto de todos os procedimentos, que estão approvados e ratificados. Pela segunda verá V. Ex. tambem já uma consequencia das mesmas ordens. N'este mesmo corrreio escrevo a José Raymundo, dizendo-lhe que no dia quinze pretendo sahir d'esta villa para o Icó, sendo caso que me conste por aviso d'elle, que já ahi se acha. Do Icó sigo para Russas, visto não poder ter lugar o destino que V. Ex. e eu desejavamos, e espero na bondade de V. Ex. me antecipe as suas estimaveis ordens, em cujo cumprimento mostrarei sempre ser com a maior affeição e respeito — De V. Ex. — Muito amante subdito e obrigadissimo criado — *Manoel José de Albuquerque.* — Crato, dois de Dezembro de mil oitocentos e dezesete.

N. 28.— Illm. e Ex. Sr.— Em vinte e um do mez proximo passado, escrevi largamente a V. Ex. em resposta e cumprimento do que V. Ex. me havia ordenado, e agora aprecio quanto ser póde as estimaveis noticias que V. Ex. se digna communicar-me na muito prezada carta de V. Fx. de vinte e quatro do mesmo mez, agradecendo infinito tantos obsequios. Nada para mim é estranho, mas antes se corroboram os meus pensamentos. Tenho em meu poder um officio de commissão do intendente geral da policia, com poderes extraordinarios, em que até me ordena remetta réos de alta policia para o Rio de Janeiro. Quanto differe tudo da opinião d'aquelle sujeito, a quem ouvi com prevenção e sem credito. O vassallo fiel cumpre as suas obrigações ; a prostituição das leis é um delicto que se aproxima muito á infidelidade e que a promove. Estes principios que sempre regularam e regularáõ o meu procedimento, foram os que dei a demonstrar ao referido sujeito ; penso não ficar satisfeito, e de manhã partiu antes que me podesse avistar : são actos indifferentes, que na balança particular da minha razão nada pesam para meu lado, porém, que tem muito a contrabalançar em relações politicas, e do bem do Estado. As autoridades hoje mais que nunca, devem ter abertos os olhos. No primeiro correio enviarei a sentença conforme a recommendação de V. Ex., fazendo já restituição dos papeis inclusos. Estimarei que V. Ex. tenha gozado de festas muito felizes, e que este novo anno nos traga a paz, e todos os mais bens, de que tanto precisamos. Sou e serei sempre com a maior sinceridade—De V. Ex.—amante subdito, e muito obrigado criado—*Manoel José de Albuquerque.*—S. Bernardo, dois de Janeiro de mil oitocentos e dezoito.

N. 29.—Illm. e Exm. Sr.—Hontem depois de ceia tive o

prazer de receber a muito prezada carta de V. Ex. de oito do corrente, e muito agradeço a V. Ex. a distincta honra, com que me trata. Estou prompto a dar o salvo conducto, que V. Ex. com muita razão lembra, o que se effectuará com a decencia devida a cada uma das pessoas que ahi chegarem. Em tudo me conformo com o que V. Ex. se digna significar-me sem excepção d'aquelle sujeito, a quem hoje escrevo remettendo-lhe a sentença, que será um bom antidoto contra a molestia opiniativa, que o opprime. Bastava a conservação das idéas, que influe nos povos para assegurar a boa ordem e tranquillidade publica, abatido já o faccinoroso orgulho dos máos vassallos, que estava inteiramente succumbido, o que agora talvez renasça, principiei ao observar no Icó. Pacheco não é como parece, e ha motivos para ao menos se ter em vistas o seu procedimento. Nada appareceu legalisado a respeito do mesmo, e outros poucos, porém, as autoridades activas e zelosas, não desprezam certos modos, que muitas vezes concluem muito. Pretendo chegar segunda feira ao Aracaty, de onde exporei na respeitavel presença de V. Ex. o que sentir. O sargento-mór Pedro José partiu no primeiro do anno, como V. Ex, já saberá. Emquanto aos presos conduzidos pelo alferes José Narciso devem ir Manoel Domingues, Francisco Antonio Raposo, Manoel Pereira de Brito e José Cypriano Garofim, que todos quatro foram os que poderam ter este destino. Pelo que pertence a Antonio Rodrigues, o Gamella por alcunha, não foi revolucionario, e o da minha relação n. 3, é do Lameiro e sem alcunha: foi preso por não ser bom correio, e fraude no emprego, e penso que irá assentar praça. Hei de estimar que V. Ex. gozem paz as maiores felicidades, pois com particular affeição e respeito sou— De V. Ex.— Amante subdito, e muito obrigado criado—*Manoel José de Albuquerque*—

S. Bernardo, quatorze de Janeiro de mil oitocentos e dezoito.

N. 30.— Illm. e Exm. Sr. — N'este momento acabo de receber a muito presada carta de V. Ex. de dez do corrente, com a relação e mais papeis que a acompanharam, e agradeço muito a V. Ex. as expressões de affecto com que me honra. Ainda não sabia, nem tenho noticia dos boatos espalhados no Aracaty, não obstante terem d'ahi vindo algumas pessoas para esta villa, aonde por tal causa poderia descobrir alguma cousa. Segunda feira por noite pretendo estar no Aracaty, e serão postos em execução os meios de lhe obstar. Pelo que respeita ao homem, agradeço a V. Ex. a honra com que se digna tratar-me, e nada me póde incommodar que appareça a verdade do facto ; a sabedoria e prudencia de V. Ex. é muito superior aos meus tenues conhecimentos, e fará V.Ex. sempre o que julgar conveniente. Na minha relação N. 3., alistei entre os simplesmente culpados a Alexandre Raymundo Bezerra, e é elle o penultimo de menos culpa, seguindo a dita relação a ordem inversa, por ser de menos culpa. Elle sempre fez actos de revolução, se bem são encontrados com a força e terrores que incutiam, e menos culpado ainda é José Carlos. Não é do meu arbitrio perdoar-lhes, e este foi o modo de pensar que tive e tenho em vista, havendo só excepção para com os restauradores. Não ha equivocação de nomes, e nem eu asseverei que seria solto ou o poderia dizer : dizia sim, geralmente nas immensas importunações, que, o que tinha menos culpa não devia ser castigado, porque a justiça de Sua Magestade era cheia de rectidão e piedade. Se d'aqui concluiram que estava solto, eu não o posso concluir, no emtanto V. Ex. attendendo a elle ser dos menos culpados e haver de facto força a respeito d'elle e José Carlos, fará o que fôr servido. No mais não ha equivocação tambem

alguma. Estimarei que V. Ex. goze feliz saude e as maiores felicidades, pois que com todas as véras sou—De V. Ex.—Amante subdito e muito obrigado — *Manoel José de Albuquerque.* — S. Bernardo, dezeseis de Janeiro de mil oitocentos e dezoito.—P. S.—Sendo necessario emendar a relação não tenho duvida, julgando-o V. Ex. assim conveniente.

N. 31.— Illm. e Exm. Sr. — Hontem á noite chegou aqui um preto escravo por nome Domingos, enviado do Icó pelo ouvidor ao presidente da alçada; hoje quiz saber o que era, perguntei o preto e disse-me que era das Alagôas, pertencente a uma familia que entrou na revolução. As chuvas têm continuado com força bastante e trovões, de maneira que não posso seguir viagem amanhã como desejava, e tenciono sahir de então a oito dias. Bento José Pontes é testemunha referida na devassa, e bem desejava que tambem me apparecesse em Baturité. Estimarei que V. Ex. goze todas as felicidades, por ser cordealmente—De V. Ex. —Subdito muito amante e muito obrigado criado.—*Manoel José de Albuquerque.*—Aracaty, vinte e quatro de Fevereiro de mil oitocentos e dezoito.

N. 32.— Illm. e Exm. Sr. — Em vinte e quatro do corrente tive a honra de dirigir a V. Ex. as minhas letras, participando-lhe o estado em que me achava respectivamente á viagem que deveria ter já feito para Monte-Mór o Novo, e a razão da impossibilidade que existia. As trovoadas e chuvas continuam; a babuje tem definhado e enfraquecido os cavallos, e é impossivel partir por ora. Bastante cuidado me dá, porém, estou certo que a mesma razão que me acompanha, acompanhará aos que ahi devem apparecer. Assim para não haver mais duvida sahirei já agora d'esta villa, depois dos dias santos, para estar nos fins de Março na sobre-

dita villa, indo no emtanto adiantando o trabalho da devassa e execução da real fazenda. Estimarei que V. Ex. goze todas as felicidades, pois que constantemente sou— De V. Ex.— Amante subdito e muito obrigado criado— *Manoel José de Albuquerque.* — Aracaty, vinte oito de Fevereiro de mil oitocentos e dezoito.

N. 33.— Illm. e Exm. Sr. — Estou de posse da muito presada de V. Ex. de trinta de Março, e vejo que o presidente da alçada faz duplicados esforços pela devassa, não sendo menos os meus pela remessa. Quando sahi do Aracaty declarei ao sargento-mór Ferreira que os hespanhoes segueriam presos o destino que V. Ex. determinasse, o que não tem complicação alguma; restando só por ora a impossibilidade da cópia do summario pela muito affluencia de trabalho do juizo, cuja remessa dos proprios me parece mais exacto ser feita por mim,como ministro competente e em conformidade as ordens que tenho recebido. Pretendo sahir d'esta villa sexta-feira, para ahi chegar no domingo dezenove do corrente e ter o gosto de beijar as mãos de V. Ex., significando quanto me preso ser — De V. Ex.— Affectuoso subdito e obrigado criado — *Manoel José de Albuquerque.* — Monte-Mór o Novo, doze de Abril de mil oitocentos e dezoito. — No impedimento do secretario. — O official da secretaria — *Vicente Ferreira de Castro Silva.*

BIOGRAPHIA

DOS BRASILEIROS ILLUSTRES POR ARMAS, LETRAS, VIRTUDES, ETC., ETC.

FREI PEDRO DE SANTA MARIANNA

Bispo de Chrisopolis, conde e esmoller-mór da casa Imperial

Estão hoje quasi desertos os asylos sagrados, onde a alma chistã ia entornar os hymnos de sua fè nos braços da cruz sacro-santa do Calvario.

Os claustros estão despovoados. Elles que foram testemunhas de tantas glorias, onde se ergueram tantos vultos venerandos, e se apuraram espiritos eleitos, superiores e quasi divinos, contemplam agora as ruinas, a solidão e os capiteis partidos, de columnas que foram gigantescas e das quaes pendem fanados e entresticidos festões.

Alli só impéra o abandono e o esquecimento; dentro d'aquelles atrios despovoados, por entre aquellas arcadas solitarias, ergue-se a sombra de um ou outro monge, residuos preciosos de um grande instituto, raros perylampos derramando a luz na immensidade da noite, que hontem foi dia cheio de sol, magnificencia e fulgor.

E porque se quer extinguir os conventos?

Porque se pretende fechar o reducto onde a alma em desespero ia procurar o allivio do retiro sagrado, como

escudo e fortaleza para vencer a idéa terrivel da destruição e da morte, nas crises apaixonadas do coração, nas dores profundas da alma?

Para que atirar no abysmo horrivel da descrença o espirito, que podia junto do tabernaculo do Senhor encontrar o balsamo da fé espargida no seio afflicto do crente, entre as ondas do incenso e os sons do psalterio sagrado acompanhando os canticos divinos?

Porque privar a alma que se reconhece ungida pela vocação do claustro, inspirada pela graça, que quer, ama, aspira o retiro religioso de expandir nos vôos, na amplidão dos institutos religiosos, nos quaes pelejaria pela fé, esperança, caridade, pelo evangelho e pela cruz?

E que nobre exemplo não deram ás gerações da patria os vultos eminentes dos monges brasileiros, illustres filhos de Asisium, de Cister e do Carmelo? Como não vai destacar-se entre nós agora veneravel, grande, magestoso, o santo vulto de um illustre varão no seio do qual resplandia a estamenha do frade e a cruz do episcopado?

Não se aceitem nem os votos, nem as penas perpetuas; se uns podem tornar-se supplicios, outros seriam martyrios e torturas, e Deus não aceita sacrificios, senão misericordia; a sociedade punindo para reparar, nunca pretendeu flagellar para consumir.

Mas se os votos como as penas perpetuas são odiosos e impossiveis, se a fraqueza humana está sujeita á culpa e ao peccado, reduzam-se os votos, restrinja-se; reformar não é extinguir, e se a arvore póde ser sempre florida, deixando pender dos ramos sasonados fructos, para que cortal-a pela raiz e inutilisal-a de todo?

O monge tem uma elevada missão na vida social dos povos, elle educa, préga, catechisa, esmola, converte, unge e perdoa em nome de Deus! E' o instrumento da

misericordia divina vibrando o hymno de paz e da graça na alma christã; cumpre portanto a sua alta conquista segundo as leis humanas e sociaes, no proprio seculo, no meio das ondas d'este revolto pelago, e se misthicismo religioso o arrebata para as montanhas do Sinai, vôe para a solidão da ermida, e lá expanda a alma nas magnificas e indifiniveis expansões da fé, do amor vivo pela caridade e pelo christianismo. Não se cerrem, pois, os claustros: abram-se ao contrario de par em par as suas portas, reformando-se a regra da clausura perpetua, e deixando que n'aquellas columnas imponentes, depositarias de tantas tradições gloriosas, reflicta esplandido o sol da liberdade religiosa.

Não nos elevemos sómente pelo esplendor da aurora que se esmalta no horizonte, decerrando a luz do dia; não ouçamos só o hymno da creação, entoado pelos alados cantores nas ramas orvalhadas da floresta illuminada pelas côres roseas da manhã; nem nos deslumbrem os quadros brilhantes da existencia, o azul do céo, o pratear da lua, o susurrar das ondas e o rumorejar do rio; tudo isto é bello, poetico, magnifico; mas ao pé de tudo isto está o vulcão que fumega, a cratéra que vomita, o terremoto que abala, o raio que fulmina, o diluvio que inunda e o cataclisma que torvelinha cidades e imperios nos abismos do nada, porque tudo isto é o poder de Deus, que manda respeitar os seus mandamentos, os seus apostolos, os seus ministros, porque tudo existe e existirá até a consumação dos seculos.

Emquanto o mundo fôr mundo, a luz terá a seu lado a tréva, o sorriso o pranto, a vida a morte; o que fôr ha de não ser, porque tudo n'este planeta de attracção e repulsão, é contingente, incerto e duvidoso!

Será portanto nobre, necessario e de innumeras vantagens ter ao lado da classe que se desenvolve progressiva-

mente na industria, no commercio e nas artes a familia religiosa para educar os filhos, cural-os nas suas enfermidades, consolal-os nas suas afflicções e dar-lhe o derradeiro osculo da paz na suprema hora da despedida d'este vale tenebroso, para as ethereas regiões da bemaventurança. E essa familia religiosa a quem tão importante papel cabe no mundo social, não se tornará perfeita, capaz e forte de tão importante missão, sem o instituto religioso, no regimen modificado e adequado ás tendencias da presente actualidade. Reforme-se portanto o instituto, reduzam-se os votos, mas não se arraze o baluarte onde tantas almas eleitas mostraram a força para vencer, a provação na tumultuosa peleja d'este nada transitorio.

Da vida de um illustre e importante cidadão, luzeiro de sua ordem religiosa, occupar-me-hei no presente serão litterario, e ficará patente pela vida d'este benemrito cidadão o quanto deve o Brasil ao instituto religioso.

Antes, porém, de entrar n'esta narração, direi algumas palavras sobre a fundação da ordem carmelitana no Brasil em homenagem a um dos mais puros brilhante que scintillou no alto do Carmelo.

A ordem dos religiosos carmelitas que data do seculo XII, tirou seu nome do Monte-Carmelo na Syria, segundo a tradição morada do propheta Elias, patriarcha da ordem. Alli, no centro d'aquelle ermo se ergueu o primeiro convento, demolido em 1821 por Abdallah pachá de S. João d'Acre, sendo depois reconstruido em 1828 com o producto das esmolas dos fieis.

Dentro de poucos annos, depois de sua fundação, o instituto tornou-se numeroso recebendo em 1209 de Alberto, patriarcha de Jerusalem, uma regra de observança que em 1227 foi confirmada por letras do papa Honorio. Introdusidos os carmelitas na Europa em 1238 por S. Luiz, só

em 1452 foram seguidos das religiosas observantes da mesma ordem, posteriormente reformada por Santa Theresa. Os religiosos do Monte Carmelo, segundo outros, começaram como ermitões instituidos em 400 sobre o monte, por João patriarcha de Jerusalem em honra do propheta Elias, introduzidos na Europa, como ficou dito, foram reformados por Santa Theresa em 1562, e o cardeal Berulle e Mm. Acarie, fizeram adoptar esta reforma em França, e foi depois d'ella em um convento de carmelitas de Paris (rua do Inferno) no qual asylou-se a infeliz favorita de Luiz XIV Mme. de Lavallière.

Adoptada em Hespanha em 24 de Agosto de 1562 a reforma da ordem por Santa Theresa, perfilhou-se em Portugal, sendo n'este reino parte obediente aquella provincia religiosa.

A titulo de missão que devia ser exercida no Brasil e pelo *praz-me* de 6 de Janeiro de 1560 do cardeal D. Henrique rei de Portugal, frei Simão Coelho, commissario geral da provincia carmelitana n'aquelle reino, proveu em 28 de Novembro de 1567 a quatro religiosos, frei Domingos Freire, frei Alberto, frei Bernardo Pimentel e frei Antonio Pinheiro, commettendo-lhe o encargo de crear conventos onde conviesse e fosse possivel o estabelecimento e propagação da ordem carmelitana.

Estes commissarios da fé chegaram ao Brasil ao mesmo tempo que o governador Fructuoso Barbosa, que n'essa epocha fôra incumbido de fundar a capitania da Parahyba do Norte, recommendando-lhe o rei que zelasse e auxiliasse aquella missão e bem tratasse aos que as promoviam, sendo conveniente dar começo á missão nas capitanias que já estivessem organisadas.

N'esse intuito dirigiram-se os religiosos a Pernambuco com vistas de principiar alli a fundação dos conventos de

sua ordem como lhe fôra determinado pelo commissario geral e era implicitamente do seu voto. Esse plano, porém, não foi executado, sem se saber o motivo, pois que o projecto proposto em Portugal era a divisão da Nova Lusitania em duas provincias carmelitanas, uma ao norte e outra ao sul; e mais regular se fazia principiar d'alli essa fundação e dirigil-a seguidamente para as capitanias lateraes á de Pernambuco. E' verdade que n'esse tempo havia mais progresso nas capitanias meridionaes, ricas e florescentes como a de S. Vicente, onde a companhia de Jesus alcançou tantos fructos e gloria. Para essa capitania, pois, voltaram-se os cenobitas carmelitanos, primeiros chegados ao solo do Brasil, e transpondo em sua viagem os portos que lhe ficaram ao norte, tomaram o da villa de Santos, que havia pouco surgira no lado septentrional da ilha de S. Vicente, pela incansavel presteza de Braz Cubas, que primeiro lançou os cimentos d'aquella villa, hoje cidade, recebendo os religiosos d'esse digno devoto paulista, a offerta que lhe fez de terras em que edificassem casa para a missão a que se dedicavam. Esta offerta foi caucionada com uma escriptura publica passada em 31 de Agosto de 1589 a frei Pedro Vianna, delegado do commissario geral com o beneplacito do rei de Portugal Filippe II, incumbindo-se da edificação da casa o mesmo Braz Cubas, que a isto prestou-se expontaneamente e com pontualidade (1).

O papa Pio V. na constituição *Romanus Pontifex*, 44, firmada em 30 de Outubro de 1567, declarou que a ordem dos carmelitas era igualmente mendicante, assim como outras que tinham esta classificação, e por isso fazia parte dos seus deveres a catechese e civilisação dos indios e dos

(1) *Quadro Historico da provincia de S. Paulo*, por J. J. Machado de Oliveira, pag. 306.

exercicios doutrinarios nas aldêas, e como commentario a encyclica á carta régia de 28 de Janeiro de 1695, dirigida ao prior do Rio de Janeiro dispondo que semelhante medida era indispensavel, visto que com ella deviam-se escusar d'esse apostolado « os missionarios estrangeiros, que além de outros inconvenientes, blasonam que na terra ha mingôa de religiosos que saibam empregar-se n'essa missão. » D'ahi por diante foi-se desenvolvendo a ordem carmerlitana que conta tambem um magnifico convento na provincia do Pará.

Desalojados de sua primitiva casa e claustro que cederam para residencia da familia real, os religiosos carmelitanos do Rio de Janeiro abrigaram-se no actual convento em que ainda hoje celebram no Largo da Lapa d'esta cidade, os derradeiros filhos de tão importante e numerosa familia religiosa.

Entre os mais brilhantes vultos que se extinguiram na ordem dos carmelitas destacava-se cheio de saber, humildade, virtude, paciencia e illustração, frei Pedro de Santa Marianna, religioso professo da ordem dos carmelitas. Elle fará, pois, o objecto d'este discurso, para o qual imploro a benevolencia de tão excelso auditorio.

O Exm. Sr. D. Pedro de Santa Marianna, bispo de Chrysopolis, conde palatino, esmoler-mór da casa imperial, commendador, doutor, prelado domestico de Sua Santidade e bispo assistente ao solio pontificio, teve o seu berço na provincia de Pernambuco. N'aquellas formosas plagas, n'essa Veneza do Brasil decerrou os olhos á luz da vida no dia 30 de Dezembro de 1782. Filho legitimo de Carlos José de Sousa e de D. Marianna Machado Freire, recebeu desde o nascimento dos seus extremosos progenitores os mais constantes desvelos e a mais acurada educação primaria ; tendo elles sobretudo o maior cuidado de implantarem no

coração as maximas da moral pura e os sentimentos da religião sacrosanta do Calvario.

Frei Pedro escolheu a clausura para dar expansão a seu genio e não vulgar talento que começava precocemente a desabrochar, e arrastado pela sua invencivel vocação abrigou-se á sombra do Carmelo, onde recebeu o habito no convento do Recife, no dia 17 de Fevereiro de 1797 com a idade de 14 annos, e passando o tempo de *pupillo* e o da provação, foi na ara sagrada prestar os solemnes votos que o separaram da terra para o ligar ao céo, professando no instituto do grande patriarcha Elias, no dia 7 de Fevereiro de 1799.

Logo o joven monge no alvorecer dos annos e no começo de seus estudos, mostrou que havia ser o futuro philosopho, o illustre sabio e o eminente religioso, que nunca desfalleceu no caminho da fé, e soube guardar a humildade de seu voto,ainda mesmo ornado com o arminho de conde palatino, com as insignias do episcopado, e seduzido pelas pompas de um paço imperial, onde viveu os ultimos annos e exalou o derradeiro suspiro. Na verdade, frei Pedro, no curso de philosophia e theologia que frequentava no collegio de seu convento deu grande cópia da perspicacia do seu talento, e não podendo este irradiar-se n'aquelle pequeno circulo, o seu espirito transcendente almejou outros vôos, suas vistas firmaram-se, estenderam-se a outro nucleo de instrucção;e apenas inaugurou-se o collegio episcopal de Olinda, fundado no dia 16 de Fevereiro de 1800 pelo bispo D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, aos esforços e solicitude do illustrado bispo, frei Pedro correu pressuroso,e foi um dos seus primeiros alumnos conjunctamente com seu irmão D. frei Carlos de S. José e Sousa, que morreu bispo da diocese do Maranhão.

N'essa área mais vasta e illustrada, commungando os

principios absolutos da sciencia em um grupo de mestres abalisados e provectos, consagrou-se elle com inalteravel gosto e dedicação aos estudos, maxime o de geometria, de sua predilecção, e n'elle tanto aprofundou-se, que em seus exames perante aquelle sabio prelado diocesano, recebeu a palma de plena approvação *cum laude*.

Mas os sonhos e a ambição do saber do virtuoso moço, não estavam saciados. Frei Pedro não fica satisfeito, quer dilatar seus conhecimentos, completar-se nas sciencias exactas e logo que n'esta cidade o Dr. Antonio José Basto abriu um curso de mathematicas, elle correu pressuroso a alistar-se no numero de seus primeiros discipulos e admiradores, curvou-se ainda a mais arduo estudo, não se furtou ás fadigas escolares, convencido plenamente de que as victorias que colheria no porvir, valiam bem a pena os sacrificios do presente, que as lucubrações incessantes a que se entregàra, de sobra seriam compensadas com as vantagens grandiosas do calculo, obtendo logo o primeiro louro de tanta peleja pelo galardão que o proprio claustro lhe deu, apreciando-lhe os patenteados e reconhecidos talentos, pelo que conferiu-lhe a patente de leitor de geometria, sendo para notar, e digno de especial e honrosa menção que frei Pedro ainda *corista*, já gozasse dos fóros, privilegios e isenções de mestre abalisado.

No convento do Recife abriu elle um curso de geometria para os seus companheiros e a mocidade pernambucana, ávida de instrucção, procurou receber os conselhos de tão illustre director. Muitos jovens receberam d'elle lições proficuas e proveitosas, avantajando-se n'esse ramo das sciencias para muitos ingrato e difficil, tendo elle o sublime prazer de admirar muitos dos seus discipulos, figurando na sociedade em elevadas posições, podendo apontar-se entre outros: o Sr. D. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo,

bispo do Rio de Janeiro e seu irmão o conego João Rodrigues de Araujo ; dois talentos, dois vultos respeitaveis que hoje não pertencem mais ao quadro social dos vivos, porque repousam na quadra eterna dos finados.

Frei Pedro de Santa Marianna elevado a séde magistral pela sua ordem, não se encheu de fofo orgulho ou vaidade, era antes o primeiro a confessar, que em seus estudos mathematicos havia um vacuo que era mister preencher. Com effeito, era para Portugal que elle convergia suas vistas e ahi chegando no anno de 1805, assumiu ao presbyterado, que recebeu das mãos do bispo paulopotino D. frei Miguel, matriculando-se no seguinte anno na academia real de marinha, ou collegio dos nobres em Lisboa.

Singular e notavel impressão fez a entrada de frei Pedro n'aquelle collegio ! Era a primeira vez que a academia viá em seu gremio illustre, um frade brasileiro contrastando, pela humildade de seu habito,com os galões de tantas fardas. Elle só tinha a estamenha do monge que lhe occultava os castos anceios, e sabia como era santo o pulsar do seu coração, e por aquella estamenha roçavam os bordados e galões de muito nobre ambicioso, e de altivos personagens do futuro.

Elles tinham os ardentes sonhos da grandeza e do fausto ; queriam o lustre, o poder, o mando, e frei Pedro, só aspirava a sciencia, para distinguir o verdadeiro do falso, e conquistar a unica cousa que ambicionava, e essa era a salvação pela elevação de sua alma nas provações da terra ao seu verdadeiro destino. E entretanto quem mais do que elle podia ter orgulho de sentar-se entre aquella pleiade brilhante ? Não era o discipulo que ia estriar o tirocinio escolar, era já um mestre que com as vestes da modestia disfarçado, fazia timbre de alcançar o mesmo gráo de aperfeiçoamento na sua sciencia predilecta, que alcançou *Lacroix*

o celebre autor do *Tratado do calculo differencial e intregal*. Era este o maior sonho do illustre monge, a sua mais ardente ambição. Tinha a nobre sêde da sciencia, queria conquistar os mais profundos arcanos do calculo, e matava-se na incessante investigação dos algarismos e problemas.

Alli n'aquella academia, santuario da sciencia, aprimorou-se o talento elevado de frei Pedro de Santa Marianna. Elle foi o primeiro entre todos ; avantajou-se de tal sorte a tantos illustres collegas, que chamou logo a attenção de seus mestres, recebendo os mais justos encomios e o laurel academico, digno premio de seu merito, verdadeira recompensa das lucubrações e tentamens scientificos do esforçado lidador.

Justamente n'essa epocha inaugurava-se no Rio de Janeiro, em 1810 a academia militar : era mister provel-a de mestres e substitutos, homens circumspectos, e que pelas suas demonstradas aptidões e somma de talento, podessem fazer desenvolver os esperançosos talentos, de quem a patria tanto esperava e depositava as suas mais caras esperanças. O padre-mestre frei Pedro, que se tinha desde os mais verdes annos dedicado á sciencia, habituado ás continuas e profundas meditações, foi solicitado pelo governo para vir leccionar mathematicas na qualidade de lente substituto, e aceitando essa honrosa missão, chegou a esta capital em 1813, estreiando logo o magisterio na cadeira do 2.º anno de calculo, continuando a ardua e espinhosa carreira do magisterio até 1833, sem nunca desvirtuar o conceito que se fazia dos seus talentos, sendo a somma dos conhecimentos litterarios que possuia em demasia, desde logo admirada pelos collegas e confessada pela mocidade fluminense. Era ainda uma phase importante da vida de tão eminente cidadão !

Elle que na qualidade de estudante roçára o humilde habito carmelitano com os fardões dos nobres da academia real de marinha, agora simples frade, via-se elevado ao magisterio em a sua propria patria, em meio dos patricios, seus discipulos, que lhe prestavam vassalagem, fazendo realçar as vestas talares do monge entre as fardas e dragonas a elle submissas; ouvindo attentos e respeitosos a sua palavra imponente pelo saber, affavel pela humildade, segura pela continua investigação do calculo, recebendo as proficuas lições das sciencias mathematicas, completamente estranhas á profissão do preceptor carmelitano.

Ahi estão na côrte e nas provincias do Imperio muitos dos seus discipulos, que podem dar testemunho insuspeito da opulenta illustração de frei Pedro de Santa Marianna, e preconisar o seu genio transcendente. Ahi estão talentos superiores, espadas gloriosas, altas personagens que ouviram suas sabias prelecções: elles que lhe teçam a immarcescivel corôa, conquistada pelo seu genio eleito e prodigioso.

Entre elles não nos furtaremos a apontar os illustres cidadãos: duque de Caxias, general Bittancourt, barão de Itapagipe e visconde de Santa Theresa. Tambem foram seus discipulos o brigadeiro Paulo Barbosa da Silva, depois mordomo da casa imperial, o marechal do exercito, conselheiro de estado, João Paulo dos Santos Barreto e os generaes Burlamaque, Nunes de Aguiar e Frederico Carneiro de Campos, que falleceu em poder dos paraguayos; estes ultimos dormem hoje como o mestre o somno eterno da morte.

Frei Pedro de Santa Marianna estava elevado ao pedestal com que sonhára ardentemente: exercer a sciencia predilecta que arroubava sua alma nos immensos problemas do calculo.

A sua vida illibada, a pureza de seus costumes, a inexcedivel severidade de sua moral sempre seguida de acções de beneficencia e caridade, sobretudo uma nunca desmentida modestia a par do absoluto desprezo para as grandezas da terra e o luzir do mundo, cada vez mais realçava a fama preclara de que gozava, proclamando-o um sabio philosopho, um genio transcendente e um santo varão!

E a taes titulos deveu frei Pedro de Santa Marianna ser eleito para a maior honra que podia ambicionar um cidadão diante de seus páres.

Frei Pedro de Santa Marianna, veneravel religioso carmelitano do convento do Rio de Janeiro, profundo philosopho e modesto sabio, ia conquistar a mais brilhante corôa que lhe podia ser conferida na patria.

A provincia de Pernambuco ia orgulhar-se de ter sido o berço do eminente monge carmelitano.

Dando-se o acto da abdicação em 1831 e succedendo na corôa do Brasil a S. M. o Sr. D. Pedro I., immortal fundador do Imperio, seu augusto filho o Sr. D. Pedro II, nosso amado soberano, foi o respeitavel sabio escolhido por S. Ex. o Sr. brigadeiro Paulo Barbosa da Silva, então mordomo da casa imperial e pelo Exm. Sr. marquez de Itanhaem, tutor de Sua Magestade Imperial, para o sublime e honroso encargo de dirigir a educação scientifica e religiosa do principe imperial, hoje augusto monarcha do Brasil. O governo da regencia confirmou a escolha feita, e o eminente cidadão foi nomeado no anno de 1833, sendo ministro do Imperio o Exm. Sr. Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho, depois senador e visconde de Sepetiba.

E onde poderia ser encontrado melhor mentor para tão augusto principe?

Que maior sabedoria a par da mais alta virtude — que mais excessiva modestia unida a mais inabalavel honradez!

Que maior candura, amabilidade, prudencia e circumspecção! Frei Pedro foi como o arcebispo de Cambray, o digno, o desvelado preceptor do principe; e se Fenelon soube merecer a gratidão de Luiz XIV pela esmerada educação que dispensou a seu neto o duque de Borgonha, a patria agradecida, e o imperial discipulo, sempre respeitaram n'aquelle monge virtuoso um grandioso vulto, que nem mesmo a sombra da morte poderá occultar diante dos faustos grandiosos do Imperio do Cruzeiro.

A constante observação dos factos humanos no centro social dos povos nos ensina, como base de toda a sciencia, que os productos são sempre iguaes ás forças primitivas que os originam e as fracções que os compõe; assim é que o homem, segundo o caminho que seguiu no começo da carreira, chegará sempre por elle ao toque da velhice: —*qui cum sapientibus graditur sapiens erit.*

Frei Pedro que sempre seguiu a trilha da sciencia, do trabalho e da virtude, soube inocular no espirito do joven imperante os principios da mais sã moral; os sentimentos puros e orthodoxos, o temor de Deus, principio e fim de toda sciencia.

Graças á essa educação e ás excelsas qualidades que desde a infancia distinguiram o imperial discipulo, possue hoje o Brasil o augusto monarcha, que tanto se recommenda á admiração dos povos pelos actos do seu governo, d'onde resumbram o saber, a justiça, a piedade; em summa, a bondade e candura de um coração real e magnanimo!

Depois de ser honrado o illustre preceptor de Sua Magestade o Imperador com tamanha confiança, foi ainda elle distinguido com outro lugar não menos honroso e de alta transcendencia como o de esmoler-mór da casa imperial, depois da maioridade do augusto soberano.

O humilde monge, o modesto sabio, o virtuoso cidadão

estava cercado de prestigio, honras e considerações, era justo portanto que o nome do preceptor da realeza fosse inscripto no catalogo dos bispos brasileiros.

Assim aconteceu.

Dando-se a vaga da diocese do Rio de Janeiro, o Sr. padre-mestre frei Pedro foi designado para successor d'aquella mitra; mas foram baldados todos os esforços dos amigos, e a vontade imperial encontrou obstaculo invencivel na consciencia excessivamente escrupulosa do distincto mestre, que alta e solemnemente se reconhecia hnmilde, pequeno, e incapaz de exercer e receber tão alto ministerio! Que descommunal modestia! Que desinteresse e imponente lição para esse enxame de ambiciosos politicos, que lutam diurna e apaixonadamente, lançando mão de todos os meios e planos para assaltarem as douradas cadeiras do poder, cheios de espinhos e responsabilidade, para aquelle que comprehendeu os immensos vortices e embates, que acercam os verdadeiros e patrioticos timoneiros do Estado.

Entretanto frei Pedro de Santa Marianna foi sorprehendido, quando, poucos mezes depois, lhe apresentaram as bullas de confirmação de bispo titular de Chrysopolis, as quaes sem a sua intervenção e sciencia, foram previamente impetradas do SS. padre Gregorio XVI pelo governo imperial. O monge illustre por tantos titulos e honrosos precedentes teve de ceder ao nobre impulso da gratidão; o seu coração bem formado dobrou-se ao grande desejo revelado por Sua Magestade o Imperador e pelas serenissimas princezas; elle não podia mais furtar-se ao dever de sacrificar os seus escrupulos a tão augusto e justo desideratum. O preclaro monge derramou verdadeiras lagrimas de reconhecimento ao receber das augustas mãos do seu imperial discipulo e augusto soberano, aquellas letras ponti-

ficias, e accedendo ao seu convite, cumpriu o sacrificio que lhe ordenava a realeza.

No dia 13 de Junho de 1841, na imperial quinta da Boa Vista, o Sr. D. Pedro II, viu seu respeitavel mestre receber a sagração do episcopado, ministrada pelo Exm. bispo capellão-mór o Sr. D. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo, que por notavel coincidencia recebêra outr'ora no convento do Recife lições de geometria pelo mestre frei Pedro ainda corista.

Que esplendido quadro para estimulo dos que preseveram no caminho da virtude, do trabalho e do bem!

Um discipulo revestido das vestes episcopaes sagrando bispo um mestre, com o augusto testemunho de um outro discipulo ornado com a purpura, a corôa e o sceptro da realeza, acercado das serenissimas princezas e dos empregados do paço imperial!

Elle não quiz a publica ostentação, e sim a solemne graça de ser sagrado em presença d'aquelle a quem seu coração se confessava eternamente ligado pelos indestructiveis laços do amor, da amizade e da gratidão, amor de pai, porque era mestre, amizade de irmão, porque era monge e christão, gratidão de homem e vassallo, porque era subdito dedicado, reverente e agradecido.

Tendo tocado ao fastigio do episcopado, D. frei Pedro de Santa Marianna teve a assignalada ventura de assistir á sagração de Sua Magestade o Imperador com as vestes prelaticias, e por essa occasião recebeu a commenda da ordem de Nosso Senhor Jesus Christo.

Uma gloria não pequena ainda estava reservada para exaltar o illustrado e venerando cidadão, elle a tinha conquistado em incessante e arduo trabalhar na conquista da sciencia, na qualidade de lente jubilado da academia militar do Rio de Janeiro; e assim pelos relevantes serviços pres-

tados n'aquella cadeira,lhe foi confiada a borla doutoral em mathematicas, que se resolveu aceitar depois de instantes e repetidos pedidos de seus amigos, além de considerações muito valiosas.

Ainda não era tudo.

O vigario de Christo successor de S. Pedro, o SS. padre Gregorio XVI apreciando devidamente a alta intelligencia, virtudes edificantes que exaltavam ao Exm. Sr. bispo de Chrysopolis, quiz distinguir ainda uma vez e por maneira singular ao esmoler-mór do Imperador do Brasil, conferindo-lhe no anno de 1843 titulos, que nenhum outro prelado brasileiro até então teve a ventura de fruir: fel-o conde palatino, seu prelado domestico e bispo assistente ao solio pontificio; titulos na verdade os mais honorificos da curia romana, e com os quaes os soberanos pontifices costumam agraciar as pessoas de sua particular estima.

No espaço de 31 annos, que tantos habitou o venerando bispo o paço imperial, em um só momento deixou elle de ser o humilde, modesto e virtuoso monge carmelitano frei Pedro de Santa Marianna!

Este ponto de sua vida não deve escapar ao detido exame do seu desconhecido biographo, que teve a distincta dita de conversar e discutir com o sabio mestre em uma cella do convento do Carmo habitada pelo seu confessor frei João de Nossa Senhora do Carmo, merecendo d'aquelles labios ungidos pela fé e caridade, pela sciencia e virtude, palavras lisongeiras que até hoje guarda no fundo da alma.

Na verdade é para admirar que um simples monge, que se vê exaltado ás mais altas posições sociaes, preceptor do soberano, seu esmoler-mór, bispo, conde palatino, prelado domestico, assistente ao solio pontificio, commendador e doutor em sciencias exactas, gozando da privança dos augustos imperantes, e de effectiva residencia no paço impe-

rial, nunca em um só instante, por um só momento procurasse exercer a minima influencia no espirito do seu imperial discipulo, ou se envolver por qualquer modo nos negocios do Estado.

E isto tanto mais admiravel é, quando os espiritos superiores tendem sempre á ambição do poder, e ao fastigio da grandeza, quando a historia nos apresenta exemplos como os dos cardeaes Richelieu, Mazzarini e Dubois, e quando a propria actualidade politica dos povos d'aqui e de além mar nos mostram quotidianamente quanta luta, quanto jogo de paixões, quanta argucia e sangrentas batalhas para a conquista do poder e do mando supremo!

Frei Pedro passava por entre os fardões da côrte como passa o colibri por entre as flôres, instantaneo e imperceptivel; amavel e delicado no seu trato, era em extremo reservado em suas opiniões e sobretudo cauteloso na aventura de palavras imprudentes em circulos palacianos e perigosos. O nosso venerando e respeitavel consocio marquez de Sapucahy que tambem teve a acrysolada ventura de ser mestre do nosso soberano, que privava com aquelle benemerito cidadão, póde dar o seu autorisado testemunho sobre os brilhantes adornos que resplendiam n'aquella grande alma e elevado coração.

Elle recebia no paço as mais vivas demonstrações de affecto e de amizade ingenua e verdadeira; via uma côrte inteira prestar-lhe os mais espontaneos preitos de acatamento, respeito e veneração, no centro mesmo do seu recolhimento; na profundeza de sua meditação recebeu todas essas homenagens e fruiu todas essas delicias, mas frei Pedro de Santa Marianna, o bispo, o conde, o prelado, o commendador era sempre frei Pedro, o monge carmelitano.

Trocava o bulicio da côrte, o estrepito pomposo das ce-

remonias de gala, a ostentação de suas vestes prelaticias, pelo recolhimento da cella, a meditação de seu espirito profundamente investigador, pela estamenha pobre e humilde do monge! E emquanto os hymnos festivaes reboavam pelos tectos dourados do palacio, elle murmurava as orações do breviario, genuflexado diante da imagem sacrosanta do Christo immaculo.

Sabia exercer a caridade, qualidade que muito o distinguia a par de sua inalteravel modestia; nunca a sua bolsa se fechou para o pobre e infeliz necessitado, e jámais a viuva e o orphão desvalido deixou de encontrar o balsamo da consolação, o obulo do crente, derramado de sua alma bem formada e eleita para a immortalidade. Elle repartia sempre com seu proximo desventurado, e não podia ouvir o gemido de seu semelhante afflicto, sem que voasse em seu auxilio, levando-lhe a paz e o repouso.

Era uma alma angelica, um coração bem formado, um seio que rescendia os perfumes do paraiso.

Frei Pedro por mais elevado que fosse, acercado de todas as honras e gloria, na maxima grandeza social, respeitado pela somma de conhecimentos e virtudes que tanto o distinguiam, nunca se lisongeava nem com seus brasões, nem com o seu saber por todos proclamado; e jámais ostentava as graças que recebêra da munificencia imperial!

Era um prototypo de virtude, um modelo de abnegação e de modestia sem par!

E tanto o era, que, ainda mesmo tendo a subida honra de administrar o santo chrisma ás augustas princezas imperiaes, quando já alquebrado de forças em 25 de Dezembro de 1863, nem isto mesmo fizéra apparecer em suas faces a vangloria.

Foi esta a ultima funcção do episcopado que exerceu D. frei Pedro de Santa Marianna, bispo de Chrysopolis.

O santo varão sentia já desfallecerem suas forças, a luz dos seus olhos acostumados a interrogar de continuo os altos mysterios da religião e da sciencia, perdia o brilho da existencia cercando-se das sombras morbidas prenunciadoras do seu proximo fallecimento. Completamente recolhido ao silencio do aposento, o venerando mestre aguardava a hora suprema, rogando incessantemente a Deus que houvesse de provar-lhe a paciencia, para que apurada no crysol do martyrio, fosse sua alma adejar santificada, entre as perennes auroras da bemaventurança. E assim aconteceu! Deus ouviu a prece de seu servo, e concedeu-lhe a paixão, preparou-o para a gloria eterna.

Grave enfermidade prostrou o virtuoso bispo no leito da dôr, e aquelle nome admirado pelo chefe da igreja, inscripto nos annaes das sociedades litterarias quer nacionaes, quer estrangeiras, ia ser registrado para sempre no livro negro da morte.

Foi ahi que se deu o mais tocante e sublime quadro da vida de frei Pedro de Santa Marianna, e que para pintal-o seriam precisas as côres da palheta do autor da « *Santa Familia* » e do « *Julgamento Final* ». (2)

Prosternado no leito, cheio de martyrios e dôres, lutando com a mais dolorosa agonia, o santo prelado agradecia ao Senhor ter ouvido as suas supplicas, e conformado com os seus crueis soffrimentos, erguia os olhos para a Cruz sacrosanta do Calvario, purificando o seu espirito nas expansões as mais ardentes, de uma fé immensamente profunda.

E' alli ao pé do tópo em que gemia o martyr, estava o soberano Monarcha, o reconhecido discipulo, prestando-lhe caridosamente alimentos, ministrando-lhe remedios, dizendo-lhe palavras de amor e consolação! Que grandioso exemplo para os reis da terra! . . .

(2) Miguel Angelo Benonaroth:

Sua Magestade o Imperador não desamparou o illustre preceptor em tão angustioso momento; elle, e as Serenissimas Princezas, seguidos de seus semanarios, formáram o prestito no solemne acto de ser-lhe administrado o sagrado viatico.

A realeza unia-se com a humildade prosternada, e repetia com o ministro do Senhor as preces da igreja: O Senhor D. Pedro II, com a magnanimidade de sua alma, com suas proprias mãos sustentou a toalha eucharistica, na occasião em que o distincto prelado recebia contricto e reverente, a sagrada particula, o corpo real de Jesus Christo! Seja permittido ao biographo toda a liberdade do pensamento, não vejam os espiritos maliciosos e malfazejos, a lisonja onde apenas existe a verdade, não distinguam a thurifeiração e o incenso, onde só se derrama o indestructivel perfume da justiça.

Demos a cada um o que lhe pertence, disse o Divino Mestre: *reddite ergo quœ sunt Cœsaris, Cœsari; et quœ sunt Dei Deo* (3). Se o espirito social polido e brilhante, nos aponta um vulto grandioso pelo saber, pela caridade e pela justiça, como negar a sua imagem todos os dias vivificada e reflectida no centro da nossa communhão? Porque é um rei? Mas se os defeitos, as culpas, e os vicios dos soberanos, são com a rapidez do raio divulgados e discutidos em todas as fileiras dos cidadãos, será justo deixar de assignalar as suas altas virtudes, elevados dons e esplendidas qualidades? Permittirão, pois, os ouvintes, justos e elevados como são, que o biographo proclame bem alto os grandiosos dotes do primeiro cidadão do Imperio, tão universalmente apreciados e cujo valor real, só será perfeitamente reconhecido pelos brasileiros, quando seu augusto nome

(3) S. Luc. cap. XX v. 25.

pertencer a posteridade que em face da justiça e da historia o denominará : o sabio, o justo, o magnanino ! Se como diz o Evangelho que a caridade é a primeira de todas as virtudes, a gratidão, é o primeiro de todos os deveres, e o Senhor D. Pedro II, prestando ao seu preceptor moribundo, os desvelos de um filho, adqueria para si e para a patria um justo e nobre titulo de verdadeiro apreço e orgulho.

Quão bemaventuradas não fôram aquellas horas supremas ? Estava alli o mestre abatido, extenuado de forças, vacillando entre a vida e a morte, qual tenue chamma embalada pelas auras a tremer, incerta e amortecida ! Ao lado o discipulo repetindo com elle as orações sagradas, apertando-lhe a mão já fria, e recebendo aquelles derradeiros olhares, cheios da gratidão da alma, profundos, ternos e reconhecidos, que diziam por entre aquelle silencio funebre uma multidão de pensamentos, cada qual mais sublime, mais nobre, santo e puro !

A hora extrema ia soar ; o cançado caminheiro sobreergueu-se, e depositou nas augustas mãos de Sua Magestade o Imperador a sua biblia, cruz e annel, elle transmittiu as insignias do episcopado ao soberano principe de quem tinha recebido tão elevadas honras.

Era a ultima lembrança repassada de nobreza, reconhecimento e saudade.

Estava tudo consummado !

A aurora do dia 6 de Maio de 1864 trazia em seus pallidos reflexos a data funebre do passamento do santo e preclaro varão.

Alli em meio das lagrimas e das orações, o anjo da morte roçou sua aza destruidora por aquella fronte fria e abatida pela agonia, e coroada por tantas glorias, e que ia para sempre repousar no eterno leito da morte !

Frei Pedro de Santa Marianna expirou tendo completado

o seu glorioso destino, e junto ao seu cadaver o Imperante a par de Sua Magestade a Imperatriz, e das Augustas Princezas, prosternados oravam ao Deus de Misericordia pelo eterno repouso de sua alma !

E não parâram ahi todas as demonstrações de respeito e pezar dadas por Sua Magestade o Imperador ao seu venerando mestre : acompanhou os seus restos frios ao ultimo jazigo ; o chefe supremo da nação, pegou em uma das argolas do feretro, assistiu a todos os officios e exequias, recommendando até aos prelados respectivos, que nenhum acto começasse sem a sua presença. A realeza tomou luto em demonstração de sentimento profundo pelo passamento do venerando carmelitano !

E tantas honras principaes, tanta gloria só foi havida n'este Imperio, pelo Exm. Sr. D. frei Pedro de Santa Marianna, bispo titular de Chrisopolis !

E se ellas exaltavam o virtuoso e santo prelado, certo que immortalisaram o augusto soberano !

O grande homem em sua vida e morte deu occasião a que o povo conheça, que magnanimo rei possuia a nação brasileira; ella o julgará um dia, elevando o augusto mestre e o humilde discipulo ao pantheon de suas glorias.

D. frei Pedro de Santa Marianna, sabio e humilde, fez de D. Pedro de Alcantara um illustre sabio e um grande rei, que todo se devota incansavelmente para a felicidade da patria !

Esta academia é testemunha constante da dedicação que vota o Imperante ás letras, e o nosso augusto consocio é o mais dedicado companheiro de trabalho, promovendo a vida e o progresso d'esta instituição tão util á litteratura nacional. Todo esse thesouro de virtudes e dons que encerra o coração augusto do monarcha brasileiro, foi formado pelos sabios conselhos e benefica direcção do respeitavel monje carmelitano.

A semente cahiu em terra fertil e prodiga, e os fructos que pendem são dignos da arvore que os produziu.

O respeitavel mestre tinha de todo completado sua missão, despediu-se da terra, deixou as sandalias no caminho espinhoso da proscripção, e envolvido nas aureas vestes da purificação e da gloria vôou ao reino infinito do Senhor.

Foi uma flôr preciosa que feneceu.

Uma perola que rolou envolta nas aguas caudalosas do abysmo.

Mas a flôr desabrochou no céo.

A perola está engastada na corôa da immortalidade divina.

A alma bemdita do santo bispo e martyr, entôa n'este momento, os hymnos angelicos, os puros hosanas da fé e da gloria, junto ao throno do Todo Poderoso, no esplendor da eternidade !

Elle immortalisou-se na terra e foi habitar a patria celeste dos justos.

Foi receber a sua gloriosa palma e suprema conquista,

Cumpre-nos a nós romeiros de hoje, caminheiros do presente, irmos depôr as nossas corôas de admiração e saudade, no sagrado monumento que guarda seus restos preciosos !

Sagremos o justo na sua eterna e gloriosa ascenção !

Rio de Janeiro, 9 do Outubro de 1874.

Dr. José Tito Nabuco de Araujo.

FALLECIMENTO

Do Exm. Sr. Marquez de Sapucahy, Presidente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Constando que o Exm. Sr. marquez de Sapucahy déra a alma ao Creador no dia 23 de Janeiro, meia hora depois do meio dia, apressou-se o 1° secretario, em virtude do Art. 18 dos Estatutos, a dar as providencias para que o Instituto fosse devidamente representado no acto solemne do funeral de seu venerando presidente, que verificou-se no dia seguinte (24 de Janeiro ás 6 horas da tarde). Nomeou-se uma commissão composta dos seguintes Srs.: conselheiro Dr. Homem de Mello, A. A. Pereira Coruja; Drs. B. F. Ramiz Galvão, Paranhos, Ribeiro de Almeida e Escragnolle Taunay, aos quaes se juntou o referido 1° secretario.

Achando-se fóra da côrte o orador do Instituto, desempenhou as suas funcções o Sr. Dr. Taunay pronunciando á beira da sepultura, no cemiterio de S. Francisco de Paula, o seguinte

DISCURSO

« Senhores! Todas as vozes mundanas podiam emmudecer em torno d'esta sepultura aberta; todas as ingratidões, todos os esquecimentos podiam vir

como unico acompanhamento a este feretro, porque n'elle está deitado um lidador que, embora muito trabalhasse em beneficio da patria, das sciencias e das letras, sobrevivêra comtudo, pela idade alongada, ao quebrantamento das forças e ao abatimento do valor physico ; mas uma voz tinha o dever rigoroso de dizer aqui um adeus final, e uma lembrança viva e uma saudade pungente deviam, até o derradeiro instante, cercar pressurosas este venerando corpo que, entregue á terra, vai para sempre desapparecer d'entre nós.

« Essa voz é a do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

« E como não fôra assim, se ainda ha dias nos congregavamos em derredor d'este respeitavel ancião, si até os ultimos momentos de sua existencia aproveitámos as illuminações de seu saber, a variedade espantosa de seus conhecimentos, a inesgotavel cópia de sua experiencia, thesouros todos esses que a justa apreciação das cousas d'este mundo rodeava de uma modestia encantadora, como só possuem aquelles que subiram ás alturas da sciencia verdadeira ?

« Mas não, a nossa voz não se ergue isolada ; todos medem com justiça a grandeza da perda que soffreu o Brasil na pessoa do venerando marquez de Sapucahy, e numerosissimo sequito veio respeitoso prestar a ultima homenagem ao estadista, ao jurisconsulto, ao sabio, ao litterato, ao patriota, a um d'esses proeminentes vultos, hoje já tão raros, que, preparando a organisação social d'este Imperio, assentaram com

mãos poderosas os alicerces de nosso edificio politico.

« Dias, porém, correráõ e com elles irá se desdobrando esse fio cada vez mais tenue que liga a memoria dos vivos aos restos mais caros e chorados : entretanto, para nós, membros do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, largos e largos annos passaráõ antes que se modifique o vivo sentimento que nos afflige agora.

« A historia relatará os serviços eminentes do marquez de Sapucahy á causa publica ; preconisará os seus talentos ; lembrará os actos do ministro, a actividade do conselheiro de Estado, a constancia do homem politico, a lição sempre douta do senador do Imperio, mas o Instituto Historico e Geographico Brasileiro a todos esses titulos de veneração ligará a recordação, hoje dolorosa, mais tarde suave, da doçura do seu trato, da sua affabilidade, lhaneza da elevação de seu espirito, da bondade inexhaurivel de seu coração, condições que todas concorreram para que a sua direcção sobre nós durante vinte tres annos consecutivos tivesse sempre o cunho de sabia e paternal.

« Será essa recordação como um d'esses raios de luz amena que nas tardes serenas illuminam a terra, quando ha muito descambou o sol.

« Rememoremos incessantemente essa doce influição.

« Calemos n'este momento supremo as honras que recebeu em vida, as grão-cruzes que lhe concederam

as potestades da terra, as regalias que lhe outorgaram as mais altas posições da sociedade.

« Estas foram as recompensas dadas pelos homens ao homem.

« Aquelle influxo foi derivação immediata de uma alma superior, foi o seu mais bello apanagio, foi a sua gloria, modesta para a vida d'aqui, mais immensa para a vida d'além, tão grande que perante o Grande Julgador, lhe dará a remissão dos erros em que, como creatura, pôde, em sua existencia de mais de dezeseis lustros, ter incorrido o nobre e pranteado marquez de Sapucahy. »

TYP. DE PINHEIRO & C.ª RUA SETE DE SETEMBRO N. 157

HISTORIA DA GUERRA DE PERNAMBUCO

E

FEITOS MEMORAVEIS DO MESTRE DE CAMPO

JOÃO FERNANDES VIEIRA

Heróe digno de eterna memoria, primeiro acclamador da guerra.

POR

DIOGO LOPES DE SANTIAGO

CAPITULO I

EXORDIO DAS CAUSAS FUNDAMENTAES E MOTIVO D'ESTA HISTORIA

Como quer que a memoria dos homens seja fragil e de pouca dura na conservação das especies de seus individuos, e com o decurso largo dos tempos pela maior parte acabe e não permaneça, e sem se sentir receba em si muitas faltas, principalmente quando as cousas andam por boca de muitos, que uns diminuem e outros acrescentam, conforme aquella antiga sentença: *Fama eundo crescit.* Foi cousa muito necessaria, que houvesse historias e chronicas para conservação dos illustres feitos, heroicas obras dos famosos e insignes varões que em letras e armas se esmeraram,

para que a posteridade conhecesse seu valor preclaro, e tão famosos exemplos imitasse; assim o diz o sapientissimo Justo Lypseus, estas palavras no prologo dos *Annaes* de Tacito: *ut impietate faciem praevisam facilius agnoscimus; sic in historia noti moris exempla*. Assim como em um painel conhecemos facilmente o rosto d'aquelle que vimos pintado, assim a historia, seus costumes nos ficam patentes e claros. Quem pudéra ter noticia das antigas republicas, e de seus heroicos e excellentes varões? Se não perseveraram até os presentes tempos as eloquentissimas historias de Alcibiades, Herodoto, Diodoro Siculo, Trago Pompeyo, ou seu sobrevindo Justino e outros muitos? Como poderamos saber e conhecer o progresso da memoravel republica romana? Os valorosos feitos de seus famosos capitães, se nos faltára um Polibio e um Tito Livio, um Salustio, Plutarco e Tacito? Sem duvida que haviamos de ignorar tanta grandeza, tão heroicos exemplos, tão insignes feitos em armas, se não duraram suas historias, porque se sómente se encommendaram á memoria e tradição dos homens em muita parte, que digo, quasi em toda com a variedade dos tempos e mudanças das cousas, já de todo ponto esqueceram; e não só nas cousas humanas houvéra esquecimento, mas tambem nas divinas, se nos faltaram as escripturas sagradas. O que nos manifesta o sapiente rei David ser necessario, pôrem-se as cousas em memoria, por escripto, para que pelo tempo em diante se não percam; quando diz no psalmo 101: *Scribantur haec in generatione altera et populus qui creabitur, laudabit hominem*. E ainda que se louve o Senhor, é justo que as cousas se escrevam. E como os illustres varões desejam tanto de perpetuar a fama de seus heroicos feitos, conhecendo que o que obravam, duraria pouco, se não houvesse quem os historiasse. Quizeram muitos ser historiadores de si mesmo, como temos ordinariamente entre

mãos. O exemplo de Julio Cezar, que o que de dia obrava com a espada, escrevia de noite com a penna; os estimulava, que Alexandre Magno vendo a estatua do valoroso e esforçado Achilles, derramando muita copia de lagrimas disse: não tenho inveja ó inclito e famoso capitão de tuas façanhas, mas sim do insigne compositor d'ellas, qual foi o principe dos poetas gregos Homero. E como no mundo flôresceram tão famosos homens que em feitos d'armas se abalisaram, principalmente libertando muitas provincias, reinos e cidades, e outras suas patrias d'imperio tyrannico e grave jugo com que estavam opprimidos, como consta de muitas historias, assim antigas como modernas, que seria larga narração o escrevel-as; e uma das mais heroicas acções que se tem visto, é a que n'estes tempos succedeu na quarta parte do mundo, America, na provincia do Brasil, capitanias de Pernambuco, foi a que originou e executou com admiravel prudencia, constancia, valor e fortaleza, o insigne varão d'eterna memoria João Fernandes Vieira, o primeiro acclamador das guerras de Pernambuco, governador que foi d'ellas, fidalgo da casa de Sua Magestade e do seu conselho de guerra, alcaide mór de Pinhel, commendador das commendas de Santa Eugenia de Alá e S. Pedro de Torradas, da ordem de Christo, governador eleito do Maranhão e mestre de campo de um terço d'infanteria que levantou com 2:000 homens á sua custa, e governador que foi dos reinos de Angola, por Sua Majestade, e por particular inspiração de Deus, que pôz os olhos de sua divina clemencia em tão affligida republica opprimida e violentada com o tyranno dominio, ou para melhor dizer, captiveiro que supportava dos hollandezes: considerando eu tão raro valor, para que durasse a memoria de tão heroica e celebre acção, posto que conhecendo serem minhas forças frageis para empresa tão grande, o engenho rude e

ténue para contar tantas grandezas, lembrando-me o verso do poeta. *Audaces fortuna juvat, timidosque repellit,* determinei de as pôr em lembrança, para que esta obra escripta sirva de rascunho a quem com novas forças de Atlante se possa esmerar em as escrever por estylo eloquente, palavras defecadas e bem exornada oração, que confesso faltar-me tudo isto, e só uma cousa tenho de minha parte e em meu favor, que é a singeleza com que as determino escrever, e na verdade o mais que pude apurar, e fóra de toda a affeição, e respeito humano, procurando seguir o norte d'ella, que como é filha de Deus e tão sua mimosa! *Ego sum veritas,* confio que o mesmo senhor me favorecerá n'esta empresa, pois n'ella como em firme base fundo minha historia, e a ella tomo por assumpto de minha obra.

E se alguem disser, que em vida senão podem escrever os feitos de um varão heroico, por não estarem as cousas limadas e apuradas como convem, isso será quando se escrevem as das remotas partes do mundo, mas estas são patentes, publicas, vistas e conhecidas, de onde os que as viram obrar, e n'ellas se acharam presentes n'este Brasil; e além d'outras, temos exemplo dos antigos em Julio Cesar, que, vivendo, escreveu suas obras; e no famoso Affonso de Albuquerque que escreveu uns commentarios do que ia obrando; e do insigne historiador francez Pedro Matheus que escreveu a vida de Henrique IV rei de França, vivendo ainda o mesmo rei. E o imperador Carlos V. de gloriosa memoria, retirando-se a S. Justo de Palencia tratou de escrever sua historia; e agora modernamente D. Gonçalo Cespedes de Menezes tirou á luz e imprimiu a chronica de el-rei Philippe IV de Castella, e outros muitos que deixo. Assim que meu intento é em particular escrever a chronica das ensignes proezas d'este varão, na

heroica acção e empreza que originou e foi executando da liberdade d'esta nova Lusitania, imitando ao serenissimo rei D. João IV, nosso senhor, que pôz em liberdade a antiga Lusitania da oppressão e usurpação de el-rei de Castella, que, posto que era jugo grave, comtudo era de christãos, mas estes d'estas capitanias de Pernambuco, de hereges apostatas, inimigos mortaes dos catholicos romanos, principalmente da nação portugueza, e fazendo-lhe tantos insultos, opprobrios, males e tyrannias, como pelo decurso d'esta historia se irá vendo.

CAPITULO II

EM QUE SE PÕE UMA BREVE DESCRIPÇÃO DAS CAPITANIAS DE PERNAMBUCO E OUTRAS COUSAS TOCANTES AO ESTADO DO BRASIL

A Provincia e Estado do Brasil está posta na quarta parte do mundo que chamamos America, que descobriu Americo Vespucio, de quem tomou o nome, como a todos é notorio: a descripção d'esta escrevem muitos autores, onde o leitor o póde vêr diffusamente escripta; os principaes que d'ella tratam são Abrahão Hortelio, Lourenço de Agnani, o Atlas Maior, Antonio de Herrera, nas suas *Decadas Oceanas*, e ultimamente João de Laet, autor grave estrangeiro, que em lingua latina escreveu a descripção da America com suas taboas geographicas de cada provincia, pintado tudo ao natural. D'esta provincia de Santa Cruz, que vulgarmente chamamos Brasil, tirando-lhe o verdadeiro appellido, de que muito se queixa o nosso famoso historiador João de Barros na sua primeira decada de Asia,

escrevem largamente os autores acima apontados, e o mesmo João de Barros, Jeronymo Osorio, na *Chronica d'el-rei D. Mañoel*, e na mesma chronica Damião de Goes, padre Mapheu no livro de *Rebus indicis* e outros muitos. Só tocarei brevemente o sitio e distancia das capitanias de Pernambuco, por ser a parte principal onde succederam as cousas de que principalmente se ha de tratar no presente livro. E' cousa notoria ser esta provincia descoberta por Pedro Alvares Cabral indo de viagem para a India, e como esta em outra o sejam, não é necessario tratar d'ellas.

Está o Brasil em 45 gráos para a parte do sul, distando 2 da linha Equinocial, e affirmam muitos, que faz um corpo em forma triangular. E' terra em muitos lugares amêna e aprazivel, de clima saudavel, bons e puros ares, muitas fontes de boas aguas, caudalosos rios, e em primeiro lugar muito fertil e abundante d'assucar, copiosa de cavallos, e gado de vaccas, e em algumas partes, como nas capitanias de S. Vicente, é muito copiosa de trigo e outras arvores de Europa, que se dão bem n'ella, e muito viçosa de todo o genero de hortaliça; finalmente por ser isto tão notorio a todos passo o demais em silencio, e assim os costumes dos indios, gente barbara, de ferozes e deshumanos costumes, mui varia e mudavel na condição, carecendo na sua lingua das letras F. L. R. interpretam, fé, lei, rei. Contêm esta provincia 14 capitanias, que comprehendem algumas 1,800 leguas, d'esta sorte: do Grão Pará ao Maranhão são 160 leguas, do Maranhão ao Ceará 135, do Ceará ao Rio Grande 160, do Rio Grande a Parahyba 45, e d'ella á ilha d'Itamaracá 25, e d'esta ilha a Pernambuco 7, e d'elle a Sergipe d' El-Rei 130, e de Sergipe á Bahia 50, da Bahia aos Ilheos 30, d'elles ao Porto Seguro outras tantas, do Porto Seguro ao Espirito Santo 61, do Espirito Santo até o Rio de Janeiro

75, e d'elle até S. Vicente 65. N'esta capitania de S. Vicente está a villa que chamam Santos e S. Paulo. Como meu intento é tratar sómente das capitanias de Pernambuco, deixando as outras, se ha de saber que esta tomou o nome e appellido de um buraco ou aberta que estava junto do Rio Santa Cruz, que divide esta capitania da de Itamaracá, da banda do sul, e d'este sitio e aberta do mar tomou o nome toda a capitania, porque— *Paraná* —entre outras significações da lingua dos indios quer dizer, mar que furou ou fez aberta em barra, e—*buc*—buraco ou aberta em barra, e juntas estas duas dicções quer dizer *Paranambuco*, d'esta barra ou aberta furada na bôca do mar; porém corrompendo-se o vocabulo pelos portuguezes, lhe vieram uns a chamar Pernambuco e outros Paranambuco, que é mais chegado á sua verdadeira derivação e etymologia.

E' esta capitania de 65 leguas de costa de mar, tem principio no rio de Santa Cruz, que a divide da de Itamaracá, e corre para o sul até o Rio de S. Francisco que a separa da capitania de Sergipe d'El-Rei, e para o sertão tudo o que fôr da conquista de Portugal até Indias de Castella. Esta capitania deu El-Rei D. João III de Portugal a Duarte Coelho d'Albuquerque, que entrou com suas náos pelo rio de Santa Cruz, e no sitio de Igaraçú venceu e desbaratou muita copia de indios que alli tinham sua povoação, e lh'as quizeram defender e offender aos nossos; e vendo as náos diziam uns aos outros, Igaraçú, que no seu idioma quer dizer náo ou embarcação grande, d'onde veiu o appellido á villa de Igaraçú, que alli fundou Duarte Coelho d'Albuquerque, que tambem se chama dos Santos Cosme e Damião, porque em dia d'estes santos martyres alcançou a victoria dos indios; e a estes santos edificou um templo onde foram sempre venerados, obrando Deus por elles muitos milagres; e esta villa foi a primeira e mais antiga da

capitania de Pernambuco; e posto que em um lugar perto d'Igaraçú que chamam os Marcos, por uns que mandou alli pôr o mesmo Coelho, para serem baliza e limites da divisão que se fêz das capitanias de Pernambuco e Itamaracá, e alli foi fundada outra villa que chamaram Santa Cruz; comtudo pelo tempo em diante se veiu a despovoar e ficar deserta, permanecendo sempre a villa de Igaraçú até nossos tempos. Indo o capitão Duarte Coelho d'Albuquerque, que marchando com sua gente d'esde Igaraçú para descobrir novas terras e sitios em que pudessem fundar outras colonias, e conquistar os indios d'aquella capitania, chegou ao sitio de Olinda, e vendo aquelle outeiro, que ficava junto do mar, ser de boa vista e bons ares e muito aprazivel, disse aos que com elle iam ó linda terra e outeiro para edificar uma villa, e por este dito se chamou a villa que alli fundou Olinda, e os indios lhe chamavam Marim, de um seu maioral indio que assim tinha por nome, e em olhando mais alto tinham a sua povoação, onde se fêz depois a rua nova.

Esta villa antes que fosse destruida pelos hollandezes era muito opulenta, de muita gente, muitas e boas casas. Tinha quatro mosteiros de religiosos, grande trato de mercadorias, mostrava em si de longe, principalmente aos que vinham de mar em fóra, uma amenidade e verdura, porque estava toda cheia e plantada de coqueiros, que não havia casa que não tivesse junto de si alguns, e assim faziam uma alegre apparencia, e movidos com a viração do mar notavelmente contentavam.

O lugar do Arrecife é uma povoação que está em uma ponta de terra, entre a costa do mar e um rio que vem do sertão que se chama Biberibe, o qual passando por junto da villa de Olinda se chama o rio do Varadouro, e corre junto da costa do mar até o Arrecife, d'onde se lhe ajunta outro que tambem corre do sertão, ao qual rio chamam Ca-

pibaribe, e juntos cortam esta ponta de terra, que terá de largo cousa de 20 braças e em parte menos, e dão d'encontro com suas aguas em um muro de pedra que a natureza creou, e vai correndo por toda esta costa em alguma parte meia legua d'ella, n'outra mais e menos; e n'esta parte do Arrecife está este muro de pedra, que chamam Arrecife, d'onde veiu o nome a esta povoação; perto d'esta ponta de terra ou peninsula que vem da villa, cousa de 50 braças, e como correm os dois rios entre a ponta de terra e este muro de recife que é o porto, fazem fundo capaz de entrarem por elle navios, aonde ficam abrigados do mar e ventos que quebram no mesmo muro e arrecifes. No fim d'esta ponta de terra está situada a povoação; e entre esta ponta de terra e este muro natural e arrecife faz uma aberta e boca larga e funda que é a barra, torna o mesmo muro e arrecife a continuar para o norte, e para o sul ao longo da praia; mas não tão chegado que não possam em algumas partes entre elle navegar barcas, e assim vai continuando este arrecife até defronte da villa de Olinda, onde faz outra aberta e pela mesma costa até onde chamam o rio Tapado, que é meia legua da villa de Olinda, em que faz outra boca, por onde podem entrar tambem barcos e navios; e assim vai cantinuando adiante até o Rio Doce, que dista duas leguas da villa, e chegando o mesmo arrecife a d'onde chamam o Páo Amarello, 3 leguas da villa, faz outra aberta ou barra onde podem entrar navios de toda a sorte; e d'alli vai correndo a costa até o rio de Santa Cruz, e ilha de Itamaracá, e mais avante e defronte da barra, que o arrecife abre junto da povoação, por onde as náos entram, está um lagamar grande e fundo que chamam o Poço, onde as náos grandes deitam ferro e ancóram ao longo do dito muro; pela banda de dentro entre o mar e o rio está uma fortaleza de pedra e cal que chama-

vam o forte da Lagem, que alli formou a natureza, e está tão unida a força com a lagem ou pedra que ficou fortissima e inexpugnavel. Para defesa do porto e da outra banda, estava outra fortaleza que chamavam a força da terra, e isto em tempo dos portuguezes; porque os flamengos fortificaram, sendo senhores do Arrecife, estes sitios e outros circumvisinhos com grandiosas e inexpugnaveis fortalezas, como pelo decurso d'esta historia se irá vendo; e assim tambem fizeram muitas casas na povoação, fundando-as sobre a agua do mar, que com a maré cheia occupava a praia com muitas pedras, e outros materiaes que lhe deitavam sobre que fundavam as casas na povoação. Vai continuando para a outra parte do sul este muro e arrefices e faz outra aberta ou boca que chamam a Barreta, e d'alli por diante vai chegando até o porto do Pontal de Nazareth, em que faz uma barra e o mar capaz d'entrarem n'elle navios, mas não demasiadamente grandes, onde está ao presente uma povoação de portuguezes muito grandiosa e de muito trato, por causa das náos que de Portugal acodem a este porto buscar carga d'assucares e mais drogas da terra; e vai continuando mais para diante este arrecife e faz muitas abertas e barras capazes de navios grandes, e entre ellas está a que chamam de Tamandaré, e a do rio Formoso que tem o nome conveniente a seu sitio, que chega até a Villa Formosa que chamam Serinhaem, nome da lingua dos indios. Tem tambem outros muitos portos esta capitania, em que se póde escrever por notavel o que chamam de Santo Antonio da Barra Grande na ponta do Geroaga.

Entre as cousas notaveis d'esta capitania se conta o famoso e nomeado cabo de Santo Agostinho, tão conhecido em todo o mundo, que entra pelo mar Oceano e serve de méta e baliza das navegações; dista da villa de Olinda 7

leguas e da povoação do Arrecife 6, e junto d'elle está o notavel porto de Nazareth. Contêm tambem em si esta capitania o Rio de S. Francisco, que é o maior d'ella, muito caudaloso e largo, corre da parte do poente para o meio-dia, e entra no mar Oceano 60 leguas do cabo de Santo Agostinho para o sul: tem 5 leguas de boca na entrada que faz ao mar; é navegavel mais de 100 leguas, mas tem cachoeiras que impedem a navegação. Suas ribeiras são fertilissimas; e por esta causa ha por estas terras muita copia de gado de todo o genero.

E' esta capitania de Pernambuco, assim como este Estado do Brasil de bons ares, principalmente os que vêm do mar, que os da terra são algum tanto damnosos e nocivos; excellentes aguas, regada de caudalosos rios, abundantes assim elles como o mar de peixe; tem grosos pastos para todo o gado, varias e inumeraveis caças, assim de animaes como de aves: matas densas que dão fructos agrestes, alguns de sabor muito excellente e suave. Madeiras grossas e altissimas, boas e convenientes para se fazerem muitas náos; outras muito solidas e quasi incorruptiveis. A terra fertil, produz com abundancia quanto lhe semeam: cria homens generosos e animosos, aptos assim para o exercicio das armas, como para o estudo das letras. As drogas que mais ordinariamente produz (fóra a copia grande d'assucar e páo Brasil de tinta) são algodão, tabaco, gengibre, tambem anil se se plantar o dá muito excellente, como se viu já por experiencia, e outras drogas. Acham-se gommas e raizes boas para tintas e para medicinas e usos proveitosos; ha salsa parrilha ainda que agreste; páo da China, polypodio, alcaçuz; e se póde fazer grão de uns fructos que chamam urucús, que supprem em algum modo a falta do açafrão; muitas sortes de pimentas da terra de varias côres e outras doces, que se comem, e outro genero d'ella muito aromatico, que

chamam pimenta longa, e bétel que tem alguma apparencia com o da India; muita copia de hervas medicinaes e hortaliça de toda a sorte; produz uvas, figos, romans e outros fructos de Portugal; ha em algumas partes pecegueiros, macieiras e outras arvores, mas não dão fructo: verdade seja que nas capitanias do Rio de Janeiro e em outras debaixo ha muita variedade de arvores de Portugal, principalmente grande copia de marmeleiros que dão bom fructo: ha muitas sortes de pedras, e no Porto do Calvo d'esta capitania de Pernambuco se acha muito crystal, e em outras partes, e em muitas d'este Estado minas d'ouro e outros metaes, e salitre, e outras pedras preciosas, como as que já se vêm de ouro em S. Paulo, da capitania de S. Vicente, e a das esmeraldas na do Espirito Santo.

Ha copia de sal nativo que sem arte o cria a natureza, que é em tanta quantidade, que se podem carregar muito numero de náos. Ha n'ella muitos portos para abrigo dos mariantes; grandes enseadas cercadas de arrecifes como temos dito. Ha outras cousas notaveis, assim de animaes, aves, peixes grandes, serpentes e cobras, segredos notaveis da natureza, que se de todas houvéra de tratar, fôra nunca acabar, porque como meu intento é só tocar por maior as cousas, e não fazer particular descripção, deixo de as tratar e das mais capitanias d'este Estado, como tenho dito. E ha historiadores que as particularisam com muita curiosidade e certeza: porém em particular é muito consideravel ao conhecimento d'este Estado e capitanias, a grande copia d'assucar que n'elle se cultiva, porque de Pernambuco até Parahyba ha 150 engenhos, que faziam antes da entrada dos hollandezes 500,000 arrobas de assucar macho, que posto no reino de Portugal a 5 cruzados sómente cada arroba, fazem dois milhões e 500,000 cruzados, e da Bahia até o Rio de Janeiro ha mais de 200 que

vendem melhor de 700,000 arrobas, as quaes ao mesmo preço valem tres milhões e 500,000 cruzados; e juntas estas sommas ambas fazem 6 milhões, de que á Sua Magestade pagam tres, direitos os da entrada e sahida dos assucares e das mercadorias que occasionalmente os estrangeiros trazem para a sacca d'elles, deixando o reino provido do que necessita. E na falta trazem dinheiro, que tambem é em pró do reino ; e além d'isto são de muita renda os dizimos que se pagam á Sua Magestade n'este Estado, e outras muitas cousas de deporte; pelo que é de muita importancia e proveito para Sua Magestade, e de grande utilidade para Portugal as drogas d'elle, como consta, e é cousa patente e manifesta.

As mais cousas d'este Estado e capitanias de Pernambuco, de seus animaes peregrinos, aves, peixes, plantas e hervas, da geographia de seus lugares, póde ver o curioso leitor, além d'outros autores, na descripção da America de João Laet. Porque meu intento como acima tenho dito é tocar de passagem n'estas cousas até chegar ao essencial da minha historia e assumpto. Da liberdade das capitanias de Pernambuco tão notavel em suas grandezas quanto avexado e opprimido com o jugo de Hollanda, como largamente se irá ao diante relatando.

CAPITULO III

EM QUE SE ESCREVE O ESTADO DE PERNAMBUCO E VILLA DE OLINDA ANTES QUE OS HOLLANDEZES A ELLA VIESSEM

E' cousa muito certa que da abundancia e affluencia das cousas se originem e nasçam os vicios, como se viu por

exemplo além d'outros muitos, na romana monarchia, que estando em sua prosperidade e grandeza veiu a cahir em tantos vicios e demasias, que começando a declinar seu imperio chegou a ser sujeita, e tantas vezes captiva d'infimas e barbaras nações; cousa manifesta aos que lêm as historias do romano imperio principalmente as de Blando Flavio, no livro que escreveu de Roma triumphante, e da declinação da sua monarchia. O mesmo succedeu áquella famosa cidade de Jerusalem, vendo tantas vezes sua ruina, captiveiro e miserias sendo rainha e senhora das provincias. O que lamenta o propheta Jeremias, quando diz em seus threnos, ou lamentações — *Domina gentium princeps provinciarum facta est sub tributo*. E acrescenta que a causa da sua destruição, miseria, peregrinação e captiveiro de seus moradores foram peccados. *Peccatum peccavit Hierusalem propter ea instabilis facta est.* D'isto temos um vivo e patente exemplo na villa de Olinda, cabeça da capitania de Pernambuco, nobre em moradores, famosa em templos e edificios, prospera e rica dos bens da fortuna, venturosa em seus successos, opulenta com os navios que a seus portos de tantas provincias concorriam, porém affeada e contaminada com peccados, de senhora que era, veiu a ser captiva e escrava de hereges hollandezes, que a puzeram em misero estado, destruindo e pondo por terra e finalmente queimando seus templos e soberbos edificios, sem escapar do incendio mais que uma só casa como testemunha do divino castigo; roubaram suas riquezas, contaminaram suas imagens, como inimigos de Deus e de seus santos; desterraram seus sacerdotes, mataram e fizeram peregrinar por mato sasperos, grutas e terras incultas seus moradores, fazendo opprobrio de seus sacrificios; finalmente os obrigaram a pôr fogo com suas mãos ao que das garras d'estes famintos lobos escapou, queimando tantas mil caixas de assucar, tanto

páo Brasil, e outras preciosas drogas, tantos navios; o que tudo importava um grande thesouro. E como os moradores não choraram, nem fizeram penitencia dos peccados, como convinha e aconselhavam muitos varões religiosos com as palavras do propheta: *Hierusalem, Hierusalem convertere ad Dominum Deum tuum.* Olinda, Olinda torna sobre ti, converte-te a teu Deus: foram crescendo os castigos do céo por tantos annos, com tantas calamidades infortunios e desventuras, como pelo decurso d'esta historia se irá vendo. E foi tanta a soberba de seus moradores, não só de Olinda, mas de toda a capitania, que se odiavam, (principalmente os poderosos), que desprezavam os infimos, não tinham o devido respeito aos religiosos, não faziam conta da justiça da terra, que faltando sobreveiu a divina, nem se administrava com elles, nem se dava a execução, nem se guardavam as leis e ordenações do direito; tudo eram ou respeitos humanos ou largas peitas, soberbas ameaças; sendo que a justiça e lei firme e valiosa é tão necessaria para as republicas se conservarem, como o leme para o governo de uma náo, o qual faltando ella perece; assim o diz o famoso estadista Dion Chrisostomo. *Tanto civitatibus utilior est lex; quam gubernacula navibus quo gubernaculo amisso, navis non pereat nise tempestate comprehendente civitas autem salva esse non potest lege abrogata.* Havia infinitos insultos, homicidios e outros peccados deshonestos, roubos; quem pedia o que se lhe devia era vexado, escandalisado. Havia bandos, mandava-se fazer homicidios e outras exorbitancias por dinheiro, até eram ameaçados os que os vicio reprehendiam; e alguns embarcavam e desterravam, de tal sorte, que os bons e ainda os proprios máos, diziam que havia de vir um castigo do céo rigoroso sobre esta terra, como tinha vindo sobre a cidade de Bacaim na India oriental; e muitos diziam, vendo as exorbitancias que se faziam:

Ah! que ha de vir fogo do céo e ha de abrazar Olinda e o Arrecife; e isto uma e muitas vezes, o que depois aconteceu tão clara e evidentemente: e tão temido foi este castigo e tão vaticinado, que os prégadores o prognosticavam e diziam em seus sermões, com muitas lagrimas e suspiros, aos ouvintes. E um religioso da ordem do patriarcha S. Domingos, chamado Frei Antonio Rosado, que veiu a Pernambuco por commissario e visitador do santo officio, fazendo um sermão do dia do juizo, o primeiro domingo do advento, na igreja matriz do Salvador, que era um templo grandioso e bem fabricado da villa d'Olinda, disse em altas vozes estas palavras: — «Ah! Olinda que do teu nome ao de Hollanda não ha que mudar mais que o I em A. Antes de muitos dias has de ser destruida e abrazada por hollandezes, em castigo dos grandes peccados que commettes, e me parece que ja te vejo arder em fogo, olha que, pois falta a justiça da terra, ha de vir a do céo. Assim como este religioso o vaticinou, assim em breves dias succedeu, e se experimentaram tantos castigos, tantos trabalhos, calamidades e miserias, como pelo decurso d'esta historia se irá vendo, que póde servir de exemplo da pouca firmeza das cousas d'esta humana vida, theatro em que se representam tantas tragedias e funestos acontecimentos.

CAPITULO IV

DA ARMADA DE HOLLANDA QUE VEIU SOBRE O ARRECIFE E VILLA DE OLINDA E DE COMO OS HOLLANDEZES A TOMARAM, E OUTRAS COUSAS PARTICULARES D'ESTAS GUERRAS.

Cousa é notoria, em como os hollandezes fizeram uma companhia para commerciarem e negociarem nas partes da India Oriental, e vexarem os portuguezes, que havia tantos annos que n'ellas moravam e tinham seus tratos e commercios com aquellas gentes, e isto para trazerem á Hollanda as drogas e especiarias e outras cousas preciosas do Oriente; e fazendo os Estados das provincias confederadas pazes com El-rei de Castella Phillipe III no anno de 1609, por doze annos,que se acabaram no de 1621, determinaram por este tempo fazer uma nova companhia que vulgarmente chamamos *Bolça*, para conquistarem e tomarem as terras que achassem desapercebidas nas Indias Occidentaes e Brasil, e commerciarem n'estas partes, para que assim como se augmentavam em riquezas com as drogas da India Oriental, se podessem fazer mais opulentos com o ouro e prata das Indias, e assucares do Brasil, que lhes ficava mais perto de Hollanda e Zelandia, ilhas que necessitam de muitas cousas.

Para esta nova companhia crearam e constituiram 19 deputados, para tratarem as cousas necessarias e convenientes para ella, e lhe chamavam companhia das Indias Occidentaes, porque seu hydropico peito não contente com as riquezas do Oriente, quiz tambem affectar e adquirir as do Occidente, e para esta juntaram muita somma de dinheiro,

entrando muitos mercadores ricos e todo o genero de pessoas que tivesse cabedal, para tirarem, como lhes parecia, grandes lucros; entrando tambem, segundo se affirma, algumas republicas a que não era licito, movidas com a cobiça dos ricos metaes do novo mundo. Vendo que a provincia do Brasil como menos poderosa estava mais desapercebida e descuidada, determinaram n'ella quebrar as primeiras lanças, e nas Indias, nas terras que chamam de S. Christovão para commerciarem com os indios d'aquellas partes; e pelo tempo em diante irem ao reino de Chile fazer pacto e alliança com os moradores rebeldes contra a Hespanha.

Preparou esta nova companhia ou bolça uma poderosa armada, para tomarem a cabeça principal d'este Estado do Brasil, que é a cidade do Salvador sita na Bahia de todos os Santos, que commummente chamamos a Bahia, e deitando gente em terra com muita facilidade a tomaram a 9 de Maio de 1624; e como ha muitas historias d'este particular, não relato os mais successos. Depois sendo recuperada a dita cidade d'ahi a um anno pelo valoroso e famoso general da armada d'El-rei de Hespanha D. Fradique de Toledo, e o soccorro que vinha aos hollandezes retirado, desejaram summamente os da nova companhia tornar a tentar a fortuna nas partes do Brasil, e fazer alguma empresa que fosse de proveito, que este é o que mais trazem diante dos olhos. Sabendo que a villa de Olinda estava mui prospera e rica e a povoação do Arrecife com grande copia de assucares e outras drogas, assim de páo Brasil, como tabaco, e muitos navios n'aquelle porto, que de diversas partes a elle concorriam, determinaram tomar por armas suas forças, e deitar gente na villa e depois sujeitar sua campanha, para que com o que roubassem e com o commercio dos moradores fizessem opulenta Hollanda e Zelandia e as mais provincias confederadas. Succedeu n'este tempo que tomaram alguns

navios das indias com somma de prata e ouro, que lhes serviu para a preparação e fornecimento d'uma poderosa armada, que fizeram para tomar a Pernambuco; e assim a foram ordenando, e fazendo de náos do Estado, muito fortes e grandes, bem fornecidas de peças de artilheria, soldados, munições e mantimentos necessarios. Fizeram general d'esta armada a Henrique Loncq, e almirante Pedro Adriaanszoon, vice-almirante Justo Trappen, e coronel da gente de guerra Frederico Waerdenburgh. Partiram do porto Goeran a 29 de Junho de 1629, com 8 náos, e se lhe foram ajuntando outras de Hollanda e Zelandia, e com as 8 deu o Loncq com a frota e a armada de Hespanha do general D. Fradique de Toledo; e pelejando se vieram os hollandezes apartando d'ella, e aos 4 de Setembro chegaram á ilha de S. Vicente de Cabo-Verde aonde se lhe ajuntou a mais armada, e no fim de Novembro chegou o Waerdenburgh com o resto com que partiu de Tessella a 20 de Novembro. Ja havia 54 navios entre grandes e pequenos em que entravam dois que tomaram e 13 chalupas; e se fez resenha da gente e acharam 7:280 homens em que entraram 3:500 soldados, e com esta gente partiram das ilhas de S. Vicente a 26 de Dezembro e tomaram altura do Brasil a 2 de Fevereiro de 1630. Deixemol-o ir navegando e tornemos a tratar as cousas do Brasil, para que se entenda melhor o decurso d'esta historia.

Affirmam alguns, que a Infanta D. Isabel Clara Eugenia, a qual governava os Estados de Flandres n'estes tempos fez aviso a El-rei D Philippe IV, de como esta armada vinha tomar por armas o Arrecife e villa de Olinda, e havia de deitar gente em terra, no sitio que chamam o Páo Amarello, que é porto ainda que pequeno, que dista de Olinda tres leguas, para vir a gente marchando por terra, e as náos se haviam de pôr a combater o Arrecife, como depois

se viu. Tanto que El-rei foi sabedor d'isto, mandou aviso ao governador do Estado do Brasil Diogo Luiz de Oliveira, que então governava e estava na cidade da Bahia, para que a fortificasse e guarnecesse de soldados e se aprestasse para a defesa, porque não sabia se o inimigo deitando fama que ia sobre Pernambuco, fosse á Bahia. O governador depois de haver fortificado e provido do necessario a cidade, despachou para Pernambuco a petição de André Dias da França seu capitão maior, a Pedro Corrêa da Gama, sargento maior de todo o Estado, soldado antigo na guerra, e mui pratico das cousas d'ella, e muito intelligente na materia das fortificações, e venturoso em muitas occasiões em que se achou por espaço de muitos annos, que serviu a El-rei em diversas partes, para que fortificasse a villa de Olinda e Arrecife do que fosse necessario. Chegado a Pernambuco fez trincheiras pela praia na villa de Olinda e cercou o Arrecife de uma paliçada de páo a pique, por ser assim conveniente.

N'este tempo chegou de Portugal á Ponta de Geroaga Mathias de Albuquerque com o titulo de capitão mór e superintendente nas cousas tocantes á guerra, e rendeu do cargo a André Dias da França. Trouxe em sua companhia duas embarcações de que eram capitães João Alves da Barbuda, e Gil Corrêa Castello Branco. Chegado a Pernambuco tratou com Pedro Corrêa da Gama de acabar de fortificar o Arrecife e villa; e junto da fortaleza da terra principiou uma força, cuja fabrica encommendou a Diogo Paes; que se não acabou, porque n'este tempo chegou a armada hollandeza. Tratou Mathias de Albuquerque de festejar o nascimento do principe Balthazar, filho d'El-rei, que n'este tempo havia nascido, com muitas festas, como fez, mas n'esta occasião chegou ao Arrecife um patacho que enviou o governador de Cabo Verde João Pereira Corte Real, com

aviso de como era passada para as partes do Brasil uma grossa armada de Hollanda, que conforme disseram certos homens que os hollandezes deitaram em Cabo Verde, que haviam roubado e tomado em um navio, ia em demanda do Arrecife e villa de Olinda. Tanto que Mathias de Albuquerque teve este aviso, começou logo a preparar e dispôr as cousas tocantes á defensão da terra: assentou em conselho que nenhum morador tirasse nenhuma fazenda, nem bens alguns moveis da villa para os obrigar de que pelejassem em defesa da terra, por sua fé, rei, honras, vidas e fazendas; uns o approvaram, e outras disseram que sendo a villa aberta por muitas partes, e indefensavel, que melhor fora desoccupal-a de gente inutil, e tirar cada um seus bens, e obrigar com graves penas a pelejar; e parece que muitos anteviam o rico despojo que ficou em poder do inimigo.

Passados 8 dias depois de chegar d'aviso o patacho de Cabo Verde aos 13 dias de Fevereiro de 1630, uma quinta-feira, chegou a armada de Hollanda a avistar o Cabo de Santo Agostinho. Aqui juntos os hollandezes em consulta deram 16 náos a Frederico Waerdenburgh com 2:400 soldados e 700 marinheiros escolhidos para saltarem em terra, e indo as náos á vista do rio Tapado, meia legua de Olinda fazendo mostras de quererem deitar gente em terra, vendo a nossa infanteria que alli estava, foram até o Páo Amarello e sahiram em terra sem resistencia nem impedimento algum. O general do mar Henrique Loncq ficou com a mais armada sobre o porto do Recife.

Tanto que appareceu a armada mandou Mathias de Albuquerque tocar rebate, para acudirem os moradores da villa, e os de fóra a seus postos. Da gente de fóra da villa e seus termos era coronel Pero da Cunha de Andrade, e da gente da villa Ambrosio Machado de Carvalho; mandou

guarnecer os dois reductos da villa pelos soldados pagos dos presidios de que eram capitães Martim Ferreira e Francisco Tavares: estes reductos estavam, um no fim da villa, no caminho que vai pela praia para o Arrecife, e lhe chamavam a Guarita de João de Albuquerque, e o outro para a parte do mosteiro de S. Francisco, pelo caminho que vai para o rio Tapado e para o Rio Doce. Fazia officio de sargento maior Rui Calaça Borges, por estar n'este tempo ausente Manoel de Sousa que o era. Repartiu pelas trincheiras da villa a gente da ordenança da villa de que eram capitães Roque de Barros Rego e Salvador de Azevedo: mandou para defesa do Arrecife duas companhias da ordenança da villa com seus capitães Affonso d'Albuquerque e Manoel da Costa Calheiros; a gente da Varge foi para o Arrecife com seu capitão Francisco Monteiro e Jacintho de Freitas para o rio Tapado e muita parte da gente da ordenança que acudiu de fóra, porque a mais d'ella foi para o Arrecife em companhia do capitão André Pereira Timudo, com a gente que tinha vindo de Portugal, e por cabo de toda esta infanteria, foi André Dias da França; e Mathias de Albuquerque andava com a gente de cavallo para acudir onde fosse mais necessario. Tratou tambem de guarnecer o Arrecife e suas forças, a saber: a da terra e a que está fundada sobre a lagem como temos dito, mettida no mar para defensão do porto junto dos arrecifes. Era capitão da gente da ordenança d'aquella povoação Bento de Freitas, que guarneceu a paliçada com a gente que veiu da villa, e com a sua e outra que de fóra acudiu, fazendo os soldados covas na arêa para se defenderem das balas que atiravam as náos hollandezes que choviam no Arrecife.

Antonio de Lima capitão da força da terra, e Manoel Pacheco da do mar se prepararam para a bateria e defensão d'ellas guarnecendo os postos de soldados, mandando bor-

near a artilheria, fazer reparos, provendo-se de munições, armas e mantimentos; tambem mandou Mathias de Albuquerque ao capitão Nuno de Mello com uma náo para defender a Barreta que está junta do Arrecife, para que o inimigo não entrasse por ella. Dispostas estas cousas, e preparada a villa e Arrecife para sua defesa da nossa parte, Loncq general do mar chegou em ordem de peleja com suas náos embandeiradas, tocando caixas, trombetas e clarins, e chegando junto da força do mar despediu um batel com um tambor e embaixada em que pedia lhe entregassem as forças, e o Arrecife, que daria boa passagem aos soldados, aliás que usaria de todo o rigor das armas; porém vendo que não foi ouvida, nem recebida, ás 11 horas do dia, uma sexta-feira 15 de Fevereiro de 1630, mandou dar as forças, e povoação uma espantosa bateria, jogando sua artilheria com todas as peças que as náos traziam, sendo tantas as balas que cahiam no Arrecife, que se contaram por curiosos algumas 2:000. As nossas forças lhes respondiam disparando sua artilheria, fazendo algum damno nas náos contrarias, uma das quaes no meio do combate tocou pegado aos arrecifes, mas elles a tiraram com admiração dos que a viram ficar salva. E o tenente Pedro Barbosa, e os mais soldados (por faltar o seu capitão á sua obrigação), que defendiam a força do mar pelejaram com muito animo e valor; e com as balas contrarias nos mataram 4 homens e feriram 7, e o inimigo tambem recebeu damno: as balas que entraram na povoação fizeram pouco damno, por estarem os soldados mettidos em covas na arêa, e outros com seus reparos, posto que furaram muitas casas passando-as de parte a parte.

Durou este combate algumas 7 horas sem cessar: vendo o general Loncq que perdia muita gente, e que lhe era impossivel tomar a força, e entrar pelo porto, em

cuja barra tinham os nossos posto uma cadêa de ferro que a atravessava, e mettido uma náo a pique, para que não podessem entrar os náos contrarias, voltou ao mar com toda a armada (excepto as náos que tinham ido botar a infanteria em terra), para consultar o que melhor lhe estivesse e verem o successo do Waerdenburgh. Na empresa da villa, este, tanto quê sem impedimento (que n'isto consistiu a desgraça d'esta terra) saltou na praia com a infanteria, deitando fóra algumas peças de campanha, a sexta-feira á tarde foi formando tres esquadrões, afóra um de mosqueteiros escolhidos, e aquella noite esteve com suas sentinellas, e com muita vigilancia, temendo que os nossos acommettessem de algumas emboscadas; e tanto que amanheceu, sabido que era o seguinte dia, pôz a gente em ordem para marchar contra a villa de Olinda: tinha como dissemos formados tres esquadrões, no primeiro dos quaes ia por capitão o vice-coronel Elst com 934 soldados, no do meio Steyn-Callenfels capitão com 1:049, no ultimo Foulcke Hounckes com 965: afóra o esquadrão de mosqueteiros que iam varejando os matos por junto á praia, por se temerem, como dissemos, de algumas emboscadas. Tanto que partiram muito de manhã, indo adiante no primeiro esquadrão o coronel Frederico Waerdenburgh, com algumas pessoas de campanha e tendo algumas lanchas ao largo, pelo caminho, para darem ajuda aos que iam marchando e atirarem á nossa gente. Chegaram sem lhes sahir ninguem ao encontro até ao Rio Doce, que foram passando com agua pelos peitos, como tambem o tinham feito quando desembarcaram no Páo Amarello, que foram duas occasiões, se houvéra ordem militar para os nossos os desbaratarem, e matarem sem ficar um só vivo; mas era isto um castigo do céo evidente, e por isso os nossos estiveram cegos.

Tinham n'este meio tempo guarnecido esta passagem do

Rio Doce os capitães Roque de Barros Rego, e André Pereira Timudo e outros com gente da ordenança e presidios, por onde o inimigo havia forçosamente de passar, e tambem aggregados os capitães Francisco Tavares e Martim Ferreira com sua gente, e feito uma trincheira com arêa para darem carga no inimigo, e impedir-lhe a passagem, o que fizeram com muito valor e animo, morrendo de parte a parte alguns homens e outros feridos: porém avançando o inimigo com todo o poder se puzeram em desordem os soldados, e com os poucos que ficaram não puderam resistir os capitães; n'este tempo chegou Mathias de Albuquerque que vinha com a gente de cavallo, e o capitão Salvador de Azevedo com a gente da ordenança, e outra que se aggregou, e veiu acudindo com indios, sendo todos 700 homens, vindo em uma tropa, havendo entre todos tanta desordem e confusão, como costuma haver em gente bisonha, e que nunca se tinha visto em semelhante conflicto, posto que com animo e brio ia buscar o inimigo, o qual vinha com seu exercito formado, e peças de campanha, como gente que sabia da arte militar, o que vendo e considerando Mathias de Albuquerque deu ordem a que se retirassem os nossos para o rio Tapado, para que nas trincheiras que n'elle havia defendessem o passo ao inimigo; quando voltaram a maior parte se veiu pelo mato, a pôr em cobro suas mulheres e filhos, e mais bens, vendo que a villa estava aberta, e incapaz de defesa, pelo que vendo-se Mathias de Albuquerque com pouca gente no rio Tapado se veiu para a villa, para n'ella se defender á sombra das trincheiras e reductos; mas os hollandezes chegados junto á villa, guiados por um homem que aprisionaram, como diz um seu escriptor, inda que alguns dizem por um mulato, se repartiram, ficando uns para combater o reducto que ficava á entrada da villa, para a parte de S. Francisco, e outros foram subindo ao alto da

villa á igreja dos padres da companhia de Jesus; e indo um troço d'elles por um caminho estreito, que fica por detraz da cerca do mosteiro de S. Francisco, lhes sahiu ao encontro o capitão Salvador de Azevedo com cousa de 22 homens de sua companhia (e outros ficaram na estancia d'este capitão com seu alferes Antonio do Soveral), com estes poucos teve o encontro ao inimigo com grande valor e animo, onde lhes fez muito damno, matando-lhe alguma gente e um official de guerra, e dos 22 nos mataram 5, os que estavam na igreja de Jesus, que eram tambem a maior parte dos soldados do dito capitão Azevedo, se fizeram fortes; mas o inimigo quebrando as portas lhes ganhou o postos ferindo com grande crueldade a muitos dos nossos, que escaparam milagrosamente de suas mãos com grandes feridas, de que estiveram em risco de morrerem. Os outros troços chegando ao reducto, as peças d'elle lhes fizeram algum damno, mas vendo o feito mal parado, um Cornelio João Flamengo, que estava n'elle por condestavel da artilheria, arvorando uma bandeira branca lhes deu entrada e se foi com elles e tambem um Adrião Franco Flamengo, que pelo tempo depois os hollandezes enforcaram e esquartejaram por lhe acharem cartas de Mathias de Albuquerque a quem dava avisos importantes.

Vendo Mathias de Albuquerque que haver-se o inimigo apoderado do mais alto da villa e reducto, se foi retirando com a gente com que se achou para o Arrecife, e antes d'isto, temendo que o inimigo entrasse na villa por um caminho que vem ter á fonte, que está perto á ermida de Nossa Senhora do Amparo, mandou a João Paes Barreto com duas companhias de Martim Ferreira, e Francisco Tavares e André Pereira Timudo com parte de sua gente que começaram a fazer á pressa uma trincheira de taboas e pipas; porém elles não vieram por aquella parte, e vendo que o

inimigo tinha ganhado o alto da villa, foram a pelejar com elle, mas acharam-se com poucos soldados; e vendo André Pereira Timudo um troço de flamengos que chegava junto á igreja da Misericordia, não podendo reprimir o valor que o acompanhava, pelejando com o inimigo, foi morto. Já por este tempo uma grande multidão de mulheres e meninos, e outra muita gente da villa se tinha retirado para o mato, fugindo á furia e rigor do inimigo, e tinham rompido por muitos soldados do presidio, que lhes impediam a retirada, e inda do pouco e alfaias que levavam com má consciencia as despojaram de muita parte. O mesmo fizeram muitos dos presos facinorosos, que na cadêa publica estavam, que, com a entrada do inimigo, quebrando as portas d'ella, sahiram em chusma e fizeram grandes roubos e exorbitancias; finalmente, tudo eram gritos, chôros, clamores, deixando sua amada terra, seus templos, suas cazas e fazendas expostas ao rigor do victorioso flamengo; a mãi não sabia de sua filha, o marido de sua mulher, o filho de seu pai: tudo era uma turbulenta confusão, um intrincado labyrintho; um theatro do castigo da divina justiça, que mais se deixa á consideração do piedoso leitor, do que a relatar-se com a penna.

O inimigo tanto que se apoderou da villa d'Olinda, sabbado 16 de Fevereiro de 1630, fez mil exorbitancias e insultos, não perdoando a cousa alguma; entrando nos sagrador templos executou a perfidia heretica, nas sagradas imagens, vazos e vestes sacerdotaes, com muitos improperios, roubando tudo, que posto que tiveram lugar, com tudo muita parte da gente que estava em defesa do Arrecife, e foram mandadas da villa, como não poderam tornar a ella lhes ficaram as cazas fechadas, e muitas e mui ricas lojas de mercadorias de que se aproveitaram muitos, assim dos moradores de fóra quando se vieram retirando, como

dos inimigos e escravos, que andaram á pilhagem n'aquella seguinte noite, que como os flamengos estavam cheios de vinho entravam dentro a roubar sem serem sentidos. Vendo Mathias de Albuquerque que o inimigo estava apoderado da villa e presentindo (o que em breve succedeu), que d'ella havia de vir ganhar o Arrecife, mandou pôr fogo ás casas que vulgarmente chamam Paços, que estavam cheias de caixas de assucar, onde foram queimadas algumas vinte mil, e muito páo Brasil, tabaco, algodão e outras drogas da terra, e juntamente cousa de 30 embarcações, que no porto estavam; o que viu arder o Waerdenburgh, que estava aposentado no collegio dos padres da companhia de Jesus, e o Loncq das náos em que estava no mar; e sabendo o Waerdenburgh o que passava, se queixou muito dos prisioneiros portuguezes, de que lhe queimassem os seus assucares, que tinham ganhado, como se mettêra algum cabedal e trabalho em os fazer, ou tivesse algum direito e razão para os tomar, e vir ganhar a villa que lhe não devia nada: mas sempre esta nação teve uma insaciavel sêde e cobiça do alheio, que lhe parece que, o que os outros possuem é seu de jure. Foi um incendio este admiravel, que parecia o fogo subir á sua esphera, ardendo o assucar, como uma fina polvora; e em breve espaço ficou o Arrecife em parte abrazado e destruido, e queimadas as embarcações com quanto tinham: parece que se cumpriu o vaticinio de muitos, e como atraz fica referido diziam, que havia de vir fogo do céo sobre o Arrecife, pelas exorbitancias que n'elle se faziam.

Tambem Olinda no principio não ficou isenta de incendios, porque os hollandezes para se fortificarem nas ruas principaes d'ella, queimaram e derrubaram muitas casas, para com a madeira fazerem trincheiras, e ficarem patentes e descobertas estas, para que não pudessem ser sal-

teados d'entre as casas, que sem duvida, que se n'aquella noite foram acommettidos poucos escaparam com vida, que como acharam muita copia de vinhos da Canaria e d'outras partes, que é o seu nectar suave, e o paraiso de seus deleites, se brindaram e emborracharem de tal sorte, que não ficou nenhum do maior até o mais pequeno, que se não engolfasse no vinho, e ficasse privado de seu juizo; e com armarem forcas para os deliquentes, que com a borracheira se esqueciam de vigiar o que lhe era necessario: não havia quem os reprimisse e apartasse da grande abundancia e affluencia do licor que tanto os regala, ou para melhor dizer emborracha; e posto, que houve um homem que com alguns apaniguados, que estavam no Arrecife, quiz intentar esta facção e dar n'elles aquella noite, como era suspeito não quiz consentir Mathias de Albuquerque, que tal fizesse, por se temer que ficaria com inimigo.

Por este tempo o capitão Antonio de Lima provia do necessario a fortaleza da terra, em que estava e com muita vigilancia tratava de sua defesa, para o qual mandou Mathias d'Albuquerque além de sua guarnição, que eram sómente 7 soldados, que os demais andavam por fóra, 20 homens moradores, em que entrou João Fernandes Vieira, dando principio ao serviço de Sua Magestade como depois por obra veiu a mostrar, conforme viemos contando n'esta historia, e 3 dias e 3 noites esteve n'esta força de sentinella, por falta de gente em um posto, como consta de suas certidões.

CAPITULO V

De como os hollandezes tomam as duas fortalezas do mar e terra que no Arrecife estavam

Cinco dias depois de terem os hollandezes occupado a villa, e feitas suas fortificações, determinaram de escalar a força de terra do Arrecife; e assim uma noite se aprestaram levando 16 escadas e o mais necessario para as escalarem, e se vieram chegando para ella, pelo silencio da noite sem fazer rumor, para tomarem os nossos descuidados, mas dando rebate as sentinellas da força, sendo sentidos os que n'ella estavam, que eram cousa de 27 homens, acudiram logo com as armas; e vendo que já o inimigo ia subindo pelas escadas que tinham encostadas na muralha, se defenderam com grande valor com suas armas, deitando sobre o inimigo muitas pedras e traves de cima da força, com que lhes fizeram grandissimo damno, matando a uns, derrubando a outros, que já tinham subido acima, e um que estava no mais alto matou um soldado dos nossos; finalmente os outros vieram precipitados á terra mortos e feridos com escadas feitas pedaços, e lançando na força muitas granadas de fogo, antes de rebentarem os nossos lh'as tornavam a lançar em cima,com que feriram muitos. Vendo os hollandezes, que poderiam ser cousa de 800, tão grande resistencia, e o muito damno que recebiam, intentando quebrar as portas da força, o que não poderam fazer, se retiraram para a villa d'Olinda, d'onde tinham vindo, deixando muitos mortos e feridos; e se affirma que os mortos foram 150. Dos nossos morreram 4, e feridos 6. Re-

tirado o inimigo, sahiram os nossos da força a aprisionar os feridos, e recolher os despojos, que foram muitos, armas, e munições que ficaram no campo; e sabendo-se esta victoria, foram em soccorro da força algum soldados, que se metteram n'ella e alguns capitães da ordenança com seus alferes, porque a gente se tinha retirado e poucos os acompanharam.

Não se passaram muitos dias, que não tornassem a intentar tomar esta força por armas, para isto trouxeram 600 gastadores que vieram fazendo umas covas em caracol, pela ponta ou restinga de arêa, que é o caminho da villa para o Arrecife, que vem, como temos dito, pela praia do mar, e da outra parte passa o rio Biberibe, ficando em meio o caminho, e junto á povoação do Arrecife ficava esta força que era já antiga, e estava com o tempo desmantellada, e feita ao modo antigo, não muito alteada; vieram pela cava os hollandezes, e á vista da força assentaram suas peças de bater, e primeiro um grande canhão, e outras tres peças com que começaram a bater as forças com uma continua bateria sem cessar; e como a força era fraca, estava quasi arruinada, as peças lhe faziam muitos buracos e aberturas, e começou a cahir por onde as peças tiravam. Tambem os da força n'este entretanto faziam muito damno ao inimigo, mas por fim já não podiam atirar com as peças, porque como as do inimigo eram maiores descalvagaram as nossas, e uma bala abriu um grande buraco, junto aonde estava a polvora, que foi caso milagroso não dar n'ella e abrazar os que defendiam a força. Já por cima d'ella estava tudo arrazado, e desmantellado sem nenhum reparo, e os soldados pelejavam na parte mais baixa, e nos tinham morto tres artilheiros, e um só ficou vivo, mas já não podiam as peças atirar. Vendo a nossa gente derrubada a muralha e ser incapaz de defesa, e o risco que corriam suas vidas, se o ini-

migo entrasse á força a escala vista que para isso se ia já preparando, consultando Antonio de Lima com os outros capitães o que se havia de fazer, e vendo todos que não havia já modo de defesa, e como estavam tão apertados do inimigo, e que em taes apertos el-rei dá meios de partido a seus soldados para salvar as vidas, e outras cousas que entre si consultaram e praticaram, vendo tratarem-se estas cousas entre os capitães, o condestavel que era estrangeiro pôz uma bandeira branca na força; acudiu o inimigo e havendo-se dado refens d'uma e outra parte, foi tratar os concertos do entrega o capitão Gil Corrêa Castello Branco, e assentaram que sahissem todos com suas armas, polvora, balas na boca, e moveis; e querendo depois obrigar por força aos rendidos que jurassem todos de não tomarem armas contra elles em 6 mezes, por quanto a força estava tão arruinada e desbaratada, que não eram dignas de se lhe fazerem tão favoraveis partidos, pois a tinham já quasi rendida (como é costume d'esta nação não guardar nunca os concertos e pactos que trata, como largamente se verá pelo decurso d'esta historia), os obrigavam a este tão infame juramento e opprobrio. Os capitães e homens de timbre não quizeram consentir tal, nem se lhes deu das ameaças, que lhes faziam, e por esta causa os levaram presos para a villa: alguns soldados obrigados com o rigor da prisão consentiram, mas os capitães não quizeram, e estando alguns dias em prisão, vieram allegando que sómente o capitão e o tenente da força eram obrigados a fazer este juramento, mas não elles que assistiam como soldados, pelo que os mandaram soltar da prisão sem fazerem o juramento, que queriam, e assim tambem largaram ao capitão Antonio de Lima, vendo que estava pertinaz em não fazer o que elles pretendiam.

Tanto que os hollandezes se apoderaram da força da

terra, em dois dias do mez de Março de 1630, mandaram um tambor e embaixada á força do mar dizer ao capitão Manoel Pacheco de Aguiar que a rendesse, senão que a bateriam e arrazariam, e que não dariam quartel a elle nem a seus soldados. O capitão lhes pedia que lhe esperasse tres dias, em quanto mandava aviso ao seu general Mathias de Albuquerque acerca da entrega d'ella. Os hollandezes lhe tornaram a mandar dizer que nem uma hora lhe dariam de espera, o que vendo o capitão, juntando os soldados consultou com elles o que faria ; houve grandes debates e contendas : uns diziam que morressem defendendo-a, outros foram os mais, que já que lhes faltava o necessario para sua defesa, que a entregassem, como logo fez, posto que o seu tenente Pedro Barbosa repugnou bravamente esta entrega.

Ganhadas as forças, ficou logo o hollandez senhor da povoação do Arrecife, que começou a fortificar com fortes trincheiras, fazendo muitas forças inexpugnaveis e soberbas, muitos reductos e outras fortificações. Rendida a força de terra, João Fernandes Vieira mandou a um moço que tinha em sua companhia que salvasse a bandeira da infanteria do capitão Affonso de Albuquerque, que alli estava tambem, e a prata da gineta como consta de suas certidões.

CAPITULO VI

DE COMO MATHIAS D'ALBUQUERQUE MANDOU FAZER UMA FORÇA PARA DEFENDER A CAMPANHA, E DOS ASSALTOS QUE MANDOU DAR AOS HOLLANDEZES QUE SE IÃO FORTIFICANDO, E DE COMO FORAM DESBARATADOS VINDO EM DEMANDA DA NOVA FORÇA QUE VULGARMENTE CHAMAM O ARRAYAL.

Sendo tomadas as forças do Arrecife, Mathias d'Albuquerque juntando gente, por conselho dos homens praticos na guerra, determinou fazer uma força inexpugnavel, quasi uma legua distante da villa e do Arrecife em um sitio conveniente, para impedir ao inimigo que não ganhasse a campanha, e se fizesse senhor dos engenhos d'assucar da capitania, que era o que mais pretendia, e desejava como causa de seu effeito ; e para isso buscou um sitio accommodado em um outeiro aonde se trabalhou tanto, que em breve se fez, cercando-a d'uma forte trincheira com seus terraplenos, parapeitos, plataformas e explanadas, d'onde se descortinasse o campo, fazendo-lhes duas cavas bem alteadas e fundas, e junto d'ella edificaram muitos moradores suas casas, para que com seu amparo podessem ficar seguros do inimigo ; e assim se fez em breve uma rasoada povoação, fortificou e forneceu esta força com artilheria, em que havia algumas peças de bronze.

Logo lhe acudiram de toda a capitania muitos e valorosos soldados que dividiu por muitas estancias, distantes d'esta força que vulgarmente chamavam o Arrayal, e assim tinham encurralado o inimigo, assim na villa, como no Arrecife, que não era senhor de vir buscar fachina nem agua

para beber, porque sahindo de suas trincheiras o assaltavam e matavam, nem ousavam ir da villa para o Arrecife, nem d'elle para a villa senão com muita gente de guerra, porque os nossos passando a nado o rio, ou sendo maré vazia e postos d'emboscada sahiam com grande impeto a matal-os.

N'este tempo se offereceu a Mathias d'Albuquerque um indio chamado Antonio Camarão (que depois dando-lhe Sua Magestade o habito de Christo, e Dom, se chamou D. Antonio Philippe Camarão, pelas proezas e valorosos effeitos que obrou n'esta guerra), era principal pessoa entre os indios, a que eram muito obedientes, e sua gente muito destra em atirar as frechas, e o elegeram por seu maioral, por animoso e esforçado. Este tomou a sua estancia em lugar arriscado, fazendo grande damno ao inimigo, uzando de muitos ardis de guerra; e foi sempre muito leal aos portuguezes, e teve com os hollandezes famosos encontros, desbaratando-os muitas vezes; e tanto que chegou a dizer o mestre de campo dos hollandezes Christovão Artichofsky, soldado velho e experimentado, de nação, polaco, que um só indio tinha poder para o fazer retirar muitas vezes.

Tambem pôz n'outra estancia ao padre Manoel de Moraes com indios, e por fronteiro á villa o capitão Estevão Alves, e a outros muitos que fez capitães d'assaltos; e pelo tempo em diante fez capitão e cabo de companhias das estancias a Luiz Barbalho, e tenente do coronel, que n'estas guerras o fez com grande valor.

Tendo o inimigo noticia d'esta nova fortaleza, que ainda não estava acabada, determinou de vir apoderar-se d'ella, e assim cousa de 800 soldados sahiram de Olinda a 14 de Março, uma quinta-feira, imaginando tomar os nossos descuidados, e com a força por acabar, e affirmam muitos

que vinha por sua guia um flamengo que ficou com elles na villa, chamado Adrião Franco, como dissemos no capitulo passado, e o trouxe por caminhos desviados e rodeios com que

(Aqui falta a pagina 16 e verso do manuscripto para aqui copiado.)

alguns 50. Vieram com os nossos 8 de cavallo, que foram matando alguns hollandezes com as lanças, e um d'estes, moço de 18 annos, soccorreu a um dos de cavallo, que levando a lança para matar a um hollandez, elle com o arcabuz lhe deu tal pancada, que o derrubou do cavallo, e o moço não sómente lhe defendeu a vida, mas tambem matou o contrario. N'esta pendencia um flamengo atirou com uma machadinha aguda ao capitão Rebellinho e o feriu na ponta do nariz. Notavel tiro! que se lhe dava em cheio lhe partia a cara. Finalmente o inimigo se foi retirando para a trincheira com muita perda de mortos e feridos, e dos nossos houve sómente 26 feridos. Succedeu esta pendencia em 18 de Março de 1630.

Vendo os flamengos que a nossa gente a cada passo os assaltava em sahindo de suas trincheiras, ou no caminho do Arrecife para a villa, não ousavam de vir senão com muita gente de guerra, e assim a 26 de Março vindo o general das armas hollandezas do Arrecife para a villa com outro coronel com 600 homens de armas, temendo serem assaltados dos nossos; tendo noticia d'isto Mathias de Albuquerque mandou emboscar algumas companhias de soldados (indo por cabo n'esta occasião Pascoal Pereira), que dando n'elles com grande impeto mataram 49 afóra os feridos, e os indios mataram outros muitos com as frechas; alguns foram captivos e outros se afogaram no rio que corre da villa para o Arrecife, onde se lançaram, de que se não pôde saber o numero. O general escapou cor-

rendo em um cavallo para o Arrecife, com uma ferida no braço, e o capitão Luiz Barbalho lhe fez pontaria, mas a arma de fogo não lhe tomou, e o que o livrou foram as boas armas que levava; tambem fugiu o coronel. Os nossos capitães o fizeram valorosamente, e não se póde fazer menção de cada um em particular, porque meu intento é ir compendiando estes successos até chegar ao essencial de meu assumpto: outros diffusamente poderão escrever estes feitos.

Em 16 de Maio mandou Mathias de Albuquerque pelos indios, cujo cabo era João Mendes Flores, fazer uma trincheira no posto que se chama o Buraco de S. Thiago, no caminho da praia que vai da villa para o Arrecife Estando a fabricando 60 indios vinha um troço de hollandezes da villa para o Arrecife, que sendo vistos pelo indios se emboscaram pelo mato, e outros detraz de uns bardos de arêa, e chegados os hollandezes aquelle posto deram de subito os indios sobre elles, e foi sua desgraça, que vindo um repentino chuveiro, não poderam tomar fogo as armas, e assim foram mortos cousa de oitenta e tantos, e aprisionaram outros muitos; e lhes tomaram muito dinheiro que traziam, porque vinham de receber seus soldos. Foram executores d'este assalto dois soldados mamelucos que estavam de sentinella no alto da praia, e industriaram os indios com que fizeram o effeito; e é de notar com quanta fidelidade n'aquelles principios nos ajudaram os indios, e quanto esforçadamente pelejavam, que até as indias acompanhando seus maridos na guerra, houve algumas que pelejaram e mataram hollandezes, e depois se mostraram tão acerrimos inimigos nossos, tanto que se metteram com os flamengos e se uniram com elles, desdourando quanto d'antes tinham feito, excepto os indios do Camarão, que por elle ser sempre leal o foram aos portuguezes.

Por este tempo ia o inimigo fortalecendo cada vez mais o Arrecife, principalmente a povoação de Santo Antonio com fortes e grandes trincheiras, para que depois d'ellas feitas, fosse edificando as forças grandiosas que pelo tempo em diante fez. Sabendo Mathias de Albuquerque como se ião fortificando, determinou de lhes mandar dar assaltos, assim para lhes impedir as obras que faziam, como para lhes fazer todo o damno possivel; e assim em 25 de Maio mandou cousa de 1000 homens entre brancos e indios do Arrayal, e por cabo de toda a gente Antonio Ribeiro de Lacerda acompanhado de muitos capitães, com determinação de acommetter pela banda que chamam do Taborda, as fortificações que fazia o inimigo pela parte do mosteiro de Santo Antonio, principalmente uma trincheira que ficava d'aquella parte, onde tinham algumas peças de artilheria assentadas, e foram os nossos com intento de ganhar a trincheira e trazer as peças para o Arrayal em carros, que para este effeito levaram comsigo. Chegados junto do posto se repartiram em dois troços ou mangas, uma se deu ao capitão Luiz Barbalho, na outra ia Manoel Rebello da França por capitão dos aventureiros, e Antonio Ribeiro ficou com o resto da gente da outra parte do rio, que passou com alguma gente de cavallo, o primeiro troço ou manga entrando na povoação de Santo Antonio investiu e acommetteu algumas casas fortes onde se tinham recolhido muitos hollandezes de cima dos quaes atiravam aos nossos com muitos tiros de arremeço, matando-nos alguma gente, mas foram os mais d'elles mortos, sendo-lhes algumas casas entradas e tomadas.

N'este tempo Manoel Rebello da França com sua gente subiu á trincheira do inimigo que a desamparou, e os nossos viraram as peças de artilheria, e outras descavalgaram com tenção de as trazerem nos carros, e foram em seguimento

dos hollandezes que ião fugindo, uns para as casas, outros se lançaram a nado ao rio para passarem da outra banda ao Arrecife, afogando-se muitos na passagem. N'este entretanto chegou o capitão Rebellinho a umas casas grandes e fortes e com um machado começou a quebrar-lhe as portas; e foi aqui ferido com uma machadinha. E o França foi para outras, e entre portuguezes e hollandezes começou a haver uma renhida pendencia por algum espaço de tempo, ficando a trincheira e peças por nossas.

N'este comenos que o Rebello foi ferido com a machada appareceu o troço da gente do capitão Luiz Barbalho, que n'outra parte da povoação havia pelejado valorosamente, e o Barbalho tinha vindo ás mãos com um flamengo que matou. Os nossos imaginando, como ainda não era manhã clara, que era gente do inimigo que vinha em soccorro dos seus do Arrecife, levantando-se uma voz que se retirassem, pelo que se tornaram todos com algum desconcerto sem trazerem a artilheria; e muita gente começou de apressar-se e vir-se retirando, e o inimigo de atirar de uma náo que estava no pontal do Arrecife com muitas peças de artilheria, e de outras muitas partes, com que nos mataram alguma gente, e muito mais havia de matar e ferir, se não acharam as peças descavalgadas da trincheira que tornaram a tomar, vendo os nossos retirados, com tudo mataram com uma bala o tenente de coronel Pedro Fernandes Ferrete e 8 soldados e feriram 10. Antonio Ribeiro de Lacerda que estava a cavallo e ficou com a outra gente, foi ferido com uma bala de peça, que lhe quebrou a perna e lhe matou o cavallo, e dentro de dois dias morreu da ferida, que todos sentiram muito por ser pessoa grave; tambem foram mortos 3 indios.

Por este tempo tinha sua estancia junto da villa em uma ermida de Santo Amaro Mathias de Albuquerque Mara-

nhão, irmão do capitão maior da Parahyba Antonio de Albuquerque, fornecida com gente com que tinha vindo da Parahyba em soccorro a Pernambuco. N'outro posto o padre Manoel de Moraes com indios e o Camarão, e junto á villa o capitão Estevão Alves, e n'outra junto ao Buraco de S. Thiago, Luiz Barbalho a quem fez depois Mathias de Albuquerque capitão de infanteria e cabo de companhia das estancias do sitio de Biberibe, e Secca, e outros capitães d'assaltos extravagantes, com que se impediu o desejo que tinha o inimigo de ganhar a campanha.

Outros muitos assaltos e pendencias houve entre os nossos e os hollandezes, que por brevidade e serem de menos consideração não escrevo, até que chegado o mez de Agosto receiando os flamengos serem assaltados, como tantas vezes foram quando vinham do Arrecife para a villa, marcharam em esquadrões, formados muito fechados, sem se desviarem das fileiras e quando vinham ou ião atiravam uma peça, e o capitão Luiz Barbalho de uma trincheira que tinha entre mangues, (que são umas arvores infructiferas que nascem junto da agua salgada e lançando os ramos para baixo e chegando á terra pegam e prendem n'ella creando raizes, e tornam a subir outros ramos para cima, e assim são muito densos e intrincados) lhes fazia muito damno, e vindo o inimigo com grande poder para a villa, em 10 de Agosto dia de S. Lourenço, determinou de acommetter esta trincheira, e assim pela manhã estando a maré vasia, passando o rio se veiu chegando a ella com todo o poder que trazia. Luiz Barbalho que n'ella estava com cousa de 10 soldados, sómente se começou com elles a defender valorosamente, dando cargas no inimigo, e foi evidente milagre, que sendo infinitas as balas que choviam da banda do inimigo e a trincheira incapaz, por ser pequena de defesa, sómente lhe feriram um soldado levemente. Vendo o Barbalho a muita

força de gente com que vinha o inimigo, mandou pedir soccorro á força do Arrayal, e com aquelles poucos soldados se veiu retirando da trincheira dos mangues para outra que tinha mais dentro no mato, e os hollandezes começaram a desfazer a que elle tinha deixado. Mandou n'este tempo, chegado o aviso, Mathias de Albuquerque a Pedro Corrêa da Gama, sargento maior do Estado, e os capitães Francisco Tavares, Miguel de Abreu e Francisco de Freitas com a companhia de soldados que trouxe de Portugal, e outros com sua gente. E foi juntamente Diogo Paes Barreto capitão e cabo da gente de cavallo para mandar aviso do que fosse necessario, e carregarem os soldados de cavallo os feridos, se na pendencia os houvesse. Chegou a gente quando o inimigo, desfeita a trincheira dos mangues, se ia retirando para a outra banda do río, e amparando-se com uns bardos de arêa que alli fez a praia, começaram a dar cargas cerradas na nossa gente, que vinha chegando de soccorro, que começou a tirar ao inimigo com o peito descoberto ao pelouro, que poucos se repararam com a trincheira, por ser pequena. O Gama acudiu a todas as partes, animando a gente que pendenciou com muito valor, durando grande espaço de tempo a peleja, na qual nos mataram 14 homens e feriram outros muitos, não sem damno do inimigo a quem foi morta e ferida muita gente, de que não se soube o numero, por estarem da outra banda do rio, e elles retirarem os mortos e feridos. Ao capitão Francisco Tavares deu uma bala na caixa do arcabuz, e fazendo-lh'a em muitos pedaços, a elle nenhum mal fez. Ao capitão Francisco de Freitas deu uma bala na perna, de que ficou aleijado; este capitão vendo-se incapaz de servir na guerra se embarcou na ilha de Itamaracá para o reino de Portugal, e avistando com as ilhas deu com uma embarcação de mouros, e posto que se defendeu com os que com elle ião

ficou e os mais captivo; mas depois elle e seus companheiros se levantaram com o navio matando os mouros, e foram entrar na cidade do Porto.

CAPITULO VII

EM QUE SE ESCREVEM ALGUMAS PENDENCIAS ENTRE OS PORTUGUEZES E OS HOLLANDEZES

No primeiro dia do mez de Outubro, passaram o rio, cousa de mil hollandezes, e se puzeram de emboscada, mas alguns foram marchando para uma campina junto da qual estavam as nossas trincheiras fronteiras, das quaes occupava uma o filho do tenente coronel Pedro Fernandes Ferrete, que morreu no assalto em que foi por cabo Antonio Ribeiro de Lacerda, como atraz dissemos, o qual se chamava Diogo Vieira Ferrete; outra occupava o capitão Francisco Rebello, outra a gente da Alagôa, e mais junto ao Arrayal para a parte das salinas outra Luiz Barbalho, que se tinha passado para ella, e pelejando com o inimigo os soldados e capitães fronteiros. Mandou Mathias de Albuquerque em soccorro da força do Arrayal ao capitão Santos da Costa com a gente que havia trazido de Lisboa, e ao capitão Roque de Barros Rego, Martim Ferreira, Miguel de Abreu e outros; estes pendenciando com muito valor, o inimigo se foi retirando com pressa, para metter os nossos nas emboscadas que tinha feito; mas por permissão divina, indo a capitão Martim Ferreira com sua gente deu com um troço do inimigo, com que começou a pendenciar; por outra parte Roque de Barros Rego pendenciou com outro

troço com muito valor, e lhe passaram a coxa com uma bala, e comtudo indo pelejando, apertado do inimigo cahiu em um lamarão, onde esteve em risco de o matarem, mas um seu cabo de esquadra e Alferes o defenderam varonilmente. Por outra parte Santos da Costa foi pelejando com outro troço, que indo-se retirando, o capitão o foi seguindo, sem consideração, só com seu alferes, por mais que os nossos lhe requereram que se retirasse por não cahir nas emboscadas, respondeu, que não tinha ordem de se retirar, só d'investir; e tanto se foi empenhando entre os hollandezes que o derrubaram com uma bala, e junto d'elle o seu alferes. Tambem elles receberam muito damno e lhe mataram e feriram gente, Em 16 do mesmo mez cousa de 400 flamengos e 4 de cavallo diante sahiram da villa, e chegaram ao Rio Doce, sahiu-lhes o capitão Simão de Figueiredo (que depois se ordenou de sacerdote e na acclamação da liberdade d'estas capitanias o fez com muito valor, como ao diante se escreverá n'esta historia, e gente da Parahyba e veiu pelejando com elles até se retirarem á villa, sendo os nossos sómente 40. E em 21 do dito mez .estando alguns capitães em uma trincheira, assim para offender ao inimigo, como para fazer outra de novo, veiu o inimigo com muito poder, em baixa mar, e sem serem sentidos das nossas sentinellas tomaram a nossa gente descuidada, e retirada da trincheira a começaram a desfazer, os flamengos, porém os nossos soldados tornaram a dar sobre elles e ganharam outra vez. Vinha n'este tempo para render os capitães Francisco Tavares e Affonso de Albuquerque e outros, Antonio de Madureira com a gente que tinha vindo de Portugal por capitão, e pelejou com muito valor com o inimigo, e o capitão Antonio d'Araujo, Francisco Tavares, Affonso de Albuquerque e os mais que na occasião se acharam, em que entrou Luiz Barbalho, que

acudiu de sua trincheira e estancia; finalmente o inimigo se retirou com muita pressa, levando os mortos a rasto ; dos nossos foram 2 mortos e 5 feridos , indo em seguimento do inimigo o capitão do presidio Francisco Tavares, que foi ferido na mão com uma bala,de que se lhe originou a morte em breves dias,por ser muito velho. Os hollandezes dispararam contra os nossos muitos peças de artilheria de suas forças e reductos. Outros muitos assaltos e pendencias succederam até o fim d'este anno de 1630, que por brevidade deixo, mas não passarei em silencio o que succedeu a 7 de Janeiro do seguinte anno de 1631, por ser digno de memoria, e passou d'esta sorte.

Mathias de Albuquerque Maranhão, que com a gente da Parahyba, estava na sua estancia de S. Amaro junto da villa, mandou dizer ao general Mathias de Albuquerque em como alguns troços de hollandezes sahiam da villa, espaço d'uma legua, junto de uma olaria, a buscar refresco de uma fructa que chamam cajús, de que havia alli muita copia. Sabendo isto determinou de lhe mandar fazer uma emboscada, e assim por seu mandado partiram do Arrayal ás 4 horas do tarde, dia de Reis alguns 200 homens e 80 para 100 indios, e por cabo de todos o dito Maranhão, e por cabo de capitães Pedro Teixeira, e ás 7 horas para as 8 do 7.° dia de Janeiro vieram cousa de 300 hollandezes em duas tropas, e chegando á olaria, e começando a colher e comer a fructa, deram os nossos, que estavam de emboscada sobre elles, e mataram 148, afóra muitos feridos, que bem caro lhe custou o refresco, e entre elles dois sargentos; dada a primeira carga se veiu á espada e 4 de cavallo dos nossos mataram muitos ás lançadas e os foram seguindo quasi até a villa.

Em 3 de Fevereiro indo o inimigo cada vez mais fortificando-se, cercando seus reductos com paliçadas de páo

a pique, trabalhando muitos gastadores de continuo, Mathias de Albuquerque por lhes fazer quanto damno podesse, e impedir-lhes a obra, mandou fazer uma trincheira entre os mangues d'onde os nossos atirassem com seus mosquetes aos que trabalharam n'este terceiro dia de Fevereiro com grande poder dos seus reducto e forças, com muitas tabuas, madeira e fachina; e passando a outra banda das salinas, em uma restinga de arêa junto do sitio que chamam a Secca, fez uma trincheira em que logos pôz algumas rouqueiras e peças pequenas. Acudiu logo toda a gente das estancias fronteiras e Arrayal com Mathias de Albuquerque, e vendo o inimigo estar fortificado, tomando conselho foram muitos de parecer que se investisse, mais considerando se ser grande o risco, mandou 60 homens dar-lhe carga, e com elle ao capitão Francisco Monteiro Bezerra. Elles o fizeram com muito valor acommettendo o inimigo, mas sendo disparadas as peças de artilheria nos mataram 3 homens, e uma bala de uma peça levou 2 em pedaços e feriram 10. Os nossos não puderam passar avante, com os muitos lamarões que havia sendo preamar, e assim foram mandados retirar, ficando o capitão Francisco Monteiro ferido de uma bala no braço, e o tenente de Luiz Barbalho em uma virilha, e outros. N'este sitio fez o inimigo uma força das melhores do Arrecife.

Em 22 de Abril foi o inimigo com muito poder de náos cercar a ilha de Itamaracá, junto de cuja barra, e na entrada do porto fez uma força para impedir a entrada das náos, e a sitiou, mas defendeu-lh'a valorosamente o capitão Salvador Pinheiro; depois sahiu o inimigo áquella campanha para saquear alguns engenhos de assucar, e os nossos o defenderam, e por duas vezes os fizeram tornar ás suas lanchas; e vindo do Arrayal alguns capitães de soccorro com

sua gente fizeram fortificações na villa de Igaraçû, que os moradores tinham desamparado por estar perto da ilha, e o inimigo estar tão visinho e o saltear ; finalmente os hollandezes deixaram a ilha, ficando 200 homens em defesa da força que fizeram que chamaram de Orange d'onde acommetteram algumas entradas pela campanha, mas sempre o fizeram retirar com perda de gente. Outras muitas pendencias, assaltos e feitos d'armas succederam, que quem escrever por extenso os successos da guerra passada de Pernambuco poderá ir relatando mais especificadamente, para que dure a memoria d'elles á posteridade futura, porém as referidas são as mais essenciaes.

CAPITULO VIII

DA VINDA DO CONDE DE BAGNUOLO E DUARTE D'ALBUQUERQUE A PERNAMBUCO, E OUTROS SUCCESSOS DA GUERRA, E DE COMO OS HOLLANDEZES SAQUEARAM A VILLA DE IGARAÇU' E QUEIMARAM A DE OLINDA.

Vendo e experimentando os hollandezes que os portuguezes os acommettiam muitas vezes, principalmente pela villa d'Olinda por ser aberta por muitas partes e incapaz de defesa, matando-lhes muita gente, e que não eram senhores de poder ir d'ella para o Arrecife, ou do Arrecife para a villa sem manifesto risco, e urgente damno, determinaram de a deixar; e como sempre trazem posto o animo e olhos no interesse, mandaram dizer a Mathias d'Albuquerque se a queria resgatar por algumas mil caixas d'assucar, aliás que lhe poriam o fogo e pereceria abrazada, mas

Mathias d'Albuquerque a nada d'isto lhes deferiu, parecendo-lhe que recebendo as caixas (como é gente que nunca guarda o promettido) lhe tornariam a pôr o fogo, e cada dia com esta invenção procurariam haver outros assucares: assim que considerando os hollandezes que lhes era necessaria muita gente para defender os postos e forças que tinham no Arrecife, por serem chegados os terços d'infanteria de Portugal, como logo diremos, pozeram por obra seu intento em dia de Santa Catharina, 25 de Novembro de 1631, pondo-lhe o fogo por todas as partes, que foi um miserando expectaculo; assim ardeu a infeliz villa d'Olinda tão afamada por suas riquezas e nobres edificios, arderam seus templos tão famosos, e casas que custaram tantos mil cruzados em se fazerem, sem ter lastima o deshumano hollandez de pôr fogo a tão grandiosa villa, que ficando em pé e intacta, servia de memoria sua em a haverem ganhado: tanto que pozeram o fogo foram todos marchando para o Arrecife, e alguma gente nossa que estava d'emboscada lhes matou alguns homens. Acudiram os nossos a apagar o fogo e incendio dos templos com que de todo não ficassem abrazados, e os padres da companhia de Jesus acudiram com indios á sua igreja a apagar o fogo, e assim não ficou com muito damno. Todas as casas pereceram, excepto uma terrea que ficou intacta, como por testemunha d'este incendio, porém as paredes e outros edificios pelo tempo em diante foram todos cahindo com o rigor das chuvas e ventos e a torre da igreja matriz que era grandiosa e os mais conventos de religiosos. Depois passados cousa de 5 annos, quando o flamengo ganhou a campanha, alguns moradores portuguezes tornaram a povoar a villa pela parte debaixo onde fizeram casas, e alguns flamengos, ficando a eminencia d'ella despovoada, crescendo os matos, tanto que cobriram os arruinados edificios, e quando veiu

o conde de Nassau ao Arrecife sentiu muito o haverem os hollandezes queimado a villa, por ser tão grandiosa d'edificios, e deu muitas reprehensões aos que então governavam, como tambem de desfazerem a força do Arrayal velho, dizendo que deviam ficar em pé para memoria sua, porém elles não se lhes deu mais que do interesse, e não de honrosos trophéos.

Cousa de um mez e meio pouco menos chegou ao Arrayal Duarte d'Albuquerque governador e donatario da capitania de Pernambuco, irmão de Mathias de Albuquerque que quiz acudir á sua terra, e com elle veiu João Vicencio Sanfeliche conde de Bagnuolo, mestre de campo d'um terço d'infanteria d'italianos, os quaes tambem trouxeram algumas companhias de gente castelhana e portugueza e desembarcaram na Barra Grande, e se haviam apartado da armada de D. Antonio de Oquendo, que vinha da Bahia acompanhando este soccorro até o deitar em terra na capitania de Pernambuco, e d'ahi ir fazendo sua viagem. Este soccorro desembarcou em terra no mez de Setembro de 1631, e não como diz um historiador moderno do triumpho da liberdade que foi no de 1632.

Sabendo os hollandezes que a armada d'Hespanha estava na Bahia com o soccorro, sahiram do Arrecife com uma grossa armada em busca de D. Antonio d'Oquendo, n'ella ia por general um valente hollandez que chamavam o Pater; tanto que se encontraram houve uma admiravel batalha naval disparando-se muitas peças d'artilheria e mosqueteria, cujo estrondo mettia horror e espanto. Duas náos nossas estiveram a risco de se irem ao fundo, e dois patachos de serem queimados se lhes não acudira com muita diligencia, onde houve alguns mortos e feridos, mas os soldados hespanhóes e portuguezes que vinham nos galeões pelejando valorosamente metteram no fundo tres

náos ao inimigo, destroçando outras, e pelejando a nossa capitánea com a sua, vendo que era náo forte e alterosa e fornecida de muitos mosqueteiros, tendo-lhe derrubado o mastro grande lhe fizeram tiro com uma bala de uma peça reforçada com um pano breado como envoltorio, que dando junto ao paiol das munições, começou a atêar o fogo na náo, e sahir d'ella fumo; o que vendo o general hollandez Pater, e que ia ardendo a náo, posto que lhe prometteram bom quartel, por não se ver prisioneiro se envolveu no estandarte d'Hollanda, e amarrando alguns pesos de ferro para ir ao fundo, se deitou ao mar e morreu afogado. Os mais da náo morreram abrazados, e outros se deitaram ao mar, e os hollandezes vendo-se desbaratados, se retiraram para o Arrecife; e comtudo tambem nos queimaram duas náos, e em uma d'ellas morreu o Valecilla valente soldado hespanhol. Acabada a batalha foi D. Antonio d'Oquendo reparar suas náos á bahia da Traição, e d'ahi seguiu sua viagem.

Quando se começou aquella batalha naval, se apartaram da armada Duarte de Albuquerque e o conde de Bagnuolo com o soccorro e vieram aportar á Barra Grande, e desembarcaram em terra deitando alguma artilheria grossa, munições e fazendas do reino de Portugal, e vieram marchando com a soldadesca para o Arrayal, e o conde assentou n'elle casa, com titulo de mestre do campo e governador do terço italiano que trouxe, e fazia mais caso dos capitães e soldados que haviam vindo do reino que dos de Pernambuco, que até então haviam defendido a terra e reprimido o inimigo com tanto valor e animo, mettidos por matos, passando rios e por lamas e atoleiros com grandes descommodos; e vendo que não eram tratados com o amor e benevolencia como Mathias de Albuquerque que os havia tratado, muitos se foram indo para suas casas; outros cançados do continuo

trabalho, diziam que trabalhassem os que haviam vindo do reino, e soubessem e experimentassem aquelles incommodos, e que se lhes chamavam por opprobio e vituperio os das ceroulas, que assim ião ordinariamente aos assaltos, por andar á ligeira, e passarem os rios com mais presteza; os graves e fidalgos defendessem a terra, como elles defendiam com tanto zelo da patria e serviço de seu rei, como leaes vassallos, e em resolução, desde o tempo que o conde entrou em Pernambuco, logo a guerra foi de mal em peior; começou a mandar embaixadas ao inimigo, e recebel-as, mandando-se de parte a parte regalos e presentes.

Duarte de Albuquerque se aposentou com seu irmão no Arrayal, tratando ambos do governo e das cousas necessarias aquella guerra: tambem por este tempo se metteu com os hollandezes um mancebo mameluco esforçado e atrevido, chamado Domingos Fernandes Calabar, o qual aprendeu entre elles a lingua flamenga e travou grande amizade com o governador da guerra Sigismundo von Schkoppe, e a causa de se metter com o inimigo foi o grande temor que teve de ser preso e castigado rigorosamente pelo provedor André de Almeida, por furtos graves que havia feito na fazenda d'El-rei. Tambem lhe cobrou muita affeição o general do mar dos hollandezes João Corneliszoon Lichthardt, que o trazia em sua companhia para lhe ensinar as bocas dos rios navegaveis, e paragens d'onde podia deitar gente em terra; e por meio d'este Calabar dava muitos assaltos, e fazia muitos roubos, e grandes damnos aos moradores, principalmente aos que tinham suas casas e fazendas junto ao mar, por toda a costa de Pernambuco, especialmente aos do Porto do Calvo, que como fóra alli morador sabia muito bem todos aquelles lugares e paragens.

No mez de Dezembro de 1631 foram os hollandezes com grande poder e armada de nos sobre a Parahyba, com de-

terminação de ganharem a fortaleza e depois a cidade. Desembarcaram sua infanteria no Cabedello, onde está a força distante 5 leguas da cidade. Era capitão mór d'aquella capitania Antonio de Albuquerque que acudiu com toda a gente a ter o encontro ao inimigo, e mandou logo pedir soccorro a Mathias de Albuquerque, que lhe mandou do Arrayal muita gente portugueza e hespanhola, e por governador a D. Aleixo, soldado hespanhol. Houve de parte a parte muitas pendencias que poderá ir particularisando quem escrever esta guerra; que meu intento é seguir brevidade até chegar ao essencial da historia. Estando um dia a nossa gente alojada junto da força do Cabedello, deram os hollandezes de improviso sem serem sentidos, senão quando deram, e D. Aleixo lhes sahiu ao encontro, e pelejando esforçadamente foi morto na pendencia, e outros muitos soldados que fizeram maravilhas, e a maior parte d'elles pelo inimigo com as alabardas, piques e contas dos arcabuzes (porque como dissemos foram salteados de repente) e foram mortos alguns 40, e entre elles frei Manoel da Piedade, frade de S. Francisco, que estava animando e confessando os nossos; muitos escaparam por detraz da força e suas cavas, outras subiram acima, porque não se abriram as portas, por não entrar o inimigo de mistura com elles. Houve outros encontros em que Antonio de Albuquerque e os moradores da Parahyba e os soldados que foram de Pernambuco em soccorro, mostraram grande valor, não menos o mostrou Simão de Mello, capitão da força, defendendo-a com muito animo e fazendo com as peças muito damno ao inimigo. Em resolução, sabendo os hollandezes por um dos nossos, que com elles se metteu, que vinha por caminho o conde de Bagnuolo com muita gente de soccorro, e elles haverem recebido muito damno sem surtir nenhum effeito no que determinaram fazer, se retiraram de

suas estancias para as náos, e n'ellas embarcados se tornaram para o Arrecife, ficando os moradores da Parahyba muito contentes, por se verem livres de tão poderoso inimigo.

Vendo os hollandezes que não tiveram o successo, conforme desejavam, que era tomar a Parahyba, determinaram de ir occupar o porto de Nossa Senhora de Nazareth, que se chama assim, porque em um monte alto que fica sobre o porto está uma igreja de muita romagem com o titulo de Nossa Senhora de Nazareth, e assim vieram com grande poder de náos, que seriam cousa de 24, e muitas lanchas e alguns 1,500 homens de guerra. Estava n'esta praça Bento Maciel por cabo de toda a gente, que era bem pouca, e poderiam ser 60 para 70 homens; veiu o inimigo reconhecer o posto com suas náos e lanchas, onde havia uma trincheira, que guarneceu Bento Maciel com alguns mosqueteiros e foram lançar gente abaixo na praia, cousa de meia legua, onde ficava uma calheta. Succedeu acaso terem chegado aquelle sitio alguns 15 homens com espingardas, que vinham da Bahia em guarda de quantia de dinheiro, que d'ella vinha para se comprarem com elle assucares, os quaes vendo vir as lanchas para terra carregadas de gente, deram cargas n'ellas d'entre o mato; temendo o inimigo que estava alli muita gente de emboscada, tornou com as lanchas para as náos sem deitar gente em terra, e logo mandou tres barcaças grandes com muita infanteria para acommetterem a trincheira, mas os que n'ella estavam lhe deram carga, e como vinham bem juntos lhe fizeram muito damno, sem nenhum dos nossos o receber, até que se tornaram para as náos sem fazerem cousa nenhuma, e se fizeram na volta do mar, e entraram no Rio Formoso onde queimaram tres navios nossos. Teve-se este successo por milagre de Nossa Senhora de Nazareth, porque se o inimigo sahira em terra, não havia duvida ganhar o porto, por haver tão pouca

gente que o defendesse. Aconteceu este milagroso successo em 14 de Março de 1632.

Um sabbado 1º de Maio de 1632, dia de S. Philippe e S. Thiago, veiu um dos cabeças principaes da guerra, chamado Mathias van Ceulen á villa de Igaraçú a dar-lhe saque com cousa de 800 soldados, e succedeu d'esta sorte: um dia antes tinha o conde de Bagnuolo mandado ao Arrecife um tambor, para ver se lhe queriam dar por troca uns tres italianos do seu terço, que lhe fugiram para o inimigo, por outros que captivaram, e o inimigo deteve o tambor tres dias, considerando o conde que pois o não largavam, que queriam dar em alguma parte, escreveu a Bento Maciel, que estava por capitão-mór em Nazareth, a Serinhaem, e a Igaraçú, mandou um soldado com aviso, que quando lá chegou, que foi ao meio dia, já o negocio era feito, para que estivessem prevenidos. Os hollandezes sahiram de noite pela villa de Olinda com 400 negros para carregarem a presa, e guiados por outros que sabiam os caminhos, tomaram pelos matos, e passaram uma lagôa onde lhes dava agua pelos peitos, por não serem sentidos; e quem de noite ouvia o rumor imaginára que era gente nossa, e muitos cuidavam ser italianos do conde que iam para a ilha de Itamaracá, finalmente quantos encontravam, matavam e levavam para não darem aviso, e no caminho não buliram em nenhuma casa pelo mesmo effeito. Deram de subito em Igaraçú ás nove horas da manhã, tocando suas trombetas, acharam muita gente nas igrejas por ser dia santo, alguns homens que levaram das espadas e outros que lhes sahiram ao encontro mataram e feriram, roubaram as casas e igrejas, importando-lhes o saque muito, assim de ouro, prata e dinheiro, e outras fazendas e moveis, e até a lã dos colchões levaram. Detiveram-se cousa de uma hora usando de muitas crueldades, deixando á muitas mulheres despidas, e a outras

rasgavam as orelhas para lhes tirarem os brincos. Mataram 12 homens, levaram dois frades de S. Francisco, um dos quaes chamado frei Boaventura, com muito animo entrou na igreja a confessar os que estavam em artigo de morte, e os mais feridos. Levaram tambem ao coadjutor de Igaraçú, que acabava de dizer missa assim revestido como estava. Saqueada a villa, sem fazer demora, se foram marchando com pressa levando adiante os negros carregados com o que roubaram, até chegarem da banda da ilha de Itamaracá, onde tinham prestes suas lanchas, por ser impossivel voltarem por d'onde vieram sem serem cortados; uns homens nossos os foram seguindo dando-lhes cargas, e na retaguarda mataram alguns, e com a pressa que levavam foram deixando pelo caminho muita roupa. Ao embarcar fizeram muita festa com salva de artilheria. Ao outro dia veiu o tambor do conde ao nosso Arrayal e disse que o coronel Mathias van Ceulen mandava dizer ao conde que não lhe respondia, porque vinha cansado da jornada que tinha feito a Igaraçú.

No fim de Novembro foi o conde de Bagnuolo com muita gente da nossa força do Arrayal, portuguezes, castelhanos e italianos com peças de artilheria para bater e arrasar de cima da ilha de Itamaracá o reducto que chamavam de Orange, que á entrada da barra tinham os hollandezes, para que este porto ficasse livre, e podessem entrar n'elle as nossas náos, mandou assestar a artilheria, batendo o reducto por alguns dias; porém não lhe fazia damno algum, por estar o inimigo bem reparado, e havendo de parte a parte muitos feridos, o conde se tornou e deixou as peças de artilheria que tinha levado na ilha, onde o inimigo as tomou quando se apoderou d'ella em 20 de Junho de 1633, como diremos.

CAPITULO IX

DE COMO OS HOLLANDEZES GANHARAM O POSTO DOS AFOGADOS E VINDO ACOMMETTER O ARRAYAL DE PERNAMMERIN SE RETIRÁRAM COM MUITA PERDA DE GENTE.

Outras cousas succederam por este tempo n'estas guerras de menos consideração, até que no anno seguinte de 1633 os hollandezes para segurarem o Arrayal e se poderem espraiar e estender, determinaram ganhar os postos que chamam dos Afogados, que se chama assim, porque corre por alli um rio que quando enche com a maré é muito arrebatado e furioso, e n'elle se afogava muita gente, principalmente escravos negros, que sem consideração se atreviam a passal-o em maré cheia, e assim em 18 de Março sahiram do Arrecife cousa de 800 flamengos em demanda das nossas trincheiras, que estavam pegado ao rio, o qual passando no quarto d'alva em baixa mar deram de subito na nossa gente, que era pouca e estava descuidada, e mataram alguns soldados, e os outros se retiraram, mas, tornando-se a ajuntar pendenciou com muito esforso, e na pendencia foi morto o capitão Francisco Monteiro Bezerra, e feriram o capitão Francisco Duarte no braço, e outros; e entre uns matos intrincados nos mataram e feriram muita gente; dos inimigos morreram 30 e dos nossos 20 afóra os feridos. Foi logo o inimigo marchando para uma olaria onde estava a gente do capitão Nuno de Mello, que não estava alli n'este tempo, onde se pendenciou com muito valor, e n'esta pendencia um frade de S. Francisco do panno, chamado frei Belchior, com um pique pelejou entre o inimigo valorosa-

mente, ferindo alguns, ficando são e salvo. Comtudo o inimigo ficou senhor do posto e trincheiras, e a nossa gente retirada; foi grande a perda e damno que se recebeu em ganharem os hollandezes este posto, porque n'elle fizeram uma fortaleza inexpugnavel e espaçosa, com suas cavas alteadas, pondo-lhe muita e boa artilheria, que foi uma das chaves do Arrecife, d'onde logo começaram a fazer entradas pela campanha, e vir ao Arrayal. Houve n'isto grande descuido, porque sendo o posto de tanta consideração estava com pouca gente, e as trincheiras quasi derrubadas por uma cheia do rio Capibaribe, e tudo pouco provido e desbaratado. A 22 do mez de Março veiu muita gente do inimigo guiados por negros, e rebentando por entre uns cannaviaes vieram ás casas do engenho de João de Mendonça onde estava alojada a nossa gente, e companhias de alguns capitães que haviam vindo no soccorro com o conde de Bagnuolo e Duarte de Albuquerque, e estavam alli para resistir ao inimigo que não viesse por diante; matou-nos o inimigo alguns 20 ou 30 homens e ao capitão Braz Soares senhor da Ilha de Santa Maria e ao capitão Manoel de Sáa, do habito de Christo, e levaram prisioneiro ao capitão D. Antonio Ortis, mal ferido, e ao seu alferes; e outros traziam muitos cachorros grandes que em um lagadiço onde muitos dos nossos se acolheram, mataram alguns, porque na verdade a nossa gente estava descuidada, não imaginando que o inimigo os buscasse por aquelle caminho, por que os outros estavam providos com sentinellas, e foram os hollandezes crueis, que entregando-se-lhes com bom quartel D. Manoel d'Eça o degolaram. D. Antonio Ortis lhes fallou em lingua italiana, dizendo ser cavalleiro nobre e seu alferes, e por isso lhe deram quartel.

Havendo fortificado os hollandezes o posto dos Afogados, que tomaram, determinaram vir tomar a nossa força do

Arrayal, que lhes ficava d'alli duas leguas, e ordenaram de o fazer uma quinta-feira maior a 24 Março de 1633, a tempo que os nossos portuguezes estavam celebrando os officios da semana santa, e occupados em se confessar e commungar, e assim partiram cousa de 1:500 homens de infanteria do Arrecife e Afogados em demanda do Arrayal, e vieram marchando pela manhã até o engenho de Francisco de Brito, e d'alli pelo de Ambrozio Machado, até passarem o rio Capibaribe, e fizeram alto da outra banda d'onde seguiram o caminho do Arrayal, e antes de chegarem a elle se repartiram em tres esquadrões: um veiu marchando pelo caminho do engenho de Jeronymo Paes, outro por um rio pequeno que chamam o Pernãomerim, outros por detraz da igreja da Misericordia; o que ia pelo Pernãomerim chegou primeiro, e quasi sem ser sentido acommetteu o Arrayal até chegarem os hollandezes ás portas e casas que estavam ao pé d'elle, e entrando de subito (juntos os demais esquadrões) por uma ponte levadiça, que se descuidaram os italianos, que estavam em um reducto perto d'alli, para defender os moradores que moravam junto ao Arrayal de levantarem acima, vendo-se salteados do inimigo e pedindo bom quartel, depois de se renderem os degolaram todos, que eram 17. Recolheu-se a gente toda dentro da força, que era grande e espaçosa, e ficaram de fóra algumas companhias de soldados aventureiros e valentes, para lhe darem assaltos a toda a hora.

Tanto que chegaram junto da força, começou a varejar a nossa artilheria, mas fez pouco damno por ser alta a pontaria, mas com a mosqueteria se lhe fez muito pelos que guarneciam os postos da força; Mathias de Albuquerque e seu irmão Duarte de Albuquerque andaram com muito valor animando e esforçando os soldados, e o conde Bagnuolo que estava indisposto sentado em uma cadeira governava.

Luiz Barbalho e outros capitães que andavam de fóra dando cargas no inimigo, derrubaram a muitos que ficaram mortos pelas fraldas do Arrayal, d'onde sahindo com sua gente os capitães Manoel Rebello da França, Miguel de Abreu, João Vasques, Francisco de Figueiroa e outros dando-lhes cargas foram matando muitos; de sorte que com muito damno que receberam, vendo-se desbaratados, e muitos mortos se foram retirando, grande numero dos quaes vendo-se perdidos, se metteram pelos matos, onde foram mortos e captivos, e o corpo da gente fez alto da outra banda da passagem do rio Capibaribe, para defenderem os seus que andavam de uma parte para outra derrotados e perdidos; e se sahira mais gente do Arrayal, o que impediu o conde de Bagnuolo, pondo-se na porta da força, não consentindo que os nossos soldados sahissem e fossem no alcance do inimigo, que como ia tão descomposto, sem duvida que poucos escaparam com vida. O coronel que os governava (de que não pude saber o nome) ficou passado e perdeu a insignia, e foram feridos 4 capitães e outros officiaes, e mortos alguns 400, e 40 prisioneiros; dos nossos morreram 8 afóra os 17 italianos do reducto. O capitão João Vasques foi passado por uma ilharga, de que falleceu d'ahi a dois dias; foi tambem ferido Henrique Dias, a quem fez Mathias de Albuquerque capitão dos pretos e crioulos, que pelejou valentemente, afóra muitos feridos. Andavam muitos flamengos perdidos pelos matos e cannaviaes, onde cada dia os matavam os negros que os encontravam. Ficaram os nossos soldados do Arrayal muito alentados e contentes com esta victoria, dando a Deus muitas graças, e por ser em um dia tão assignalado, e vir o inimigo tão de subito, que imaginou tomasse e escalasse o Arrayal com muita facilidade, mas não com menos ficou desbaratado, e se retirou com perda de tanta gente. Affir-

maram muitos hollandezes prisioneiros, que vinha o inimigo com tenção de tomar o Arrayal,e se se lhe, rendessem os nossos de os pôrem todos á espada.

E n'esta occasião se achou João Fernandes Vieira continuando no exercicio de milicia, com que ao depois veiu a obrar com demonstrações que se tem experimentado e se assignalou n'esta, matando muitos flamengos, descobrindo a campanha como consta de suas certidões.

Depois que se fortificaram os hollandezes no posto dos Afogados em que fizeram uma grandiosa fortaleza, fizeram muitas entradas pela campanha, saqueando quanto acharam e fazendo muito damno, principalmente com o desejo que tinham de assucar ; todo o que podiam achar nos engenhos e casas dos moradores carregavam e traziam em mochilas para o Arrecife; e assim vieram cousa de 400 com negros e mulatos á povoação que se chama a Moribeca a 30 de Abril d'este anno de 1633, e dando no quarto da Alva roubaram e saquearam quanto acharam ; e não contentes com a presa puzeram fogo ás casas da povoação, e entrando na igreja d'ella uzaram de sua perfidia, derrubaram os altares, e retabulos das santas imagens; e descendo ao engenho de D. Catharina de Albuquerque queimaram muitas caixas de assucar e puzeram fogo ás casas do engenho ; comtudo não se retiraram tanto a seu salvo, que não lhes matasse gente a que se ajuntou dos nossos por aquelles districtos, e entre outras sahidas que fizeram foi uma a 25 de Maio do mesmo anno aos montes Guararapes, onde pelo tempo em diante, depois da acclamação da liberdade de Pernambuco, alcançaram os nossos as duas famosas e insignes victorias, como ao diante se contará extensamente, e foram a um engenho d'assucar, cousa de 200 a carregar e buscar esta droga, que tanto apetecem, em suas mochilas; mas na retirada para o Arrecife os foi seguindo o capitão Domingos Dias

com gente da Moribeca, e cousa de 20 soldados que com elle assistiam, e lhes matou alguns 15, aprisionando tres com um sargento; e dos nossos um só homem foi morto.

CAPITULO X

DE COMO OS HOLLANDEZES INTENTARAM OUTRA VEZ TOMAR A FORÇA DO ARRAYAL PONDO-A EM CERCO, E SE TORNARAM PARA O ARRECIFE COM MUITA PERDA DE GENTE, E DE MUITAS ENTRADAS QUE FIZERAM PELA CAMPANHA.

Intentaram os hollandezes tomar a ilha de Itamaracá, em cujo posto tinham, como já dissemos, feito um reducto junto da barra e assim a cercaram com muitas lanchas em que ia cópia d'infanteria e petrechos de guerra. O capitão d'ella Salvador Pinheiro com os poucos que se lhe aggregaram a defendeu com muito valor, mas por fim tomaram a ilha, onde acharam muita artilheria e 4 peças de bronze, que tinha levado o conde de Bagnuolo, para derrocar o reducto do inimigo, e quando se veiu para o Arrayal sem fazer cousa alguma, se esqueceu de as trazer comsigo. Fortificada a ilha,fez algumas entradas o inimigo pela terra dentro, roubando e saqueando quanto podia haver ás mãos, e foi á Goyana, terra que é d'esta capitania de Itamaracá e roubou alguns dez mil cruzados em prata e ouro, e fazendas que estavam em uma casa occulta mettida pelo mato dentro, no sitio do engenho de Lourenço Cavalcanti, que lhes mostrou um negro que com elles se metteu.

A 4 d'Agosto vieram cousa de mil homens pelo passo

dos Afogados, com tenção de pôrem em cerco o Arrayal, e se apoderaram e fizeram fortes nas casas do engenho de Francisco de Brito, onde arvoraram algumas bandeiras, e outras companhias tomaram umas casas na passagem do rio Capibaribe, onde com fachina que levavam, começaram a levantar trincheiras, e as que ficaram nas casas do Brito lhes guardavam as costas, dando-se rebate no Arrayal a que acudindo muita gente, foram algumas companhias e os acommetteram com grandissimo impeto, com que se tornoram a retirar, e encontrando-se outros capitães nossos que vinham do Arrayal a buscar o inimigo por outra parte, com um troço dos hollandezes, que ia tomar sitio nas casas de Francisco Monteiro Bezerra para sitiarem o Arrayal, houve uma grande pendencia junto de uma lagôa pequena, onde ficaram muitos mortos e feridos, durando muito espaço a contenda, e retirando-se o inimigo a umas casas para se fazer forte; os nossos acommetteram com grande valor investindo com elle, e subindo pelas casas acima, e vendo-se apertado, pedindo quartel e querendo-se render, veiu em seu soccorro a gente que havia ficado nas casas de Francisco de Brito, por cuja causa os nossos que estavam muito cançados de pelejar se retiraram, havendo-o feito com muito valor, trazendo alguns prisioneiros, deixando morto a um alferes flamengo, e cousa de 30 ou 40 soldados, muita parte d'elles á espada; e por não terem um barril de polvora n'aquelle sufragante não abrazaram todos na casa. Retirados os nossos para o Arrayal, o inimigo ficou na passagem do rio, continuando em fazer a trincheira, o que vendo Mathias d'Albuquerque mandou pôr fogo a uns cannaviaes que alli estavam juntos, para que o fogo e fumo lhes fizesse damno, mas não se pôde atear por estarem molhados, e n'este entretanto mandaram os hollandezes a Luiz Barbalho que estava em um reducto, no engenho de Marcos

André um tambor e embaixada, mas elle não os quiz admittir, antes lhes mandou atirar com uns arcabuzes sem balas.

No seguinte dia 5 d'Agosto, vendo Mathias d'Albuquerque que queriam pôr cerco ao Arrayal, mandou que a gente de fóra d'elle, que alli junto tinha sua povoação, se retirasse, e as mulheres e meninos, e as que não eram d'utilidade para a guerra, e se forneceu do necessario, e mandou da banda d'aqui do rio fazer uma trincheira, d'onde estivessem soldados mosqueteiros atirando ao inimigo a trincheira que fazia, e uma peça de campanha com que lhe fez damno. Tambem mandou apellidar muita gente da capitania que morava no contorno do Arrayal, para investir os hollandezes, e chamou o conde de Bagnuolo que estava em Nazareth, fazendo uma grandiosa força em cima de um monte que junto da igreja de Nossa Senhora, que viesse com o seu terço, e outra muita gente dos moradores: e tendo noticia Mathias d'Albuquerque em 8 d'Agosto, que vinha ao inimigo um patacho e 5 lanchas, com gente, munições e vitualhas de soccorro pelo rio Capibaribe do Arrecife, e que no mesmo patacho haviam de mandar as caixas d'assucar que tinham tomado, mandou 100 soldados, e a D. Antonio Philippe Camarão com os seus indios fazer uma emboscada e esperar o patacho e lanchas ao sitio do Gardes, que ficava imminente sobre o rio junto a umas pacoveiras da banda do Arrayal, e mandou que cousa de 800 homens da ordenança, que acudiram de fóra, estivessem postos em ala no Pernãomerim á ordem dos capitães Luiz Barbalho, Manoel Rebello da França, Miguel d'Abreu, Martim Soares, e outros muitos. N'este tempo ás 2 horas depois da meia noite viram os nossos que estavam na emboscada vir o patacho e as lanchas pelo rio á véla, e os soldados e Camarão lhes começaram a dar cargas, vindo

elles bem fóra d'este susto, e assim logo desanimaram e apertados começaram a saltar á agua, e indo a nado os nossos mataram muitos, e os indios e outros soldados animosos foram a nado ás embarcações e investiram com o inimigo. Os soldados que estavam no Pernãomerim ouvindo as surriadas acudiram com pressa, e deram uma carga e espantosa surriada de arcabuzaria no inimigo com que de todo o ponto se pôz em fugida; foram muitos dos nossos ás lanchas onde acharam muitos despojos de munições e mantimentos, e depois lhes puzeram o fogo e ao patacho. Mataram alguns 100 flamengos, afóra os feridos, tomaram 8 roqueiras, e 6 peças de campanha, de bronze, muita polvora, balas, corda e algumas bandeiras. Vendo o inimigo que ia fabricando a trincheira tão grande perda, e não ter munições nem vitualhas, se retirou dos postos; n'este dia á horas de jantar com muito silencio e se foram, deixando umas bandeiras arvoradas, por estratagema e para cuidarem os nossos que ainda alli estavam. Mathias d'Albuquerque os mandou seguir, mas já eram idos, e se fôra logo, segundo ião atemorisados poucos chegaram ao Arrecife. Algum damno receberam os nossos, mas não foi de muita consideração. Achou-se uma carta em uma das embarcações, que mandava o general da guerra Mathias van Ceulen ao coronel que estava na passagem do rio fazendo a trincheira, que ao outro dia passasse ao rio com todo o poder e escalassem ao Arrayal, e que tomado puzessem todos á espada; porém Deus atalhou sua soberba e damnada tenção, dando aos nossos tão insigne victoria.

Como meu intento é ir compendiando estes successos, deixo outros muitos de menos consideração, que n'este tempo aconteceram, e só tratarei d'uma grande victoria que alcançaram os nossos dos hollandezes a 21 d'Outubro do mesmo anno de 1633, dia das onze mil virgens, que

succedeu pela maneira seguinte. Sahiram de seus postos cousa de 400 hollandezes a fazer damno e roubar os moradores da freguezia de Santo Amaro. Estava o capitão Estevão de Tavora uma legua distante da igreja do Santo em uma trincheira, com cousa de 12 homens, e chegando uma sentinella do inimigo, os nossos a mataram, e dando-se rebate, vendo que eram sentidos, receiando haver muita gente na trincheira, e n'outra que ficava mais atraz, que tomava a passagem dos dois rios Jaboatão e Una, onde acudiam os moradores, tomaram por outro caminho por onde os guiava um negro, que sabia aquellas paragens até as casas de um Jeronymo Luiz, as quaes queimaram, roubando primeiro muito assucar e criações miudas. Foram os soldados com o capitão Tavora e outros moradores da freguezia de Santo Amaro, que se lhe aggregaram, em seguimento ao inimigo, que ia na volta do engenho de Maria Barrosa, ao qual pôz o fogo, e alli fez uma emboscada por colherem a gente que os seguia e lhe ia fazendo muito damno; chegou n'este tempo a este engenho o capitão Antonio André com 40 homens, e deu carga no inimigo matando e ferindo alguns, e foram entrando os flamengos por um caminho que estava atrancado e embaraçado com muitas arvores derrubadas, indo roçando os matos e recebendo muito damno, onde tambem nos mataram 2 homens e feriram alguns, e na campina que chamam do Figgippiô estava já de mão posta Luiz Barbalho com 40 homens, que acudiu da Vargea e se embarcou n'aquella paragem, e dando uma grande surriada de arcabuzaria matou alguns 30, e tomou muitos vivos. O inimigo desacordado com tão repentina carga, começou a apressar o passo, largando os soldados as mochilas que levavam cheias da pilhagem, e foram passando por um rio com agua pelos peitos até chegarem ao engenho de Antonio Fernandes Pessoa, aonde o estava

esperando o sargento-maior do Estado Pedro Corrêa da Gama com 200 homens, e dando-lhes carga e investindo com elles lhes matou alguns 40. O inimigo fez alto para descançar, que ia muito cançado do caminho, mas apertando os nossos com elle lhe fizeram muito damno, e inda d'alli os foi seguindo o Camarão com seus indios, matando a muitos e captivando outros que ficaram perdidos pelos matos, dos quaes trouxeram ao Arrayal alguns 30 vivos. Dos nossos morreram 4 ou 5 homens, e entre elles um sargento de Luiz Barbalho. Tambem se achou na pendencia o capitão Rebellinho, que acaso vinha por aquelle caminho e o sargento mór Manoel de Sousa. Vinha o inimigo repartido em tres troços, e no fim estavam já tão cançados que pediam bom quartel, e se o Gama apertava mais com elles, sem duvida todos se haviam de render.

Pelo mez de Novembro d'este anno de 1633 chegou soccorro nosso de Portagal em caravellas, e duas náos flamengas; os hollandezes o foram esperar com muitas náos de guerra, e houve batalha no mar; mas, como era o poder do inimigo grande fizeram dar á costa algumas caravellas abaixo da Parahyba, e estando o soccorro na bahia da Traição, que dista 12 leguas da Parahyba junto de Cunhaú aonde surgiu, foi o inimigo com lanchas a queimar as caravellas, não estando ahi Manoel de Vasconcellos, que vinha por general d'elle, por ser vindo para o Arrayal para assistir com Mathias d'Albuquerque e o conde de Bagnuolo no conselho de guerra, e estando em Cunhaú no engenho d'Antonio d'Albuquerque, capitão mór da Parahyba, o Vasconcellos vindo como dissemos para o Arrayal. Deu o inimigo com as caravellas, cuja gente como era bisonha as desamparou, sómente alguns marinheiros pelejaram, e com gritarem e chamarem pelos soldados, que viessem para os ajudar a defender as caravellas, cuja gente

nenhum d'elles acudiu; assim que o inimigo tudo destruiu. Tambem pelejaram uns condestaveis das náos, homens de Dunquerque, mas como eram poucos, e os inimigos muitos, não puderam resistir. Saqueou o inimigo quanto achou, e pôz fogo ás embarcações, sómente não chegou a uma setia d'onde tres ou quatro homens lhe atiraram com uns arcabuzes ; e assim muito victoriosos se tornaram para o Arrecife, sendo grande a perda que nos deram. Tambem n'este mesmo mez foram á Alagôa com navios e levaram comsigo o Calabar, que sabia aquellas paragens, onde fizeram muito damno, e roubaram muita fazenda, assucar, páo Brasil e outras drogas com que se recolheram ao Arrecife. O capitão Antonio Lopes lhes sahiu e fez algum damno.

CAPITULO XI

DE COMO OS HOLLANDEZES TOMARAM A FORTALEZA DO RIO-GRANDE E O PONTAL DE NAZARETH.

No seguinte mez de Dezembro foram com muitos navios sobre a fortaleza do Rio Grande, para onde partiram a 8 d'este mez e a cercaram e tomaram com muita facilidade, sendo inexpugnavel, pela cobardia do capitão d'ella, que se esperava alguns dias sem entregar ao inimigo, ia da Parahyba grande soccorro de gente, com Antonio d'Albuquerque, capitão mór d'ella, e quando chegaram estava já rendida. Entrou dentro n'ella dos primeiros o Calabar, e o inimigo trouxe preso o capitão e cousa de 40 homens que se entendeu ser maranha; depois veiu o capitão do Arrecife,

e Mathias d'Albuquerque o mandou prender em grilhões e confiscar toda a fazenda que trazia. Os hollandezes, fizeram muita festa com luminarias, e surriadas de artilheria e mosqueteria no Arrecife, por haverem tomado quasi ás mãos lavadas uma força de tanta consideração e tão fortissima, que os nossos sentiram notavelmente por ser grande perda.

Depois que os hollandezes ganharam a ilha d'Itamaracá e a fortaleza do Rio Grande, intentaram tomar o porto do Pontal de Nazareth ; para qual facção aprestando muitos navios com infanteria, munições e mais cousas necessarias, fizeram o acommettimento á Parahyba, para que acudindo nossa gente do Arrayal ficasse Nazareth com menos, e então viriam sobre o postc, e assim a 25 de Fevereiro de 1634 acommetteram a força de Santo Antonio, que fica da outra parte da fortaleza do Cabedello com 400 homens, usando de estratagema para divertir a gente, pelo que Mathias d'Albuquerque sabendo que as náos do inimigo ião a Parahyba, e estavam sobre a barra d'ella, mandou do Arrayal 4 companhias com 200 e tantos homens; mas o inimigo se tornou a embarcar em suas náos, e veiu sobre o porto de Nazareth onde entrou com ellas um domingo a 5 de Março, apoderando-se d'elle e de algumas náos que n'elle estavam fazendo grande presa d'assucar, e mais drogas, tomando muita fazenda, na povoação do Pontal. E posto que o autor do *Triumpho da liberdade de Pernambuco*, frei Manoel Calado, diga no primeiro livro, capitulo 2.º que tendo o inimigo ganhado a Parahyba tratou de tomar o posto de Nazareth, se enganou evidentemente, porque os hollandezes o ganharam em 5 de Março de 1634, e d'alli a 9 mezes pouco mais ou menos tomaram a Parahyba no mez de Dezembro, e a 8 dias do mesmo mez deitaram gente em terra para cercarem a força do Cabedello,

como ao diante se dirá: de sorte que primeiro tomaram o porto de Nazareth do que a Parahyba. Tambem diz o mesmo autor, que sabendo Mathias d'Albuquerque e o conde de Bagnuolo em como o inimigo tinha entrado no sobredito porto, que partiram logo com toda a gente de guerra, da força do Arrayal, deixando-a bem petrechada de gente e mantimentos, aonde ficou por governador André Marim, soldado muito animoso, experimentado nas cousas da guerra, para que a defendesse, o que é manifesto erro; porque quando partiram os sobreditos para Nazareth, deixaram por governador da força do Arrayal ao sargento mór do terço hespanhol Francisco Serrano, e a Luiz Barbalho; e André Marim ficou por governador da força do Arrayal no anno seguinte de 1635, e n'esta estava governando quando os hollandezes a ganharam como ao diante se contará.

Chegado o inimigo sobre a barra de Nazareth deitou gente em terra em uma calheta, a que mandou ter o encontro o sargento maior do Estado Pedro Corrêa da Gama, que estava por cabo da gente, e se pendenciou algum espaço de parte a parte. No entretanto as náos do inimigo entraram pelo porto, e supposto que de um reducto pequeno que estava na boca da barra com 4 peças d'artilheria, de pouca consideração, lhe metteram no fundo duas náos; comtudo as outras entraram no lagamar e ficaram senhores do porto. Os nossos vendo esta repentina entrada, puzeram fogo á muitas casas ou paços cheios de caixas d'assucar, e a muitas náos que no porto estavam juntas, mas o inimigo tomou grande presa (como dissemos) das que não arderam, e muito assucar e páo Brasil, e fizeram fortes em uma ponta d'arêa que chamam o Pontal, d'onde tomou o nome a povoação, com peças d'artilheria, começando a fazer alli um reducto.

Tanto que Mathias de Albuquerque e o conde de Bagnuolo souberam a nova, partiram com toda a gente de guerra do Arrayal, como temos dito, deixando n'elle por governadores os acima nomeados Francisco Serrano e Luiz Barbalho. Chegados á Nazareth assentaram arrayal sobre o monte do Cabo de Santo Agostinho, lugar forte e inexpugnavel, que fica segurando com sua imminencia a barra, que está em sua raiz, e as embarcações para entrarem e sahirem se hão de ir roçando com a terra, e assim fizeram boas e fortes trincheiras, e d'alli com peças de artilheria começaram a combater as náos do inimigo que estavam dentro no posto, mas elle se afastou para dentro da enseada, onde as peças não alcançavam. Em 7 de Março ás 8 para as 9 horas da manhã foram reconhecer a trincheira do reducto, que ia fazendo o inimigo, cousa de 70 homens nossos com muitos aventureiros. Ião os capitães Domingos Dias, Estevão de Tavora, o Rebellinho, Antonio André e outros, que investiram com a trincheira com grande impeto, e subiram dos primeiros os capitães Domingos Dias, Miguel de Abreu, o Tavora e Antonio André, e o fizeram com tanto animo e valor, que deitaram fóra d'ella o inimigo que se foi retirando por entre os mangues. Vinha já n'este tempo Mathias de Albuquerque acudindo á peleja com 300 homens, descendo do monte para soccorrer os nossos, quando se levanta uma voz dizendo, que vinha grande poder do inimigo, que foi causa de se retiraram os nossos, posto que alguns capitães gritaram, dizendo que se guarnecesse a trincheira; nada aproveitou n'esta retirada, tornando o inimigo sobre os nossos com suas armas e com peças de artilheria que das náos disparava, nos mataram 20 homens, e feriram 30 e tantos. Morreu dentro na trincheira e ficou o capitão Domingos Dias passado de duas balas, e um irmão de Fernão da Silva, e elle passado de uma bala e o capitão

Miguel de Abreu muito ferido, de que morreu em breves dias, e o capitão Estevão de Tavora passado, e Antonio de Freitas, Domingos Bezerra e outros. Vendo os nossos 300 que os outros se retiravam, tambem o fizeram com grande desordem, e o inimigo das náos lhes atirava com roqueiras cheias de balas de mosquete, com que feriu e matou a muitos,e depois se tornou para a trincheira tambem com morte de muitos soldados, e outros feridos.

Foi continuando Mathias de Albuquerque com a bateria de artilheria, que fazia ás náos do inimigo, que não podiam sahir pela barra fóra, uma das quaes deu á costa dentro no porto, onde os nossos tomaram muitos mantimentos e munições, sempre lhes pareceu que alli tomariam as náos, mas o inimigo como ardiloso, por uma pequena barreta lhes mandou algumas lanchas de socrorro, e por ella deram ordem, e buscaram modo para sahiram as náos que haviam entrado pela barra, que tinham tomado os nossos com um reducto, cousa que admirou notavelmente poderem sahir por tão pequena boca sendo náos grandes, e por onde apenas podiam entrar os nossos barcos. Fortificado o inimigo, fez algumas sahidas, e em 12 d'este mez de Março foi ao Salgado e queimou o engenho de assucar de Cosme Dias, e trouxe muita presa.

Considerando os hollandezes que poderia estar desmantellada, e sem gente a fortaleza do Arrayal, porque Mathias de Albuquerque e o conde estavam com toda a infanteria sobre Nazareth, determinaram de tomar esta força, não lhes ficando cousa que não intentassem; e assim em 30 de Março vieram alguns 500 homens em lanchas pelo rio Capibaribe, de noite com os muitos gastadores e negros que traziam, fizeram uma trincheira junto de Pernãomerim, para onde ficava a igreja da Misericordia, e amanheceram com ella feita, e assentadas algumas peças pe-

quenas, mas compridas e alguns morteiros para lançarem trabucos á força do Arrayal, que começaram logo a combater; e um trabuco cheio de balas deu dentro n'ella e levou uma casa sem fazer damno á pessoa nenhuma : as outras peças sómente chegaram com balas até as cavas, mas os nossos lhes faziam muito damno, e desmantellavam a trincheira.

Tanto que o inimigo se fez forte, os nossos governadores que ficaram no Arrayal, Francisco Serrano e Luiz Barbalho recolheram a gente de fóra e extravagante, mulheres e meninos, e mandaram aprestar todo o necessario para a defesa, havendo dentro munições e mantimentos bastantes, pois que não havia muita gente, comtudo se acharam 500 homens, e com os que acudiram de fóra, quando foi á tarde se fez resenha de 800. Os governadores querendo saber o designio do inimigo, mandaram 80 homens com o capitão Villa Gomes, para que por entre uns matos o fosse buscar á trincheira; o qual logo lhe sahiu ao encontro com 100 homens, e dando cargas de parte a parte, a nossa gente se veiu retirando para o Arrayal, e o inimigo carregando sobre elles com muita força, e não se lhes atirava com peças, por não darem nos nossos, os quaes fizeram retirar outra vez o inimigo para a trincheira d'onde começou a disparar os trabucos contra a força do Arrayal, e deu um junto da casa da polvora, que permittiu Deus que não fizesse damno. Como o inimigo ficava encoberto com as casas não lhe fez damno a artilheria, salvo uma peça que lhe ficava defronte, e com ella lhe foram desmantellando a trincheira, matando e ferindo gente; e faziam bons tiros uns condestaveis estrangeiros, que chegaram de Nazareth, e aonde tinham ido da Parahyba; e uma bala levou 5 flamengos em pedaços.

Em resolução, vendo o inimigo a muita gente que perdia

determinou de se retirar sobre a tarde; e para o fazer a seu salvo, e levar as peças e os trabucos que trouxéra e juntamente os mortos e feridos nas lanchas, que pelo rio Capibaribe vieram, mandou um tambor com embaixada ao Arrayal, mas os governadores lhes mandaram atirar, porque não chegasse; e tornando outra vez o mandaram entrar dentro da força e ouviram a embaixada que era, que se lhes entregassem a força lhes daria bom quartel e passagem, aliás que poriam tudo a fogo e sangue. Os governadores se enfadaram e apaixonaram, respondendo que tinham 800 homens e muita polvora, balas e munições para muitos tempos, e que isso lhe dariam, e logo mandaram sahir o tambor com muita pressa e com a mesma se retirou o inimigo, levando muita gente morta e ferida nas lanchas, tendo já retirado as peças. Alguns dos nossos na retirada os foram seguindo e matando alguma gente.

No dia seguinte que foram 31 de Março, mandou Mathias de Albuquerque do posto do monte de Nazareth, onde estava, tornar a investir o reducto do inimigo que se defendeu com grande resistencia, e na pendencia morreram 7 homens nossos e um alferes, mas tambem mataram muitos hollandezes, e se pelejou com muito valor e constancia.

Por este tempo, muita quantidade de indios que tomada a força do Rio Grande pelos flamengos se haviam mettido com elles, acompanhados de alguns hollandezes deram de subito nos moradores de Cunhaú e seus contornos, fazendo inauditas crueldades, não perdoando a nenhum genero de gente, matando mulheres e meninos, e um religioso de Nossa Senhora do Carmo; e se contaram alguns 40 mortos, fóra os mais que se não soube, e deram sobre o capitão Fragoso que estava fazendo uma trincheira em Cunhaú; que parece que este sitio sempre foi um theatro das cruel-

dades d'estes barbaros, que pelo tempo em diante quando chegar a contar os successos da liberdade de Pernambuco, se verá outra mortandade que fizeram em seus moradores.

No mez de Maio chegaram á Nazareth 200 homens que mandou de soccorro da Bahia Diogo Luis de Oliveira, governador geral do Estado, e veiu por cabo d'esta gente D. Fradique, a quem Mathias de Albuquerque mandou dar quartel para se alojarem no sitio em que estava.

Em 12 de Setembro sahiram da força dos Afogados cousa de 400 flamengos, e pela varzea do Capibaribe por caminho desusado, foram ao sitio de Camaragibe dar nas casas de Antonio Cavalcanti, parecendo-lhe haver muita fazenda dos moradores da Vargea, como tinham por noticia e ser o posto occulto. N'este tempo tinha Luiz Barbalho governador do Arrayal posto junto dos Afogados o capitão dos negros e crioulos Henrique Dias, de quem n'esta historia se ha de fazer muitas vezes menção, para fazer aviso ao Arrayal quando se ia o inimigo á campanha, e sabendo estar fóra mandou 100 homens com o capitão Antonio André por cabo para virem emboscar junto do rio, por onde havia de tornar o inimigo, que ouvindo o rebate no Arrayal e entendendo ser sentido, se veiu retirando para os Afogados, a tempo que os nossos se queriam emboscar, e entrando-se houve pendencia, cahindo alguns mortos e feridos de ambas as partes. N'este entretanto tinha mandado Luiz Barbalho outros 100 homens pela passagem de Ambrozio Machado, chegando á campina de Francisco de Brito onde o inimigo tinha deixado uma emboscada. Estes ouvindo os tiros dos seus, que pelejavam com outros 100 homens de Antonio André, na campina do Figueiredo, os foram soccorrer, e chegando os nossos para se emboscar as vieram levantar da emboscada e pendenciaram com elles, havendo mortos e feridos; e os outros se vieram tambem chegando,

e o inimigo se foi retirando com pressa. Aqui tomaram os nossos prisioneiro um seu official de guerra e o cavallo em que vinha. Morreram 4 ou 5 e feridos 20, indo o inimigo para o seu posto, e passando por um caminho estreito onde estava Henrique Dias de emboscada, o qual dando-lhe carga matou 6 hollandezes e feriu outros muitos.

CAPITULO XII

DE COMO OS HOLLANDEZES TOMARAM A PARAHYBA, VINDO GANHANDO A CAMPANHA POR TERRA ATÉ PÔR CERCO Á FORÇA DO ARRAYAL.

No principio de Outubro de 1634 partiu do Arrecife uma armada de 12 náos com gente de guerra, e fazendo-se muitos discursos ácerca d'onde iriam, que uns diziam que á Parahyba, outros á Nazareth; e muitos que iam fazer uma força ao sitio que chamam a Jangada, que está para a mesma banda de Nazareth, Mathias de Albuquerque mandou que todos estivessem alerta e prestes para o que succedesse, e enviou ao capitão Rebellinho (que já tinha feito capitão do terço) ao Porto do Calvo com 100 homens. O inimigo desembarcou no mesmo Porto do Calvo, onde lhe sahiu ao encontro o Rebellinho, e o fez tornar a embarcar, e já de antes tinha em outro recontro no mesmo Porto do Calvo ferido ao Calabar em uma perna. Foi o inimigo, vendo que não podia alli fazer effeito, á Alagoa, onde desembarcou com 1.000 homens sem ser impedido, e foi bus-

car a povoação 5 leguas distante da praia, e deu a 8 d'este mez, domingo, pela manhã, onde se fazia a festa de Nossa Senhora do Rosario com muita solemnidade, e a igreja bem concertada e n'ella muita gente; dando de repente matou alguns homens que levaram das espadas para se defenderem, e entre elles ao capitão Antonio Lopes. Pôz o inimigo a saque a igreja e povoação, roubando quanto achou, e tomou muitos prisioneiros, e vindo á praia queimou os navios e caravelas que estavam no porto, e trouxe muitos assucares, e pôz fogo a alguns 80 terças de farinha e munições que tinha mandado el-rei em umas caravelas de Lisboa, e outras muitas fazendas que havia muitos dias que alli estavam sem se comboiarem á Nazareth, e outras munições que tinham vindo da Bahia em uma lancha que alli estava. Com esta perda cresceram as fintas e contribuições aos moradores da capitania para sustentar a infanteria, por faltar este soccorro do reino, que o inimigo destruiu, e por descuido grande deixaram alli estar tanto tempo. Pelos mezes de Novembro e Dezembro fez o inimigo muitas sahidas á varzea de Capibaribe, roubando quanto achava, vindo á povoação dos Apepucos e d'alli a poucos dias ao engenho de S. Braz; e sempre houve pendencias entre elles e os nossos, com mortos e feridos de ambas as partes, mas o inimigo recebeu maior damno.

N'este tempo, estando uma náo de guerra dos hollandezes no Porto do Calvo, sahindo muitos d'elles em lanchas para fazerem uma entrada pela campanha ao sertão, uns indios que moravam perto em uma aldêa os acommetteram com muito animo, com alguns poucos homens nossos, e mataram muitos, e tomaram prisioneiros 18, que mandaram a Mathias de Albuquerque.

Tendo os hollandezes ganhado o Pontal de Nazareth, como temos referido, e desejando tornar a intentar a for-

tuna da guerra na Parahyba, para que se a ganhassem virem por terra sujeitando a campanha, como depois fizeram, e principalmente (como muitos affirmam) obrigados da grande falta de mantimentos que havia no Arrecife, que os tinha posto em aperto por lhes não virem navios de Hollanda; prepararam e forneceram de muita gente de guerra, e do mais que era necessario para a conquista 46 náos; e n'esta armada se embarcou por general das armas hollandezes Sigismundo van Schkoppe, e por coroneis Christovão Artichofsky, Jacob Stachouwer, Gervasio Carpentier, que eram os principaes da companhia ou bolça que assistiam no Arrecife, d'onde partiram com determinação de vencer ou morrer na empresa, por estarem tão faltos do necessario para o sustento da vida humana, em principio de Dezembro de 1634; e como a jornada era breve, não puzeram muitos dias n'ella. Tanto que esta armada se pôz á vista da fortaleza da Parahyba, que chamam o Cabedello, Antonio de Albuquerque era governador e capitão maior d'esta capitania; valoroso e animoso soldado, com o aviso que d'antes tinha, estava prevenido e apparelhado com o necessario; para a defesa da força e cidade tinha-lhe mandado em principio de soccorro Luiz Barbalho, que governava o Arrayal, os capitães Jeronymo Pereira e o Arriaga, e outros, com cento e tantos homens; e Antonio de Albuquerque ajuntou toda a gente da capitania para impedir ao inimigo, gente em terra, na praia, junto da fortaleza, onde lhe sahiu á defesa Antonio de Albuquerque com a gente que tinha, e se pelejou com grande valor; mas, por ser muita a do inimigo e a nossa pouca, se veiu retirando, atirando e offendendo-o sempre, pondo-se á sua vista para acudir ao mais necessario. Havendo-se o inimigo situado e fortalecido em terra, mandou dois patachos e lanchas á uma restinga junto da fortaleza, onde estavam em uma trincheira alguns homens nossos que se de-

fenderam com valor; mas, como eram poucos, nos degolou o inimigo 14 e aprisionou o capitão Ferreira, que venderam suas vidas á custa de muitas dos contrarios.

Cercaram os hollandezes a fortaleza por mar e terra, pondo-a em muito aperto; n'ella estavam os capitães João de Mattos e Simão de Mello, D. Gaspar, Jeronymo Pereira, D. Jacintho e outros, com alguns 300 homens. Deu-lhe o inimigo grandes baterias e combates 14 dias que esteve de cerco, com muitos canhões e peças de bater, e muitos trabucos, que cahiram dentro e fizeram muito damno, matando muita gente com granadas, bombas e artificios de fogo; n'este tempo se não descuidava Antonio de Albuquerque, offendendo o inimigo nas occasiões que podia, esperando momentos pelo conde de Bagnuolo, que vinha por caminho com o terço italiano, e D. Fernando de Ribaguero, mestre de campo do terço hespanhol, que chegou primeiro; e o conde se deteve alguns 12 dias no caminho e não chegou a tempo, e quando se tornou para o Arrayal da volta, depois de ganhada a Parahyba pelo inimigo, não pôz mais que tres. D. Fernando acommetteu a trincheira aonde se fortificava o inimigo e matou alguns. Em resolução, havendo muitas pendencias, baterias e combates, que quem escrever a historia d'este cerco irá largamente referindo, foi o inimigo pondo em grande aperto a fortaleza, minando-lhe os baluartes e matando muita gente nossa com a continua artilheria que atirava. Os nossos, vendo mortos alguns dos cabeças, sendo-o o capitão Jeronymo Pereira e o Arriaga, e outros, e os artilheiros, faltando as munições e mantimentos, impedindo o inimigo os soccorros que mandava Antonio de Albuquerque á fortaleza e entregavam a partido, havendo de parte á parte embaixadas, e fizeram os concertos com condição que sahissem os capitães, alferes e mais officiaes de guerra, e os moradores da terra com

seu fato, armas, polvora e balas, como é estylo de guerra. Levou o inimigo alguns cento e tantos soldados pagos para lhe dar passagem. Entrou dentro na força o Sigismundo, e os mais coroneis e officiaes de guerra, e tomando entrega d'ella a gente que estava na outra força de Santo Antonio, vendo rendida a do Cabedello, se deram tambem a partido com as mesmas condições e pactos.

Rendidas as forças, o inimigo se espalhou em algumas tropas pelos engenhos da capitania roubando e tomando grande presa de dinheiro e fazendas, principalmente dos moradores que se ião retirando. Cousa de 800 hollandezes vieram á cidade da Parahyba, que por outro nome se chama Nossa Senhora das Neves e cidade Philippêa, que dista da força 5 leguas, onde não houve resistencia, e muitos moradores ficaram debaixo de seu dominio, mas a maior parte se retirou para Pernambuco, d'onde depois se tornaram para suas fazendas, debaixo de salvo conducto ou passaporte dos hollandezes.

Quando o conde de Bangnuolo chegou com o soccorro já estava rendida a fortaleza, e não acommetteu o inimigo, nem fez cousa alguma, salvo os italianos do seu terço que pozeram o saque á cidade, onde tiraram grande presa, dizendo que se queriam aproveitar antes que o inimigo. O conde mandou 70 homens á força de Santo Antonio, mas já era rendida. Queimaram os nossos 4 navios carregados d'assucar com algumas 3,000 caixas e muito páo Brasil. O capitão maior Antonio d'Albuquerque se veiu retirando com alguns dos seus e outros senhores d'engenho, que o quizeram acompanhar e perder antes seus engenhos, que ficar com o inimigo para o Porto de Nazareth. N'este tempo se levantaram algumas aldêas d'indios (que como são bandoleiros, viva quem vence) e se metteram com o inimigo; outros desamparando suas aldêas e casas vieram

seguindo os portuguezes, que se vinham retirando para Pernambuco, e entre estas aldêas, uma que estava junto da Parahyba com algumas 300 pessoas que se retiraram com os religiosos de S. Bento a cujo cargo estava.

Muitos moradores com suas familias se vieram retirando da Parahyba para Pernambuco, por não ficarem sujeitos aos hollandezes, vindo com grande descommodo e trabalho do caminho, com muitas mulheres e meninos, algumas 30 leguas, e os italianos e outros soldados que pelo mesmo caminho vinham, roubaram muita parte d'esta pobre gente retirada, e vendo-se muitos tão perseguidos e com tantos trabalhos se tornaram para a cidade da Parahyba, e outros para suas fazendas; os de mais vieram até Pernambuco onde estiveram até que o inimigo ganhou a campanha e forças, e depois se tornaram para suas fazendas e engenhos.

N'este meio tempo tendo aviso Mathias d'Albuquerque que o inimigo vinha da Parahyba ganhando a campanha até á Goyana, mandou o capitão Rebellinho e Diogo Rodrigues, e outros capitães com mais duas companhias do Arrayal a ter o encontro dos hollandezes que já estavam na Goyana, e postas debaixo de sua sujeição muita parte dos moradores d'ella, vindo marchando com seu exercito. O Sigismundo, Christovão Artichofsky e os outros coroneis da guerra, e com muitos cavallos que roubaram aos moradores da Para hyba, Goyana e outras partes, fizeram uma tropa de 60 cavallos de que os principaes soldados eram francezes que vinham em sua companhia. Constavâ o exercito de 1,800 soldados pouco mais ou menos, afóra a gente de cavallo que dissemos, e gastadores que carregavam a bagagem e algumas peças de campanha, e com esta gente ganharam a campanha desde Parahyba até sitiarem o Arrayal e força de Nazareth; havendo tanta gente n'estas capitanias como se sabe sem haver resistencia, no que claramente se vê

por exemplo, que foi castigo evidente, cegando o entendimento dos que governavam a guerra; porque com muita facilidade pudéra ser este inimigo desbaratado, sem nenhum homem escapar, em espaço de 30 leguas que vieram marchando por terra da Parahyba, sendo a maior parte matas e arvoredos, d'onde se lhe podiam fazer muitas emboscadas; e quando chegar esta historia a tratar do anno de 1648, verá o leitor com quanta differença pelejavam uns e outros, porque sahindo o inimigo com perto de 7,000 homens, que o mesmo Sigismundo governava quasi á vista de suas forças, os investiram sómente 2,200 soldados nossos e os desbarataram e mataram muitos d'elles, como ao diante com o favor divino iremos escrevendo.

Depois que os hollandezes tomaram a Parahyba para se congraçarem com os moradores e assegurarem em sua amizade, fizeram com elles assentos de contrato muito favoraveis; a saber: que lhes concederiam o viverem na pureza de sua fé catholica romana com suas igrejas abertas e sacerdotes, e que se não metteriam nas cousas tocantes ao ecclesiastico, e que concediam aos moradores todas suas fazendas e escravos livremente, e que os conservariam em sua posse, e os defenderiam de toda a sorte d'inimigos, e lhe acudiriam com todo o genero de mercadorias, e lhe pagariam os fructos da terra por seu justo preço, e lhe guardariam em tudo justiça e igualdade, com presupposto que lhe pagariam os dizimos e mais tributos que costumavam pagar a seu Rei. Ficaram os moradores da Parahyba algum tanto consolados com estes e outros mais favoraveis assentos que com elles celebraram, porém pelo tempo em diante bem experimentaram quantas vezes lhes foram quebrados, assim os que com elles como com os moradores de Pernambuco fizeram, como se verá por esta historia.

Tornando aos hollandezes que com seu exercito estavam

na Goyana, havendo posto os moradores debaixo do seu dominio vieram marchando na forma que acima dissemos pela campanha, sujeitando os moradores e saqueando os engenhos e fazendas dos ausentes, determinando vir na volta da força do Arrayal, o que sabendo-se n'elle pelos governadores o fortificaram e proveram do necessario, e fizeram dentro um poço para terem agua bastante para a infanteria, e uma ponte levadiça, e metteram muitos mantimentos e forneceram de outras munições para sua defesa, e a 26 ou 27 de Janeiro de 1635 partiu Luiz Barbalho que foi eleito por sargento maior do terço de Portugal, e ficou só por governador da força do Arrayal, Andres Marim, posto que alguns eram de contrario parecer, por ser castelhano. Partiu como digo o Barbalho do Arrayal a ter o encontro ao inimigo que vinha marchando pela campanha; n'este meio tempo despachou Mathias de Albuquerque uma caravela para Portugal com aviso do perda da Parahyba. Estava na aldêa de S. Miguel de Mosupe o capitão Rebellinho com outros capitães e soldados e moradores que se lhe aggregaram, e sabendo que o Sigismundo vinha marchando com seu exercito para esta aldêa, a mandou queimar e se retirou para outro sitio mais accommodado. Chegou no fim d'este mez o Sigismundo a esta aldêa, que achando-a abrazada, veiu marchando para o engenho dos religiosos de S. Bento, que chamam Mossurêpe e se apoderou d'elle e roubou muita fazenda dos que se retiraram aos matos; e a outros mandava passar passaportes de segurança por um secretario da campanhia que chamavam Guilherme Schotte. D'ahi veiu abalando com toda sua gente para o engenho de Maciape, vindo por cutro caminho e não por onde estavam as sentinellas que tinham póstas os nossos capitães, que estiveram arriscados a que o inimigo os cortasse, por ser pouca gente, e elle

trazer comsigo quem lhe vinha mostrando os caminhos.

Na matta de João Dias Leite se emboscou o Rebellinho com os capitães Estevão Alves, Diogo Rodrigues e outros do Arrayal com 80 ou 90 homens, e deram com tanto impeto no inimigo, que o fizeram retirar duas vezes; e tornando-se a emboscar para outra vez o acommetterem, os que vinham com o inimigo e sabiam bem os caminhos, o fizeram sabedor da emboscada com que veiu com muito poder cercar os nossos, que se defenderam com muito valor; mas como eram poucos ficaram desbaratados e derrotodos, e o Rebellinho passado de duas balas; e nos mataram alguns soldados e se perderam outros pelos matos, não sem damno do inimigo, que veiu marchando até o engenho de Maciape, onde e pelos matos circumvisinhos tomou grande presa e muito dinheiro da gente retirada da Parahyba, muita fazenda, assucar, páo Brasil, que mandou para a ilha de Itamaracá em carros que trazia. Vinha, como tenho escripto, com 1800 soldados e 60 de cavallo, e se fez forte nas casas do engenho com as peças de campanha que trazia.

Tendo aviso d'estas cousas Luiz Barbalho e parecendo-lhe que o inimigo viesse pelo caminho adiante até a povoação de S. Lourenço, de que todos os moradores se retiraram, o esteve aguardando no caminho que vem de Maciape para S. Lourenço com a infanteria que levava, que seriam 300 homens e outros moradores que se lhe ajuntaram; tambem mandou pedir soccorro á Nazareth onde estava Mathias de Albuquerque e o conde de Bagnuolo que lhe mandaram 150 homens, com os capitães João Babilão, Affonso de Albuquerque e Antonio Gomes, com que fez Luiz Barbalho corpo de cousa de 500 homens, porém o inimigo não passou de Maciape, antes, como dissemos, se fez forte nas casas do engenho de Francisco do

Rego. A gente de Luiz Barbalho matou dois de cavallo que vinham reconhecer e descobrir o campo; houve pendencia.

Depois que o general das armas hollandezas Sigismundo deixou a maior parte da sua gente fortificada nas casas do engenho de Maciape até onde tinha chegado, vindo da Parahyba para a campanha, partiu para o Arrecife a 10 ou 11 de Fevereiro e veiu por umas campinas até Paratibe saqueando quanto achava, e d'alli se foi recolhendo ao Arrecife pela villa de Olinda, ao qual havendo chegado lhe fizeram muita festa com grandes surriadas de artilheria e mosqueteria, muito contentes por se haver tomado a Parahyba e ganhado a campanha até Maciape.

Mathias de Albuquerque, ainda que estava indisposto, tinha mandado ajuntar toda a gente paga e da ordenança, para ir ter o encontro ao inimigo á povoação de S. Lourenço, mas sendo certificado por Andres Marins governador da força do Arrayal em como Sigismundo se retirava de Maciape para o Arrecife desistiu da jornada, e sabendo que o inimigo se preparava e aprestava com náos que tinha de fóra, temendo que fosse sobre Nazareth. Elle e seu irmão Duarte de Albuquerque e o conde Bagnuolo foram com muita parte da infanteria para a povoação de S. Antonio do Cabo, para d'alli impedir o designio do inimigo, deixando na força do monte de Nazareth ao sargento mór do Estado Pedro Corrêa da Gama com gente e provimento necessario.

A 13 de Fevereiro marchando Luiz Barbalho com sua gente de S. Lourenço para o posto que chamam os Curraes do engenho de Santa Anna, trouxe 200 homens para d'alli ter o encontro ao innimigo, se quizesse vir á fregnezia de Santo Antonio ou á da Moribeca, e indo á Nazareth ou ao Arrayal acudir com esta gente volante, mandou aos montes Guararapes duas companhias, e outros á Jangadas, e elle ficou

no sitio dos Curraes com cousa de 100 homens, por haver d'onde fazia acommettimento ao inimigo, que se aprestava para sahir á campanha. Em S. Laurenço ficaram os capitães João Babilão, Antonio Gomes, Affonso de Albuquerque e outros com cousa de 200 homens, por o inimigo haver deixado 800 fortificados em Maciape.

N'este mesmo mez, sahiu o inimigo com alguns 300 homens a reconhecer a força do Arrayal, e Andres Marim lhe mandou dar uma surriada de artilheria e mosqueteria com que se retirou pelas Salinas, vindo pelas fraldas do Arrayal da banda do rio, e por essa causa se despejou da gente que ao pé d'elle morava e muita parte da que na vargea estava de moradores, se retirou pela terra a dentro.

CAPITULO XIII

DE COMO SIGISMUNDO SE APODEROU DA MORIBECA E FOI GANHANDO A CAMPANHA DO CABO DE SANTO AGOSTINHO

Determinando os hollandezes apoderar-se das freguezias da campanha, para que pondo cerco ao Arrayal não podesse ser soccorrido de mantimentos, e sujeitar a gente e moradores, intentou vir com grande poder a occupar a Moribeca, que sempre tiveram sêde, e assim se aprestou o Sigismundo von Schkoppe, e uma quinta-feira 15 de Fevereiro de 1635, sendo já de dia, vindo pelos montes Guararapes sem impedimento até o Engenho Novo, a tempo que já as nossas sentinellas tinham acabado o quarto d'alva, e por não ser sentido deu de subito na povoação, e se começou a fazer forte na

igreja matriz d'ella, vindo com suas bandeiras, tocando caixas e trombetas com passante de 1:500 soldados e com alguns 200 indios, dos que se metteram e confederaram com os flamengos; logo mandou da Moribeca o Sigismundo alguns troços de gente repartidos, um ao engenho de D. Catharina de Albuquerque, outro ao de Paranduba, e depois ao sitio que chamam Serra d'Agua; outros para que saqueassem e roubassem os moradores e fizessem outros damnos, para que obrigados e constrangidos, d'elles, viessem tomar passaportes. Os indios começaram a mostrar o odio que nos tinham, matando algumas pessoas e roubando outras, como inimigos capitaes, tanto que se fez aviso a Luiz Barbalho, que com 100 homens e outros moradores, que se lhe juntaram, estavam no sitio dos Curraes junto ao engenho de Sant'Anna, veiu marchando com a gente até á casa do capitão Domingos Dias, e d'alli com outra gente que se lhe foi aggregando, quiz saber o designio do inimigo, e assim foi para a banda da Moribeca. Soube em Nazareth e na povoação de Santo Antonio, como o inimigo se fazia forte na Moribeca, pelo que Mathias de Albuquerque, que como dissemos estava com o conde e seu irmão em Santo Antonio, mandou com muita pressa a D. Fernando de Ribaguero, com 200 homens para se encorporar com Luis Barbalho, a quem escreveu que buscasse o inimigo onde melhor lhe parecesse; mas vendo ser grande o poder para o investir, havendo consulta ao seguinte dia sexta-feira, se resolveram de dar em um troço de gente que tinha sahido da Moribeca para a Serra d'Agua; emboscados em lugar conveniente, sahiram ao encontro aos hollandezes e se pendenciou de ambas as partes com muito valor, e o inimigo se foi retirando com pressa. Estavam com Luiz Barbalho D. Fernando de Ribaguero, o capitão Guilherme Barbalho, filho de Luiz

Barbalho, o capitão Antonio Moreira, Antonio André, Antonio Bezerra e outros, de que não tive noticia, com os moradores que se lhe juntaram. O Barbalho foi investindo contra o inimigo que se ia retirando com a espada com os nossos de que dois alli cahiram, e outros foram feridos com grande damno dos hollandezes, aquem tambem mataram os nossos alguns, e feriram muitos, e indo-os seguindo, veiu chegando grande soccorro ao inimigo, que mandou o Sigismundo, da Moribeca ouvindo a pendencia; e como era grande o poder, ficaram os nossos quasi cortados e cercados d'elle, e era isto perto da Moribeca, e havendo grande confusão, a nossa gente ficou derrotada e muitos soldados se perderam pelos matos, outros não appareciam, e se achou Luiz Barbalho com muito pouca gente; e vendo-se enfadado com tão grande infortunio e ser muito o poder, indo só com alguns indios nossos a reconhecer o campo para a parte do caminho do Supupema, dando com um troço do inimigo, que ia marchando, esteve em risco de ser preso; e dizendo-lhe os hollandezes que se desse a bom quartel, querendo elle escapar de suas mãos, indo em um cavallo ruim lhe quebrou a silha e cahiu com a sella, mas com muito animo levantando-se em pé e se defendeu com a espada e livrou de suas mãos, indo por entre uns espessos matos, por onde foi rompendo grande espaço até o sitio de Gorjaú, onde encontrou dois moradores que lhe deram cavallo com que se foi para Mathias de Albuquerque; o mesmo fez por outra parte D. Fernando com os mais capitães e soldados que escaparam do conflicto, e tambem n'este mesmo tempo se retirou de S. Lourenço, Affonso de Albuquerque e os outros capitães com os 100 homens para onde estava Mathias de Albuquerque; e com esta retirada vieram os hollandezes que ficaram fortes em Maciape com o governador das armas o coronel

Christovão Artichofsky, Jacob Stachouwer,Gervasio Carpentier com a infanteria até a povoação de S. Lourenço, ficando todos os moradores d'aquelles districtos sujeitos a seu dominio; verdade seja, que muitos se retiraram para onde estava Mathias de Albuquerque, deixando seus engenhos e fazendas, por não ficarem sujeitos aos flamengos, quasi advinhando as tyrannias de que depois haviam de usar pelo tempo em diante.

Tornando ao Sigismundo que estava na Moribeca, tanto que derrotou a nossa infanteria e se viu livre do mato, mandou algumas companhias de soldados á freguezia de Santo Amaro e ao engenho de Suasuna Gorjaú a roubar os moradores, assim por suas casas como pelos matos, por onde estavam retirados para os obrigar a que viessem tomar passaportes ou á Moribeca ou a S. Lourenço, onde estavam os da companhia da bolça, e os que não queriam assim fazer, roubavam, prendiam e aveixavam; e a muitos que por timbre os não foram tomar, prenderam e maltrataram, até que constrangidos os mais e por força ficaram n'este miseravel captiveiro, roubados e afrontados, começando já desde então a soffrer calamidades e infortunios. Em Santo Amaro roubaram muita gente que se tinha retirado da Parahyba, obrigando aos moradores que se tornassem para suas fazendas e engenhos, o que fizeram dando-lhes passaportes de segurança.

O Sigismundo deixando alguma gente na Moribeca, foi marchando com a maior parte de sua infanteria para a roça de João Paes Barreto, e d'ahi para alguns engenhos do cabo de Santo Agostinho, a campanha; e no engenho que chamam Cajabussú tomou grande presa de ouro, prata e fazenda da gente que se ia retirando em carros, e por outras partes mandou algumas companhias, para obrigar os moradores que se ficassem em suas casas, e indo mar-

chando para a povoação de Santo Antonio do Cabo tinha Luiz Barbalho feito uma emboscada no caminho de onde matou a muitos.

N'este tempo se tinha retirado de Santo Antonio, para Nazareth, outra vez, Mathias de Albuquerque, seu irmão e o conde de Bagnuolo; e o inimigo mandou buscar 500 homens de refresco, com que se apoderou da povoação de Santo Antonio, e foi mais avante, tomando os caminhos da fortaleza do monte de Nazareth, para lhe não poder ir soccorro pondo-lhe sitio. Vendo Mathias de Albuquerque que se se deixava cercar, em fórma ficava impossibilitado para soccorrer a força do Arrayal com mantimentos, e ordenar outras cousas necessarias, deixando bem fortificado e provido de gente de guerra o sitio de Nazareth, se partiu n'este mez de Março com seu irmão e o conde de Bagnuolo para a villa de Serinhaem, que por outro nome se chama Villa Formosa para alli se fazer forte, deixando por governadores da força de Nazareth ao sargento maior de Estado Pedro Corrêa da Gama e Luiz Barbalho, com presuposto de que de Serinhaem soccorreria com farinha e gado, assim aos qne ficavam no Arrayal, como aos de Nazareth. Vendo que o aperto era muito, e que o inimigo tinha tomado os postos a todo o remedio, muitos moradores o seguiram com suas familias, por não ficarem sujeitos ao dominio dos hollandezes.

(*Continúa*)

A EXPEDIÇÃO DO CONSUL
LANGSDORFF
AO INTERIOR DO BRASIL

POR

ALFREDO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY

Membro do Instituto Historico e Geographico Brasileiro

N'um dos seus conscienciosos trabalhos sobre a provincia de Matto Grosso que elle tanto ama e conhece, lamenta o digno e venerando Sr. Augusto Leverger, hoje barão de Melgaço, que se houvessem perdido não só todos os trabalhos como até simples vestigios e indicações da importante exploração que uma commissão de naturalistas e astronomos, estipendiada pelo Imperador Alexandre I da Russia, fizéra, nos annos de 1825 a 1829, por todo o interior do Brasil, sob a direcção do Sr. de Langsdorff, consul geral da Russia no Rio de Janeiro.

Na realidade, quando, de todos os viajantes mais ou menos illustres que percorreram este vasto Imperio, existem relações circumstanciadas, e algumas bem valiosas, de seu passos e observações, é de estranhar e mais ainda de sentir que d'essa commissão de homens de sciencia, constituida com apparato e organisada sob largas vistas, nunca tivesse apparecido, quando não o resultado proficuo de seus esforços e labores, pelo menos noticia do caminho que tomou, das peripecias de sua existencia e do fim que teve. Pairavam sobre todos esses acontecimentos a maior duvida e incerteza.

E', pois, com a satisfação não pequena da prioridade que, havendo colhido os dados mais seguros e completos,

passo a tratar d'esse ponto por sem duvida interessante, ministrando informações exactas sobre a dilatada viagem que aquelle grupo de exploradores effectuou do Tieté ao Amazonas pelas provincias de S. Paulo, Matto Grosso e Grão Pará, onde chegou depois de desastres que lhe assignalaram lugubremente os passos, inutilisando os resultados que as sciencias e a geographia tinham que esperar de tantas fadigas e sacrificios.

Foi o acaso que me proporcionou este feliz ensejo.

Revolvendo, ha poucos mezes, uns papeis velhos por occasião de uma mudança de casa, tive a fortuna de deparar com um manuscripto de 84 paginas de letra muito miuda, um tanto apagada pela acção do tempo, mas ainda perfeitamente intelligivel. Folheando-o, vi que continha a narração de uma viagem e o puz de parte.

Mais tarde, applicando-me á sua leitura, achei que continha a descripção minuciosa da primeira parte da desconhecida jornada do consul Langsdorff, pois era o diario de um dos membros d'essa expedição.

Outra felicidade tive. O autor d'esse jornal era o Sr. Hercules Florence, que conheci pessoalmente quando em 1865 passei pela provincia de S. Paulo, e que, ainda hoje em vida, reside na cidade de Campinas, onde se estabeleceu e formou numerosa e respeitada familia.

Sem demora, pois, escrevi-lhe e, além das informações que tão digno cavalheiro se apressou em fornecer-me, colhi a grata certeza de que, se os estudos technicos e observações scientificas da commissão se desencaminharam e para sempre desappareceram; a parte pitoresca d'essa longa e curiosa viagem está toda escripta, ornada de mais de 300 desenhos e prompta, ha quinze annos, para entrar no prélo em occasião propicia.

O que li sob o titulo—*Esboço da viagem do Sr. Lang-*

sdorff no interior do Brasil pelo 2º desenhista da commissão scientifica Hercules Florence, não é portanto senão um seguimento de rapidas notas e apontamentos tomados para receberem, em trabalho completo e regular, todo o desenvolvimento desejavel; entretanto n'isso mesmo achei tanto interesse pela singeleza de narrativa, vivacidade de colorido e prudencia de apreciação, que o fui traduzindo desde logo com destino ás paginas da *Revista do Instituto Historico*, a qual sem duvida o receberá com gosto.

E' o livro de um viajante de boa fé que relata singelamente aquillo que vê e ouve contar. Seu estylo é despretencioso, sua phrase ingenua por vezes; mas d'essa simplicidade, d'essa mesma chaneza nascem meios sobejos para bem pintar as grandes scenas da natureza, porque o coração do narrador impressionava-se fortemente, identificando-se com a magnitude d'aquillo que o abalava. Cauteloso nos seus menores juizos, abstem-se de referir tudo quanto não parecesse se prender immediatamente aos episodios da viagem. E' o peregrinar de um homem circumspecto e prudente, que busca vêr todos os homens e cousas debaixo do ponto de vista mais favoravel e de accordo sempre com o seu sentimento intimo e honesto.

Não é, pois, n'esse trabalho méramente descriptivo que se póde estudar a historia da expedição scientifica, nem sobretudo as peripecias que n'ella se deram, a dividiram, e por fim trouxeram o seu total anniquilamento. Como commissão, possuia, entretanto, todos os elementos precisos para bem cumprir a elevada e gloriosa incumbencia.

O chefe era o barão Jorge Henrique de Langsdorff, consul geral da Russia no Brasil. Além de merecer protecção especial do Imperador Alexandre I, tinha grande pratica de diuturnas viagens e gozava de certa reputação nos circulos scientificos da Europa. Nascido, no anno

de 1774, em Laisk, na Suabia, segundo umas informações, ou em Brisgaw, no Grão-Ducado de Baden, segundo outras, formára-se na universidade de Goetingue em medicina, e seguira, em 1797, o principe de Waldeck para Portugal, onde introduziu a pratica da vaccinação. Voltando para a Allemanha, offereceu os seus serviços ao governo da Russia, tomou parte na expedição do capitão Krusenstiern e acompanhou-o até o Kamtchatka, regressando á Europa pela Siberia em 1807. Nomeado consul para o Rio de Janeiro, publicou em 1820 uma memoria de algum interesse intitulada : *Guia para as pessoas que quizerem se estabelecer no Brasil.* Tres annos depois, visitou os montes Uraes e, em 1825, viu-se encarregado pelo Czar de reunir uma commissão de sabios afim de effectuar e dirigir a uma grande exploração por todo o interior do Imperio Sul-Americano. Publicára até áquella época duas obras extensas e apreciadas: *Observações feitas n'uma viagem em torno do globo* (1804—1807), 2 vols. e *Plantas recolhidas durante a viagem dos russos ao redor do mundo* (1810—1818), 2 vol., em que continuou as observações de Muller e Fischer sobre a Siberia.

Para desempenhar cabalmente o encargo que lhe fôra commettido, tratou de congregar em torno de si homens de reconhecido merecimento e já firmada reputação. Assim, pois, convidou Luiz Riedel, botanico, cujo nome tomou depois tão honroso lugar na *Flora Brasileira*, Rubzoff, astronomo estimado e official de marinha, Christiano Hasse, bom zoologo, e Rugendas, pintor de incontestavel talento.

Ao chegar esse distincto pessoal ao Rio de Janeiro, o desenhista, por motivos particulares, pediu dispensa da missão a que se compromettêra, indicando, comtudo, para substituil-o um artista em disponibilidade então, muito joven em annos, mas de merito e nomeada tão bem firmados

que o convite tomou visos de verdadeiro pedido; era Amadeu Adriano Taunay. Posteriormente foi dado ao Sr. Hercules Florence o lugar de 2º desenhista.

Antes de proseguir, seja-me licito, como sobrinho d'aquelle notavel e malfadado mancebo que n'essa expedição devia encontrar tristissima e prematura morte, seja me licito recordar os antecedentes que davam plena justificação á honrosa lembrança de Rugendas.

Havendo, em 1815, o Principe Regente, logo depois rei D. João VI, chamado ao Brasil, por intermedio do seu encarregado de negocios em Paris, uma colonia de artistas francezes, Nicoláo Antonio Taunay, barão de Taunay, membro do Instituto de França e distincto pintor da escola franceza, decidiu-se, á vista da instabilidade das cousas politicas de sua patria, a transportar-se com toda a familia e á sua custa para o Rio de Janeiro.

Cinco filhos o acompanharam, entre esses Adriano Taunay que então tinha doze annos de idade; cinco filhos todos artistas de coração e de eminentes qualidades intellectuaes e moraes. Entretanto tal era a vocação do mais moço para as bellas-artes, tal sua aptidão e genio que bastaram tres annos da elevada disciplina de seu pai e mestre, para que começasse a ser admirado, não só pela familia, mas por quantos assistiam ao desabrochar do seu talento excepcional.

Unindo a tão raros dotes uma compleição robusta e espirito inquieto e energico, não trepidou, mal sahido da adolescencia, com menos de dezeseis annos, aceitar o offerecimento que o Sr. de Freycinet, na sua passagem pelo Rio de Janeiro em 1818, lhe fez para acompanhal-o na qualidade de desenhista a bordo da fragata *Urania*, que então encetára, por ordem do rei Luiz XVIII, uma viagem de circumnavegação do globo.

Com enthusiasmo abraçou Adriano Taunay a occasião. Nutrido das inspirações da mais alta esthetica, queria contemplar face a face a natureza do mundo inteiro e penetrar se de sua grandeza.

Discipulo nato de Flaxman, cuja obra estudava com predilecção, ninguem podia, mais fiel e magistralmente do que elle, representar as multiplas variedades do typo humano, que na Oceania tanta estranheza e admiração causáram aos primeiros descobridores.

Tambem para o artista, para aquelle espirito sagaz e observador, para aquelle coração ardente e avido de emoções, em extremo proficua foi a precoce experiencia da vida pratica.

Nem lhe faltaram os perigos — o melhor dos ensinos — nem as privações.

Desconhecido baixio dentro da Bahia Franceza, n'uma das ilhas Malvinas ou Falkland, fez a 14 de Fevereiro de 1820 sossobrar a fragata *Urania*, já de volta, vendo-se a tripolação obrigada a invernar n'esse paiz nú e inhospito, onde frio intenso tornava mais dolorosa ainda a falta quasi absoluta de viveres.

Quatro mezes de verdadeiro supplicio ahi se passaram, emquanto esperavam-se os soccorros pedidos ao primeiro porto a que podesse chegar a lancha que ousadamente havia sido despachada.

A' mingoa de pescado, raro n'aquellas paragens, sustentavam-se os naufragos de aves marinhas, phócas e tudo quanto podiam alcançar. Nem pequeno tormento era vêr ao longe numerosos magotes de cavallos bravios, tão ariscos, porém, e velozes, que um unico póde ser morto á bala por um cabo de infantaria, que se sujeitou a ficar um dia inteiro de espera atraz de um rochedo. Nos sertões do Tieté, annos depois e em circumstancias de escassez quasi iden-

tica, comparava nosso viajante a carne d'esse animal á da anta e as achava de sabor muito approximado.

Entretanto os votos ardentes dos infelizes desterrados haviam sido ouvidos da Providencia.

A lancha chegára com felicidade a Montevidéo, alugára uma galera americana que recebeu o appellido de *La Physicienne*, e toda a expedição pôde estar de volta ao Rio de Janeiro em Junho de 1820.

Durante a viagem e obrigatoria parada, trabalhára Adriano Taunay com ardor juvenil e iniciativa propria do seu caracter, mas, como acontece muitas vezes, *tulit alter honores*. Na collecção artistica do Sr. de Freycinet, outra assignatura que não a d'elle appareceu n'uma multidão de lindissimos e admirados desenhos, ao passo que raros figuravam como sahidos de sua mão.

Soube d'isso, conheceu em tempo d'onde a usurpação partia, mas desprezou qualquer reclamação. Riquissimo de idéas, sentindo em si borbulhar a seiva da inspiração, pouco se lhe dava com desappropriações que redundavam em homenagem aos seus talentos.

Foi descansar das fadigas d'esses bem preenchidos e ultimos dous annos, na mais grata e intima convivencia com seus irmãos, morando todos juntos na linda habitação que seus pais, ao partirem para a França, lhes haviam deixado.

Mais pitoresca vivenda não podiam de certo desejar esses admiradores enthusiastas do bello. Occupavam a casa junto á Cascatinha da Tijuca, um dos ornamentos dos arrabaldes do Rio de Janeiro e ainda hoje pertencente á minha familia.

Cinco annos de doce socego alli passou Adriano Taunay, empregando-os no estudo das linguas, na leitura dos classicos, no aperfeiçoamento da musica em que tornou-se insigne e em trabalhos plasticos, de que restam dois monumentos preciosos : a pintura mural a oleo de uma das salas

da casa da Cascatinha e uma estatuasinha do Imperador D. Pedro I, feita sob as vistas do soberano, e que muito valor tinha pela vivacidade de semelhança e elegancia de pórte.

Tal era o artista que Langsdorff convidou para fazer parte de sua commissão scientifica.

No dia 3 de Setembro de 1825, partiu ella, então completa, da cidade do Rio de Janeiro n'uma sumaca chamada *Aurora*, levando grande bagagem e, d'ahi a 48 horas, desembarcou em Santos, d'onde sahiu, vinte dias depois, para o interior.

A primeira idéa fôra seguir por terra o caminho de Santos a Goyaz, com destino a Cuyabá; entretanto essa direcção, por motivos de economia, foi abandonada, e o chefe decidiu ir embarcar em Porto Feliz no rio Tieté, afim de aproveitar a communicação fluvial que, com a curta interrupção de duas leguas e meia de varadouro, leva á capital de Matto Grosso.

Reunida toda a commissão em Porto Feliz a 7 de Dezembro de 1825, foi adiado o embarque, porque o consul Langsdorff teve que regressar ao Rio de Janeiro, chamado a negocio importante, como declarou, ou levado antes pelo desejo de esperar o tempo secco para dar começo áquella navegação. Antes de partir, entregou a direcção dos mais empregados ao botanico Riedel, determinando-lhes que se entregassem a explorações da zona occidental da provincia de S. Paulo até que estivesse de volta, o que só cinco mezes depois succedeu.

Em principios de Junho de 1826 reuniram-se novamente todos em Porto Feliz, e foi então designado o dia 22 para a definitiva sahida. Um dos membros, porém, o zoologo Hasse, desculpando-se com a necessidade de effectuar seu casamento com a filha de um dos moradores

do lugar, despediu-se dos companheiros e demittiu-se de suas funcções.

Esse desfalque, bem que sensivel, podia ser preenchido pelo proprio consul Langsdorff, cuja especialidade era justamente a zoologia e mais particularmente a entomologia; assim, pois, embarcou a expedição em duas grandes canôas chamadas *Peroba* e *Chimbó*, tres batelões e duas canôinhas, tripolado tudo por perto de 40 pessoas e, após festivas despedidas da população que acudira á margem do rio, deixou no dia marcado as praias de Porto Feliz.

A viagem pelo Tieté foi agradavel. Seguia-se ajudado pela corrente e, apezar das muitas cachoeiras e dos dois magestosos saltos de Avanhandava e Itapura, que obrigam a descarregar as canôas e varal-as por terra, o trabalho era relativamente suave.

Depois de 53 dias, a *monção*, a 13 de Agosto, sulcou aguas do Paraná. Os membros da commissão subiram um quarto de legua acima e foram contemplar o salto de Urubupungá, tão fallado n'aquelles lugares.

Acabada a digressão, desceram todas as canôas e, a 18 de Agosto, entraram no rio Pardo, celebre de um lado pela belleza das campinas que corta em seu percurso, de outro pelas canseiras que oppõe a quem o navega contra corrente. São, com effeito, necessarios cincoenta e mais dias para subir até perto das cabeceiras, quando bastam seis a sete para a descida.

Depois de vencidos numerosos obstaculos, alcançou a expedição, a 9 de Outubro, o varadouro de Camapuan (onde existia um importante estabelecimento com grande escravatura), e viu suas pesadas embarcações transpôrem em carroções as duas e meia leguas de terreno montuoso que separam o ultimo affluente da bacia do Paraná, Sanguesuga, do rio Camapuan, primeiro affluente do Paraguay.

Depois de não pequena demora, partiu ella a 21 de Novembro, seguiu pelo Camapuan e, transpondo rapidamente as innumeras cachoeiras do rio Coxim, entrou, a 3 de Dezembro, no Taquary, cuja corredeira Beliágo foi passada ao som de descargas de mosquetaria, por ser o ultimo empecilho importante desde ahi até á cidade de Cuyabá.

N'aquelle tempo, já o modo de proceder do consul Langsdorff havia desagradado aos membros da commissão e motivado sérios reparos da parte de alguns d'elles. O diario do Sr. Florence não diz palavra a respeito, mas ha um facto da maior significação: é a separação d'aquelle pequeno nucleo de distinctos viajantes em dois grupos, um dos quaes, composto de Riedel e Taunay, tomando a dianteira, seguiu isoladamente n'um batelão para Cuyabá, quando todos sabiam que as margens do Taquary e Paraguay estavam infestadas de indios *Guaycurús*, cujo rompimento com os brancos começára pela matança dos soldados de um destacamento brasileiro, um tanto affastado do forte de Miranda.

Apezar dos perigos partiram logo, continuando a *monção* vagarosamente sua viagem; no dia 12 de Dezembro, chegou á foz do Taquary e ahi parou um dia inteiro para que Rubzoff fizesse todas as observações astronomicas.

A navegação do Paraguay foi penosa. O rio tinha tomado agua; as zingas não alcançavam mais o fundo; os aguaceiros eram continuos, e enxames de mosquitos assaltavam os navegantes, causando-lhes crueis soffrimentos. Debalde cobriam o corpo com roupas grossas; debalde se abrigavam debaixo dos mosquiteiros, onde mal podiam respirar de calor, os terriveis e sanguisedentos pernilongos se insinuavam nas menores falhas das vestes e enterravam nas carnes o doloroso ferrão.

A *monção* deixou então o leito do rio e buscou cortar

em linha recta pelos campos inundados, mas ahi teve que luctar com a incerteza; perdeu-se; foi obrigada a transpôr inesperada e desconhecida cachoeira, que se formára no encontro de dois chapadões, e deu-se por muito feliz em cahir n'um sangradouro, pelo qual voltou ao álveo do Paraguay.

No dia 27 de Dezembro, entrou no rio S. Lourenço, achando só então allivio ao supplicio dos mosquitos: a quantidade diminuira sensivelmente.

Afinal, a 30 de Janeiro de 1827, após sete mezes e meio de viagem e vencidas 530 leguas e 114 cachoeiras, attingiu a commissão scientifica o suspirado porto de Cuyabá, onde foi recebida com toda a benevolencia e amabilidade pelo presidente de então, major de engenheiros, José Saturnino da Costa Pereira e hospedada no palacio do governo, como haviam sido anteriormente Riedel e Taunay, ha muito chegados.

Alguns dias depois, alojaram-se todos os membros n'uma espaçosa casa da cidade, que se tornou o centro de excursões, das quaes as mais importantes foram até á villa de Guimarães, a 28 de Abril, e Villa Maria, a 26 de Agosto.

De Cuyabá remetteram elles para S. Petersburgo, por intermedio do negociante Angelini e do vice-consul da Russia no Rio de Janeiro Kielchen, grande e curiosa cópia do resultado de suas observações e pesquizas, figurando na collecção 60 desenhos e diversos herbarios que o sabio Fischer acolheu na Europa com lisongeiro applauso

Foi tambem ahi que Adriano Taunay, cultor, como dissemos, da musica com o enthusiasmo proprio de sua poderosa e inflammada intelligencia, conseguiu reunir não pequena quantidade das bellissimas composições religiosas do brasileiro padre José Mauricio, thesouro que infelizmente se extraviou e nunca chegou ao Rio de Janeiro, apezar das diligencias da familia.

N'esse tempo, porém, o chefe Langsdorff, entregando-se ás irregularidades de uma vida que encontrava facil expansão nos costumes, então bastante livres, da cidade de Cuyabá, não só se tornára motivo de desgostos para seus companheiros, senão tambem fazia receiar que, como infelizmente se realizou, estivesse caminhando para um estado deploravel de perturbação nas faculdades mentaes.

Ou pela reluctancia em recomeçar com os aborrecimento das grandes viagens,ou pelo attractivo da commodidade e gozos que encontrava em Cuyabá, não foi sem custo que elle decidiu-se a deixar aquelle ponto a 5 de Dezembro de 1827.

Continuára a commissão dividida em duas secções, uma, composta do chefe, Rubzoff e Sr. Florence, caminhou para o Norte até á villa de Diamantino á 32 leguas da capital; a outra, de Riedel e Taunay, havia já sahido e tomado para O. com destino á Villa Bella de Matto Grosso, distante umas 100 leguas. Estes deviam embarcar no rio Guaporé e, pelo Mamoré e Madeira, alcançar o Amazonas, ao passo que os outros, partindo de Diamantino em época préviamente marcada, desceriam os rios Preto, Arinos, Juruena e Tapajoz, indo, logo que chegassem á villa de Santarem, para a da Barra do Rio Negro ou Manáos, que era o ponto do encontro commum. D'ahi, todos juntos, seguiriam pelo rio Negro acima até ao canal de Cassiquiary, entrariam no Orenoco e iriam correr as Goyanas.

Este bello plano não pôde se realizar pelos terriveis e inesperados incidentes que desgraçadamente sobrevieram em ambos os grupos da commissão exploradora.

Emquanto, na villa de Diamantino, parte d'ella esperava que a outra, segundo haviam combinado, attingisse Villa Bella, foi o soffrimento mental de Langsdorff se aggravando cada vez mais, o que de algum modo attenúa, se-

não de todo desculpa, os excessos a que se entregava então sem mais reservas nem cautela.

Partindo precipitadamente da povoação vinte dias antes do que devêra, navegou o rio Preto, entrou no Arinos e esteve largos mezes parado no porto dos indios *Apiacás*, onde todos quantos o seguiam apanharam terriveis febres, das quaes alguns morreram e outros ficaram para sempre affectados em sua saude, como aconteceu a Rubzoff que em S. Petersburgo ainda tinha as pernas tropegas e mal podia andar.

N'esse lugar fatal, apagou-se quasi totalmente a intelligencia do consul Langsdorff. Tendo perdido a memoria, praticava actos desasizados que compungiam tristemente o coração de seus subordinados. Já sem chefe, decidiram estes descer o Juruena e Tapajoz, afim de mandarem o infeliz viajante para o Rio de Janeiro sem mais perda de tempo. Assim fizeram e, chegando á villa de Santarem em principios de 1829, despacharam um proprio para a barra do Rio Negro, dando ao botanico Riedel conta de tudo quanto succedêra.

Langsdorff foi n'esse mesmo anno transportado para a Europa, onde viveu ou melhor vegetou no seu canto natal até 1852, anno de seu fallecimento, tendo gozado da pensão de 11.000 rublos que até aos ultimos dias de sua existencia, o governo da Russia generosamente lhe concedeu, apezar do máo exito de sua exploração.

Vejamos, porém, o que occorrêra a Riedel e Taunay, depois que novamente se separaram dos companheiros de viagem. A 18 de Dezembro de 1827, haviam chegado com felicidade á Villa Bella de Matto Grosso, cidade em ruinas e dolorosa decadencia, cujo aspecto provocou ao espirito do artista melancolicas reflexões que transmittiu n'uma carta — a ultima! — a seus queridos irmãos no Rio de Janeiro.

« Amigos, dizia elle, é de uma das salas do abandonado palacio dos antigos capitães-generaes de Matto Grosso que vos dirijo estas linhas, d'essas immensas salas, testemunhas outr'ora das festas de uma côrte assidua junto aos depositarios da autoridade real, e que agora, silenciosas, não repetem senão o surdo ruido do insecto que róe a madeira ou os passos do curioso que percorre seu recinto. Tudo ficou no mesmo estado desde o dia em que a séde do governo foi transferida para Cuyabá : a mobilia, as pinturas, os armarios, as mesas de trabalho, tudo ficou. Os pateos estão cheios de herva : por toda a parte vêm-se os signaes destruidores do abandono, e o combate das cousas existentes contra o tempo. Tudo representa a morte. Já vos communiquei que a expedição dividira-se em dois grupos até nova juncção no Pará. Estamos accommodados, eu e Riedel, no recinto do palacio, á espera que se esvasie a casa que nos fôra destinada. Uma das portas, que dão accesso para o interior, abre sobre o pateo. Por ahi é que entrei. Nada tinha sido aberto. Havia, pois, um cheiro de bafio que, unido á escuridão, produzia sensação eminentemente triste: a de um herdeiro que vem tomar posse da morada de seus antepassados. Cada passo acordava um éco sonoro que o repetia além. Abri tudo e percorri todas as salas. As que serviam de repartições publicas conservam ainda seus armarios e mesas. A sala de estado, ornada de pinturas que representam columnas, não mostra estragos e é de algum gosto. Havia outra fechada á chave : sem duvida a que contém os retratos dos capitães-generaes. Na secretaria ha dois quadros : um representa, creio, o rei D. João V., o outro a rainha. Não são máos, e a côr está perfeita... Em tudo isso fallaremos, quando tornar a vêr-vos. Muito tenho que contar.

« O consul deve estar agora prestes a partir. Julgo,entre-

tanto, que talvez não possa descer este anno, caso em que voltaremos tambem para Cuyabá. Não sei o que aconteceria então: demorar-nos-hemos ainda um anno por cá ou seguiremos pelo Araguaya até ao Pará? A expedição está tão desordenada (*embrouillée*), que impossivel é fazer conjecturas sobre seu futuro.... »

Devendo os dois viajantes ficar tres a quatro mezes em Villa Bella, resolveram fazer d'esse ponto centro de operações e partiram, a 30 de Dezembro, para Casal Vasco, distante umas 14 leguas e proximo á fronteira da Bolivia. No dia 1 de Janeiro de 1828 visitaram S. Luiz e Salinas, os dois postos mais avançados do Imperio do Brasil por aquelle lado e, a 3, regressaram a Casal Vasco, d'onde puzeram-se a caminho para Villa Bella, dois dias depois.

Um só d'elles, Riedel, devia chegar com vida.

O outro, Adriano Taunay, levado pelo genio fogoso, deixou a morosa comitiva; perdeu-se no meio de um grande temporal que de repente cahiu; vagou por entre cannaviaes e, alcançando a margem do rio Guaporé, não duvidou jogar-se a nado para transpôl-o, vestido como estava. Confiado na segurança com que costumava zombar dos elementos, depois da aprendizagem entre os indios das Carolinas na Oceania, que mais vivem n'agua do que em terra, fez pouco no caudal que corria barrento e entumecido.

Venceu com facilidade até ao meio da corrente; depois, com o peso das roupas, faltaram-lhe as forças; luctou; fraqueou; soltou um grito pungente de agonia e afundou-se para não mais apparecer senão cadaver.

Eis como n'uma carta datada de Matto Grosso, a 10 de Março, narra Riedel o successo que arrebatou na flôr dos annos seu intrepido e amado companheiro:

« .....Deixámos Casal Vasco na manhã de 5 de Janeiro

para voltarmos á cidade. Vosso irmão, meu infortunado amigo, que não podia se afazer a acompanhar nossa resumida e lenta caravana, tomou a dianteira e d'ahi a pouco o perdi de vista. Entretanto pelos rastos do seu animal vi que até tres leguas de Matto Grosso seguiu caminho certo, mas n'esse ponto desabou um temporal acompanhado de violenta chuva, que n'um instante inundou todos aquelles vastos campos. Alcanço o porto do Guaporé, sem encontrar meu amigo, supponho, porém, abrigado em algum rancho arredado da estrada. N'uma canôinha passo o rio, não sem perigo, porque as aguas iam-se avolumando e chego, ás 4 horas da tarde, a Matto Grosso, onde me communicaram a fatal noticia. Duvidei dar-lhe credito, mas d'ahi a pouco trouxeram-me o cavallo que elle montava —triste prova da verdade! Corro ao porto; acho varias pessoas empenhadas em procurar o corpo... debalde! pois as aguas turvas e carregadas de lôdo tornavam a pesquiza inutil.

« A uma legua da cidade perdeu-se Adriano; atravessou duas vezes o rio Alegre e entrou n'um cannavial, onde uma negra lhe ensinou uma vereda que por mattos e pantanos levava á margem do Guaporé, defronte da cidade, uns trezentos passos acima do porto. Chegando alli, viu do outro lado uma lavadeira e pediu-lhe que fosse avisar o *passador*. A trovoada roncava com força e cahia chuva a cantaros. Adriano impacienta-se; prende a rédea ao animal e, recommendando-o á lavadeira, o toca para a agua. A mulher avisa-o do perigo, mostra-lhe o barqueiro que vinha chegando. Nada, porém, o desvia da funesta intenção; atira-se a nado; chega ao meio do rio; perde as forças; afunda; lucta; dá um grito; levanta um braço e, victima da excessiva temeridade, desapparece, no momento em que chegava a canôa. Infelizmente o *passador* não sabia mer-

gulhar. As autoridades fizeram todas as diligencias para achar o corpo. No dia 6 de Janeiro, mais de 15 pessoas em vão se occuparam n'esse triste mister.

« Entretanto, na madrugada de 8, vieram-me avisar que tinha sido descoberto. Corro... chego... vejo-o estendido na margem, mutilado pelos peixes... Lanço-me sobre elle... Poupai-me esses pormenores! No mesmo dia foi sepultado com a pompa devida á sua pessoa e familia na igreja de Santo Antonio que ergue-se junto ao porto, encravada n'um frondoso e extenso laranjal. No mesmo dia 9 celebraram-se ceremonias religiosas, conforme o uso do paiz. O capitão-mór João Paes, a quem pedi o obsequio de attender para tudo quanto fosse preciso, portou-se como cavalheiro distincto... »

Assim pereceu desastradamente Adriano Taunay com 25 annos de idade incompletos, quando a existencia ante elle se abria não tanto amena e facil, como cheia de explendores e gloria.

As aguas revoltas do Guaporé de subito apagaram um futuro radiante, uma das mais queridas e justificadas esperanças de minha familia, que ainda hoje conserva viva e dolorosa a recordação do funesto anniversario.

Vê-se, pois, que grandes desgraças haviam cahido sobre os dois resumidos grupos em que se separára a commissão expedicionaria.

Como ultima informação direi que as despezas do governo da Russia, durante esses tres annos e meio, subiram a 88.200 francos, somma bastante consideravel n'aquella época.

Os desenhos e collecções phytologicas foram recolhidos a um museu de S. Petersburgo. Quanto aos calculos astronomicos de Rubzoff, que morreu pouco depois de sua chegada á patria, no mar Caspio, nada se sabe de positivo.

Deixemos agora a palavra ao digno Sr. Hercules Florence, que com sua linguagem simples, mas caracteristica, vai nos contar todos os incidentes pitorescos da longa, interessante e desventurada viagem do consul barão de Langsdorff.

ESBOÇO DA VIAGEM

feita pelo Sr. de Langsdorff no interior do Brasil, desde Setembro de 1825 até Março de 1829.

ESCRIPTO EM ORIGINAL FRANCEZ PELO 2º DESENHISTA DA COMMISSÃO SCIENTIFICA

HERCULES FLORENCE

Traduzido por

ALFREDO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY

N'uma sumaca chamada *Aurora*, que fazia viagens de cabotagem, partimos da cidade do Rio de Janeiro no dia 3 de Setembro de 1825. O tempo mostrava-se favoravel para depressa alcançarmos Santos, 40 leguas a S. O.; não estavamos, comtudo, a commodo n'esse acanhado barco, tanto mais quanto, além das cargas e da bagagem nossa que levava, transportava 65 escravos, negros e negras, recentemente introduzidos d'Africa e todos cobertos d'uma sarna, adquirida na viagem, que, exhalando grande fétido, poderia nos ter sido nociva, caso durasse mais o contacto a que ficámos obrigados e fôra a atmosphera calma e parada. Felizmente, dia e noite, soprou o vento fortemente, levando-nos á embocadura do rio de Santos em 48 horas, quando ás vezes acontece que se gastam mais de tres semanas no mesmo trajecto.

Subimos o rio legua e meia até á cidade, cujo aspecto longe está de annunciar um porto de grande commercio: na verdade viam-se apenas fundeados alguns navios costeiros e um palhabote portuguez. Acolhidos pelo consul inglez, fomos nos accommodar n'uma casa proxima á povoação, onde nos demorámos perto de 20 dias, durante os quaes choveu constantemente, o que não é de estranhar por ser a localidade de clima humido e pluvioso quasi todo o anno. Raramente tem-se um dia de sol.

Em Santos ha uma unica rua ao longo do rio e travéssas que da praia vão ter ao alto de collinas a cavalleiro sobre a cidade. Bem que se note muito pouca actividade na resumida população, é este porto o mais importante de toda a provincia e o entreposto exclusivo do commercio de importação e exportação que busca a parte septentrional de S. Paulo.

Ha um estaleiro, onde se constróem navios do Estado. Continuadamente levam mercadorias de Santos para o Cubatão, aldeóla sita tres leguas acima, duas embarcações, que voltam carregadas dos productos do paiz. Empregam 24 horas na subida e tres ou quatro para descerem.

Parti de Santos com alguns dias de avanço sobre meus companheiros afim de mandar preparar commodos em Cubatão e contractar com antecedencia algum tropeiro, que se encarregasse de transportar para S. Paulo toda a bagagem pertencente á commissão. Embarquei-me n'uma canôa feita d'um só páo e tripolada por dois negros remadores.

Fiquei maravilhado da belleza dos sitios que fui atravessando. Não me fartava de admirar as margens do rio, a superficie calma das aguas, os massiços de *mangues*, que por toda a parte surgem do meio da corrente e se alinham nas bordas, o cantar dos passaros do paiz, tão novo para mim; tudo concorria para mergulhar-me a alma em doce me-

lancolia. Depois de posto o sol, o espectaculo mudou: ergueu-se a lua, e o suave clarão veiu dar mais formosura áquella noite serena e bella, a primeira que eu assim passava n'esta parte da provincia.

Navegavamos por entre ilhas de *mangues*, cujos grupos dividem o rio em varios canaes, alguns tão estreitos, que as arvores entrelaçam os ramos e formam docéis de verdura ao viajante. Em ponto algum coavam os raios da lua; mas aquella escuridão me aprazia, condizendo com o silencio, que só o bater dos remos e os gritos das aves nocturnas de quando em quando interrompiam.

Cheguei ao Cubatão ás 10 horas da noite e fui acolhido pelo Sr. Eduardo Smith, dinamarquez de nascimento, e para quem levava cartas de recommendação.

No dia seguinte, presenciando a actividade que reinava em Cubatão, conheci quanto é ponto frequentado, bem que não seja mais que um nucleo de 20 ou 30 casas mal construidas. E' o entreposto entre S. Paulo e Santos. Durante os oito dias que lá fiquei, vi diariamente chegar tres a quatro tropas de animaes e outras tantas partirem.

Cada tropa compõe-se no geral de 40 a 80 bestas de carga, guiadas por um *tropeiro* e divididas em lotes de oito animaes que caminham sob a direcção de um *camarada*.

Acontece que quando muitas d'ellas alli se reunem, os camaradas se congregam todos para dansarem e cantarem a noite inteira o *batuque*. Gritam a valer e com as mãos batem cadencialmente nos bancos em que estão sentados. Assim se divertem.

As tropas, ao descerem de S. Paulo, vêm carregadas de assucar bruto, toucinho e aguardente de canna e voltam levando sal, vinhos portuguezes, fardos de mercadorias, vidros, ferragens, etc. Os productos francezes, como sedas, musselinas, chitas e toalhas de linho, que em S. Paulo,

como em todo o Brasil, são muito mais estimados que os de origem ingleza, têm importação, comtudo, inferior, porque o commercio francez é incomparavelmente menos activo. Outra razão ainda impede maior consumo: sua carestia em razão do grande onus dos impostos de introducção.

A quantidade de assucar que annualmente transita pelo Cubatão é avaliada de 500 a 550,000 arrobas.

Para o futuro, poderá este ponto tornar-se muito commercial; entretanto a atmosphera não é alli, nem será nunca, perfeitamente salubre. Situado na mesma planicie, ou, para melhor dizer, entre os mesmos pantanos que Santos, não ha quasi dia em que deixe de chover.

As altas montanhas que encerram a varzea a S. e as florestas que lhes revestem o dorso attrahem as nuvens e as prendem, produzindo na baixada continuadas chuvas, quando, acima e na região elevada, muitas vezes está o dia bom e sêcco.

Ajustei com um tropeiro o aluguel de 63 bestas para transportar as cargas do Sr. consul até Jundiahy, povoação d'ahi distante umas 19 leguas portuguezas (Observo que no correr d'este diario me referirei sempre ás leguas portuguezas, que são de 18 ao grão). O preço do aluguel foi de 118$000; ora, como cada animal não póde carregar senão sete arrobas e meia, paguei esta somma pelo transporte de 472 1/2 arrobas, n'uma distancia de 19 leguas.

Em companhia de dois moços, que iam tambem para S. Paulo, parti de Cubatão sem me importar mais com a bagagem, porque, além do tropeiro ser responsavel por qualquer desvio, nas cargas nada havia que podesse se estragar.

Depois de um quarto de legua, começámos a subir a *serra* do Cubatão. N'esse lugar tem ella de altura cerca de

2.500 pés e só póde ser vencida em pessimo caminho, calçado de grandes lages, na maior parte deslocadas, o que torna a subida sobremaneira fadigosa. O declive é de 25 a 30 gráos, e creio que a inclinação da montanha ha de ser de 45 gráos.

Caminha-se sempre no meio de basto arvoredo que impede o gozo de perspectivas sem duvida magnificas; tangenciam-se precipicios de 200 a 300 pés de profundidade e, de continuo a subir, anda-se em zig-zags muito apertados. Galgámos a metade do caminho a pé, afim de poupar nossos animaes. A cada passo as bestas paravam, offegantes de cansaço.

Completa cerração nos cercou até que alcançassemos o alto. Quando suppunhamos dever desfrutar uma bellissima paizagem, observámos com desgosto que o nevoeiro descêra para o meio da serra, occultando-nos a planicie. Posteriormente, porém, tive a felicidade de passar por ahi n'um dia muito claro. Vi então a extensa varzea, Santos, S. Vicente, o Cubatão, o estreito e tortuoso rio d'esse nome, a Bertioga que é uma das suas boccas, as bonitas enseadas d'agua doce que fórma, os canaes em linha recta—obra d'arte—, a serra que se estende de N. E. a S. O. fechando como que em arco a formosa baixada de Santos e afinal o oceano, em cujo seio apparecem umas ilhotas. O olhar devassa para além de 20 leguas de costa em direcção S. O.

Até á tarde proseguimos a jornada, caminhando em estrada soffrivel, bem que mui estreita em alguns lugares. O paiz em derredor é risonho, cortado de valles, dobrado, coberto ás vezes de matto, outras descampado. N'este caso não é raro vêrem-se possantes madeiros de altura respeitavel que escaparam ao fogo e ao machado. Tambem se enxergam florestas virgens e diversos corregos, cujas aguas crystallinas regam esta bella região.

Para o fim do dia, nuvens sombrias trouxeram-nos a ameaça de um temporal. Com effeito cahiu algum granizo e chuva em abundancia. Passámos a noite sob o tecto de um pobre homem, que nos abrigou da tempestade, cujos trovões e relampagos succediam-se frequentes e estrepitosos. Estavamos então a tres leguas S. do tropico.

No dia seguinte, chegámos, com uma legua de marcha, a S. Paulo, cidade que tem 12.000 habitantes e algumas ruas não feias. O palacio da presidencia é um edificio insignificante; a cadêa vasta, mas mal construida e tão pouco solida que não é raro d'ella fugirem os presos. E' capital da provincia, residencia de um presidente, de um commandante de armas e séde do bispado. Tem um ouvidor e um juiz de fóra da comarca de S. Paulo. A guarnição sóbe a 900 praças de caçadores, todas nascidas na provincia e que d'ella não sahem, senão em caso de guerra.

Os habitantes de S. Paulo, como em geral os de toda a provincia, são tidos entre os brasileiros por valentes e rancorosos. Com effeito o são comparativamente. Ha exemplos de actos atrozes praticados por paulistas para saciarem a sêde de vingança, sendo quasi sempre mulheres a causa d'essas desordens. Hospitaleiros, francos e amigos dos estrangeiros, são em extremo sobrios, bebem muito pouco vinho, e mantem mesa simples, mas agradavel. As principaes comidas são frango, leitão assado ou cozido e hervas, tudo porém acepipado com um condimento que excite o appetite. Não comem pão: em seu lugar usam da farinha de milho ou de mandioca que sabem preparar com pericia, alva como leite, e muito boa ao paladar.

Fui hospedar-me em casa de um parente dos meus dois companheiros de viagem, primeiro tecto brasileiro em que frui as doçuras da hospitalidade e d'ahi por diante tive sempre occasião de reconhecer os cuidados affec-

tuosos e tocantes com que o povo brasileiro exercita este dever de caridade. Sem duvida alguma é elle muito mais hospitaleiro do que qualquer outro da Europa e ha sua razão para isso. Aqui a terra produz muito mais alimento do que podem os habitantes consumir. Mesmo no Brasil já não ha hoje nas cidades maritimas tanta facilidade de vida, não só pelo augmento de população, affluencia de estrangeiros, como pelo luxo proprio dos grandes centros. Ha hoteis e hospedarias : no interior é cousa que se não encontra. O viajante sabe que em qualquer parte em que houver um morador, ha de ser por elle acolhido e tratado, não tendo mais do que apresentar-se á sua porta.

Nos quatro dias de demora em S. Paulo, só dois estrangeiros conheci : um francez, negociante a retalho e outro prussiano, que viéra para o Brasil com o rei D. João VI. Era empregado como armeiro e não tinha para viver senão uma diaria de 3 francos e 35 cent., com a qual sustentava uma numerosa familia, tendo já quatro filhas em idade de casar. Além de pobres, acontece que os brasileiros, cujas amaveis qualidades são tão caracteristicas, encontram, inclinados como são aos prazeres, nas mulheres do paiz facilidade de costumes, e em geral não pensam em se deixar prender nos laços do matrimonio.

Sempre com os meus dois companheiros, parti de S. Paulo e fiz 10 leguas de marcha para alcançar Jundiahy. A meio caminho, parámos junto a um ribeirão chamado Juquiry, que rola em suas arêas particulas de ouro. Ahi tomámos refeição n'uma casinha, onde pela primeira vez comi milho descascado e cozido sem sal, nem preparo algum. E' a *cangica*, de que os paulistas fazem sempre uso no fim da comida. A principio achei esse manjar singular, mas com o correr dos tempos habituei-me tanto a elle como se fôra natural do paiz. Com assucar e leite é cousa deliciosa.

A's 9 horas da noite chegámos a Jundiahy e hospedámo-nos na casa de uma familia aparentada com um dos meus companheiros. Depois de uma estada de tres dias, partiram elles para Itú. Quanto a mim, ahi fiquei um mez inteiro, á espera do Sr. Langsdorff e de seus empregados.

Jundiahy é a povoação a mais deserta que vi em toda a provincia. O terreno é um tanto arido: ha muito poucos habitantes, commercio limitadissimo; entretanto está no caminho de S. Paulo a Goyaz e é ahi que os negociantes, que não se proveram de animaes, encontram bestas para alugar.

Poucos dias depois da chegada do Sr. consul, parti para Campinas, tambem chamada S. Carlos, cidade nascente, bastante vasta, bem povoada, rica pela cultura em grande escala da canna de assucar, e pela fabricação d'esse producto e da aguardente. Seus arrabaldes são agradaveis em razão dos sitios cultivados, multiplicidade de casas e engenhos de assucar. O commercio sobrepuja ao das outras cidades proximas, com excepção de Itú. A concurrencia traz a barateza das mercadorias.

Ahi me demorei mez e meio, partindo com destino a Porto Feliz por ter tido ordem de transportar para lá todas as cargas pertencentes á expedição. O plano de nossa viagem havia sido mudado. Não seguiamos mais para Matto Grosso por Goyaz; embarcados em Porto Feliz, iriamos pelos rios que dão navegação até Cuyabá.

Passei pela cidade de Itú e fiquei tres dias com meus companheiros de expedição. Cabe aqui dizer a razão por que eu viajava separado d'elles. Havendo pedido ao Sr. consul a honra de acompanha-lo em sua exploração ao interior do Brasil, annuiu elle, fazendo-me vêr que, levando grande bagagem, muita satisfação teria em me encarregar de dirigir sua conducção. Aceitei sem hesitar e puz todos

os cuidados em bem cumprir minha palavra até Porto Feliz, embora com prejuizo do fim para que eu fôra mandado, visto como, durante 10 mezes, raros desenhos pude executar. Entretanto para diante o consul, a rogos meus, occupou-me sómente como desenhista.

Uma legua antes de chegar a Itú, transpõe-se o Tieté n'uma ponte de madeira. E' o salto de Itú. Desde a ponte, o leito do rio se inclina: a agua adquire forte correnteza; esbarra de encontro a rochas esparsas ; espuma em torno; espadana branca como neve; precipita-se entre dois grandes massiços e fórma uma primeira quéda de 15 pés de altura mais ou menos. De continuo se ergue espesso nevoeiro que o vento atira sobre as arvores. Adiante as aguas fervem em curso vertiginoso; em borbotões saltam pelas pedras; se chocam, cachões contra cachões; desfazem-se em liquida poeira; rugem nas margens e alternadamente submergem ou descobrem grandes rochas. E' a imagem eterna do mar em furia.

Abaixo uns 800 passos da quéda, volta o Tieté á tranquillidade primitiva e corre então mansamente por entre espesso e verdejante matto. As arvores proximas á cachoeira são sêccas e despidas de folhas, facto que tive occasião de observar na vegetação que orla as grandes cascatas.

Itú é uma cidade espraiada em vasto terreno. Ha algumas casas de sobrado. As ruas não são alinhadas como as de Jundiahy, mas em compensação têm um passeio de lages de ardosia de mais de um metro quadrado, tiradas de uma pedreira, distante algumas leguas, e de tal espessura que resistem aos choques dos carroções em que são trazidas. Esse lagedo daria muito realce á belleza do povoado, caso não fizesse contraste com o meio da rua inteiramente descalço e tão cheio de pedras e matacões, que torna-se o

transito incommodo e até perigoso. Em muitos lugares ha arêa fina e quando chove formam-se lamaçaes de enterrar-se o pé até acima do tornozello.

Ha em Itú um convento de franciscanos. A cathedral, ornada com simplicidade, se bem pequena e exteriormente de pouca architectura, é a melhor de toda a provincia, depois da da capital. Ha ainda uma igrejinha sob a invocação de Nossa Senhora do Patrocinio, cuja riqueza e ornamentação muito desvanecimento trazem aos habitantes da localidade. A fachada, porém, é de pessimo gosto e alheia a qualquer regra architectonica.

Durante os tres dias de minha estada em Itú, foi um escravo do Sr. consul morto por um negro d'esta cidade, por causa, disseram-nos, de uma preta. Não houve meios de obter justiça : o assassino fugiu para os mattos, e as autoridades não pareceram dispostas a tomar a peito sua captura.

No Brasil vê-se muitas vezes crimes d'esta natureza ficarem impunes, não só por que suas vastas florestas dão seguro asylo aos delinquentes, como a justiça publica mostra-se frôxa ou falta de meios para se fazer respeitar, e a policia é nulla. Um homem, que commette um attentado, foge para outra provincia, alli passeia sem rebuço e ninguem lhe toma contas.

Quanto aos que buscam refugio nos mattos, não admira que estejam fóra do alcance da acção legal, pois os meios de que esta careceria seriam por demais dispendiosos, mas em relação aos que se homiziam em outras provincias, a segurança de que vão gozar prova bem quanto é viciosa a administração.

Partiu o Sr. consul para a fabrica de ferro de S. João de Ipanema a seis leguas N. O., acompanhado de seus empregados. Quanto a mim, dirigi-me para Porto Feliz, afim

de mandar construir canôas e preparar tudo para a viagem de Cuyabá. A digressão que nosso chefe propunha fazer estendia-se pelo sul da provincia ; mas, havendo elle sido chamado ao Rio de Janeiro a negocio, deixou a direcção da commissão ao Sr. Riedel, botanico, o qual, com os mais empregados, devia se achar em Porto Feliz antes da sua volta.

Durante a ausencia d'esses senhores, ausencia de cinco mezes, fiquei n'aquella cidade, hospedado em casa do cirurgião mór Francisco Alvares Machado e Vasconcellos, homem instruido, de conversação agradavel e sentimentos altamente recommendaveis. Sua preciosa convivencia fez-me passar todo aquelle tempo mui deleitavelmente.

Porto Feliz é uma cidadesinha assente na margem esquerda do Tieté, e em terreno elevado e desigual. As casas são terreas e as ruas tortas, e não como as de Itú e Jundiahy. Estão tão mal calçadas que á noite é impossivel dar um passo sem muita cautela. A classe dos habitantes agricolas, a mais numerosa sem duvida, não concorre á ella senão aos domingos e dias santos, de modo que só n'essas occasiões é que se vê alguma gente nas ruas.

Com o auxilio do cirurgião-mór, pude sem demora achar os mestres constructores e operarios de que precisava. Em tres mezes, pois, duas grandes canôas ficaram promptas. Tinham cinco pés de largo, sobre 50 de comprimento e tres e meio de profundidade, feitas de um só tronco de arvore, cavado e trabalhado por fóra, de fundo chato e com pouca curvatura. Esse fundo era de duas e meia pollegadas de espessura, a qual ia diminuindo até á borda, onde não tinha mais de uma pollegada. Uma larga faixa de madeira, pregada solidamente, guarnecia as duas bordas e bancos deixados no interior das canôas augmentavam-lhes a solidez, além de duas grandes travéssas que concorriam

para o mesmo fim. Estas embarcações assim construidas são muito pesadas : entretanto, bem que fortes, não podem commummente resistir ao choque nos baixios, quando impellidas pela rapidez das aguas.

Além de uma canôinha, de uso para caçadas e pescarias, arranjei um batelão que, como as duas canôas grandes, levava uma barraca de panno verde armada á pôpa.

Não tive grande trabalho em contractar gente para as tripolações. Consegui um guia, e seu substituto, um piloto e dois ajudantes, tres *proeiros* (homens que vigiam á prôa) e 18 remadores.

No tempo marcado voltaram de sua excursão os Srs. Riedel, Taunay, Hasse e Rubzoff. O Sr. consul por seu lado não tardou a chegar. Juntos todos, demorámo-nos ainda mez e meio em Porto Feliz até 22 de Junho, dia designado para a nossa definitiva partida. O Sr. Hasse, porém, decidiu-se a ficar por ter de effectuar seu casamento (1) com a filha do nosso amigo, o Sr. Francisco Alvares (2).

(1) Esse casamento não se effectuou. Annos depois, Hasse suicidou-se em Campinas.

(2) Francisco Alvares Machado e Vasconcellos, filho de uma das mais distinctas familias de S. Paulo, nasceu em 1791, figurou muito na politica e falleceu em 1846. Sua filha unica casou-se em 1829 com o Sr. Hercules Florence.

N. do T.

Viagem de Porto Feliz á cidade de Cuyabá

22 DE JUNHO DE 1826

Acompanhados de Francisco Alvares, sua familia, o capitão-mór e o juiz, dirigimo-nos para o porto, onde achámos o vigario paramentado com suas vestes sacerdotaes, afim de abençoar a viagem, como é costume, e rodeado de grande numero de pessoas que viéra assistir ao nosso embarque. Os parentes e amigos se abraçavam, despediam-se uns dos outros. Dissemos adeus á mulher e filha de Francisco Alvares e, com este amigo que quizéra vir comnosco até os ultimos lugares povoados da margem do rio, tomámos lugar nas canôas. Romperam então da cidade salvas de mosquetaria correspondidas pelos nossos remadores e, ao som d'esse alegre estampido, deixámos as praias, onde tive a felicidade de conhecer um amigo, de conviver com gente boa e affavel e de passar vida simples e tranquilla.

Na primeira canôa iam o Sr. consul e uma moça allemã que elle trouxéra ultimamente do Rio de Janeiro: na segunda os Srs. Riedel, Taunay, Hasse e Francisco Alvares. O Sr. Rubzoff e eu occupavamos o batelão, dentro de uma barraca tão pequena que não podiamos estar senão sentados ou deitados. Acompanhavam-nos mais dois batelões e uma canôinha, além da que mencionei atraz, embarcações que, á ultima hora nos viramos obrigados a comprar por causa da grande bagagem que levavamos. Do mesmo modo fôra reforçada a equipagem. Cada canôa, com excepção das menores, tinha arvorada a bandeira da Russia.

O guia, um ajudante do piloto, um *proeiro* e sete remadores compunham a tripolação da embarcação do consul, a qual designarei pelo nome de *Perova*, corrupção da palavra india *ipérova*, como chamam á arvore cujo tronco servira para sua construcção. O ajudante do guia, um do piloto, um proeiro e seis remadores formavam a equipagem do segundo barco chamado *Chimbó*, modificação do legitimo vocabulo indigena *Chimbouva*.

O piloto, um proeiro e quatro remadores iam no batelão.

O resto da gente, caçadores, criados e escravos do consul remavam nos batelões e canôinhas, em numero todos elles de 36.

A ordem da marcha era a seguinte: na frente a canôa do consul; logo após o *Chimbó*; em seguida o batelão onde eu estava, depois os barcos menores, formando o todo uma *monção* de sete embarcações.

Passámos por diante do jardim da casa de Francisco Alvares. Na base de um rochedo haviam estendido um grande lençol branco em que quatro pedaços de panno vermelho figuravam as canhoneiras de uma fortaleza. No alto fluctuava uma bandeira de paz, destacando-se por entre a fumaça das salvas de mosquetaria e foguetes do ar, que, unindo-se aos que partiam de todos os pontos da cidade, eram immediatamente correspondidos pela nossa tripolação.

Depois de quarto de legua de viagem vimo-nos na necessidade de aprôar. As canôas estavam por demais carregadas, pelo que mandou Francisco Alvares buscar ainda um batelão, que recebeu o excesso de peso.

A' legua e meia da cidade, já sobre a tarde, fez-se *pouso* (acampamento ou alta em terra para passar a noite). Em vista da curta distancia, Francisco Alvares propôz-nos voltar ao povoado. Aceitámos eu e os Srs. Riedel e Taunay. Conseguidas por emprestimo umas cavalgaduras, eis-nos em

caminho, mas, como era noite cerrada, perdemo-nos, o que fez com que chegassemos á casa já fóra de horas. Novos abraços e a mais viva alegria. Mal pudemos dormir e pela madrugada voltámos ás canôas, quando ião partir.

No dia 23, não navegámos mais do que uma legua, por havermos parado n'um *sitio* (casa) chamado *Itaguaçava*, proximo á *cachoeira* do mesmo nome. Mandámos a nossa gente cortar grandes varas no matto, não só para as manobras necessarias e difficeis nas descidas de rios, como tambem para puxar as canôas, quando subissemos o Pardo, Paraguay, S. Lourenço e Cuyabá.

Haviamos já então passado por diante dos rochedos talhados a prumo, chamados *Itanhaem*, denominação indigena que quer dizer: *pedra que falla*. Como se sabe, foi a nympha Echo para sempre condemnada a não repetir senão as ultimas syllabas do que ouvisse: parece que aqui veiu gozar de mais liberdade. Pelo menos contam que, na época do descobrimento dos portuguezes, podia ella repetir 14 syllabas, mas o tempo, desaggregando as rochas que lhe constituiam a voz, mergulhou-a em completa mudez. Aos nossos gritos nada respondeu a infeliz.

A 24, fez-se voltar o batelão tomado por emprestimo, e comprou-se outro. Como, porém, estava estragado, foi o dia todo consumido em Itaguaçava afim de trabalhar nas reparações.

Descemos na manhã seguinte o rio e, depois de uma legua de viagem, parámos n'um sitio, onde deviamos receber mantimentos. Emquanto jantávamos, tivemos a agradavel sorpresa de vêr chegar a mulher e a filha de Francisco Alvares, e mais o Sr. Grêle, suisso de nacionalidade e pessoa cuja companhia nos fôra sempre grata na cidade de Porto Feliz, a duas leguas da qual tinha sua morada. Partimos algumas horas depois da chegada d'esse novo contingente, e, para dar lugar

ás senhoras, Riedel, Grêle e eu montámos a cavallo, e por terra caminhámos duas leguas até á cachoeira de *Pirapóra*.

Vimos casas, aqui e acolá, e sitios em geral cultivados. Chegaram as canôas e abicaram acima da cachoeira afim de transpôl-a no dia seguinte, pois a tarde já ia cahindo. Fomos, mais abaixo, ter á vivenda de uma D. Francisca, onde nos receberam muito amavelmente. Até agora a viagem é um verdadeiro passeio. A companhia é numerosa e senhoras vêm nos acompanhando. Atravessa-se com dia um bello paiz e á tarde acolhemo-nos á habitações, cujos moradores esperam por nós e nos dispensam todos os favores da hospitalidade. Alegria tambem não faltava.

Na manhã seguinte, chegaram alguns amigos de Itú, que voltavam a nos vêr. Quanto prazer!

Transpuzemos a cachoeira dos *Pilões* e, antes do meio-dia, alcançámos a freguezia da *Santissima Trindade*, assente á margem esquerda. Veiu-nos receber o commandante, que fez-nos as honras de sua casa. Depois d'esta povoação, não se encontram mais moradores.

Dia 27. Com grande custo embarcámos hoje nossos remadores. Uns estavam completamente embriagados; outros não queriam deixar os parentes ou amigos, que haviam acudido por terra a dizerem-lhes novamente adeus. Esta gente recebe metade do salario adiantado e, emquanto tem um real, bebe a mais não poder ou gasta tudo com mulheres. A fazer-lhes a vontade, n'um momento atirariam fóra todo o pagamento da viagem. Chegados a Cuyabá, em poucos dias despendem o resto do dinheiro, e muitos têm que voltar por terra a pedir esmolas pelo caminho. Estes pobres coitados empenham os seus serviços para tão penoso lidar por 20 francos mensaes, além de alguma roupa grosseira, mas o espirito aventureiro facilmente os impelle a contractos d'essa natureza.

A' tarde abicámos n'um sitio, cujo proprietario recebeu-nos com muita franqueza. Estavamos á duas leguas da freguezia, entretanto haviamos feito por agua quatro.

Chegámos, no dia 28, ás 10 horas da manhã á uma fazendóla chamada *Pederneiras*, do nome do possuidor, cuja actividade, ajudada por tres escravos, em poucos annos a havia fertilisado de modo notavel. Assim como todos os bons habitantes d'este paiz, fez-nos muita festa e tratou-nos com a maior cordialidade.

Depois do meio-dia tivémos o espectaculo de uma caçada de anta (tapir). Suppuzéra o pobre bicho poder passar o rio sem tropeço, mas foi presentido e, dado o alarma, n'um momento acudiram todos á margem, sahindo logo tres canôas a perseguil-o. Debalde mergulhava, debalde nadava largo tempo debaixo d'agua para subtrahir-se á morte, quando ia alcançar a barranca opposta e se atirar no matto, a bala certeira de nosso piloto varou-lhe o craneo. Um dos proeiros, bom mergulhador, foi tiral-o do fundo da corrente.

A anta domestica-se com facilidade e poderia prestar, como animal de carga, os mesmos serviços que as bestas. Tem, com effeito, tanta força como ellas, bem que seja de menor tamanho. Aconteceu, em certa occasião, que havendo uns pescadores laçado uma anta que atravessava um rio, a amarraram á canôa em que estavam. Ella continuou a nadar, levando o barco para terra. Deixaram-n'a ir na supposição de que, uma vez na margem que era inclinada e alta, teria que estacar, sendo ainda mais a embarcação bastante grande. Mas eis que ao sahir d'agua continuou na carreira, fazendo submergir a pôpa. Então cortaram sem demora o cabo, e ella disparou pelos mattos, deixando a prôa em secco. Relato o facto como m'o contaram, mas pouca duvida tenho em lhe dar fé, porque dois homens podem puxar para terra estas barquinhas. O que prova a

força da anta n'este caso é ter ella podido arrastar a canôa por um barranco ingreme.

Dia 29. O Sr. consul teve que escrever um relatorio para o governo russo. Ficámos, pois, mais este dia em Pederneiras.

Na manhã seguinte, saudosos e tristes separámo-nos de Francisco Alvares. Tanta amizade tinha-nos elle dispensado, tantos serviços prestára á expedição, que o abraçámos com gratidão, promettendo ir visital-o em Porto Feliz, depois de finda a nossa penosa viagem. Afastámo-nos então da ultima praia habitada.

Navegámos todo o dia, parando só para tomar refeição. De manhã, nossa gente almoçava farinha de milho desmanchada em agua fria e assucarada. Ao meio-dia abicava-se para jantar. Comia-se a essa hora um prato de feijões feitos de vespera com toucinho e que, depois de aquecidos, misturam-se com farinha de milho. A' tardinha, lá pelo occaso do sol, aprôava-se, e então cada remador desempenhava o serviço que lhe havia indicado o guia para toda a viagem. Uns cortavam arvores, limpavam o terreno que ia ser acampamento; outros buscavam lenha sêcca para accenderem fogo; outros, emfim, armavam as barracas e suspendiam as rêdes. O cozinheiro preparava sua panellada de feijões que deviam ser consumidos n'aquella hora ou no dia seguinte.

Os mantimentos que commummente se levam embarcados consistem em feijão e farinha, alimento exclusivo para os nossos camaradas, quando a caça e a pesca não traziam alguma variedade, superabundante ás vezes, outras muito escassa ou nenhuma, conforme a estação e os lugares.

No dia 1 de Junho não sahimos do pouso senão por volta de 9 horas. O denso nevoeiro que n'este tempo costuma se levantar á noite, impede qualquer navegação. Força é esperar que os raios do sol o dissipem.

Vimos ainda a choupana de um pobre morador que vendeu-nos pratos de páo e rôlos de filamentos tirados de uma arvore chamada *embira*, com os quaes fazem-se boas cordas. Passámos por varias ilhas grandes e cobertas de matto.

Dia 2. Fizemos alto de jantar n'uma ilha toda cheia de pedras e separada por um canal muito estreito de outra elevada e umbrosa.

O nosso caçador matou um macaco femea, dos que chamam *monos*. O filho que ella carregava ás costas morreu da quéda. Desenhei um martim-pescador.

Dia 3. Partimos ás 8 horas da manhã. A's 9 e 1/2 abicámos á margem, para tratar de passar a cachoeira de *Banharú*, que transpuz no batelão. Diversas ilhas de aspecto pitoresco acham-se á esquerda. Os outros senhores foram por terra e viram os rastos frescos de uma onça e os excrementos de uma anta, que são muito parecidos com os do cavallo.

Depois do meio-dia, chegámos á embocadura do Piracicaba, rio quasi tão largo como o Tieté e, entre a fóz e uma ilha chamada da *Barra*, fizemos pouso, fronteiro ao qual viam-se rochedos talhados a prumo e corôados de altanadas arvores. Alli começa a *sesmaria* (data de terra que o governo cede a particulares sob condição de arroteal-a dentro de seis mezes) de Francisco Alvares : tem tres leguas de costa no rio e uma e meia de fundo. Fôra, já ha tempos, cultivada por uns pobres roceiros que colhiam milho e feijão, mas presentemente n'ella só se acham vestigios de bestas féras.

No dia 4, jantámos n'um lugar que acabava de ser pouso de uns pescadores. Varios couros de anta esticados estavam seccando ao sol, como já viramos em outros pontos. Depois de uma hora de viagem encontrámos esses homens; eram de Sorocaba. Tinham já muito peixe salgado e boa

provisão de carne de anta e de outros animaes, preparada em tiras compridas e suspensas em varas para seccarem.

Dia 5. Attingimos depois do meio-dia a cachoeira chamada *Cabeceira de Uputunduva* e a transpuzemos. O rio alli se espraia muito, ficando com pouca profundidade, razão pela qual descarregou-se metade da carga. Apezar d'essa precaução o *Chimbó*, em que eu ia, bateu n'um baixio. N'um apice o guia e os remadores se atiraram á agua para safal-o: com agua pelo joelho retiveram-n'o contra a força da correnteza e, amparando-o, fizeram-o caminhar uns 40 passos, sempre rascando o fundo. Afinal, com muito trabalho, tiraram-no de perigo.

Mataram-se muitas *jacutingas*, especie de gallinaceos, *ardras* e *papagaios*, passaros que figuraram na nossa mesa como caça deliciosa, principalmente a primeira. O que porém leva as lampas em sabor e delicadeza são os *patos d'agua*.

O aspecto das margens continúa sempre o mesmo. São por toda a parte cobertas de matto alto, denso e sem interrupção. As arvores de tamanho notavel são frequentes. As *figueiras* tomam até grandes proporções, estendendo horizontalmente, como que em latadas, um plano parallelo á superficie das aguas de ramos e galhos, no qual é raro vêr-se uma folha mais inclinada que outra.

A cachoeira de Uputunduva é visitada pelos indios d'esta região, porque o rio ahi dá váo. Até agora, porém, nem sequer vestigios temos visto. Segundo contam nossos camaradas, esses indios, chamados *Chavantes*, são inimigos de toda a gente christã. Por vezes tem-se procurado chamal-os: fazem signal com a mão que nada querem comnosco e agitam como ameaça os arcos e flechas. Pelo menos avisam. Entretanto nem sempre obram assim, sobretudo

quando sabem que não são presentidos. Convem, pois, não se metter pelo matto a dentro, afim de não desafiar alguma flechada mortal. Ainda ha poucos an nos, mataram um infeliz remador de uma monção que por alli passava. O desgraçado demorára-se em terra para accender o cigarro e quando quiz saltar na sua canôa, foi varado por uma flecha : morreu tres horas depois.

Chamam-se *Chavantes* a todos os indios que apparecem na parte occidental da provincia de S. Paulo e para lá do Tieté. Tenho escassas indicações a respeito d'elles ; creio, porém, que são pouco numerosos e errantes na vasta zona de terreno entre Curitiba, o Tieté e o Paraná até ás *Sete Quédas*, paiz que não foi explorado se não por uma expedição, a qual subiu algumas leguas pelo Parapanema acima, na procura de negros quilombolas. Contarei no fim d'este diario de que modo descobriu-se o valhacouto d'esses negros na margem de rio tão distante e pouco conhecido. A narração é interessante.

Deixo aqui notado que para a intelligencia perfeita dos nomes e lugares por mim citados, convem ter debaixo dos olhos o mappa inglez da America do Sul, publicado por Arrowsmith em 1810. Muitas vezes tive ensejo de aprecíar quão exactamente estão n'elle marcadas as localidades por que passei. Muitas existem que não vêm mencionadas ; outras o são erradamente ; entretanto de quantas cartas depois cotejei, é esta a que mais se chega á verdade.

Durante todo o dia 6, foi nossa navegação incommoda por causa dos muitos baixios que tem o rio. Para transpôr o que tem o nome de *Gente dobrada do cemiterio*, tornou-se preciso descarregarem-se as canôas e transportarem-se as cargas nas canôinhas.

De manhã avistáramos um *estirão* (espaço comprehendido entre duas voltas de rio) de perto de uma legua.

A paizagem era digna de nota, já pelo dilatado da perspectiva, já pelas sinuosidades das margens, que iam progressivamente desmaiando até se fundirem ao longe em tenue bruma.

Dias 7, 8 e 9. Viagem sempre trabalhosa e aborrecida em razão dos continuos baixios. No dia 7, transpuzemos uma cachoeira de primeira ordem, cujo nome, porém, passou-me da memoria. As cargas foram varadas por terra. A 8, fez-se o mesmo por causa de outra, bem como a 9. Esta ultima cachoeira, a maior das que temos até agora transposto, chama-se *Bariri-guaçú*. Nas praias desenterrámos ovos de tartaruga em abundancia: não faltaram tambem patos do matto nem jacutingas.

Os baixios chamados *Sapé-guaçú* nos incommodaram muito no dia 10. Matou-se uma anta. Dizem que a carne d'esse animal faz sahir os humores do corpo, razão pela qual obra como purgante e produz molestias de pelle.

O *Chimbó* e a *Peroba* encalharam n'um recife: a tripolação saltou n'agua e a muito custo conseguiu safal-os de entre as pedras.

A 11, passámos os baixios das *Congonhas*. Parámos ao meio-dia na ilha do mesmo nome. Os caçadores trouxeram dois urubús brancos ou *urubutingas*, um dos mais bellos passaros das florestas do Brasil: o mais formoso sem duvida em côres e plumagem; o aspecto, porém, e os habitos são de legitimo corvo. E' do tamanho de um ganso. Tem olhos grandes e redondos; iris de brilhante alvura; palpebras vermelhas; bico como o dos urubús: comprido, recurvado e de um alaranjado vivo. Abaixo do bico, expande-se uma caruncula carnosa que cahe de um lado e de outro, de côr tambem alaranjada. Desde o olho até esta carnosidade, a pelle núa puxa para rôxo. Acima da cabeça ha uma parte ompletamente desnudada, rubra, com pennasinhas tão pe-

quenas e separadas que parecem pellos. Por baixo dos olhos e do pescoço sahem carunculas unidas e compridas, de um escuro claro e que, em fórma de arco, vão-se ligar acima da nuca, unindo-se então n'um filete carnoso que desce por traz do pescoço até á base do peito. E' vermelho-claro em cima, preto no meio e amarello embaixo. As côres da cabeça são realçadas por um fundo negro do ebano, que bem se póde chamar a moldura. O pescoço é totalmente desnudado de pennugem. A pelle parece pelle de luvas: é amarello vivo na frente, côr que cambia insensivelmente para vermelho carregado. Esse pescoço nú e tão bem colorido sahe de um collar de pennas acinzentadas que parecem vir das costas e se reunem no peito, a formarem novamente uma linha de separação que se esbate pouco acima da barriga. O collar semelha um ornato de mulher. O resto das pennas é branco, excepto nas extremidades das azas que são pretas. Os pés são brancos.

Desculpem-me esta descripção, que não é de naturalista. Creio que no seguir d'este despretencioso diario nenhuma outra farei.

Nos baixios das *Congonhas* perderam-se, ha annos, tres canôas carregadas de sal. A primeira encalhou, a segunda despedaçou-se de encontro a esta e a terceira, querendo evitar igual choque, bateu contra uma pedra, quando tinha a correnteza a bombordo, o que a fez virar.

Depois do meio dia, tivemos bella e commoda navegação. Os estirões vão sendo muito espaçados. O rio tem pouca velocidade e superficie muito unida, o que dá a uma grande ilha o nome de *Ilha Morta*, abaixo da qual pousámos, aproveitando o abrigo de uma alentada figueira. Os galhos em que se dividia o tronco eram da grossura de um pé de nogueira. Os mais baixos se curvavam para o chão, atirando raizes adventicias que formavam umas especies de co-

lumnas. O tronco principal era tão grosso que mal podia ser abarcado por quatro homens; dava sombra espessa a mais de 20 passos em torno. Ahi passámos a noite.

Como o lugar é pouso certo das monções, o terreno está aplainado e limpo, commodidades que a nossa gente aproveitou para dansar até depois da meia noite. Cantaram, brincaram e beberam muita cachaça.

Na manhã de 12, houve neblina cerrada. O orvalho accumulado na folhagem superior cahia no sólo em gottas tão grossas, abundantes e ruidosas que parecia chuva. As barracas estavam ensopadas, o chão molhadissimo. No rio corriam os vapores d'agua, deslisando-se pela superficie como fumaça a sahir de uma caldeira; tal era a differença de temperatura entre o ar e o rio. Sentiamos frio vivissimo que nos fazia conchegar os capotes ao corpo: assim mesmo não podiamos nos aquecer.

Fomos jantar na embocadura do *Jacaré-mirim*, pequeno caudal que desagua á direita. Nosso caçador matou um *socó-boi* (ardea). Uma legua abaixo, vimos a foz do *Jacaré-guaçú*.

A 13, varámos a cachoeira de *Guaymicanga*. As aguas agitadas lembram as vagas do mar, quando um pé de vento as levanta em cachões e as impelle umas de encontro ás outras.

Jantámos na ilha *Guaymicanga*, palavra india que quer dizer *cabeça de velha*. Matou-se uma capivara. Foi preciso esperar hora e meia pelo guia que fôra observar os baixios chamados *Tambauçú*.

No dia 14, passámos pela embocadura do rio *Quilombo* e, pouco abaixo, pela ilha e cachoeira do mesmo nome. Alli se haviam antigamente refugiado muitos negros, pois *quilombo* é palavra que designa o asylo onde elles se reunem nas mattas. Foram descobertos por negociantes que

voltavam de Cuyabá e que, apenas chegados a Porto Feliz, armaram, por espirito de ganancia, uma expedição com a qual atacaram aquelles infelizes, aprisionando mais de cento e vinte. Amontoados em canôas, voltaram os mal-aventurados aos pontos em que soffriam o captiveiro. Foi-nos o facto contado pelo guia. Em Porto Feliz haviam-me narrado outro tão semelhante que podéra-se crer ser o mesmo ; mas esse quilombo estava junto ao Paranapanema que corre para N. O. pelo paiz dos *Chavantes*. Contarei esta historia no fim do diario. Talvez sejam com effeito dois successos differentes um do outro.

Dia 15. Boa navegação, apezar de alguns baixios.

Dia 16. Continuam as condições favoraveis durante todo o dia. Hontem e hoje descemos uma parte do rio que tem o nome de *Morto*, pela tranquillidade inalterada das aguas. Fizemos pouso n'uma ilha coberta de matto e que tinha uma grande praia onde, gozando de vantagem bastante rara, passeiámos a gosto. Vimos bandos de patos, garças, colhereiras côr de rosa e outras especies de passaros. Havia tambem muito rastro de anta e capivaras.

Dia 17. De manhã, antes do romper o sol, senti frio vivissimo. O orvalho e os vapores accumulados na alta galhada do arvoredo desfaziam-se, cahindo como chuva. Observei um pé de palmeira que estava sêcco e no alto do qual tinham nascido quatro palmeirazinhas. Os côcos, depois da quéda das folhas, haviam germinado e produzido aquelle singular enxerto. E' o que se póde chamar um capricho da natureza.

O matto, que desde Pederneiras cobrira sem interrupção as margens do rio, rareou e mostrou-se falho á nossa direita, mas por pouco tempo. Entretanto os olhos, cansados do aspecto monotono de tanta arvore, gozaram da vista de uma immensa campina, coberta de *macéga* e salpicada

aqui, alli, de arvores baixinhas e engorovinhadas. Pôz-se fogo ás gramineas e n'um instante lavrou o incendio com intensidade. Muito depois da partida, ainda viamos os novellos de negro fumo que subiam em turbilhão para os ares.

Dia 18. O ajudante do guia que fôra na vespera a um *barreiro* (lugar onde ha depositos de saes naturaes) fazer durante a noite espera de antas, matou lá quatro d'esses animaes. Quando amanheceu, um batelão foi buscal-os, mas não trouxe senão tres, porque o quarto cahira n'agua e desapparecêra. Nossa gente comeu carne a fartar. A abundancia reinava no acampamento: por todos os lados faziam-se assados e *churrascos*. Mandámos moquear uma boa porção, expondo-a á fumaça de um fogaréo, para poder conserval-a. Só achei comiveis o figado e o coração. O Sr. Taunay que, depois do naufragio da *Urania* nas ilhas Maluinas, vira-se na contingencia de comer carne de cavallo, assevera que a do tapir tem o mesmo gosto.

Transpuzemos a cachoeira de *Avanhandava-mirim* e, ás 3 horas, vimos o nevoeiro de espuma que se ergue do salto de *Avanhandava*, a respeito do qual muito nos tinham fallado. Abicámos acima d'essa quéda no fim do estirão e junto á margem direita do rio.

Era a primeira grande cascata que eu ia vêr. Apressei-me, pois, com outros, a ir desfructar esse espectaculo, cuja belleza nos fôra encarecida. Mettemo-nos por um caminho aberto na matta no qual havia, de dois em dois passos, troncos roliços atravessados e deixados por nossos predecessores de viagem, afim que as canôas podessem ser arrastadas por terra, visto como a transposição por agua é impossivel. Chamam-se esses caminhos *varadouros*. No meio d'este inclina-se o terreno, de modo que começámos a descer. Creio que a praia inferior ao salto ha de estar a 60 pés abaixo da superior. Esta differença de nivel não representa a quéda,

porque as aguas correm em plano muito inclinado antes e depois de se precipitarem.

O salto de Avanhandava é uma bella e magestosa cataracta. Corta o rio segundo uma linha obliqua, de modo que a viamos bem de frente. Sua largura póde ser de 300 braças, a altura de 40 pés, o que com a inclinação do alveo, antes e depois da quéda, dá os 60 pés entre o porto superior e o inferior. A' direita vêm-se as aguas se precipitar entre a margem umbrosa, uma ilhazinha coberta tambem de arvores e uns grandes penedos. Formam-se, pois, duas gargantas por onde atiram-se as massas liquidas em tal agitação e revolvimento de espumas, que densas nuvens de vapores se erguem como neblina cerrada. As aguas que cahem pelo lado do grande massiço de rocha não são tão revoltas: milhares de cascatinhas divididas por pontas de rochedos constituem um amphitheatro de pedra riscado por fios d'agua, alva como neve.

O grande massiço não se prende á margem esquerda. De permeio a elles fica uma ilha, e no intervallo lançam-se, espumantes e furiosas, espadanas de agua, que se desfazem em vapores.

Vista do porto inferior, onde admiravamos esta soberba cascata, parece abaixo que o matto da margem esquerda se afasta sensivelmente, achegando-se, por uma illusão optica, da margem direita até se perder n'um horizonte de espuma.

Depois do salto, as aguas juntas continuam a correr com furia, empoladas sempre. E' comtudo n'essa corredeira que os nossos homens mettem as canôas, que acabam de arrastar por terra. São tambem com tamanha violencia arrebatados que a resistencia do ar irriça-lhes os cabellos da cabeça. Fazem então esforços immensos para manobrarem de modo a evitar as pontas dos fraguedos.

Dada a quéda, parece o Tieté outro rio. Não tem mais

largura de 200 a 300 braças; é um canal de 15 a 20 braças que corre com tanta força, quanto profundidade. As margens são rochas unidas. Como póde o caudal abrir leito tão fundo e estreito n'esse massiço pedregoso ? Observei facto identico depois do salto de *Itapura*, segunda quéda do Tieté, de *Urubupungá* no *Paraná* e de *Augusta* no *Juruena*.

Notei tambem, que as arvores que revestem as cercanias d'essas grandes cascatas são sêccas e desfolhadas, apezar da humidade que os vapores d'agua devem entreter no terreno. Talvez seja pela grande quantidade de pedras que n'elle exista.

Os dias 19 e 20 foram consagrados á passagem das malas, canastras, bagagem, etc. e das canôas. O tempo conservou-se sempre chuvoso, mas o céo carregado tornava o aspecto do salto mais pitoresco, formando contraste com a alvura das aguas em borbotões. Parece-me que a estas scenas da natureza convem uma atmosphera sombria : tudo concorre então para infundir n'alma doce melancolia. Essa bulha, essa agitação, são eternas: nunca a calma e o silencio hão de alli pairar.

21. Nem neblina, nem orvalho de madrugada. Pela primeira vez, desde minha sahida de Porto Feliz, vi raiar a aurora. A temperatura era calida.

Sahimos de Avanhandava a 24. Em pouco tempo vimos o Tieté tornar a tomar lenta correnteza, alargando tambem o leito. Por volta do meio-dia, parámos para esperar o guia que fôra observar a passagem da *Escaramuça*. N'este dia pouco se navegou porque houve necessidade de levar as cargas por terra n'uma boa distancia até abaixo d'aquella cachoeira.

25. O caçador matou uma *ariranha*. Depois de uma legua de viagem, abicámos acima de *Itupanema*. E' uma

corredeira perigosa. A correnteza é violenta e infinidade de pontas rocheas tornam a transposição bem difficil. Duas ilhas a dividem em tres partes. A' direita ha um verdadeiro salto, do qual se elevam vapores como em Avanhandava, bem que menos espessos. O canal da esquerda é a unica passagem. E' preciso que todos saltem n'agua para empurrarem as canôas completamente livres de peso e que vão sendo arrastadas pelas pedras.

Uma monção que subia para Cuyabá achou, ha oito annos, em uma das ilhas d'esta cachoeira uma preta que ahi vivêra sózinha mais de seis mezes. Fôra escrava com seu marido em Camapuan. Havendo fugido, desceram o rio Pardo, subiram o Paraná e o Tieté até esse ponto. Como não tinham pressa, empregaram anno e meio na viagem, mantendo-se de caça e pesca. Pararam n'essa ilha, construiram um rancho e ahi viveram felizes perto de seis mezes. O marido n'um bello dia afogou-se ao passar o rio, e n'aquelle deserto ficou a mulher ainda quasi um anno até á chegada d'essa expedição que a levou para Camapuan e a entregou de novo aos seus senhores. Ella nunca vira indios e da onça tão sómente ouvira os urros.

Depois do jantar, fui passeiar até abaixo da cachoeira, onde parte da tripolação tinha já arrumado o grosso da bagagem e preparado o pouso. Quando lá cheguei, fiquei sorprehendido de encontrar um homem muito barbado, com um grande chapéo preto á cabeça, espada á cinta, um sacco de pelle em bandoleira, espingarda e botas altas de couro de cervo. A principio cuidei que fosse algum morador d'aquelles mattos, mas cahi em mim quando vi os companheiros que trazia, remadores e quatro canôas. Era o capitão Sabino que vinha de Cuyabá e dirigia-se para Porto Feliz. Com elle iam um tenente-coronel, um padre e um tenente, além de 32 pedestres, da companhia de 500 praças que

o governo mantem em Cuyabá para o serviço fluvial. Em Porto Feliz devia elle tomar artilharia, polvora, ferro, sal, e outros objectos destinados á fazenda publica na capital de Matto Grosso.

26. Partiu o Sabino. Seu modo de navegar era muito diverso do que empregavamos, pois subia contra corrente. Com boa tripolação, tinha em cada canôa, além dos remadores da prôa, quatro homens que manejavam varas de 20 a 25 pés de comprido. Elles corriam para a prôa, deixavam cahir a vara ao fundo e, apoiando na extremidade, davam impulso aos barcos. Quando a vara ficava muito inclinada, seguravam a ponta com ambas as mãos e, fazendo ponto no peito e peso com todo corpo, iam de prôa á pôpa com passo cadencial, voltando para recomeçarem esse penoso trabalho em que consomem o dia todo.

Dia 27. Passagem da cachoeira de *Matto Sêcco* e da de *Ondas Grandes*. Aprôou-se á uma hora da tarde abaixo d'esta ultima. Achámos a cabeça e o pescoço de uma *anhuma*, passaro do tamanho de uma perúa e que tem um chifre comprido no alto da cabeça. Vimos muitos ramos de arvores quebrados e pégádas frescas de homens, ficando na incerteza se seriam indios ou gente do Sabino, mas estes teriam naturalmente cortado e não partido os ramos.

28. Passagem da cachoeira de *Ondas Pequenas*.

29. Passagem da de *Funil Grande* e *Pequeno*. Esta tem um canal que os baixios tornam perigoso.

30. Transpuzemos a cachoeira *Guacuriheva*. *Guacuri* é o nome de uma palmeira que, desde ha dias avistavamos, *heva* exprime abundancia. Esta monocotyledonea é de viso alto ; ás vezes tem o estipite bastante elevado ; outras curto, deitando n'este caso folhas até ao chão. Está sempre carregada de parasitas, entre as quaes figura uma planta de folhas largas chamada *taióba*, que dá excellente manjar.

31. Passagem de *Aracanguava-mirim*. Ouvimos de manhã muito perto de nós o urro de uma onça. Depois do meio-dia avistámos uma cruz, sepultura de um remador que alli morrêra afogado, ao virar-se a canôa que montava.

1 de Agosto. Fomos passar a noite acima da cachoeira *Aracanguava-assú*. De manhã matou-se junto a uma lagôa uma anhuma, passaro raro e notavel, como dissémos atraz, pela excrescencia cornea fina, e de tres e meia pollegadas de comprido, que lhe nasce da cabeça. Tem tambem no encontro das azas dois esporões que, como armas defensivas, podem causar ferimentos graves. A plumagem é branca e preta, sarapintada na cabeça, preta e parda ao redor dos olhos, escura no resto do corpo, com excepção da barriga que é branca. O iris é alaranjado. Mataram-se tambem dois sucurys ainda pequenos.

Nossas cargas foram levadas por terra e as canôas arrastadas até um canal estreito e fundo por cima de baixios, onde os remadores, com agua pelo joelho, tinham que retêl-as por meio de cabos amarrados á pôpa.

2. Passagem da cachoeira *Itupeva* ou *Canal do Inferno*. Ahi levantam-se grandes cachões, e só metade da carga é que póde ir embarcada. Pernoitámos abaixo.

D'este dia em diante deixei de escrever meu diario até Cuyabá, mas, logo que cheguei a essa cidade, dei-me pressa em lançar no papel as impressões ainda vivas de tudo quanto vira e, tendo o Sr. Rubzoff tido a bondade de me deixar tirar de seus apontamentos os nomes dos lugares mais notaveis e os dias em que n'elles haviamos estado, com facilidade e de memoria restabeleci a continuação dos acontecimentos.

Durante alguns dias de navegação, transpuzemos, depois de Itupeva, a cachoeira *Guacurituva*, passando por defronte da embocadura do riozinho *Sucuriú* e de outros

ribeirões. Deixámos tambem á direita o rio *Piratarâca* e outra correntezinha. Vencemos as cachoeiras *Itupirú*, *Tres Irmãos*, *Itapúra-mirim* e chegámos ao salto de *Itapúra.*

Esta quéda, tão alta como a de Avanhandava (30 a 40 pés), apresenta menor largura (talvez 200 braças), por isso que não corta o rio obliquamente, nem tem ilhas que a dividam. Logo depois do salto, as aguas se aquietam; não é senão mais abaixo que a correnteza reapparece e toma, então por não curta distancia, grande velocidade.

Já dissemos, em Itapura não ha ilhas que separem as aguas: não ha tambem aquelle amphitheatro de cascatinhas do outro salto. O jacto é unido em fórma de semi-circulo. No meio ha uma reintrancia na qual se precipitam grandes massas d'agua, confundindo-se e formando um todo espumante e de alvura deslumbrante. E' o que se vê no fundo d'aquelle recinto d'onde sahem, por abertura correspondente ao centro do semi-circulo, revoltas ondas que perdem para logo aquella agitação em serena bacia, fechada, de um lado, pelo semi-circulo, de outro pelo estreitamento do leito do rio. As aguas reunidas sahem com rapidez, formando torvelinhos, mas sem ferver, nem espumar e assim se escoam, emquanto o alveo é apertado e fundo.

Tomando posição na outra margem, colloquei-me n'um ponto elevado a cavalleiro sobre o salto. O rio apresentava-me em prespectiva largura de 350 a 400 braças, muito maior para o Tieté que a normal. A razão é que elle corre raso em leito de pedras, se espraia, cahe de pequenas alturas e remoinha em torno dos penhascos. E' uma vasta superficie de aguas espumantes. No centro vi a reintrancia em semi-circulo. Imagine-se uma grande escavação no meio de uma planicie, que fosse de repente inundada: eis a cataracta.

Entre as grandes e bellas scenas da natureza, um salto

como o de Itapura ou Avanhandava offerece tanta magnitude como outras, sem comtudo incutir n'alma nenhum sentimento de terror. Não podemos de uma praia batida pela tempestade admirar o embate dos vagalhões e o esforço do furacão sem receiar pela vida dos infelizes que estejam soffrendo esses furores. O temporal desfeito faz-nos tremer pela sorte das plantações e das pobres choupanas do agricultor: um terremoto aterra, anniquila o homem. A vista, porém, de um grande rio que cahe em catadupa não traz nenhuma d'estas impressões. Fica-se presa de admiração, dominado pelo tumulto, pelo estrondo e a agitação; os abysmos se abrem a cada instante, mas não nos inspiram medo nem horror.

Demorámo-nos tres dias junto ao salto, afim de fazer varar por terra as canôas e cargas.

Dia 11. De manhã partimos e, depois de uma legua de viagem, fomos abicar pouco aquem da embocadura do Tieté no Paraná. Já estavamos então na região dos indios *Cayapós*, cuja aldêa fica na margem d'este rio em ponto quasi fronteiro á fóz do Tieté, um pouco acima.

No lugar onde parámos, havia uns gravetos queimados entre cinzas, assim como uma rêde de sipó suspensa á alta ramada de uma arvore, sem duvida para pôr quem lá dormira ao abrigo das onças. Creio que fôra algum indio, o qual fizéra sua cama tão alto por se achar sózinho, pois tenho como certo que não deve haver o menor receio d'aquellas féras, quando se viaja em grupo.

Querendo visitar o salto de *Urubupungá*, grande quéda do Paraná sita duas leguas acima da boca do Tieté e famosa entre os viajantes d'estes desertos, deixámos á nossa espera a monção e, levando o guia comnosco, partimos em dois batelões. Quinze minutos depois, vimos o Paraná. Tinhamos na nossa frente o ultimo estirão do Tieté e abria-se ante

nós aquelle caudal cuja largura é ahi de um quarto de legua, parecendo ainda maior por ser a margem de lá extremamente baixa.

O sentimento que experimentei, ao contemplar tão vasta extensão d'agua e a riba distante, lembrou-me o abalo que recebe o viajante quando divisa, mar alto, as costas que demanda. Se essa terra é a França, então seu coração estremece jubiloso ao pensar nos gozos já proximos que lhe franqueia aquelle bello paiz, tão adiantado em civilisação. Aqui, porém, só podiamos vêr selvagens e miseras tócas, espectaculo ainda assim cheio de interesse e novidade para quem quer estudar o homem em seu typo primitivo.

Para nós aquelle momento foi de verdadeira festa. Além do prazer que sentiamos em descançar os olhos sobre a superficie d'esse grande e novo rio ao sahir do penoso Tieté, na grata alegria de nossos camaradas tinhamos novos motivos de satisfação.

Em viagens como esta, a vista de um rio em que se tem de navegar, ou da fóz de outro que se vai deixar, ou de qualquer paragem notavel, de um quadrupede mesmo, de um passaro que pela primeira vez se mostre, essa vista rompe a monotonia da jornada. Cantam então os remadores; com grita jovial ferem os ares, ao passo que os proeiros batem com a mão no chato da pá e á prôa, onde estão sempre de pé, redobram em cadencia o sapateado habitual. Com todo esse ruido festivo foi que entrámos nas aguas do Paraná.

Para chamar os *Cayapós*, tocou o guia busina (chifre de boi), instrumento que n'esses silenciosos páramos faz-se ouvir muito ao longe e serve para reunir a gente desparramada no matto. Quando se encontram monções, retumba de lado a lado o prolongado som do corno; é ás vezes simples signal ou tambem um modo de chasquear da tripolação da canôa que errar qualquer manobra.

Deitei os olhos para a margem opposta, curioso de vêr os indios *vermelharem na praia*, segundo a expressão pitoresca de um nosso camarada. Ninguem, porém, appareceu. Navegando então para a outra banda, fomos com algum trabalho pelos muitos baixios pular no porto dos indios.

Caminhámos meia legua para o interior em trilha um tanto larga e limpa e atravessámos uma matta de arvores altas que deitavam espessa sombra. N'um ponto descampado, achámos alguns pés de bananas com cachos ainda verdes e uns mamoeiros, cujos frutos na occasião me souberam deliciosamente. Cortando depois uma campinazinha ao sahir da matta, chegámos á aldêa, que é composta de 10 palhoças e nas quaes não havia viva alma por se acharem os indios nas suas plantações á margem do Sucuriú. A casa do chefe era maior que as outras. No meio d'ellas via-se um rancho que parecia pertencer em commum. Alli estavam uns troncos de palmeira furados, que lhes servem de tambores nos seus dansados. As portas d'aquellas acanhadas choupanas fechavam por meio de laços de sipós. Entrámos em algumas d'ellas e mal nos demos, pois quando menos cuidavamos, vimos uma multidão de pulgas subirem-nos pelas calças, o que nos fez sahir com toda a presteza. Enchemo-nos tambem de *bichos*, especie de pulga do menor tamanho que se introduz na carne, ahi fórma um sacco onde deposita ovos em quantidade e, se não é extrahida, toma o volume de um grão de milho. Quando sahe, deixa um buraco redondo e fundo. Este incommodo e nojento insecto acha-se por todo o Brasil, pelo menos na parte intertropical. Haja pouca limpeza e cuidado, e o bicho produz feridas dolorosas, como acontece com os negros novos, cujos pés, lugar atacado de preferencia, ficam cheios a ponto de não lhes permittir mais o andar.

Depois de meia hora de estada n'essa aldêa, o Sr. consul deixou um presente de facas, machados e outros objectos de ferro. Voltámos então ás canôas e partimos para o salto de *Urubupungá*, mas, não podendo alcançal-o pela hora adiantada, fomos pousar um quarto de legua abaixo. Já ahi o rio se estreita, ganha em profundidade e correnteza o que perde em superficie. Grandes massiços de rochas formam as margens; alguns isolados, mas á pequena distancia uns dos outros. Apoiando de encontro a essas enormes pedras as zingas (compridas varas que terminam em ponta de ferro) é que se sóbe o Paraná.

Dia 12. Não tardou muito que ouvissemos um estrondo surdo como artilharia ao longe, que nos annunciava a proximidade do salto. D'ahi a pouco com effeito o vimos de um lado e, depois de dobrada a ponta de uma grande ilha de rochas, descortinámos a quéda em sua quasi totalidade. Tem menos altura que a de Itapura, mas largura de um quarto de legua. Difficil fôra descrevêl-a, pois fórma grande numero de saliencias e reintrancias, além de ficar certo lado occulto por uma vasta ilha e dividido por pontas de rochedos. Este immenso salto parece ser produzido pela mesma base de pedras que corta o Tieté em Itapura, a uma legua d'ahi em linha recta.

Na margem esquerda, onde abicámos, havia uns ranchos, feitos pelos *Cayapós*, e de construcção muito inferior ás miseras choupanas de seu aldêamento. Nada mais eram do que folhas de palmeiras apoiadas em forquilhas de páos, como mostra o desenho ao lado.

Depois do jantar, descemos o rio e fomos nos reunir á monção no Tieté.

Dia 13. Entrados novamente no Paraná, passámos, por volta do meio-dia, uns baixios que tornam a navegação difficil. O rio fica ahi tão largo, que a vista alcança mais de

legua para a frente, ao passo que as margens se fundem em dilatado horizonte. Fizémos alto na embocadura do Sucuriú, o qual lança-se no Paraná pela margem direita com 70 braças de boca e depois de umas 50 leguas de percurso.

Ao cahir da noite, foi o ajudante do guia á caça e na margem esquerda, fronteira ao nosso acampamento, viu uma onça. Quando elle já tinha a pontaria firmada e ia fazer fogo, outro desazado caçador feriu o animal com carga de chumbo fino. A féra soltou um urro de dôr e safou-se, não sem ter levado o tiro que a todo o dar lhe foi descarregado.

Dia 14. Mandámos vêr se a onça morrêra; só se acharam rastos de sangue e a bala do guia toda achatada.

Costeámos á direita a *Ilha Grande* que tem duas leguas de comprido. Contaram-nos que já alli houvéra um estabelecimento de jesuitas, formado para ser o centro de suas excursões entre Iguatemy, na fronteira do Paraguay, Camapuan e Goyaz.

Nosso pouso foi n'um matto de grandes arvores, em terreno elevado e que findava n'uma praia de arêa fina cavada pelas aguas em varios degráos, alguns de dous pés de altura e tão largos, que tres pessoas de frente podiam n'elles passeiar livremente. Foi o que fizémos á saciedade, tanto mais que a belleza do luar a isso convidava. O Paraná ahi tem 500 braças de largura. Não ouviamos, n'aquellas horas de melancolia e calma, senão as notas do *curiangú*, passaro que canta de dia e parte da noite, e o forte e ininterrompido coachar dos sapos. De repente atroou um tiro, e o éco repercutiu-o logo na margem de lá, acordando outros que o levaram, mais e mais fraco, para longe, talvez perto de meia legua.

Dia 15. Alcançámos a embocadura do rio Verde, o qual

desagua pela margem direita do Paraná. A vegetação luxuriante das barrancas transmitte-lhe reflectida a côr a que deve o nome. Passámos, um pouco abaixo, defronte da *Ilha Comprida*, cuja ponta superior se abre em dilatada praia. Diversas especies de passaros a procuram para buscarem o pasto habitual ou pôrem alli seus ovos; entre outras, as *gaivotas* que entram em extraordinaria agitação e anciedade, quando algum animal caminha na arêa, onde ellas os depositáram. Inquietas, não cessam de gritar e de vôar em torno do viajante, chegando ás vezes a atacal-o.

Dia 16. Em sobresalto fui acordado pelo estrondo de um tiro de espingarda dado contra uma onça que viéra até ao acampamento a perseguir um dos nossos cães. A bala varou-lhe o craneo, e, a preparar a variegada pelle, ficámos parados o dia inteiro.

Na manhã seguinte, fomos fazer pouso na fóz de um riozinho chamado *Orelha de onça*, cujos barrancos (nome que têm as margens, quando a inclinação é superior a 45°) são ingremes e de difficil subida.

Dia 18. Vimos umas larangeiras que mão bemfazeja ou o acaso havia feito nascer n'aquelles desertos. Colhêmos alguns frutos ainda verdes, que comtudo muito apreciámos.

Attingimos a embocadura do rio Pardo, celebre entre os paulistas, de um lado pelos perigos e canseiras que ahi esperam o viajante ao querer vencer a força de suas correntezas e transpôr numerosas cachoeiras e duas quédas ; de outro afamado pela belleza das campinas em que corre e que, offerecendo á vista, já farta da monotonia de ininterrompidos mattos, vastas perspectivas cortadas de outeiros, riachos e capões, facilitam viagem terrestre, emquanto as canôas sobem, lenta e custosamente, o estreito e tortuoso curso. Póde então cessar o incommodo de estar-se obriga-

toriamente sentado ou deitado n'uma barraca de quatro a cinco pés de largo.

No meio d'esses campos o caçador facilmente depara com veados, perdizes e outros animaes, cuja carne enriquece-lhe a mesa, augmentando d'esta arte o prazer de atravessar tão bella região. O olhar não se cansa de admirar as côres varias que de todos os lados o embellezam: aqui é uma verdejante varzea; alli fica o *cerrado* com suas arvores baixinhas e engorovinhadas; adiante se alarga um campo de *macéga* mais alta que um homem e de um colorido puxando a amarello pardacento. Muitas vezes grandes áreas de terreno, collinas inteiras, apresentam um aspecto sombrio e negrejante: é que por alli passou uma chamma devoradora, ateada pelo viajante. Os troncos ficam então despidos de folhas, requeimados pelo incendio. Se, porém, medeiam quinze dias ou um mez, arrebenta viçosa verdura n'aquelle fundo lugubre e acinzentado.

Quando a gente por desenfado atira fogo aos campos que cercam os acampamentos, o espectaculo á tarde se transforma, mas nem por isso é menos notavel. As labaredas se alargam, formam linhas de compridas chammas que sobre todos os objectos deitam claridade resplandecente, por tal modo intensa que se póde enxergar um alfinete cahido no chão. Essa linha de fogo se afasta, estende-se em grandes circulos, sóbe e transmonta por vezes outeiros. Clarões vivos se desprendem, destacando-se de sombras opacas. Rôlos de fumo ennevoam os céos: o rio parece fogo, e as taquaras nos bosques estouram, dando violenta sahida ao ar contido entre os nós e que se dilata com o calor repentino.

Não raramente gozavâmos d'aquella esplendida illuminação até ao depois de meia-noite.

Para dar idéa do quanto é penosa a navegação do rio

Pardo, observo que gastam-se quasi dois mezes para subir por elle até ás vertentes (60 leguas), ao passo que na descida seis a sete dias são de sobra. Verdade é que as canôas, quando vão para cima, levam muita carga e regressam vasias, o que permitte não só mais rapidez, como não obriga a parar nas cachoeiras.

Volto, porém, ao meu diario: estava no dia 18 de Agosto.

A' noite, fomos atormentados por nuvens de mosquitos, que nos obrigaram a armar os mosquiteiros: n'esse asylo, porém, tivemos que supportar calor quasi intoleravel.

Desde o dia 19 até 24, não me lembro de facto algum digno de nota, a não ser que subiamos a parte do rio chamado Morto, por não ter cachoeiras nem baixios. As margens mostram-se sempre umbrosas, o que nos fazia desejar de coração chegar aos campos, por isso que desde Porto Feliz densa cortina de arvoredo limita o nosso horizonte á simples vista do rio.

No dia 24, houve falha, afim de coordenar as collecções. O ajudante do guia, bom caçador, matou dois veados brancos. A mattaria já foi ficando mais rala: as arvores menos altas. A 100 passos do rio, abrem-se os campos.

Quando o caçador via um veado, tirava logo a roupa e nú em pello marchava quasi de rastos quanto possivel até dar alcance á espingarda.

Jantámos, a 27, na embocadura do rio *Anhanduy-guaçú*. Ahi o Pardo perde metade da largura, estreita-se e fica com perto de 40 braças.

Dia 28. A chuva nos reteve parados todo este dia.

A 30, deixámos á direita o ribeirão *Orelha de gato*.

No dia seguinte, tambem á direita, o riozinho *Orelha de onça*.

Ainda á direita, a 1 de Setembro, o ribeirão dos *Patos*,

passando, a 2, por outro que tem novamente o nome de *Orelha de onça.*

No dia 3, passámos pela fóz do ribeirão *Orelha de Anta.*

O rio, acima d'esses pouco avolumados tributarios, fica ainda mais estreito.

Fez-se alto de jantar ás 10 horas, para ter tempo de empalhar um lobo que fôra morto á bala. Era do tamanho dos da Europa e estava bastante magro, prova de que, apezar da abundancia de veados e cateitús, cuja carne é deliciosa, pouco achava que comer.

Desde o rio Anhanduy viamos campos cortados de outeirozinhos e salpicados de arvores baixinhas, ou de palmeiras pouco mais altas que um homem e chamadas *guacumás.* Outras, de viso maior e conhecidas por *guarirówas*, dão palmito extremamente amargoso, mas, sobre muito salubre, de sabor agradavel para quem está habituado. O palmito do guacumá é gostoso e doce. Ambos figuravam á nossa mesa, preparados com molho branco ou simplesmente cozidos.

Outra palmeira, essa muito alta e conhecida por *gerivá*, fornecia-nos tambem excellente palmito, tão doce como o de guacumá, unico alimento vegetal que tiravamos d'aquelles desertos, como nos aconteceu tambem na viagem de Diamantino ao Pará, colhendo-o então de outras especias de palmeiras.

Nos campos do rio Pardo comêmos alguns frutos sylvestres. O *marmello brabo*, por exemplo, que agradaria mesmo fóra d'estes invios recantos, é pouco mais ou menos do tamanho de uma maçã; desfaz-se na boca n'uma massa cheia de grãos muito miudos, é acre-doce e tem dentro algumas sementes: a *mangaba*, cuja côr é de um amarello desmaiado, quando bem madura; tão molle como o sorvo, porém mais succulenta, saciando mais e sabendo ao pala-

dar deliciosamente: o *cajú* que é tambem muito saboroso, e outras fructas, emfim, umas muito boas, outras de gosto mediocre.

Os campos mostram-se alastrados de plantinhas e lindas flôres. Notarei de passagem uma muito frequente e côr de rosa; outra branca, vistosa em extremo; outras amarellas, rôxas ou rubras. Nas margens do rio, ou nos capões (bosques isolados), vêm-se *embaibas*, arvores de folhas largas de um verde carregado por cima e prateadas por baixo; *embiruçús*, com grandes folhas verdes gaio e ainda algumas corpolentas figueiras.

No dia 4, o Sr. Taunay achou uma flôr que deu viva alegria ao botanico.

A 5, passámos o baixio das *Capoeiras*.

Falha a 6.

Com muito trabalho vencêmos a *Sirga da Capoeira*, onde os zingadores desenvolveram grande actividade, fazendo subir as canôas a poder de seus varejões.

No dia 8, transpuzemos a cachoeira de *Cajurú-mirim*, transportando metade da carga por terra.

A 9 chegámos, depois da cachoeira *Quebra-Prôa*, ao salto de *Cajurú*, que póde ter 20 pés de altura sobre 60 braças de largo. Ahi estivemos até ao dia 13 para fazer passar cargas e canôas. Estas foram por agua, porque o salto permitte em certos pontos a subida: rascando o fundo, iam puxadas com immensa difficuldade. Toda a nossa gente trabalhou nos cabos.

No dia 13 estava tudo além do salto. O rio é muito estreito; corre lentamente por entre verdejantes collinas. Fomos dormir abaixo da cachoeira *Sirga do Matto*.

A 14, vencemos a *Sirga Preta*, outra cachoeira.

A 15, o *Banquinho*.

A 16, a *Sirga Comprida*.

A 17 e 18, a *Embirucú, Gente dobrada, Sirga Corredeira do Mangual.* Chegámos á do *Tejuco.*

No dia 19 falhámos.

A 20, passámos a *Sirga do Jupiá* e chegámos á cachoeira *Anhanduy.*

Deixámos, no dia seguinte, á esquerda o rio *Anhanduy-mirim* e alcançámos a cachoeira *Taquaral*, onde foram todas as cargas transportadas por terra.

Falha no dia 22.

A 23, passámos os *Tres Irmãos*, que são tres cachoeiras muito chegadas uma á outra. Nossa gente carregou as bagagens desde a inferior até á superior, junto á qual havia uma cruz, e onde fizemos pouso.

Ahi entram as aguas em funda bacia e formam um torvelinho perigoso no qual, segundo contou-nos o guia, perdeu-se, nos primeiros tempos do descobrimento das minas de Cuyabá, uma canôa com 80 arrobas de ouro em barra, mettidas em caixotes. Procuraram alguns mergulhar, mas nunca chegaram ao fundo por causa do redemoinho que existe embaixo das rochas. A ser verdade o que referiu aquelle homem, valeria a pena desviar o rio de seu leito.

No dia 24, passámos a cachoeira do *Tamanduá.*

Emquanto alli estavamos, chegou a gente do negociante José da Costa Rodrigues que vinha de Cuyabá e voltava para Porto Feliz. Eram uns 15 ou 20, e não tinham senão um batelão e uma canôa tripolada por indios *Guatós*, dos que habitam as margens do Paraguay e S. Lourenço.

Dia 25, falhámos.

26. Passagem da *Sirga do Campo.*

27. Dita da *Sirga do Matto*: chegada á do *Balo.* Chama-se *sirga* o lugar em que se puxam as canôas por meio de cabos.

Deixando a monção continuar a subir o rio com a habi-

tual lentidão, fomos, eu e os Srs. Riedel e Taunay, por terra umas duas leguas até ao salto do Corão. Não leváramos senão uma espingarda de caça, algumas cargas de chumbo fino, uma bala e dois biscoutos que constituiram nosso jantar. Chegados antes do pôr do sol ao salto, demo-nos pressa em formar provisorio abrigo com folhas de palmeira *guacury*. Felizmente matou o Sr. Taunay um lagarto que nos serviu de ceia e que a fome transformou em manjar succulento. Deparámos tambem com um cacho de bananas que pendia de rachitico tronco. Caso houvessem estado maduras, não teriam escapado á gente de Costa Rodrigues: por incomiveis as deixaram, mas nosso appetite era tal que assadas, assim mesmo verdes, foram um regalo precioso.

Durante a noite, cada um de nós, por causa das onças, fez duas horas de sentinella. Quando de todo clareou o dia. chegaram as canôas.

O salto do *Corão* terá de altura 30 pés, de largura quando muito 10 braças. A agua sahe de um massiço de arvores altas, de folhagem copada e côres varias, e de um só jacto cahe n'uma grande bacia onde parece ficar estagnada, de tão tranquilla que é. Escôa-se por um canal apertado, tornando-se então agitada por ser o leito muito inclinado e cheio de rochas. Corre assim meio quarto de legua até outra bacia tambem arborisada, onde fórma grandes rebojos junto ás margens. Transportaram-se por terra as cargas até acima do salto. E' um caminho de mais de um quarto de legua. As canôas foram arrastadas ora em sêcco, ora por agua até ao lado direito da quéda, onde ha um varadouro de subida tão ingreme que para galgal-o, nossa gente empregou grandes esforços. Todos esses penosos trabalhos nos consumiram quatro dias.

Dois camaradas, que o Sr. consul, dias antes, despachára para Camapuan afim de requisitar cavallos, chegaram ao

Cordo, mas sem as cavalgaduras pedidas. O commandante d'aquelle ponto mandára desculpar-se, dizendo que não tinha animal em estado de aguentar marcha tão longa. Todos quantos possuia o estabelecimento estavam exageradamente fracos e magros, de modo que o mais que poderia fazer era mandar esperar-nos em *Laguna Grande*, cachoeira menos distante de Camapuan.

Com aquelles camaradas, de lá vieram uns negros crioulos, todos com papeiras do tamanho da cabeça, que pendiam até aos peitos, tornando-lhes a voz oppressa. A physionomia denotava pouquidade de intelligencia. Observei em S. Paulo, Cuyabá e principalmente Camapuan, que os idiotas têm quasi todos enormes bocios.

Tirei uma vista do *Corão* e dos campos vizinhos, onde se acham muitos *cupins*. São cumulos de terra escura feitos por uma especie de formiga assim chamada: chegam ás vezes á altura de um homem a cavallo. A fórma é muito varia: alguns têm umas especies de tubos ou columnas, como mostra o desenho junto.

Deixámos o *Corão* na tarde de 2 de Outubro.

No dia immediato passámos a cachoeira do *Campo* e, a 5, a sirga de *Manoel Rodrigues*, assim denominada de um piloto que lá pereceu. A canôa descia com muita rapidez, e elle não pôde desviar-se de um páo atravessado. Em cheio recebeu no peito violenta pancada que o atirou atordoado ao fundo d'agua.

A 6, vencemos a cachoeira do *Pomba*, deixámos á esquerda o ribeirão *Sucuriú* e chegámos á cachoeira d'esse nome.

Dia 7. Estavamos na cachoeira *Canôa Velha*, quando chegou gente de Camapuan, conduzindo cinco animaes de sella. Acompanharam-nos por terra até *Laguna Pequena*.

Na manhã seguinte, partimos a cavallo, com excepção

dos Srs. Riedel e Taunay que não poderam ainda deixar as canôas. Lá pela tarde, meu animal cahiu n'um riacho que não tinha mais de dois palmos de largo e tres de profundidade. Tão magro e estafado estava, que não pôde dar o pulo e tombou com as quatro patas para o ar. Felizmente tive tempo de me atirar para o outro lado. Se a corrente houvesse sido mais um pouco funda, sem duvida ter-se-ia elle afogado, visto como sem forças nem sequer para suster a cabeça, deixava-a cahida dentro d'agua.

Só estava commigo o astronomo, pois o Sr. consul com sua comitiva se havia adiantado. Então, por espaço de meia hora, fizémos os esforços possiveis para pôr de pé a cavalgadura. Vendo a inutilidade d'essas tentativas e a noite já a fechar, montou o meu companheiro a cavallo e foi alcançar o grosso da gente em busca de soccorro. Fiquei só n'aquelle deserto, sem ter sobre mim a menor arma e no meio de escuridão que o clarão da lua modificava um tanto. Procurei novamente e, d'esta vez com melhor resultado, safar o animal da agua onde estivéra mettido uma hora, naturalmente a descansar um pouco. Quinze minutos depois, encontrei-me com as pessoas que vinham me ajudar e com ellas attingi o pouso.

No dia 9, passámos o rio Pardo a váo, n'um ponto onde se vêm affluir o *Sanguesuga* e o *Vermelho*, rolando este aguas rubras ao fraldejar uma montanha, aquelle pelo contrario lympha tão pura que parece crystal. A reunião dos dois produz a côr que distingue o Pardo desde ahi até á confluencia no Paraná.

O *Sanguesuga* e o *Vermelho* são de pouco volume e facilmente vadeaveis na estação sêcca.

Depois de cortarmos varias chapadas e terreno mais ou menos ondeado, vimos o *Sanguesuga* que se deslisa com sinuosas curvas n'uma bella e ridente planicie. Ahi não

tem elle mais de tres a quatro braças de largo: dava-me agua pelo peito.

Jantámos no porto chamado *Sanguesuga* e logo após montámos a cavallo, ameaçados por temporal que não tardou a cahir, acompanhado de violentos trovões, mas que pouco durou.

Por declive suave chegámos ao alto de uma montanha, d'onde avistámos *Camapuan*, bem embaixo de nós. E' ella o espigão mestre de uma vastissima zona. Por traz de nós ficavam os affluentes da bacia do Paraná; para diante quantos vão ter ao Coxim e ao Taquary, na bacia do Paraguay. A descida pareceu-me tripla da distancia que haviamos subido.

Com duas leguas pequenas de marcha desde o porto do *Sanguesuga*, chegámos a *Camapuan*, ás 3 horas da tarde. O commandante do ponto esperava-nos á porta da casa que nos havia sido destinada.

Antes de fallar n'esse lugar e na estada que ahi fizemos, devo dizer de que modo são varadas as cargas e canôas.

As monções, ao sahirem do rio Pardo, sóbem o Sanguesuga, rompendo ramos e hervas, cortando ás vezes grandes arvores que, cahidas de margem a margem, impedem a passagem, e vão ter ao porto do Sanguesuga, distante, como dissémos já, duas leguas ao sul de Camapuan. D'ahi transportam-se primeiro as cargas em carros do estabelecimento; depois as proprias canôas, collocadas em carroções baixos e puxados por sete juntas de bois, são trazidas por um bom caminho que, por espaço de legua e quarto, corta uma planicie e em seguida transpõe a montanha de que fallei, alta talvez de 150 pés acima do horizonte, descendo perto de 450 pés por suave rampa até ao povoado. Não ha senão um unico trecho um pouco mais ingreme.

E' na verdade caso de admiração poder pensar que de

Porto Feliz a Cuyabá percorrem-se 530 leguas por meio de 10 rios, havendo só duas leguas de varadouro, e nem é menos de pasmar vêr passarem grandes canôas por cima de montanhas.

Camapuan é uma fazenda pertencente a uma sociedade que tem sua séde em S. Paulo. Em estado de decadencia desde que a navegação dos rios vai sendo abandonada pelos negociantes, conta perto de 300 habitantes, dos quaes é a terça parte escravatura dos socios. Ahi fabricam-se grosseiros tecidos de algodão para uso dos moradores e para remessas que em Miranda são trocadas por cabeças de gado vaccum e cavallar.

A producção principal é de canna de assucar, depois da do feijão e milho, do qual fazem pessima aguardente. A criação de animaes é boa : ha muita gallinha e porcos de extraordinaria magreza.

Ha duas casas de sobrado, uma onde móra o commandante que na occasião era um alferes de milicias (guarda nacional) ; outra fronteira, separada por vasto pateo, que tem um engenho de moer canna tocado por bois. O pateo é fechado pela senzala dos escravos, toda ella baixa e coberta de sapé. A' noite, são elles mettidos debaixo de chave. A gente fôrra mora do outro lado do rio Camapuan.

O sitio é agradavel ; as cercanias montuosas e capazes de muita fertilidade. São bosques, cerrados, valles e chapadas. Os campos ficam mais afastados.

Extrema é a miseria dos habitantes. Pelos bens que possuem pouco distam do estado selvagem, mas nem por isso são ou se consideram mais infelizes. Não ha senão alguns homens, tidos por dinheirosos, que andem vestidos com calças e camisa de panno grosso. O resto não usa senão de ceroula, quasi tanga ; a maior parte das mulheres trazem

sobre o corpo uma saia. Não comem senão milho, feijão e algumas hervas: raramente provam carne de seus magros porcos ou usam de ovos e de carne de vacca: isso tudo quasi sempre sem sal, porque é artigo muito caro. O preço com effeito é de 1$800 (10 a 12 francos) por um prato raso, o que não conseguem senão quando algum negociante por lá passe e queira trocal-o por milho.

Depois de alguns dias, chegaram os Srs. Riedel e Taunay e logo após o nosso guia e alguns camaradas que traziam a noticia de haverem as canôas subido até ao porto do Sanguesuga.

O commandante nos emprestou os carros e bois da nação, e em poucos dias vimos nossa bagagem e embarcações descerem a montanha.

Como de Porto Feliz partiramos levando a quantidade de farinha de milho necessaria para a viagem até Camapuan, afim de não carregar de mais as canôas, tivémos que encommendar 120 alqueires que os moradores puzeram-se logo a preparar, desperdiçando comtudo muito tempo em socar o milho a poder de braços, porque nem sequer possuem um *monjólo*, a machina mais estupida que jámais foi inventada e que é de uso no interior do Brasil para com o emprego da agua pilar o arroz e milho.

Existira já um em Camapuan, mas como uma enchente do rio o quebrára, esses desgraçados vadios não tinham pensado em substituil-o por outro.

Consiste n'uma grande e pesadissima peça de madeira de 25 a 30 pés de comprido que tem n'uma extremidade um cavado e n'outra um furo, onde se adapta um pilão. Colloca se tudo isso em equilibrio debaixo de um veio d'agua que cáia dentro da concavidade. Quando esta se enche, o peso faz descer um dos braços e subir o outro, isto é, o pilão que esmaga na quéda os grãos de milho, mal se escape a

agua. Semelhante machinismo não póde trabalhar senão muito lentamente: medeiam 10 a 12 segundos de uma pancada á outra, e a agua não faz a sexta parte do serviço que poderia prestar.

Satisfizemos todos os pagamentos em generos, porque em Camapuan não ha necessidade de dinheiro.

Durante nossa estada, ouvimos fallar na apparição de indios nos arredores: foram reconhecidas as pégádas, e chegou-se mesmo a sorprehendê-los, procurando furtar umas rezes. Fugiram. Não podiam ser senão *Cayapós* ou *Guaycurús*.

Uma onça matou alguns cavallos no espaço de poucas noites.

Em Camapuan não havia senão uma moça branca, que o commandante cercava de guardas pouco fieis ou máos vigias. Nascida em Diamantino, fôra para alli trazida pelo irmão do official que encontráramos com Sabino. Estava desesperada por se vêr em lugar tão tristonho, no meio de tão vasta solidão, queixando-se amargamente do amante que a havia enganado, affiançando-lhe ser Camapuan em população e vida comparavel com a localidade de que era filha.

O geral da escassa população é de pretos crioulos; poucos são os mestiços e mulatos. D'essa côr era o commandante.

Quando tudo se achou prompto, feitas as precisas reparações e tomadas as providencias para o bom seguimento da viagem, foram as canôas arrastadas no leito do ribeirão Camapuan, através ramos e galhos de arvores. Levavam a menor carga possivel. Uma legua abaixo, o volume d'agua augmenta pelo contingente que á esquerda lhe traz o riozinho *Mata-matto*, cujas cabeceiras demoram no serróte que haviamos transposto.

Com seis leguas, entraram os nossos camaradas no rio

Coxim e abicaram n'um porto chamado *Furado*, onde é costume irem embarcar os viajantes. D'ahi voltaram com as canôinhas e fizeram diversas viagens para levar todas as cargas áquelle ponto.

No dia 21 de Novembro, depois de uma estada de 43 dias em Camapuan, montámos a cavallo e partimos com direcção ao Furado, onde chegámos depois de atravessar sete leguas de terreno montanhoso e em geral desnudado. O aspecto do porto é pitoresco : o Coxim ahi não tem mais de 25 braças de largura e, entre copada mattaria, corre por sob arcos formados de uma taquára chamada *guaytivóca* que se ergue á altura das arvores mais elevadas. De cada nó do colmo irradia-se basta ramificação de folhas compridas e finas, que, a modo de ramalhetes, vão progressivamente se tornando menores, á medida que se chegam á ponta. O peso obriga esses enormes canniços a se arquearem até que a extremidade livre, que finda n'uma bola de folhas, penda perpendicularmente ao terreno. Diversos pés parecem sahir da mesma soqueira. As duas margens estão cheias d'essas elegantes monocotyledoneas que cruzam os colmos de lado a lado, formando magestosas e verdejantes arcarias.

Dia 22. Ao nascer do sol, chegaram alguns homens de Camapuan, trazendo dois presos amarrados e desertores de Miranda. Ao Sr. consul pedia o commandante o favor de entregal-os em Albuquerque, quando por lá passasse.

Recomeçámos nossa extensa viagem e, como o rio estava ainda perto de suas cabeceiras e pouca largura tinha, a cada instante passávamos por baixo de caramanchões formados de grandes arvores, ou por arcadas de *guaytivócas*. De vez em quando tambem grossos madeiros atravessados sobre a corrente nos detinham o passo. Tudo isso fizéra com que desarmassemos as barracas, para não serem des-

pedaçadas pelos ramos e galhos. Não foi senão dias depois que tornámos a levantal-as, ficando todo esse tempo expostos ao sol e ao sereno. Felizmente o tempo conservou-se sempre favoravel.

Desciamos depressa, virando a todo o momento á esquerda e á direita, conforme as voltas estreitas e multiplas do rio.

Vimos a boca do ribeirão do *Barreiro Grande* e transpuzemos o baixio *Corôinha.*

No dia 23, vencemos as cachoeiras *Mangabal* e *Pedra Branca* e fomos acampar acima da do *Peralta.*

Avistámos alguns descampados e collinas bastante altas. Quanto ás margens, mostraram-se cobertas, ora de matto e guaytivócas, ora de arvores como *embauvas*, *embiruçús*, etc.

No dia 24, passámos pela embocadura á esquerda do ribeirão *Barreiro Grande*, á direita do da *Cilada* e transpuzemos a cachoeira *Abaré.*

A 25, vencemos a *Culapada*, o *Boqueirão dos Tres Irmãos*, o baixio *Itaguaçava* e fomos pernoitar na fóz do ribeirão da *Figueira* que entra no Coxim pela margem esquerda. Abrigámo-nos debaixo de uma d'essas grandes arvores a que deve a corrente o nome e que ficava na base de um monticulo escarpado, ao cume do qual subi para devassar o terreno em torno. Nada pude, comtudo, vêr por ser o matto em torno muito alto.

Perto de 10 braças de largura tem ahi o ribeirão, mas dois pés tão sómente de profundidade, sendo o fundo de arêa fina. Pescámos muitos pacús e dourados. Quando ao banho nos deleitavamos n'aquellas limpidas aguas, não pouco receio tinhamos das arraias, peixe armado de um ferrão, cuja fisgadella causa crueis soffrimentos durante 24 horas. Nossos camaradas contaram-nos que no Pará, onde

são muito grandes, applica-se para de prompto dissipar aquellas dôres um remedio efficaz: é queimar polvora sobre o ponto offendido.

No dia 26, entrámos no *Boqueirão das Furnas*. Ahi o rio, estreitando entre margens de penhascos quasi perpendiculares, ganha mais forte correnteza: o leito se afunda, e n'uma hora fazem-se duas leguas. E' o mesmo canal que observei em seguimento ás grandes quédas, igual, comprido, tortuoso e correndo por sobre uma platafórma de rochas.

No dia 27, passámos a cachoeira das *Furnas*, onde a canôinha dos caçadores foi ao fundo, atirando á agua uma espingarda, uma pistola e varios outros objectos que ficaram perdidos.

Vencemos a cachoeira das *Anhumas*, perto do morro do mesmo nome. O paiz era então montuoso. Desde ha dias navegáramos junto á base de montanhas cobertas de matto, das quaes nascem corregos que com alegre ruido se atiram no rio. Fomos parar junto áquelle morro e alli vimos batidas feitas por antas.

Passámos, a 28, entre *paredões* (grandes rochas talhadas a pique) tão altos como o mastro grande de um navio. Ora os viamos á direita de 300 a 400 passos de largura, ora á esquerda: por vezes varavamos pelo meio delles, como por entre enormes muralhas de pèdra. Então nosso horizonte se restringia a poucos passos: o rio corria estreito e fundo, mas silencioso: a claridade do dia se esbatia, ao passo que as vozes e o ruido tomavam mais sonoridade.

O Coxim é pitoresco pelas suas corrèdeiras, paredões, campos, capões e montanhas: a pouca largura, as mattas, as bellas guaytivócas, as praias argenteas, a abundancia e variedade de peixes trazem o viajante sempre entretido.

As cachoeiras são numerosas; entre essas algumas ha

compridas e perigosas : as rochas, a agua em borbotões, a espuma formam um verdadeiro cahos.

Passámos a cachoeira *Canella de André Alves.*

No dia 29, deixámos o rio Jaurú á direita: varámos as cachoeiras *Jaurú*, *Embiruçú* e chegámos a *Avanhandava-guaçú*, onde nos demorámos todo o dia para fazer passar as canôas e bagagem por essa extensa corredeira. Como em todos os grandes obstaculos d'aquella especie, ha muitas rochas nas margens e outras esparsas no meio das aguas que de encontro a ellas fervem e espumam.

Toda a carga sahe das canôas, nas quaes se mettem cinco ou seis homens dos mais entendidos. Sóbem então um pouco o rio e, virando de repente, enfiam o canal. Eis que o fragil batel se inclina; vôa que não corre ; n'um redemoinho de espuma mergulha a prôa ou a empina temeroso. Mas ahi vigia o guia, de pé com um varejão na mão : á pôpa, o ajudante e os pilotos estão alerta, e no meio trabalham os prôeiros. Todos elles manobram com precisão, energia e habilidade. Curvados para maior firmeza das pernas, manejam o remo e a zinga, desviando a todo instante os choques de encontro aos penhascos, onde as canôas far-se-iam em mil pedaços.

Em varias rochas vimos inscripções : algumas datam de 30 annos.

Chegámos, a 30, á cachoeira *Avanhandava-mirim.* Abicámos á esquerda ao pé de um barranco de ingreme accesso. Descida a cachoeira, fomos fazer pouso n'uma praia commoda, no fundo de uma especie de bahia, onde a agua era tranquilla, mas muito suja. Novas inscripções em rochas. Esta cachoeira, menos extensa que a *Avanhandava-guaçú*, tinha, comtudo, mais inclinação e força. Tambem foi espectaculo curioso assistir ao desfilar das canôas.

Talvez se tornem por fim enfadonhas as descripções que

faço de cachoeiras, porque sou obrigado a repetir quasi sempre a mesma cousa e tudo se resume em agua, espumas, rochas e ruidos, mas d'ellas todas dou conta, do mesmo modo que um diario de bordo relata as menores alterações da atmosphera. Para trabalho posterior e mais limado, ficará supprimir o que fôr superfluo: entretanto tenho para mim que taes pormenores não deixam de interessar, ainda quando se reproduzam algumas vezes, por darem o conhecimento circumstanciado dos lugares e a historia individuada de uma navegação penosa e um tanto fóra do commum.

Armámos novamente as barracas: ahi o rio já se tornára bastante largo.

1 de Dezembro, vencemos a cachoeira *Choradeira* e fomos dormir junto á *Jequitaya*.

No dia seguinte, chegámos á da *Ultima Ilha*, um dos maiores obstaculos do rio Coxim, por isso que a corrente transpõe, quasi de um salto, um banco de rochas de tres pés de altura. Arrastam-se as canôas descarregadas por um canal á direita, de pouco fundo e muita pedra e, depois de fazêl-as passar por entre dous rochedos, onde ha uma quédazinha de 2 1/2 pés, ficam retidas por um cabo passado á pôpa. Dando-se corda, a prôa ergue-se alta fóra d'agua. Então pulam dentro alguns homens e de repente solta-se o cabo. A canôa dispara como uma flecha, mergulhando quasi toda dentro d'agua.

Só as de pequeno calado é que aproveitam esta passagem: as grandes fazem o mesmo, mas pulando pelo grande banco.

Dia 3. Logo depois de levantar o pouso, passámos á esquerda pela embocadura do rio *Taquary-mirim* e pouco adiante entrámos no Taquary que ahi tem 200 braças de largura. A maior parte do dia foi consumido em vencer a

cachoeira *Belidgo*, cuja extensão de meio quarto de legua é semeada de ilhas e rochas á flôr ou acima d'agua, que, se não produzem quédas, originam fortes correntezas e ondas agitadas, cuja violencia as canôas vasias têm que supportar.

Agarrámos uma *arraia*.

Pelas 2 horas da tarde, seguimos viagem, passando ainda por entre diversas ilhas. Ao pôr do sol, os camaradas, para festejarem a transposição da cachoeira Beliago, ultima até Cuyabá, deram descargas de fuzilaria, gritaram a valer e cantaram até alta noite. D'ahi por diante, com effeito, a navegação faz-se em rios de curso tranquillo, sem perigos de corredeiras nem obstaculos que obriguem a descarregar as canôas e por conseguinte a transportar cargas ás costas por distancias não pequenas. Ahi, pois, findam os labores mais penosos.

Quando nossa tripolação dava tiros de alegria, responderam outros para lá do estirão, o que por algum tempo não pouco nos sorprehendeu. Não tardou, porém, que se ouvisse a busina do guia, e d'ahi a nada appareceram tres canôas com barracas vermelhas á pôpa e dois batelões, a subirem a corrente. Arvoraram a bandeira brasileira, nós a russa e, depois de nos saudarmos ainda com descargas, juntos abicámos á margem.

Era uma monção do governo, commandada por um tenente de pedestres (soldados ou melhor canôeiros de Matto Grosso, empregados no serviço dos rios) chamado Manoel Dias e que trazia a commissão de ir descobrir não só as nascentes do rio Sucuriú, cuja embocadura haviamos visto no Paraná, como as do Itiquirá que são contravertentes. O governo queria saber se entre ellas duas existe varação mais commoda que a de Camapuan, o que traria a vantagem de encurtar a distancia entre Cuyabá e S. Paulo. Esse

novo caminho teria com effeito 84 leguas menos que o que vinhamos seguindo e 61 que o terrestre, o qual obriga a ir até Goyaz. Seria mais facil em vista do numero menor de cachoeiras e corredeiras e por essa razão ainda não consumiria tanto tempo.

Não ha duvida que exista tal meio de communicação, por isso que ambos os rios foram já navegados até ás cabeceiras. Resta saber se o espaço que as separa é grande, e se o terreno se presta facilmente ao transito dos carros. Muitas pessoas pensam que, a concorrerem estas duas circumstancias desfavoraveis, será o novo caminho impraticavel, mas pondero que, n'este caso, bastará deixar as canôas na parte superior do Itiquirá e buscar outras que se achem collocadas no Sucuriú. Qualquer que seja a natureza do terreno, nunca obstará elle ao movimento de bestas, bois ou cavallos que carreguem as cargas, fornecidos por um estabelecimento ahi fundado.

Creio até que a passagem será boa para a rodagem e a isso sou levado por uma tradição que me foi contada em S. Paulo e Cuyabá, e que o *Patriota* refere, assim como a carta da America Meridional, publicada por Arrowsmith em 1810.

Diz essa tradição que, em outros tempos, um paulista, perseguido pela justiça publica, fugiu com a familia n'uma canôa e foi até ás nascentes do Sucuriú. Ahi ficou largos annos, plantou e colheu milho ; passou depois sua canôa para o Itiquirá e por elle chegou a Matto Grosso. O mappa, cuja exactidão tive occasião de verificar pela indicação quasi sempre acertada dos lugares por onde passei, dá tres leguas de distancia entre esses dois rios; ora, se n'esse intervallo um homem póde arrastar uma embarcação que não devia ser menor que um batelão, é muito natural que haja até facilidade em romper um caminho proprio para carros.

Fôra esse resultado de utilidade para o governo, porque facilitaria o transporte da artilharia enviada para Cuyabá e para a fronteira desde Nova Coimbra até ao Jaurú e cuja remessa, durante muito tempo ainda, só poderá ser feita por agua. De outro lado, accéleraria a catechese dos numerosos indios *Cayapós*, que procuram já se chegar aos brasileiros na estrada de Goyaz a Matto Grosso, em extensão de mais de 150 leguas, e traria conhecimentos mais precisos da vasta zona situada entre essas duas grandes provincias do Imperio.

Pouco custaria fundar o estabelecimento de que fallei, o que conseguir-se-ia com um destacamento de pedestres destinados a fazer plantações. Os animaes de tiro iriam depois pelos rios.

A navegação por Camapuan vai sendo muito menos frequentada depois que se abriu o caminho por terra, porém as remessas do governo têm continuado a seguir pelos caudaes, não só em vista de menor despeza, como por ser o unico meio de transportar artilharia. Alguns negociantes, que em outras épocas tinham tirado lucro d'essas viagens, recomeçaram a fazêl as em razão da carestia das tropas de animaes. Abrir esta nova linha de communicação é, pois, serviço prestado á provincia de Matto Grosso, o qual redunda em bem geral.

O tenente Manoel Dias tinha por companheiro o alferes Pedro Gomes, que emprehendêra, já com o mesmo fim, uma viagem á procura das nascentes do Sucuriú. Encontrando as do Taquary, metteu n'esse rio as canôas e, apezar das observações dos camaradas que procuravam despersuadil-o do erro, veiu por elle descendo, crente de que navegava certo. Foi preciso chegar á embocadura do Coxim e á cachoeira Beliágo para que se désse por convencido, mas então voltou para Cuyabá desgostoso por ter se sahido tão mal de sua incumbencia.

Desde já direi que a nova exploração a que elle procedia com outro official não trouxe senão gastos inuteis de dinheiro. Nada fizeram, o que logo á primeira vista se podia prevêr. Ambos com effeito, além de ignorantes, nada conheciam do paiz e nem sabiam usar da bussola. O tenente apresentou-se-nos de pés no chão e em mangas de camisa: o alferes não dizia cousa com cousa e parecia teimoso. Finda a commissão, nem sequer poderam dar noticias da varação, se era praticavel ou não.

Tinha eu, porém, ficado no dia 3 de Dezembro.

Nossa camaradagem passou essa noite a dançar com a gente de Manoel Dias, o qual nos deu parte do rompimento de hostilidades, precedido de traições, dos indios *Guaycurús*, a cujo respeito haviamos já ouvido fallar em Camapuan por noticia vinda de Miranda.

Durante a paz e no tempo em que recebiam do governo favores de viveres e presentes, mataram á falsa fé um brasileiro que vivia em um sitio pouco distante do forte de Miranda: depois atacaram e degolaram um cabo de esquadra e varios soldados que formavam um destacamento bastante afastado d'aquelle forte. Em seguida a essas provas de deslealdade, abandonaram os arredores de Nova Coimbra onde viviam aldêados e puzeram-se a bater campo como inimigos. Manoel Dias deu-nos conselho de tomarmos precauções, quando atravessassemos o paiz d'elles.

Cesso por instantes de me occupar com o diario para fazer conhecido o resultado da perfidia dos *Guaycurús* e ao mesmo tempo retratrar, bem que ligeiramente, o caracter d'aquelles indios.

Logo depois do rompimento, o commandante do forte de Nova Coimbra mandou a Cuyabá pedir soccorros por um proprio que encontrámos no Paraguay já de volta, no dia 10 de Dezembro. Ião tres homens n'uma canôinha e

disseram-nos que na capital preparava-se uma monção de 14 igarités (grandes canôas) com 300 homens, entre soldados de primeira linha e milicias, commandados pelo tenente-coronel Jeronymo, vice-presidente da provincia. Com effeito essa frota passou por nós no dia 3 de Janeiro seguinte e, dez mezes depois, estando em Cuyabá, vimol-a voltar com a tropa que tinha ido pacificar os revoltosos. Do presidente recebêra Jeronymo instrucções para impedir, segundo as ordens do Imperador, que os indios, ainda levantados, fossem tratados com dureza, devendo-se o mais possivel procurar, por meio de dadivas e boas palavras, congraçar com elles.

De todos os selvagens que habitam as margens do Paraguay, são os *Guaycurús* os mais numerosos. Ouvi até dizer que têm 4.000 homens em armas. Tornam-se temidos pela deslealdade com que procedem, rompendo subitamente, no meio da paz e durante a troca de sentimentos que parecem cordiaes, relações amigaveis sem outro motivo que não o amor á pilhagem, o que de certo não executam sem sangue nem muitas victimas.

Estão com effeito os annaes de Matto Grosso cheios das traições d'esses infieis. Errantes nas margens do Paraguay e Taquary e estendendo suas excursões em vastissimo territorio, fizeram no principio do descobrimento grande damno ás monções que por entre elles passavam. Foram já por vezes até Camapuan e, não ha muito tempo, arrebataram de lá perto de 500 cavallos. Costumam tambem entranhar-se pelo paiz dos *Caiuás* e *Cayapós* perto do Paraná, afim de reduzil-os á escravidão. Não poupam em suas devastadoras correrias nem sequer os hespanhóes das margens do Paraguay, indo mesmo em tempo de paz saquear-lhes as povoações, cujos despojos vendem aos brasileiros. Não sei se depois de pacificados continuam n'essas praticas.

Aldêam-se perto de Nova Coimbra.

Nutrem a convicção de que constituem a primeira nação do mundo, a quem portanto todos as mais devem tributo e vassallagem. Nem exceptuam os brasileiros, que na occasião d'elles recebem todo o mal possivel. Têm escravos da tribu *Chamucôco* e de todos os vizinhos mais fracos e covardes, pelo que buscaram os *Guanás*, para subtrahirem-se de igual sorte e d'aquellas rapinas, a protecção brasileira. Só os *Guatós*, apezar de pouco numerosos, impõe-lhes respeito pelo valor e hombridade. Esses barbaros levam tão longe a ousadia que não trepidam metter nos ferros da escravidão até os proprios hespanhóes. Vi chegar a Cuyabá uma menina branca d'essa nacionalidade e de 12 annos de idade, que o tenente-coronel Jeronymo tinha tirado de entre os *Guaycurús*, onde vivia em captiveiro. Fôra com a mãi raptada de sua aldêa natal no Paraguay, ainda criança de peito, ficára só no mundo e tomára todos os habitos dos indios, cuja lingua tornára-se a d'ella.

Os *Guaycurús* são todos cavalleiros e bons corredores. Possuem numerosa cavalhada roubada aos hespanhóes ou criada nos campos. A's vezes vão vender em Cuyabá animaes de sella por 9$000 ou 10$000. Ha indios que têm dois, tres e mais. Montam na anca, o que faz com que usem de rédeas mui compridas.

Suas armas são lança, arco e flechas. Têm tambem espingardas; mas, quando estão em guerra com os brasileiros, falta-lhes a munição. Em viagem costumam transportar a bagagem sobre os cavallos. Os homens armados rompem a marcha; atraz seguem as mulheres, cavalgando de um modo singular, pois vão içadas no alto de cargas, ás vezes mui volumosas.

Vi uma mulher *Chamucôco* que fôra comprada aos *Guaycurús* pelo commandante de Albuquerque. Tinha a cara

picada de pontinhos (*tatouée*) a modo do que usavam seus senhores. O retrato d'essa rapariga acha-se na collecção que foi mandada para S. Petersburgo.

De 3 a 6, nada nos aconteceu de notavel.

N'este ultimo dia, os Srs. Riedel e Taunay embarcaram n'um batelão bem esquipado, afim de tomarem a dianteira até Cuyabá.

Duas horas depois d'elles, partimos, e com duas leguas de viagem vimos os pontos ou melhor portos em que o caminho de Miranda a Cuyabá corta o rio, muito largo ahi, mas em parte vadeavel. Na margem esquerda havia vestigios recentes de grande cavalhada: podiamos com razão receiar que fossem *Guaycurús*.

Esquecia-me dizer, quando me referi aos annaes de Matto Grosso, que os *Guaycurús* foram desafiar os portuguezes até em Villa Maria, que saquearam uma vez, levando tudo a ferro e fogo. Em não poucas occasiões travaram renhidos combates com as monções. Uma d'ellas, composta de 50 a 60 canôas e cerca de 600 homens, soffreu completa derrota. Em outro ataque mataram elles a tripolação inteira, escapando só cinco pessoas que se esconderam no matto.

Contam que n'um d'esses encontros, um mulato de S. Paulo, famigerado pela colossal corpulencia e força extraordinaria, sustentou com o auxilio de sua esposa, o choque de varias canôas tripoladas por *Guaycurús*. A principio, matou muitos a tiro, tomando as espingardas e pistolas que a mulher ia á medida carregando; depois, quando os selvagens quizeram dar abordagem, defendeu-se com varapáos, arpões e afinal com a coronha das armas, conseguindo sempre mantêl-os em distancia.

Já estavamos cortando a zona que os *Guaycurús* percorrem mais frequentemente.

Até ao dia 11 de Dezembro, nada houve digno de nota.

Durante esses dias, o Taquary pareceu-nos pitoresco e alegre. Com 250 braças de largura, tem paragens variadas, numerosas ilhas em que se vêm grandes arvores isoladas, de tronco alto, direito e liso, folhagem escura e densa. Mostram-se aqui e alli, em vasta planicie de um verde gaio, que se estende a perder de vista, com capões no extremo horizonte. As margens do rio têm algum matagal.

Passavamos varias vezes por entre ilhas e em canal estreito e bastante raso. Já era tempo das chuvas, mas, como a atmosphera conservára-se quasi sempre pura, o rio ainda tinha pouca agua, pelo que não raramente encalhavamos, permittindo, comtudo, a diminuta correnteza que com facilidade nos safassemos.

N'estes pontos apparecem com mais frequencia as onças. Na margem vimos uma que fugiu, mal foi avistada; outra ficou ferida, mas conseguiu tambem escapar.

Começámos a pescar *piranhas*, peixe abundantissimo no Paraguay e seus tributarios. Nos rios que vão ter ao Amazonas os ha tambem,assim como nos de Minas Geraes,mas pullulam nos lagos e campos inundados do Paraguay. Não tem mais de oito pollegadas de comprido e seis de largo, entretanto é o mais temivel de todos os peixes d'esses rios pela voracidade com que acommette todo e qualquer animal que cáia dentro d'agua. Tem dentes agudissimos, na disposição e dimensões, que mostra o desenho junto.

Com essas armas atira-se á onça e obriga-a a accelerar sua passagem em rios. Não é raro pescarem-se peixes sem cauda, nem nadadeiras : é obra da piranha.

Ai do imprudente que entrar nú em lugar infestado por aquelles vorazes habitantes ; está perdido, sobretudo se tiver no corpo alguma ferida ou sarna. Elles se precipitarão

sobre as chagas; farão verter sangue e em poucos instantes o infeliz perderá a vida.

Quando a gente se banha em lugar de poucas piranhas, o perigo é diminuto, mas assim mesmo é preciso ter o cuidado de cobrir com as mãos as partes pudendas, porque por ahi é que ellas atacam de preferencia. O Sr. consul foi mordido, sem comtudo ter grande mal, porque incontinente pulou fóra d'agua. O peixe porém não despegou-se senão alguns momentos depois: correu sangue, e cinco dentes ficaram bem marcados.

Para dar idéa da multidão e voracidade d'esses animaes, bastar-me-ha contar o seguinte caso. Havendo um dos nossos camaradas caçado um macaco e querendo moqueal-o, pôz-se a limpal-o e em seguida o mergulhou no rio. Sacou-o porém depressa, com cinco piranhas atracadas á carne e que foram cahir na prôa da canôa. De cada vez que repetia a immersão, tirava d'agua quatro ou cinco peixes, de modo que n'um instante contámos 60, pescados por modo que muito nos divertiu.

Jogou-se ao rio um corpo esfolado de capivara. Foi um espectaculo curioso. As piranhas n'um formigar e torvelinho que faziam borbulhar e espadanar as aguas o espicaçaram, ora atirando-o para o ar, ora puxando-o para o fundo.

A' medida que o sangue se espalhava, acudiam outras aos milhares, e em breve nada restou d'aquella presa.

Fomos durante esses dias nos approximando do grande Paraguay que ia já se avolumando, como verificavamos no Taquary, não só pela diminuição de correnteza, como pelo alagamento das margens, o que nos punha em difficuldades para achar terreno sêcco que servisse de acampamento. N'esses tempos de cheia é que cahem em chusmas os mosquitos. Incommodavam-nos de modo insupportavel.

No dia 11, passámos pela boca de varios canaes que entram nos campos alagados e vão ter ao Paraguay ou voltam a cahir no Taquary. O rio, assim dividido, não deixa mais discernir se se navega ou não no leito principal: transfoma-se n'um sem numero de bahias e desaguadouros, em que é difficil haver-se sem um guia bem pratico, que assim mesmo póde levar as canôas ao meio dos pantanaes. Em alguns lugares, o que dá a conhecer as margens são as plantas e arvores a surgirem de dentro d'agua.

O paiz é uma planicie immensa que começava a ser inundada pelo transbordamento do Paraguay, em cujas cabeceiras já haviam cahido chuvas. E' ahi que começam os vastos *pantanos geraes* que vão de norte a sul desde a embocadura do Jaurú até á do Taquary, 45 leguas portuguezas, no meio das quaes correm os rios Jaurú, S. Lourenço e Taquary, e limitados ao occidente por um serra parallela ao curso do Paraguay.

Essa vasta zona encharcada vem assignalada por muitos geographos debaixo da especificação de *Lagôa dos Xarayes* ou Laguna Xarayes.

No tempo sêcco, as aguas se escoam e deixam um grande numero de pequenas enseadas. Perto do ponto da confluencia do Paraguay com o S. Lourenço, ha uma chamada Guayva que se divide em tres menores, cada qual de duas a tres leguas de extensão.

Na época das inundações, as canôas abandonam o alveo do rio n'um lugar sito a 25 leguas N. E. da embocadura do Taquary, por onde passei e que por esquecimento deixei de mencionar, chamado Pouso Alegre, e varam pelos campos afóra em linha recta, descambando para O. até entrarem no Paraguay pelo *Furo-mirim*, distante 18 leguas, e acima da grande ilha *Paraíso*, caminho marcado erradamente

no mappa de Arrowsmith como um braço do Taquary que vai findar no Paraguay.

N'essas vastidões alagadas cresce em grande abundancia o arroz selvagem, cuja altura ha de exceder de sete a oito pés, pois só fóra d'agua tem dois a tres, sendo o terreno submergido em profundidade de cinco a seis. Quando os *Guatós,* indios canôeiros, fazem a colheita, sacódem as espigas dentro de suas barquinhas e n'um instante as enchem até ás bordas; entretanto por falta de cultura, é a qualidade do grão inferior á do nosso.

Na tarde de 11, descemos ainda uma hora por um canal estreito, de rapida correnteza, entre barrancas bastante altas e cobertas de matto.

Nosso guia escolheu o pouso na margem direita, porque receiava podermos do outro lado ser atacados pelos *Guaycurús*. Acampámos debaixo de arvores baixinhas que orlavam em pouca distancia o rio. Além ficava um campo de arroz de dois pés de altura, campo vastissimo, a perder de vista e de um verde bellissimo. Alguns grupos de arvores se destacavam aqui, alli, na esplendida alfombra, madeiros de tronco liso e direito como fustes, cuja folhagem se expandia á maneira das chapeletas de cogumelos.

Ao longe e a rumo de N O. viamos as altas montanhas que acompanham o Paraguay de lado e d'outro e em cujas fraldas moram os indios *Guatós*.

Pela manhã de 12 de Dezembro, entrámos nas aguas do Paraguay, caudal celebre nos annaes das missões hespanholas e portuguezas pelas vantagens excepcionaes que sua navegação proporciona aos vastos territorios em que corre. Tem as cabeceiras no Alto Diamantino, na chapada central da America Meridional; dirige para o sul o magestoso curso e recebe o contingente de sete grandes rios até confluir com o Paraná, onde perde injustamente o nome para ce-

dêl-o ao affluente. Grandes embarcações podem sulcal-o desde Buenos-Ayres até Villa Maria e, subindo pelo rio Cuyabá, até á capital de Matto Grosso. E' uma extensão de 600 leguas, livre do menor obstaculo, sem cachoeiras, nem corredeiras: em toda ella deslizam-se mansamente aguas fundas e largas. E' o mais bello canal que a natureza formou para permittir ao homem devassar desertos tão dilatados, para povoal-os e dar-lhes as regalias de activa navegação e immenso commercio. Em qualquer ponto achariam os barcos a vapor florestas para abastecêl-os de combustivel abundante e facil.

Não fôra o singular systema do dictador Francia, e os habitantes da republica do Paraguay, assim como os de Matto Grosso, estariam já no gozo das mais francas relações commerciaes.

No fim do seculo XVIII, uma expedição hespanhola com grande apparato de artilharia por elle subiu a atacar o forte de Nova Coimbra. Intimou ao commandante portuguez immediata rendição, mas recebeu resposta que sinto não poder por esquecimento aqui transcrever, pois lembra bem o heroismo dos conquistadores da India. Os hespanhóes deram então o assalto; foram repellidos e retiraram-se com perdas sensiveis.

Vi em Cuyabá lançarem á agua um barco de quilha, do tamanho de uma lancha de náo de guerra.

Tinha eu ficado no dia 12 de Dezembro.

Abicámos na margem do Paraguay em frente á boca do Taquary e, como deviamos nos demorar até ao dia seguinte para deixar o astronomo fazer suas observações, ahi acampámos. A' tarde vimos passar o proprio a que acima alludi e que fôra a Cuyabá pedir soccorros contra os *Guaycurús*.

Quando anoiteceu, ergueram-se do lado dos campos, que

na vespera haviamos deixado, grandes clarões, acompanhados de muita fumaça. Eram fogos ateados pelos indios, pois de certo nenhum brasileiro se arriscaria, depois do rompimento de hostilidades, a andar tão arredado de Miranda, o estabelecimento mais proximo, e a percorrer as vastidões em que imperam aquelles selvagens.

A todos os camaradas distribuiu o consul espingardas, pistolas, polvora e balas e mandou collocar sentinellas que durante a noite estiveram alerta afim de impedir qualquer surpreza.

No dia 13, recomeçámos a navegar contra corrente e fomos á tarde pousar na margem direita, incommodados por um pé de vento que levantava ondas capazes de fazer perigar nossas embarcações. Quando acalmou, veiu grossa chuva augmentar o tormento a que multidões de mosquitos nos sujeitavam.

Do lado do O. avistavamos então montanhas que em distancia approximada de duas leguas formam uma serra parallela ao curso do Paraguay. Já a mencionei atraz.

Pela manhã de 14, alcançámos a povoação de Albuquerque, assente á margem direita do rio e em terreno um tanto alto e enxuto. Quatro lances de casas em torno de uma praça, uma capellinha intitulada igreja e uma casa para os officiaes de primeira linha, constituem o povoado.

Não vi senão quatro a cinco brancos; o resto era crioulo, caburé, mestiço ou indio. O commandante, official de milicias, era de côr parda.

No quarto dia de parada, vimos chegar duas canôas com *Guanás*: nove homens e duas mulheres. Um já velho tinha entre os seus a patente de capitão-mór que nos mostrou com grande ufania e assignada pelo antigo governador geral da provincia João Carlos Augusto de Oyenhausen.

Os *Guanás* moram na margem O. do rio Paraguay, um pouco acima da villa de Miranda: acham-se todos juntos e aldêados n'uma especie de grande povoação. Usam de uma lingua propria, mas em geral sabem alguma cousa de portuguez, que fallam á maneira de quasi todos os indios ou dos negros nascidos na costa d'Africa. De quanta tribu tem o Paraguay, é esta que mais em contacto está com os brasileiros. Agricolas, cultivam o milho, o aipim e mandioca, a canna de assucar, o algodão, o tabaco e outras plantas do paiz. Fabricantes, possuem alguns engenhos de moer canna, e fazem grandes peças de panno de algodão, com que se vestem, além de rêdes e cintas. Industriaes, vão, em canôas suas ou nas dos brasileiros, até Cuyabá para venderem suas peças de roupa, cintas, suspensorios, silhas de sellim e tabaco. Grande parte d'elles empregam-se nas plantações ou moendas a ganharem dois a tres vintens por dia além do sustento, ou então entregam-se á pescaria, indo levar o peixe á cidade de Cuyabá, em cujo porto habitam n'umas choupanazinhas.

As peças de algodão trançado, que aqui são conhecidas por *pannões*, não têm ordinariamente mais de quatro varas de comprimento e duas ou tres de largura. São tramadas de um modo para mim desconhecido, os fios verticaes inteiramente cobertos pelos horizontaes de lado e de outro, o que faz com que o tecido seja muito espesso e proprio para barracas, por não dar passagem á mais violenta chuva.

O desenho junto mostra o ponto do tecido.

A segunda figura representa a trama já usada: então deixa ella vêr o modo por que é tecida, mas não tanto quanto está figurado. Ambas são de tamanho natural.

As mulheres *Guanás* que fazem esses pannos usam de um grande quadrado de cinco a seis pés de largo, de madeira e apoiado sobre duas estacas perpendiculares. N'esse

tear cruzam os fios com uma reguazinha de páo, não de uma vez, mas por grupos de 100 ou 150 fios, que vão segurando um por um. Assim se a cadêa tem 1,000 fios cruzam sete ou dez d'esses grupos, afim de fazerem passar o fio em toda a largura da cadêa. Por ahi se vê quanto tempo é preciso para acabar um *pannão*.

As mulheres de Cuyabá que fazem rêdes, seguem o mesmo systema. Para concluirem uma de duas varas em largura e comprimento, consomem seis ou mais dias.

Os *pannões* têm riscas largas e de differentes côres: escuro carregado, preto, branco, pardacento, ruivo e azul claro; mas essas côres, que os fabricantes tiram de mineraes e vegetaes, não conservam a viveza senão por pouco tempo; depressa desmerecem; parecem sujas; desmaiam, nunca, porém, de todo.

Cifram-se as roupas dos *Guanás* para os homens, n'um panno que enrolam como tanga e atado á cintura, cahindo, quando muito, até aos joelhos e n'um pedaço de fazenda quadrado regular ou puxando mais para o comprido, o qual tem no meio uma abertura por onde enfiam a cabeça e que não lhes resguarda mais que os hombros, peitos e espaduas. Quando sentem frio, cobrem-se com um *pannão* que, sendo grande, póde dar duas voltas inteiras ao redor do corpo.

As mulheres tambem trazem o panno enrolado á cintura e cahindo até aos joelhos; qualquer que seja o tempo, usam do *pannão* ou para resguardarem-se dos pés á cabeça, ou então preso muito apertado por cima dos seios, mostrando-se assim menos núas que os homens. A's vezes tambem cobrem com elle os hombros e deixam-n'o cahir até meia canella.

Já muitos *Guanás* usam de calças e camisas de algodão grosseiro que se tece em Cuyabá, bem como em todo o interior do Brasil. E' o trajo da gente miuda.

Estes indios, talvez por viverem menos expostos ás intemperies que os outros, têm a tez mais clara do que quantas tribus em minhas viagens vi, com excepção dos *Mundurucús* mansos do Pará. Quanto á physionomia, possuem os traços geraes e caracteristicos da raça mongolica, como acontece com os aborigenes do Brasil; achei-lhes, porém, um que de ameno e de suave muito especial. Se não se chegam tanto ao typo europêo como os *Guatós*, não são, comtudo, indiaticos puros a modo dos *Cayapós* ou *Chamucôcos*, dos quaes tive occasião de vêr alguns individuos. Sem a expressão traiçoeira e má dos *Guaycurús*, nem a ferocidade dos *Botocudos* e *Bororós*, talvez se pareçam com os *Apiacás*; em todo caso é typo digno de attenção e que apresenta um contraste interessante com o das outras nações indigenas.

Não picam a pelle, não mutilam o nariz, o labio inferior ou as orelhas; não se pintam de urucú como tantas outras tribus. Se em épocas anteriores tiveram essas praticas singulares, já são por demais civilisados para n'ellas perseverarem.

Em vesperas de festins costumam preparar certa bebida fermentada, cuja fabricação, porém, basta conhecer para ter d'ella o nojo mais absoluto. Partem entre os dentes grãos de milho e cada qual vai cuspil-os dentro de uma grande panella de barro, onde se produz a fermentação depois de addicionada certa porção d'agua.

As mulheres são bem feitas de corpo: têm um rosto interessante, os olhos ordinariamente apertados e um tanto obliquos, o nariz pequeno, afilado, boca no commum grande, labios grossos, dentes claros e bem implantados. Reina entre ellas a mais completa devassidão, tanto mais quanto os proprios maridos, desconhecendo o que seja ciume, as entregam a estranhos com a maior facilidade, mediante algum dinheiro ou peças de roupa.

O modo de fallar denuncia uma lingua muito doce, mas destituida de energia: exprimem qualquer sentimento mais forte por uma aspiração de garganta seguida de um som que bem se póde comparar com o fraco gemido de quem está soffrendo.

Com toda sua industria e amor ao trabalho que tanto os distinguem dos mais indios, são elles em geral covardes; prostituem suas mulheres, movidos por sordido interesse; commettem o roubo e o furto com o maior desfaçamento e, a dar credito a boatos muitas vezes não infundados, têm as mães o barbaro costume de matar os filhos no ventre, por não quererem antes dos 30 annos ter o trabalho de crial-os. Citaram-me a respeito varios exemplos; acredito, porém, que prática tão horrorosa tenha já cessado ha algum tempo.

Narrarei, quando tratar dos *Guatós*, cujo caracter é sob todos os aspectos completamente opposto, um facto que deixa bem patente a indole d'estes dois povos, ou melhor d'estas duas tribus.

No dia 19 de Dezembro, partimos de Albuquerque. O commandante acompanhou-nos até á praia e, em honra ao Sr. consul, mandou dar umas salvas. Ião comnosco varios *Guands.*

Continuou nossa navegação com extrema lentidão, tanto mais incommoda quanto os mosquitos não nos deixavam um instante de socego. E' um supplicio indizivel.

Tornava-se, além d'isso, de dia para dia mais penoso o modo de subir contra corrente pelo crescimento do rio que tendo, n'aquella estação de chuvas, recebido já bastante agua nas cabeceiras, não permittia mais ás zingas alcançarem o fundo. Recorriam então nossos camaradas á umas varas compridas, terminadas em forquilha, com as quaes, agarrando os ramos de arvores e troncos ou apoiando a

extremidade de encontro a elles, empurravam as canôas por diante. Raros eram, porém, os galhos resistentes e cada vez mais violenta a correnteza. Por isso tambem nos moviamos com morosidade desesperadora, que os mosquitos, a chuva e a monotonia transformavam em soffrimento quasi intoleravel.

Os aguaceiros não pouco nos vexavam: tudo molhavam, até dentro das barracas que eram muito mal feitas. Quando vinham acompanhados de ventania, por todos os lados entrava agua, porque umas cortinas de panno, que nos serviam de unico anteparo, voavam com violencia, arrebatando prégos e cordeis. Se chovia simplesmente, fechavamos essas cortinas, mas então quasi nos faltava ar para respirar.

Ao chegar ao pouso, achavamos um sólo encharcado, onde não se podia dar um passo sem metter o pé no lôdo. Não havia remedio senão dormir em rêde e dentro do mosquiteiro, sob o qual sentiamos dobradamente o calor d'aquelle clima abrasado.

As margens do Paraguay são todas bordadas de *aguapés*, planta que alastra na superficie das aguas e cujas folhas grandes e redondas formam massiços que seguem desde abaixo das barrancas até acima ás ondulações do terreno. Se se destaca um torrão de terra, correm os *aguapés* para o rio e, levados pela corrente, formam ás vezes ilhas não pequenas.

De ha dias, ainda a navegar o Taquary, ouviramos com muita frequencia o cantar dos *anhumapócas* e *araouans*. A primeira d'essas aves é um bello passaro do tamanho de uma perúa: tem o porte alto, os olhos vermelhos, um collar de pennas pretas, além de outro formado pela pelle núa. A plumagem é acinzentada, os pés compridos e vermelhos, as azas armadas cada uma d'ellas de dois esporões, com que póde ferir perigosamente.

Viamos com frequencia este interessante passaro, sempre aos pares, quando muito tres juntos. O canto que ergue na solidão dos pantanos faz lembrar o som do sino no campo.

O casal de *aracuans* é inseparavel. Se canta o macho, responde a femea, repetindo as mesmas notas, mas em tom differente. Quando avultam os pares, então o alarido é forte. Esse canto imita os gritos de uma gallinha que está sendo perseguida, com a differença de que é cadenciado e repetido alternadamente por um e outro.

A' direita e esquerda iamos deixando muitas enseadas: n'uma d'ellas eu e outro pescador apanhámos pacús a deitar fóra, peixe de facil e valioso recurso n'estas viagens, porque, além de andar em numerosos cardumes, tem dimensões não pequenas, muita gordura e sabôr delicado. Darei mais ampla informação no trecho em que fallar da cidade de Cuyabá.

Nada houve de notavel até ao dia 26 de Dezembro, em que ouvimos, por volta de meio-dia, o latido de cães e cantar de gallos. Alcançavamos um ponto habitado. Que consolo !

Estavamos então nos Dourados; abicámos, e d'ahi a instantes chegaram umas canôas cheias de *Guatós*.

Em pé á prôa os maridos remam; as mulheres sentadas á pôpa vêm governando por meio de uma pá : as crianças acocoram-se no meio sobre esteiras. As embarcações, com tres palmos e meio de largo sobre 20 ou 25 de comprido se tanto, levam sempre no bojo cães, arcos e flechas para caçadas e pescarias. Os homens apresentam-se vestidos de uma calça de algodão ; as mulheres com uma saiazinha, deixando o resto do corpo descoberto. Estas roupas que conseguem dos brasileiros por meio de barganhas são em geral muito sujas por não serem lavadas, ou, se passadas por agua, não levarem nunca sabão. Não vi senão um velho completa-

mente nú : trazia o membro viril preso por um cordel que dava volta á cintura.

Os varões deixam crescer o cabello: amarram-o no alto da cabeça e fazem uma especie de pennacho ; as mulheres e crianças usam o corrido. Os adultos andam nús; as moças, porèm, cobrem as partes pudendas com um rôlo de cordas da casca da palmeira *tucum*, suspenso a uma embira amarrada á cinta. Todos elles trazem nas orelhas a modo de brincos pennas vermelhas, negras ou de côres varias.

Vivem quasi sempre sobre a agua, mettidos em barquinhas que, como acima disse, têm dimensões diminutissimas. Quando toda a familia está embarcada, a borda da canôa fica com dois dedos acima d'agua, o que não os impede de manejarem com a maior habilidade as flechas para fisgarem peixes ou traspassarem passaros. Matam além d'isso *jacarés* que lhes servem de principal alimento, porque d'elles nunca ha falta. Em terra não são menos destros caçadores. Valentes aggressores da onça, procuram de principio enfurecêl-a, fazendo-lhe á flechadas ligeiros ferimentos: quando a féra irritada se atira, o *Guató* a espera de pé quedo e crava-lhe a *zagaia*, lança curta armada de um osso de *jacaré* ou espigão de ferro, conseguido por troca com os brasileiros.

Elles fazem grande matança de bugios, guaribas, lontras, etc., e preparam com cuidado as pelles, bem como as da onça. São mui pouco agricultores e não plantam senão algumas raizes e milho. Costumam apanhar os fructos de um grande bananal, que foi plantado á margem esquerda do S. Lourenço por um antigo sertanista, e colhem o arroz bravo que cresce nos pantanáes circumvizinhos. A industria manufactora consiste em tecer com casca de tucum grosseiros mosquiteiros, dentro dos quaes dormem; abrigos porém por tal modo espessos e pesados, que só

por força de habito é possivel supportar o calor que debaixo d'elles se desenvolve. Fazem ainda um tecido quadrado de pé e meio a dois de lado e que prendem por duas extremidades a um páo para servir de ventarola e com ella afugentarem os temiveis pernilongos. Só á noite o deixam: tal é a importunação d'aquelles teimosos e sanguisedentos insectos!

Todo o commercio dos *Guatós* consiste em trocar com os brasileiros pelles de onças ou canôas por facas, machados, zagaias e outras ferragens ou então por peças de panno de que fazem calças para si e saias para as mulheres.

A tribu é pouco numerosa. Não a calculo em mais de 300 almas. Ouvi muito fallar n'uma taba de *Guatós*, assente na bahia de Guaiva e que contém mais de 2.000 selvagens muito bravios, inimigos de qualquer contacto com brancos, bem que em nada malfeitores, e tão arredios que, segundo contam, não fraternisam com os que viramos em S. Lourenço, por causa do commercio a que se entregam com os brasileiros.

Apezar do muito que se diz sobre a existencia d'esse nucleo de população, tenho minhas duvidas em dar-lhe fé, pela exageração com que os naturaes do paiz costumam contar qualquer facto. Quiz por mim tirar informações dos *Guatós* de S. Lourenço, mas não tive senão respostas ambiguas: verdade é que, segundo a voz geral, guardam estes o mais completo segredo.

São bem feitos, robustos, de tez cobreada escura e cabellos corridos, o que os prende ao tronco indiatico, porque no mais parecem typo europêo. Vi um homem de pórte alto, boa figura e nariz aquilino: outros comtudo apresentavam o cunho caracteristico da raça.

Tive noticia de que outr'óra os *Guatós* de S. Lourenço haviam morado entre os brancos e se misturado com

elles, voltando porém depois, por gosto pela vida primitiva, aos antigos habitos. Talvez d'ahi provenha a parecença com os européo, sem que por isso tenham os cabellos e a côr soffrido alteração.

No meio do queixo crescem-lhes uns fios de barba.

A physionomia das mulheres e crianças é interessante: quando moças, algumas são até bonitas

Dizem que os *Guatós* vivem com mais de uma mulher: a maior parte dos que vi levavam uma unica. Lembro-me, porém, que n'uma occasião troquei algumas palavras com um delles que tinha na sua canôa tres mulheres. Perguntei-lhe se todas eram suas; respondeu-me que sim. Pedi-lhe então por gracejo uma e elle retorquiu-me zangado que eu deveria ter trazido commigo a minha. Repliquei-lhe que não fôra isso possivel. « Pois bem, disse-me elle, se você tivesse aqui sua mulher, eu a trocava por uma d'estas.»

Bem em contrario dos *Guanás*, são muito ciosos de suas esposas a quem amam extremosamente e das quaes recebem grandes provas de ternura e fidelidade. Aos filhos dedicam vivo affecto e os mais cuidadosos carinhos.

Não são nada propensos ao furto como os *Guanás*.

A lingua d'elles é rapida. Quando estão dois a conversar, nada se ouve senão monosyllabos ou palavras curtas que succedem de um a outro alternadas e breves. O *sim* é uma forte inspiração seguida de um som guttural.

Depois de uma parada de mais de hora em Dourados e findo o jantar, recomeçámos a viagem. De ambos os lados viamos as montanhas que desde o Taquary acompanham as margens do rio. O declive de 40 a 45 gráos chega até ao grande caudal, cujas aguas ahi correm menos espraiadas, fundas e mais correntosas.

Seguiam-nos sempre os *Guatós*, augmentando em numero, pois á medida que abicavamos ás choupanas, os

moradores vinham logo se juntar aos companheiros que já ião comnosco. Assim até ao pouso. O Sr. consul mandou-lhes dar comida : o que fazia de certo com que nos não deixassem.

No dia 27 de Dezembro, chegámos cedo á boca do S. Lourenço e ahi falhámos um dia. Nosso acampamento ficava entre o dos *Guatós* á esquerda e o dos *Guanás* que nos acompanhavam desde Albuquerque; aquelles em numero de mais de 30, entre os quaes uma multidão de mulheres e crianças. Ambas as tribus haviam feito uns como ranchos com folhas de palmeiras, esteiras e pelles ; entretanto, quando cahiu a chuva que desde manhã ameaçára, vieram nos pedir abrigo, acolhendo-se ás nossas barracas.

Desde esse dia até 1 de Janeiro de 1827, fomos vendo palhóças de *Guatós*. O S. Lourenço estava cheio e portanto muito correntoso. Subiamos com lentidão desanimadora. Boa viagem era aquella em que se venciam duas leguas no fim de um dia inteiro de incessante fadiga.

1° de Janeiro. Deixaram os *Guatós* de nos seguir. De manhã vimos a chóça de um d'elles, muito conhecido e estimado dos camaradas que já tinham viajado por estas paragens : chamava-se Joaquim Corrêa e negociára muito com os brasileiros, cuja lingua fallava melhor do que o resto de sua gente.

Eis a historia de um *Guató* e de sua familia que tiveram destino lamentavel, acabando miseravelmente ás mãos de uns *Guanás*. O caracter de ambas as tribus resaltará do facto que vou contar.

Fatigados de navegação tão lenta e penosa como o subir o S. Lourenço n'essa estação de aguas, viamo-nos, segundo dissemos, assaltados por nuvens de mosquitos que nos occasionavam crueis afflicções. Tal era a quantidade d'esses temiveis insectos que o ar se escurecia ; ennegreciam

os lugares em que pousavam ; voavam em torno de nós, pisando-nos desapiedadamente.

A vista, um dia, de uma choupana de *Guatós*, situada n'um bonito local que por isto tem o nome de *Alegre*, dissipou por instantes nossa tristeza e deu alguma animação aos remadores. Desembarcámos e deparámos com uma familia feliz. O marido voltava da caça e trouxéra um jacaré : a mulher era moça e de physionomia agradavel : dois filhinhos, o mais velho com menos de quatro annos, mereciam-lhes os mais ternos cuidados. Essa boa gente tinha bananas, raizes de cará e mandioca, uma canôa, arcos, flechas, esteiras, cestos, panellas, dois mosquiteiros e matapás. Um cão guardava a casa.

O Sr. consul propôz ao *Guató* irem juntos até Cuyabá e n'um apice a familia, accedendo ao convite, embarcou-se, não deixando em terra senão a palhóça. Tudo coube na canôinha que não tinha mais de 18 pollegadas de largo sobre 14 a 15 pés de comprido. Como todos os de sua tribu, era este habil em caçar e pescar, de modo que trouxe-nos a mesa sempre farta de aves e peixes.

Quinze dias depois de nossa chegada á capital, o Sr. consul despediu-os, presenteando-os com facas, machados, anzóes e outros objectos de grande estimação entre aquella gente. Estas dadivas, porém, lhes foram funestas. Excitaram a cobiça de dois *Guanás* que moravam no porto de Cuyabá e que, depois da partida, seguindo-os n'uma canôinha, foram atacal-os á falsa fé e os mataram a todos, homem, mulher e criancinhas, atirando os cadaveres á agua para que as piranhas os devorassem.

Depois de tão negra acção retiraram-se os assassinos para seu aldêamento, sito á margem do Paraguay 15 ou 20 leguas ao norte de Nova Coimbra, e, crendo-se em segurança entre os seus, não suppuzeram de necessidade calar o que ha-

viam feito. Chegou a noticia aos ouvidos do tenente-coronel Jeronymo, commandante então da fronteira do Paraguay e da expedição contra os *Guaycurús*, e elle deu-se pressa em mandar prender os criminosos, remettendo-os em ferros para Cuyabá. Como na expedição de Jeronymo achavam-se alguns *Guatós* que tinham espontaneamente offerecido os seus serviços, reclamaram estes os *Guanás* para leval-os e tomarem por suas mãos desaggravo : o commandante, porém, não consentiu em tal, affiançando-lhes que o capitão-mór de Cuyabá os mandaria suppliciar.

Com esta resposta não se deram elles por satisfeitos e, retirando-se incontinenti da expedição, foram logo espalhar entre a sua gente a noticia do assassinato d'aquella infeliz familia e da proxima passagem dos matadores, levados por brasileiros. Levantou-se toda a tribu; plantou seus arcos e flechas ao longo do rio e foi esperar a canôa, que não tardou a navegar n'aquellas aguas. Intimaram então ao commandante que não furtasse os homicidas á legitima vingança, ameaçando, em caso de recusa, arrebatal-os á força e tornarem-se inimigos dos brasileiros. Esse commandante, que não passava de sargento, não tendo talvez armas sufficientes e vendo a inferioridade de suas forças contraposta á firmeza e resolução dos *Guatós*, entregou os dois miseraveis que, apezar de se prostrarem de joelhos pedindo misericordia, foram n'um instante feitos em postas. Cortaram as cabeças e as fincaram á beira do rio em páos com pedaços de pelle, expostas ás vistas dos *Guanás*, cujo caminho para Cuyabá é este de S. Lourenço, a menos que não queiram dar uma grande volta por Villa Maria. D'ahi a poucos dias passaram com effeito alguns *Guanás* que nada sabiam do facto ; os *Guatós*, porém, lhes asseguraram que, satisfeita a sêde de sangue, nada mais havia a temer d'elles. Em seguida levaram as correntes de ferro ao tenente-coronel

Jeronymo, dizendo-lhe: « Eis o que vos pertence. *Guató* não é ladrão. *Guaná* tinha matado *Guató*: *Guató* mata *Guaná*. »

Continuemos, porém, o diario. Estavamos a 3 de Janeiro de 1827.

Impossivel me fôra exprimir o soffrimento que diariamente nos causam os enxames de mosquitos. E' praga capaz de trazer o abandono de uma região inteira por quem não tenha a constancia do selvagem. Em tal quantidade nos cercavam, tão teimosos se precipitavam sobre nós para sugar-nos, que o ar em derredor parecia escuro. Quando comiamos, ficavam os pratos inçados, o molho cheio d'elles; entravam-nos pela boca. Debalde dos pés á cabeça vestiamos roupas grossas; debalde calçavamos botas e luvas. Através das vestes e pela costura das botas, por pouco que tivessem uso, ferravam-nos, tremendas picadas mettendo-se pelas calças a dentro. E' horrivel! Para garantir um tanto mais o corpo, era preciso por cima de toda a roupa embrulhar-se n'uma grande colcha ou manta, o que produzia calor intoleravel; como meio de defender o rosto, só havia, desde o alvorecer até ao cahir da tarde, agitar um leque ou um abano.

Minhas luvas tinham furos. Nos pontos descobertos, a pelle já estava tão insensivel ás mordeduras que por vezes matei alguns d'aquelles infernaes insectos, cheios de sangue a mais não poder. O mesmo acontecia no rosto, quando cansava de me abanar. O interior das barracas ficava todo negro, tal a quantidade dos que pousavam: negras as bordas das canôas e qualquer ponto em que, por algum tempo, podessem se ter quietos.

A camisa, a calça que vestiamos n'um momento se tingiam de nodoazinhas de sangue, pois o menor movimento matava uma grande porção que de pesados não podiam mais voar.

Os infelizes remadores, mais pacientes e soffredores que nós, sentiam ainda maiores torturas, não só por estarem menos bem cobertos, como pela obrigação do trabalho. Para se livrarem d'esse flagello, queimavam á prôa das canôas uma especie de terra chamada *copim*, cuja fumaça espessa, se enxotava os mosquitos, para nós tornava-se novo mal, ameaçando asphyxiar-nos.

A' hora do almoço, alguns camaradas, que tinham ido adiante, deram-nos parte de que descia uma monção. Vimos, com effeito, apparecer uma canôa de bandeira imperial á pôpa, carregada de munições e de soldados, logo após outra e mais 12. Era a expedição do tenente-coronel Jeronymo, o qual parou um quarto de hora para trocar algumas palavras comnosco.

No dia 4 de Janeiro, entrámos no rio Cuyabá, deixando o S. Lourenço á direita. Já então abrandára a praga dos mosquitos. Que allivio! A 8, chegámos a um lugar chamado Bananal, pela grande quantidade de pés de bananas que ahi se acham. Nos primeiros tempos das explorações dos paulistas, um d'esses intrepidos descobridores de ouro quiz attender para o bem dos viajantes e fundar até um estabelecimento de agricultura. João Lemos, assim se chamava elle, ahi se fixou: construiu uma casa n'um alto, que para fugir das inundações, teve que aterrar, plantou bananeiras, laranjeiras e mamoeiros; mas depois, por motivos especiaes que não souberam nos contar, abandonou o muito que já estava feito.

Não achámos mais que o ponto aterrado, algumas telhas quebradas, pés de mamão e uma floresta de bananeiras que tinha se alargado n'uma área consideravel.

Nossa gente, apenas abicámos, saltou em terra, sofrega de dar busca ao bananal e colher os cachos d'aquella saborosa fructa; infelizmente passaram pela decepção de não

encontrar senão os restos que a expedição de Jeronymo havia deixado. Assim mesmo apanharam quanto cacho verde poderam descobrir para comerem as bananas assadas, ou então esperar que amadureçam. Encheram canôas com esse precioso achado.

Não me lembro de nada digno de nota até ao dia 17, em que o Sr. consul despachou uma canôinha para ir buscar nos primeiros moradores os mantimentos que já nos iam faltando.

No dia seguinte, chegámos de manhã cedo a um lugar onde, no tempo das cheias, os navegantes que sóbem deixam o leito do rio e tomam á direita pelos campos inundados afim de aproveitarem as aguas estagnadas. Vendo que o rio tinha já bastante volume, fez o guia parar as canôas e, procedendo a um reconhecimento, foi saber se havia passagem.

No meio de grande impaciencia, ficámos a esperal-o, desejosos de acabar tão penosa navegação e de atravessar em linha recta e em 24 horas distancias que pelo rio consomem quatro e mais dias.

Afinal voltou o homem e deu logo ordens para que entrassemos nos campos. Em poucos instantes tambem deixámos de vêr o rio e suas margens. As canôas, empurradas por zingas e tocadas a remos, corriam com velocidade de um barco que deita tres milhas por hora, em agua de pouca profundidade, d'onde cresciam gramineas de dois a tres pés de altura. Dir-se-ia que viajavamos em terreno enxuto: a cada momento roçavamos por grandes arvores ou furavamos matagaes.

Por volta das 2 horas da tarde, abicámos n'um pouso humido, lamacento, especie de cabeço isolado, onde jantámos. Era local cheio de arvores altanadas, cujo tronco liso e direito sustenta copada folhagem.

Até ao anoitecer navegámos do mesmo modo, mas quando tratou-se de voltar ao álveo do Paraguay, surgiram não pequenas difficuldades que por algum tempo fizeram-nos receiar ter que voltarmos ao ponto d'onde haviamos de manhã sahido. Em busca de agua um tanto mais funda, iamos para diante e para traz, a sondar a todo instante. Por fim varámos pelo matto e, derrubando arvores e cortando galhos, entrámos, depois de muita canseira, no rio. Só então cessaram nossos receios.

Era um ramo do Paraguay chamado *Braço do Guacurituba*: ahi nos esperava pessimo pouso, tão encharcado que impossivel foi accendermos fogo.

No dia 20, trouxe-nos a canôinha viveres frescos. Dois dias depois alcançámos a casa de um homem chamado Lourencinho, primeira habitação annunciadora da proximidade de Cuyabá. Não ha sete annos, era local deserto.

Aquelle homem industrioso alli se estabeleceu com tres escravos; trabalhou muito, chegou a levantar uma casa, plantou, colheu bastante mantimento, fez uma moenda de canna, chamou para junto de si a numerosa parentela e muitos pobres e para todos elles preparou elementos de abundancia e felicidade. Hoje ha uma igreja e mais de 100 habitantes.

Dia 25 de Janeiro. Lourencinho deu-nos um guia para furarmos caminho pelos campos. Tomando, pois, á esquerda, viajámos o dia inteiro, parando só para jantarmos n'um lugar sêcco e pedregoso, onde matou-se uma jaguatirica. A' tardezinha, depois de muito trabalho para transpôr um lugar onde havia falta d'agua, chegámos a um canal fundo, cujas aguas tinham tal ou qual correnteza, entre margens de quasi dois pés de altura e cobertas de basta vegetação. N'uma d'ellas passámos a noite, em extremo incommodados por formigas.

No dia seguinte, subimos contra corrente um quarto de legua, notando a cada passo nas bordas as muitas quédas d'agua que são outros tantos escoadouros ás inundações dos campos. Quanto mais nos adiantavamos,mais se estreitava o canal até um ponto emfim onde esbarrámos n'uma bacia em que cahia de dois a tres pés de altura a agua da chapada superior. Era uma cachoeira que parecia dar nascimento ao canal.

Ninguem na nossa tripolação tinha conhecimento d'esse obstaculo. Tornou-se, pois, necessario descarregar as canôas afim de arrastal-as n'uma distancia de perto de 100 passos até que achassem fundo, levando os remadores ás costas a bagagem e cargas com agua pelo joelho. Depois de Beliago, de certo não contavamos com semelhante trabalho.

Foi por diante nossa singular viagem, não sem muita fadiga, porque lugares havia com menos de pé e meio d'agua. Felizmente ião as canôas com diminuta carga, estando já os mantimentos quasi esgotados. O terreno, bem que vasta planicie, offerecia trechos d'aquella natureza ou então lagos tão fundos, que a zinga não podia alcançar o chão.

A' tarde recomeçaram com mais vigor os esforços. Estavamos perto do rio e suspiravamos por alcançal-o antes da noite; tudo, porém, nos era contrario, pouca agua e *cerrado* espesso; tambem a muito custo é que conseguimos cahir no sangradouro (canal de communicação), derrubando a todo instante arvores e galhos que se oppunham ao nosso transito.

Esse sangradouro era quasi tão estreito como as canôas; nem sequer tinha um pé d'agua, mas as margens elevam-se a tres ou quatro pés de altura, em alguns pontos até a mais de 10. Ahi nos sorprehendeu a noite e não sahimos

dos barcos, não só porque o terreno em torno era muito sujo de matto, como tambem cheio de coqueirozinhos espinhentos chamados *tucuns* e de *novatos*.

Vem a pello fallar aqui n'esta arvore que entre os paulistas é conhecida por *páo de novatos* e em Cuyabá por *formigueiro*, arvore em que habitualmente vivem formigas ruivas, cuja dentada causa intensissima dôr por espaço de dois a tres minutos. Basta que simplesmente rocem a pelle e incontinente ferram os dentes, convindo, pois, caminhar com cautela nos mattos em que abundem taes arvores. Se por acaso o viajante desprevenido agarra um de seus ramos ou encosta-se ao tronco, dôres agudas trazem-lhe immediato arrependimento.

O nome que tem provém de que os incautos não pôem duvida em buscar sua sombra e até n'ella armar as rêdes. O ensino, porém, é prompto, e não tarda que os gritos dos noviços provoquem boas gargalhadas aos que já são sabidos.

Suas folhas pendentes e grandes tem ás vezes um pé de comprimento e quatro a cinco pollegadas de largura, maiores nos individuos novos. Eleva-se mais do que esgalha. Comecei a vêl-a no S. Lourenço; d'ahi por diante a mattaria das margens está cheia.

Ao raiar do dia 27 de Janeiro, descarregaram-se as canôas. Foram depois arrastadas pelo sangradouro afóra com custo, porque, como acima referi, o canal, além de muito estreito, fazia voltas tão rapidas que tornava quasi impossivel mover os barcos afundados mais no lôdo que n'agua. Em alguns lugares houve até que cortar á enxada a margem para abrir espaço.

Afinal, ao meio-dia, toda a monção cahiu no rio. Recomeçando a subir, chegámos já com noite á casa do capitão Bento Pires. O gasalhado sympathico que nos espe-

rava deu-nos os gozos da vida civilisada, partilha de quem assisada e prudentemente sabe fruir existencia tranquilla e sedentaria.

No dia 28, em cada volta do rio avistavamos habitações e sitios que nos embellezavam os olhos.

Tudo nos indicava, cada vez mais, a approximação da cidade. Na tarde de 29, os Srs. Riedel e Taunay vieram n'uma canôa ao nosso encontro, trazendo-nos melões e melancias. Estavam accommodados no palacio do presidente da provincia, que mandára preparar tambem aposentos para nós.

Emfim a 30 de Janeiro de 1827, attingimos o porto tão desejado de Cuyabá. Aproámos ao troar das salvas de mosquetaria que partiam de entre os nossos e eram correspondidas de terra. O guarda da alfandega levou-nos para o seu escriptorio, emquanto esperavamos os animaes que deviam nos levar até á cidade, distante um quarto de legua.

Os Srs. Riedel e Taunay tiveram a bondade de mandal-os com promptidão, avisando que viriam nos receber. Com effeito não tardaram a chegar em companhia de varias pessoas da localidade e de um negociante italiano chamado Angelini.

Fomos immediatamente ter com o presidente e d'elle tivemos o mais cortez e amavel tratamento durante os oito ou dez dias que nos reteve em seu palacio como hospedes.

Descripção de Cuyabá. Usos e costumes de seus habitantes

DIGRESSÕES Á VILLA DE GUIMARÃES E VILLA MARIA. PARTIDA PARA A VILLA DE DIAMANTINO

A cidade de Cuyabá é cercada de collinas que com excepção da parte occidental limitam-lhe o horizonte. O plano em que assenta é inclinado até á base dos outeiros do lado meridional, onde corre um riacho chamado Prainha que em direcção quasi recta vai para O. e, separando a cidade de um de seus arrabaldes, atravessa uma planicie de quarto de legua, com curso parallelo ao caminho do porto, até cahir no rio Cuyabá. No tempo sêcco fica todo cortado e chega a desapparecer.

As ruas que de E. vão para O. tem pequeno declive de subida e descida, mas as que lhe são perpendiculares, de S. a N., o têm mais sensivel, bem que em geral suave. Ao sahir da cidade para o lado N., eleva-se o terreno ainda por espaço de 300 a 400 passos, formando um campo chamado da Boa Morte, por ahi existir uma igreja d'esse nome.

A cidade póde ter meio quarto de legua de poente a nascente e dois terços d'essa distancia de N. a S. Não ha senão 18 ou 20 casas de sobrado, esse mesmo pequeno: todas as mais são terreas. Cada casa tem nos fundos um jardim plantado de larangeiras, limoeiros, goiabeiras, cajueiros e tamarindeiros, arvore cuja folhagem densa e escura fórma no meio das outras agradavel contraste, concorrendo todas ellas para darem á povoação aspecto risonho e pitoresco.

Rebocam-se por fóra as habitações com tabatinga, que lhes dá extrema alvura; entretanto muitas ha, principalmente nos arredores, que conservam a côr sombria da taipa de que são feitas, bem como todos os muros e cercados.

Não ha uma só casa que tenha chaminé: a cozinha faz-se no jardim debaixo de um telheiro.

O edificio em que estão o presidente e a intendencia chama-se palacio: é terreo; as janellas, unicas na cidade, têm caixilhos com vidros.

Ha uma cadêa, em cujo sobrado trabalha a camara municipal; um quartel para a tropa, uma casa de moeda e quatro igrejas: a de Bom Jesus que é a cathedral, sem nada exteriormente que a recommende, a de Nossa Senhora do Bom Despacho, a de Nosso Senhor dos Passos, e a da Boa Morte, além de uma capella consagrada á Nossa Senhora do Rosario.

Outra capella fica no hospital da Misericordia, edificio não concluido e onde mora o bispo. Para os morpheticos ha uma casa, situada á meia legua S. da cidade. A meio quarto E. vê-se perto do porto uma grande construcção que havia sido começada para quartel. Por emquanto não é senão um corpo de guarda.

Na casa da moeda bate-se sómente o cobre que é mandado do Rio de Janeiro e ao qual dá-se valor duplo do que tem no resto do Imperio. Ha tambem uma fundição para pôr em barras o ouro.

O unico passeio que tem a cidade é o caminho de meio quarto de legua de extensão que vai ter ao porto. Ahi só se vêm 15 ou 20 casas, algumas canôas, *Guanás*, *Caburés*; negros e mulatos.

Quando chove, as crianças entretêm-se em procurar ouro no meio das ruas, porque os regos d'agua que se for-

mam descobrem sempre algumas palhetas. Por toda a parte anda-se aqui por cima d'elle; nas ruas, nas casas que não são ladrilhadas, nos jardins, não ha pollegada de terra que deixe de o conter. O pescador na sua choupana pisa o precioso metal ; metade de um dia, porém, de trabalho em buscar arrancal o do sólo lhe traz menos vantagem que a pesca de um unico pacú. E' comtudo o objecto de extracção que os habitantes conseguem. Os diamantes se acham no Quilombo, distante 14 leguas e d'ahi a 30 no districto Diamantino. Estes dois artigos, ouro e diamantes, constituem a riqueza da provincia ; nada mais se exporta a não ser diminuta porção de assucar e de tecidos de algodão, com destino ao Pará.

Não tratam da agricultura nem da criação de animaes senão para acudir ás necessidades da alimentação. Por toda a parte cercados de desertos, dos quaes o menos vasto tem 100 leguas de largo, não poderiam os cultivadores exportar o sobresalente de suas colheitas ou os resultados de sua industria sem gastos que elevariam o preço dos productos de modo a não supportarem a mais ligeira concurrencia.

As producções do paiz são a canna, da qual se extrahe o melhor assucar do Imperio : o fumo que é excellente ; o algodão, o café, feijão, milho, mandioca e tamarindo que ahi se acha mais abundante que em qualquer outra parte e do qual se faz uma massa para exportação.

Limita-se a industria á exploração de minas e ao fabrico de peças de algodão grosso de que se veste a gente pobre. Faz-se aguardente de canna de superior qualidade. E' a principal bebida do paiz, bem que esteja tambem em uso o vinho, cuja procura é limitada em razão do alto preço. Cada garrafa custa com effeito de 1$200 a 1$800, o que faz com que sejão motivos de luxo e ostentação franqueal-as

aos convivas por occasião de festas de casamento ou baptizados.

Assisti ás bodas de um homem apatacado, nas quaes se beberam 200 garrafas de vinho, o que representa uma despeza de mais de 200$ (1.250 francos). Quasi igual quantidade consumiu se n'um baptizado. Os casos de embriaguez não são raros.

Cria-se muito gado vaccum que por toda a parte encontra excellentes pastos; tambem a carne de vacca em Cuyabá é succulenta: ha muitos porcos cuja banha serve para o preparo da comida; gallinhas em abundancia e tão baratas que por 400 réis (50 soldos) póde-se as ter á mesa do almoço, jantar e cêa: carneiros e cabras, estes em menor quantidade, etc.

Não ha falta de cavallos; a qualidade, porém, é inferior. Parte d'elles vem dos *Guaycurús*. As bestas são mandadas de S. Paulo. Em viagem, é de uso servirem os bois mansos de animal de carga.

Não se acha ouro em porção que dê algum lucro, senão nos arredores da cidade, a algumas leguas de distancia. Se, porém, empregassem os meios de que usa a companhia ingleza em Minas Geraes, cavariam melhor a terra, deparando ainda thesouros immensos. Hoje o dia de trabalho de um preto não rende mais de 300 a 400 réis, salvo o caso de algum achado feliz.

Cuyabá deve sua fundação á grande quantidade de ouro que deu o terreno em que assenta, cujas excavações e buracos attestam hoje o quanto foi revolvido. Nos primeiros tempos dos descobrimentos dos paulistas encontraram-se *folhetas* que pesavam até uma arroba, unico incentivo que chamou uns sertanistas avidos de riquezas e os impelliu em solidões desconhecidas, levando tão sómente espingardas, polvora, bala e sal. Embarcaram em Porto

Feliz e seguiram a rêde de rios que lhes pôde proporcionar dilatadissima viagem. Chegados ao ponto onde hoje é Cuyabá, um caçador deparou com grandes pedaços de ouro no alto da collina em que se ergue presentemente a igreja de Nossa Senhora do Rosario. Parou então a caravana. Metteram as canôas no ribeirão Prainha, que n'esse tempo era navegavel e hoje não por terem sido desviadas as aguas, levaram quanto poderam do encantado thesouro e voltaram para S. Paulo, contando maravilhas.

Reuniram-se logo multidões de aventureiros que formaram novas expedições, ficando muitos d'elles no paiz novamente descoberto em companhia das mulheres indigenas que encontravam ou das que haviam levado comsigo. O numero foi crescendo e com elle apparecendo dissensões e luctas causadas pela avidez em tirar ouro. Então cuidaram de constituir uma especie de governo e para legalisal-o mandaram pedir chefe em S. Paulo. A colonia, debaixo do nome de Cuyabá, nome dos indios que ahi habitavam, fez rapidos progressos, augmentando continuadamente com a chegada de novas *bandeiras*, que, não se satisfazendo mais com o que encontravam, seguiram para diante e foram descobrir, a 100 leguas para O., Matto Grosso, d'onde provém a denominação de toda a provincia. Aquelles intrepidos sertanistas teriam sem duvida ido até ao oceano Pacifico, se os hespanhóes não occupassem as costas. Suas ousadas explorações chegaram com effeito a dar cuidados á côrte de Madrid que se queixou á de Lisboa, mandando reclamações a tal respeito.

O modo de extrahir ouro é o seguinte: fazem-se grandes excavações e transporta-se a terra, á medida que se a vai tirando, para uma area preparada á beira de um rio, corrego ou lagôa em parallelogramo de terra batida e conseguintêmente dura, cujos lados são fechados por taboas,

excepto o que encosta á agua. O plano é inclinado e o todo se chama um *canôa*. Deposita-se a terra que se quer lavar na parte superior e sobre ella lança o trabalhador de continuo agua para que facilmente corra a porção que fôr mais destacada e leve. Em seguida, depois de repetida esta operação, põe elle certa quantidade na beira de uma especie de alguidar de páo chamado *batêa* e com um pouco d'agua imprime ao todo um movimento circular, de modo que de cada vez o monte de terra seja lambido pela agua. Se houver ouro, as menores particulas depositam-se logo no fundo.

COSTUMES DOS HABITANTES DE CUYABÁ

Descrever os costumes geraes da população de Cuyabá, é de certo descrever os de todo o brasileiro; entretanto aqui varias circumstancias locaes concorreram para dar habitos peculiares á terra, imprimindo-lhes cunho caracteristico e, bem que pernicioso, de certo modo original.

A população não passa de 6.000 habitantes, a de toda a provincia de 30.000, sem contar os indios mansos e muito menos os bravios. Entretanto pelo conhecimento mais ou menos exacto dos aldêamentos de uns e hordas dos outros, creio que seu numero não chegará a 6 ou 7 mil almas, de modo que n'uma zona muito maior que toda a França não ha mais de 37.000 habitantes.

Tão pouca população provém de que não ha 125 annos que Cuyabá foi descoberto e todos quantos procuraram estas terras attrahidos só pela posse do ouro, uma vez conseguido esse fim, trataram de se ir embora para gozarem das riquezas ganhas em paiz mais civilisado. Os que se deixavam ficar, ricos em pouco tempo e no meio de solidões,

só cuidaram em satisfazer os sentidos. Entregaram-se a grosseiros prazeres e viveram com amasias, não se lhes dando de formar familias e educar os filhos, quando os tinham, nos sãos principios da religião e da moral.

As mesmas causas ainda hoje persistem em Cuyabá, bem que se manifeste salutar tendencia para a modificação. Os casamentos ainda são pouco frequentes. Geralmente só se casam os homens já maduros que buscam uma companheira para os tempos da velhice. Os mais vivem amancebados e nem se limitam a isso, entretendo intrigas amorosas com pessoas casadas e solteiras.

As mulheres de classe média e sobretudo inferior, são muito livres nas suas conversas, modos e costumes. Além do continuo exemplo da licença geral e quasi desculpada, recebem pernicioso influxo do contacto dos escravos, negros e negras, cujas paixões violentas não vêm pêas á sua expansão.

A fidelidade conjugal é, muitas vezes, falseada. Apezar de temerem os maridos e consideral-os como amos e senhores, sabem perfeitamente enganal-os.

Não faz muito que ellas começam a apparecer á mesa de jantar ao lado dos parentes e maridos. Entretanto em todas as casas do sertão, onde recebi hospitalidade, nenhuma d'ellas se apresentou, ficando sempre no fundo dos aposentos, a menos que não seja a pessoa já muito familiar.

Conheci, comtudo, uma senhora muito bem fallante, civilisada e espirituosa. Tres outras nas mesmas condições tinham, porém, já sua idade e, apezar do muito que haviam dado que fallar em sua mocidade, passavam por uns typos de virtude.

As moças filhas de pais pobres nem sequer pensam em casamento. Não lhes passa pela cabeça a possibilidade de arranjarem um marido sem o engodo do dote e, como

ignoram os meios de uma mulher poder viver de trabalho honesto e perseverante, são facilmente arrastadas á vida licenciosa, na qual, justiça se lhes faça, apezar de pertencerem a todos, nunca mostram a ganancia e as baixezas das mulheres publicas da Europa.

Quem exercita em Cuyabá officios e artes são quasi todos mulatos. Conheci um padre de côr parda, muito eloquente no pulpito e na conversação; outro, quasi negro, era um d'esses raros talentos modestos, cuja ambição unica é instruir-se.

O clima da cidade é muito quente: sua latitude 15° 36' S.

O rio é farto de pescado, sobretudo de Junho até fins de Dezembro. Então é o alimento principal do povo. Pesca-se muito *pacú*, *dourado*, *piracanjúras*, *pidus*, *piracachidras*, *giripócas*, *palmitos*, *cabeçudos*, *corimbatás*, *peixe-rei*, etc. Apanha-se tanto que os bois, cavallos e pretos ou *Guanás* vão curvados ao seu peso vendêl-os pela cidade.

De todos o é *pacú* o mais gordo e mais abundante, bem que não seja o mais delicado; sabe, comtudo, bem ao paladar e a quantidade é tal que fornece o combustivel com que se illuminam todas as casas. Acontece até que os pescadores atiram fóra grandes montes, quando não querem nem mesmo dar-se ao trabalho de extrahirem o azeite.

DIGRESSÃO A' VILLA DE GUIMARÃES (1) E ÁS LAVRAS DE DIAMANTES DO QUILOMBO

De Cuyabá partimos no dia 28 de Abril de 1827 e, trans-

(1) Creada em 1751 pelo conde de Azambuja e erecta em villa em 1817 é hoje conhecida por villa de Sant'Anna da Chapada.
N. do T.

pondo, á duas leguas E., o riozinho *Coxipó-guaçú*, fomos pousar, uma legua adiante, n'um morador d'aquelles lugares.

No dia seguinte, atravessámos um paiz chato até á base da serra da *Chapada*, que fica a sete leguas E. da cidade e começámos a vencer uma subida ingreme, de máo caminho, cheio de matacões e pedras sôltas e com muitos zig-zags. Cinco vezes passámos um corrego encachoeirado que faz muitas voltas na fralda da montanha e, ao approximarmo-nos da chapada que a corôa, ouvimos o ruido da quéda que elle dá n'uma garganta, quéda de uns 50 pés de altura, mas occulta pela densa vegetação que cobre as dobras de toda a serra. No alto a perspectiva é magnifica. O Cuyabá serpêa ao longe e foge para S. Não se distingue a cidade senão por uns pontozinhos brancos, e além o paiz se estende para O. a perder de vista. Ao N. é a continuação da serra, d'onde sahem ramificações que morrem na planicie. Ao S. ficam os *Pantanos Geraes*, onde haviamos navegado, e bem junto de nós, á esquerda, altêa-se sobranceiro o *Morro de S. Jeronymo*, dominando a chapada, a serra e toda aquella região n'umas 100 leguas em torno.

Esse morro, escalvado por todos os lados e de 300 pés de altura acima do plató, tem no cume um planalto de 200 braças de comprido sobre 100 de largo. Do ponto a que chegámos, a vista se alonga tambem para E. pela chapada, cuja elevação acima da planicie de Cuyabá é de 1.400 pés e toda cortada de valles e collinas.

Pela grande variedade das paizagens, muito teria aqui um pintor em que exercitar o seu talento; ao geologo tambem não faltaria assumpto de interessantes indagações, pois nas fórmas abruptas do S. Jeronymo e nas camadas das montanhas estão sem duvida impressos os vestigios das revoluções que se estenderam por todo o centro da America.

Este panorama, porém, não é para o espirito maravilhado senão uma preparação para outro mais extraordinario que um quarto de legua além espera o viajante. Sei que não passo de um escrevinhador sem letras, cujos escriptos não hão de vêr a luz da publicidade (2), mas se a natureza tudo me negou, porque concedeu-me o dom de sentir com tanta força?

Apenas déramos algumas voltas na chapada e já não viamos nem a planicie de Cuyabá, nem o morro de S. Jeronymo que ficára occulto por umas collinas á direita, mas eis que ao longe, corôando verdejante eminencia tambem á direita, erguem-se rochas de fórmas extraordinarias e mais longe ainda massiços azulados enchem o horizonte, como se fôra o velame de numerosa esquadra.

Approximando-nos d'essa eminencia, vimos pouco e pouco surgirem sete enormes penedos de 50 pés de altura, isolados e esparsos na collina e na planicie, mais estreitos embaixo do que em cima e sahindo, não se sabe por que força da natureza, de um terreno falto de pedras e coberto de verdura, como se houvessem cahido do céo e, pela violencia da quéda, fincado a base pela terra a dentro. Dois d'elles, mais culminantes, representam como que tres tumulos, dois dos quaes juntos, ou então tres enormes edificios, como aquellas torres antigas que na Italia passaram com o correr dos tempos por transformações que lhes tiraram a fórma primitiva.

Terceira rocha sahe da terra, empina-se a prumo como um fragmento de muralha, tres vezes mais alta do que larga e com seis metros de espessura. E' formada de cama-

(2) As descripções que seguem são um protesto vivo contra este rasgo de excessiva modestia. Cabe-me a felicidade e grande de ter talvez impedido a realização d'aquelle prognostico.

N. do T.

das superpostas de parallelipipedos e cubos: a base quadrada é muito estreita; vai alargando até dois terços de altura total, estreitando-se novamente em stratus irregulares. De lado, parece um navio com todos os pannos fóra, visto da prôa ou pôpa.

Tres outros massiços mais informes, não são notaveis senão pela grandeza e idéa associada de enormes tumulos ou edificações feitas por mãos humanas, para o que muito concorrem as camadas horizontaes de que são todos elles constituidos.

O que, porém, de longe obriga mais a attenção é ainda um grande fragmento isolado de muralha, atravessado na estrada e aberto como se fôra um portico, tendo acima um furo circular, um pouco á direita, figurando de janella. Passámos por baixo da magestosa arcada, admirando a espessura e perpendicularismo d'essa rocha que, a modo de uma porta, ainda de pé, da arrasada Babylonia dá entrada a vasto recinto de ruinas.

Atravessa-se então uma planicie cheia de contrafortes circulares encostados aos montes, como se houvessem sido primeiro construidos para, com aterro de rochas e terra, sustentarem esplanadas artificiaes, onde arvores e relva produzem a impressão de jardins suspensos. Do meio d'esses contrafortes sahem umas especies de enormes pedestaes, circulares e emmoldurados, alguns até com restos de columnas. O caminho plano serpêa por entre essas magestosas massas que para nós se destacavam n'um céo toucado das suaves côres do crepusculo.

Nos montes e na planicie, por toda a parte, avistam-se grupos de pedras que, com os contrafortes, semelham os restos de uma cidade immensa, em que durante seculos imperára a mais nobre architectura. Fica a gente pasma ao achar-se de repente no meio de uma natureza que falla

linguagem desconhecida até então, pois onde só ha rochas julga-se vêr os destroços de soberbos monumentos levantados por uma raça de architectos gigantes.

Cahiu a noite; mas ao longe lobrigámos entre sombrios massiços a casa do proprietario d'esses lugares, o qual estava á nossa espera para offerecer-nos a franca hospitalidade brasileira.

Era o alferes de milicias Domingos Monteiro, commandante do districto; bom homem que não sabia senão seu poucochinho de agricultura, mas muito estimado de todos os vizinhos. A morada estava muito aquem do *confortavel*; entretanto a franqueza de quem a occupava tudo suppriu. Assistiu sua mulher á nossa refeição que compunha-se, como de costume, de seis a oito pratos, sem vinho, collocados sobre uma toalha de algodão grosseiro, alvissima, porém, e enfeitada com grandes rendados. A boa qualidade dos alimentos e nosso appetite deram sabor a tudo. Excellente marmelada e doces de diversas qualidades terminaram o jantar, ao qual succedeu o *benedicite* que de pé e com as mãos postas é rezado baixinho. Lamento sinceramente que este habito respeitavel e tão justificado tenha cahido em desuso.

De manhã muito cedo, tomei os meus lapis e album de desenhos e fui, desejoso de tirar umas vistas, percorrer a cavallo os lugares que tanta admiração me causáram na vespera. Por todos os lados não se enxergam senão tumulos, pedestaes, columnas partidas, escadarias, amphitheatros e urnas. Tres d'estas parecem feitas pela mão cuidadosa do homem. Uma, de 30 pés de alto e 20 de diametro, descansa n'uma base de seis pés collocada sobre pedestal de 40 pés que fórma o canto de um contraforte de mesma altura.

N'esse mesmo baluarte, duplo sócco formado por cor-

nijas circulares sustenta um resto de gigantesco fuste, e pontas de rochas horizontaes surgem do meio das arvores, suspensas como se fossem varandas e socalcos.

Por traz d'esse contraforte, em plano mais afastado, ha um massiço maior que a urna, mas tendo tambem base estreita e semelhando a prôa de uma galera antiga. Mais longe, outro baluarte, comprido e sustentando á esquerda uma grande rocha espherica e quatro penedos de pé como canudos de orgão, fecha uma das quatro vistas que tirei por me parecerem mais assombrosas e dignas de serem reproduzidas.

N'ella puz um grupo de indios *Guanás* que vinham trabalhar nas fazendas por 60 réis diarios. O trajo que mal lhes cobre a nudez do corpo e os cabellos compridos dão-lhes tal ou qual parecença com certas tribus que vivem perto de ruinas celebres no Oriente.

Voltando á esquerda do caminho no fundo da fazenda, apresenta-se um vasto grupo de rochas que deixa o olhar attonito de vêr tanta singularidade. Uma, porém, prende logo mais fortemente a attenção, ficando-se a principio em duvida se aquillo é simples capricho da natureza ou um magnifico arco de triumpho, erigido por altivo e grande conquistador. O bloco ergue-se isolado, cortado em angulos rectos, de 40 pés de altura e 25 de largo sobre 20 de espessura, ornado de frisos em distancias iguaes, rostros e entablamento.

A' esquerda, no primeiro plano, duas grandes rochas, separadas ao quarto da altura por estreita abertura, mas tendo uma base commum, mostram aspecto muito differente. Uma é formada de cornijas reintrantes embaixo, como um pulpito ou a pôpa de um navio de bateria circular: a outra, composta de camadas horizontaes de parallelipipedos verticaes e cubos salientes, como se fosse o resultado

do colossal crystallisação, apresenta no lado direito saliencias que se podem comparar com aquelles pequenos modilhões que nos altares sahem do plintho e recebem as imagens dos santos.

Atraz d'esses dois rochedos e do arco triumphal uma ultima decoração limita tão extraordinaria paizagem: é um bosquete que se vê de frente e d'onde sahem lanços de rochas, verdadeiras muralhas corôadas de vegetação, separados por viélas obliquas como bastidores de theatro e cheias de arbustos.

Depois de umas voltas que dei, apresentou-se ás minhas vistas quarta perspectiva não menos admiravel. No primeiro plano estende-se um terrapleno de relva, e do meio de uns fragmentos de camadas pedregosas ergue-se uma torre redonda de 35 pés de altura sobre 30 de diametro, tão regular em sua fórma que difficil será dar credito ás minhas palavras e lapis. Cinco faixas indicadas por linhas de cornijas a compôem : as tres primeiras, a partir da base, nada têm de extraordinario a não ser o arredondado bastante regular, mas a quarta parece uma architrave, cuja parte visivel é dividida em tres secções convexas corôadas por tres cornijas iguaes. Depois apparece acima um friso, que mostra identica divisão em tres arcos convexos. O que porém, mais admira é que cada um d'esses arcos por seu turno está cortado em tres reintrancias de fórma quadrada. Todo o friso produz a impressão de um friso que cahe em ruinas, no qual se distinguem ainda os vestigios de nove trygliphos e outras tantas methopas. Esse brinco da natureza, com a competente cornija por cima, corôa de modo estupendo aquella torre, mas não a termina, porque o todo é rematado por pontas de rochas irregulares.

A' direita, e como que para figurar ao lado d'essa ruina, levantam-se duas rochas, uma de 10 pés de altura semelhando um candelabro, a outra, de quatro , um vaso.

Esse primeiro plano é limitado á esquerda por um baluarte que parece ter uma guarita no angulo. Na base fica-lhe uma urna de seis pés de alto.

Immenso tumulo oval apparece por traz d'esse baluarte, em parte encoberto por arbustos.

Mais adiante abre-se um valle pouco fundo, cujo declive suave é semeado de arvores de entre as quaes sahe um obelisco que se vê no intervallo que separa o candelabro da torre, ao passo que entre esta e o tumulo apparece n'aquelle mesmo matto uma grande rocha cubica, supportada por base estreita e terminando um muro que se estende além. Emfim do meio do monticulo arborisado e mais distante surgem tres grandes pedras, collocadas umas sobre as outras e que sobrepujam em altura a todas as mais. Azuladas collinas formam ao longe o horizonte d'essa bella e singular paizagem.

Satisfeito por levar no meu album as quatro mais notaveis vistas d'esses sitios, tornei a tomar caminho da fazenda, onde achei o vigario da villa de Guimarães, distante umas tres leguas, o qual viéra nos visitar. E' um moço robusto de 26 a 28 annos de idade. O resto do dia passou-se em descanso e no gozo não só da sociedade que augmentára com a chegada do filho do governador militar da provincia, como da temperatura fresca e agradavel d'esses lugares elevados e da belleza dos horizontes.

No dia seguinte, havendo o Sr. Langsdorff determinado subir ao alto do S. Jeronymo afim de executar o que poucos têm emprehendido, partimos para essa excursão, o consul, Riedel e Rubzoff, o commandante, o vigario, o filho do governador e eu. Em caminho, contou-nos o commandante que n'uma occasião, de 25 pessoas que haviam tentado essa ascensão, só cinco chegaram ao pincaro e d'essas teriam duas na descida perigado, caso não houvessem se agarrado a uma corda.

Fizemos uma legua por paiz cortado de valles estreitos e fundos, onde ha arvores seculares, com cuja folhagem as samambaias arbustivas confundem suas rendadas palmas. A cada volta, a cada subida, apparece o S. Jeronymo como um gigante que vem se chegando.

Vencemos, por fim, uma ultima rampa e achámo-nos n'uma platafórma á base do monte. E' a crista de uma vertente abrupta de 1.400 pés que desce para a planicie de Cuyabá, a qual então viamos cercada do seu immenso horizonte e onde distinguiamos, como ante-hontem, as torres das igrejas da capital. Grandes pedras que faziamos rolar ião, aos saltos cada vez maiores, cahir na fralda da montanha.

O Sr. Rubzoff, apezar de ser official da marinha russa, não se atreveu a subir o S. Jeronymo: ou por prudencia, ou por querer com mais vagar aproveitar o tempo, declarou que, emquanto subissemos, ficaria a fazer observações astronomicas. Começámos então a ascensão, agarrando-nos ás plantas por um declive de 45° e n'uma altura de 60 pés. Chegados ao fim d'esse primeiro trecho, deparámos com uma grande fenda que separa um enorme bloco do flanco do S. Jeronymo. D'ahi a vista mergulha a prumo até embaixo. Então apresentam-se á direita rochas que têm de ser galgadas, umas após outras. Para os meus companheiros foi um instante; quanto a mim, mal me abracei com pés e mãos a um d'esses rochedos e vertigens seguidas me puzeram a cabeça ourada. Debalde tentei dois ou tres arrancos; todos os mais passaram e se somiram; eu alli fiquei, contristado de minha derrota.

Não tive remedio senão tornar a descer e ir fazer companhia ao Sr. Rubzoff. Enxergámos os outros senhores a caminharem mui socegadamente ao longo de uma esplanada de verdura, que é base da ultima barreira, mais diffi-

cil ainda de vencer. Desappareceram entre pedras e arvores; não os vimos trepar, mas d'ahi a pouco appareceram a passeiar na esplanada do S. Jeronymo.

Desceram uma hora depois e contaram-nos que tiveram que pular fendas e buracões agarrados a rochedos e arbustos, transpondo do mesmo modo grandes rochas destacadas. No ultimo trecho, achando-o por demais perigoso, mandaram adiante o *Gavião*, escravo do Sr. Langsdorff, para amarrar uma corda, por meio da qual içaram-se até ao cume.

Tomámos então rumo da fazenda e fomos ainda vêr uma gruta de 100 passos de diametro, formada na concavidade inferior de uma pedra isolada que fica no meio de um terreno descampado, no qual descansa como se estivesse solta. Limpido corrego, que provavelmente furou a entrada e sahida, a atravessa, dando accesso aos homens e féras, bem como entrada a tenues raios de luz que permittem devassal-a. Sem duvida foi outr'ora guarida de onças; hoje não é visitada senão por cabritos.

A' casa do commandante chegou o Sr. Angelini, negociante italiano, com quem travámos relações em Cuyabá e que esperavamos. E' um cavalheiro que enriqueceu no Rio de Janeiro e veiu a Matto Grosso negociar em diamantes, pedras finas e joias. Visitára Potosi, Chuquisaca e Cochabamba na Bolivia; estivéra com Bolivar e vivêra na intimidade d'esse herôe, acompanhando-o por vezes nas suas excursões pelo Perú. Angelini gozára da estima dos *Independentes*; tinha por costume, e bom costume, abrir a bolsa e fazer donativos patrioticos.

De resto era um d'esses homens generosos por natureza e que têm fé em sua estrella. Tratava-se á fidalga, tendo á mesa 10 e 12 pessoas: em viagem levava bonitos cavallos e um trem escolhido e de gosto.

Referiu-nos uma circumstancia de sua vida, contada por

elle mesmo, que prova que uma primeira culpa póde muitas vezes ser remida por existencia sempre honrada e respeitavel.

Tendo na sua mocidade commettido a falta de fugir da casa de seu pai, rico negociante de Trieste, e o que é peior, fugir roubando-lhe certa somma de dinheiro, pôz-se a passeiar pela Europa e a divertir-se emquanto tinha a bolsa cheia, mas quando viu-se sem recursos, tomou a resolução de embarcar para o Brasil afim de esconder a sua vergonha longe dos paizes em que tantas loucuras fizéra. Desembarcou no Rio de Janeiro com 700$. Comprando umas joias, começou a mascatear pelas ruas. Era então o bom tempo de D. João VI, bom pelo menos para os negociantes que vendiam por 100 francos uma vara de renda. Angelini, ladino e vivo como é, depressa ajuntou dinheiro, montou casa de joalheiro e, a frequentar a alta sociedade e a dar jantares de 4 a 5.000 francos a embaixadores e ministros, foi fazendo fortuna, apezar dos seus habitos de luxo. O gosto das grandes especulações o levára do Rio de Janeiro ás minas de ouro e diamantes de Matto Grosso e ás de prata do Potosi; entretanto asseverou-nos que estes paizes para o commercio não valem o Rio de Janeiro e que tal viagem, longe de lhe trazer vantagem, dava-lhe o prejuizo de cem mil francos.

Angelini vai para o Rio de Janeiro, d'onde tomará passagem para a Inglaterra: tem largos projectos sobre mineração de Cuyabá e Goyaz. Eu soube porém, mais tarde que, voltando da Europa, regressára com mineiros para Goyaz, e n'essa empreza soffrêra grandes perdas.

No dia 1 de Maio de 1827 partimos para a villa de Guimarães. Em caminho fomos visitar a fazenda do *Burity*, de canna de assucar e pertencente a uma velha chamada D. Antonia, a qual chegou ao mesmo tempo que nós,

vindo de Cuyabá. Viajava de um modo novo para nós, carregada por dois negros n'uma rêde suspensa a uma grossa tacuára de *Guativóca*. De muda iam outros dois pretos aos lados. Acocorada n'essa rede e a fumar n'um comprido cachimbo, vinha ella seguida de negras e mulatas, todas vestidas limpamente e carregando á cabeça cestos, trouxas e roupas, vasilhas de barro e outros objectos comprados ha pouco. O administrador, que era irmão d'ella, e o feitor adiantaram-se ao seu encontro, e os negros e negras que haviam ficado em casa se chegaram para dar o *louvado*.

Dar « *louvado* » é pôr as mãos juntas e pronunciar as seguintes palavras: « *Seja louvado Nosso Senhor Jesus Christo*», ao que responde o senhor: «*Para sempre seja louvado*» ou simplesmente « *Para sempre.*» E' o *bons dias* do escravo para o amo, do filho para o pai, do afilhado para o padrinho, do aprendiz para o mestre. Os pretos, que estropiam todos os vocabulos portuguezes, fizeram d'essa phrase uma corruptela que exprimem por esta barbara palavra « *Vasucris.* »

Em S. Paulo e Cuyabá dá-se *louvado* : no Rio de Janeiro pede-se a benção por este modo « *a benção ?*»

Tinhamos, porém, chegado ao Burity.

Dona e hospedes, puzemos pé em terra diante da casa e juntos entrámos n'uma vasta sala ao rez do chão que serve de sala de recepção e de jantar, além de cozinha. No fundo ficam o *engenho* ou moinho de moer canna e a grande *pipa* para recolher a aguardente de canna ; á esquerda as fôrmas para refinar o assucar bruto. D. Antonia tem sua rêde armada perto da porta de entrada, á direita : alli passa ella os dias a fumar e a dirigir o trabalho das pretas e mulatas. E' uma excepção á regra que occulta ás vistas dos estranhos as mulheres ; provavelmente é porque alli não havia moças brancas.

Foi-nos servido um bom jantar. Pelo simples facto de nossa visita á essa fazenda, entrámos na posse da hospitalidade e, despedindo-nos de D. Antonia e de seus irmãos como amigos velhos e promettendo voltar a vêl-os, tomámos o caminho de Guimarães, passando por paiz arenoso, accidentado, de pouca matta e muitos *cerrados*, onde os Srs. Langsdorff e Riedel acharam em grande quantidade a *fava de Santo Ignacio*, que têm excellentes propriedades medicinaes e conhecida sómente no sertão da Bahia.

O que se chama villa de Guimarães não passa de uma rua de miseras choupanas e de um largo em parte aberto em parte cercado de casinhas cobertas de sapé, com uma igreja no fundo. Entretanto como, no fim do XVIII seculo, tratou-se de transferir a séde do governo de Villa Bella, então capital, para Cuyabá, por causa da insalubridade d'aquelle local, elevou-se a *villa* de Cuyabá á cathegoria de *cidade*, condição essencial para ser capital e, afim de fazer-lhe um digno cortejo, deram-se as honras de *villa* a cinco ou seis aldeólas, *freguezias*, que não mereciam essa distincção e que, com excepção de Diamantino, nunca poderam prosperar. Eis como, mais de uma vez, é-se levado a mentir, mesmo nos mappas geographicos.

A acanhada igreja nada apresenta de notavel no exterior, internamente porém se bem já decadente, é, guardadas as proporções, a mais rica de toda a provincia em ornamentação architectonica e em baixos relevos dourados. Não se cuida de certo deparar com esses restos de riqueza n'uma decadente aldêa da provincia de Matto Grosso, onde as poucas igrejas que existem nenhum ornato têm e mais parecem pardieiros do que templos.

Guimarães e sua igreja devem a fundação aos jesuitas, sendo seus habitantes, em numero de 600 a 800, descendentes de indios aldêados e dirigidos por aquelles homens, emi-

nentes administradores, nos tempos em que fundaram, segundo conta-se, uma vasta republica no Paraguay, para ahi viverem como soberanos. Esse Estado devia comprehender, além do Paraguay que lhe havia de servir de centro, as provincias de Corrientes, e de Missões ao sul, ao O. o Chaco, e a N. O. Chiquitos. Estas provincias estão cheias de *missões*, que são aldêas de indios, fundadas por aquelles padres debaixo da invocação de algum santo e construidas n'um unico e mesmo plano. Cada missão, formada de indios catechisados, era cercada de um muro com uma porta para entrar e outra para sahir. Dentro ficavam o aldêamento com uma igreja, o convento dos padres, a prisão e as officinas de trabalho. Parte dos habitantes trabalhava durante o dia nos campos ; a outra activamente se occupava nos officios mais indispensaveis. De tarde fechavam-se as portas e ninguem mais sahia á noite. Cada aldêamento tinha uma banda de musica para as festas religiosas, e o tempo passava-se bem empregado e em preces ao Creador. Varios castigos corporaes e moraes eram infligidos aos indios, conforme a gravidade do delicto ; entretanto nunca iam além de 8 a 12 pancadas dadas com uma corda enroscada. Não tenho idéa se havia tambem regra certa para recompensar as boas acções. Algumas aldêas da provincia de Chiquitos conservam ainda hoje o muro levantado pelos seus antigos donos e directores.

Os indios de Guimarães vivem na miseria e quasi nada possuem de seu. Alguns se empregam em procurar ouro n'uma mina, distante quatro leguas, muito pobre, mas cujo ouro é superior ao de Cuyabá. Ha nas proximidades da villa brancos que têm alguma escravatura ; cultivam a canna, de que fazem assucar e aguardente ; colhem feijão e milho ; criam muitos porcos e vão vender tudo isso no mercado da capital.

O Sr. Taunay que tinha-se demorado em Cuyabá afim de acabar um retrato do Imperador, veiu-se reunir comnosco em Guimarães.

Depediu-se de nós o Sr. Angelini, que volta para o Rio de Janeiro. Tendo, a pedido do Sr. Langsdorff, tido a bondade de se encarregar de nossas collecções, leva boa porção de caixotes cheios de objectos de historia natural, diversos relatorios e manuscriptos, cartas nossas para o Rio e a Europa, e um masso de desenhos do Sr. Taunay e meus, tudo endereçado ao Sr. Kielchen, vice-consul da Russia, que deve dar destino ás cartas e fazer chegar o mais a S. Petersburgo.

Não foi sem saudades que vimos partir para tão longa viagem aquelle digno companheiro.

Durante a estada em Guimarães, sentimos algumas vezes frio bastante intenso, o qual aperta quando o vento vem do sul e o tempo torna-se encoberto. O nevoeiro é tão espesso então, que a 15 passos não se enxerga cousa alguma. Tudo fica humido: o ar, os moveis e a roupa dentro das canastras.

Crêr-se-ha facilmente que o frio na chapada é tão forte que tem acontecido matar gente como na Russia?

Um homem que conduzia seis ou sete escravos recem-chegados da Africa, meios nús e cobertos ainda da sarna que esses desgraçados apanham na viagem maritima, foi sorprehendido por um d'esses nevoeiros no seguir estrada que elle não conhecia bem. Perdeu-se e achou-se no meio dos campos, sem vêr nada diante de si e sem saber onde estava. Os negros passaram a noite tolhidos de frio e no dia seguinte estavam tão inanimados e tesos, que o negociante, suppondo-os mortos e não podendo mais comsigo, montou a cavallo e começou a vagar ao acaso. Andou todo o dia, indo e voltando sobre seus passos. A' tarde o tempo

clareou e foi o que o salvou, porque viu um *sitio* e lá chegou mais morto do que vivo e já sem falla. Desceram-no de cavallo, aqueceram-lhe os membros gelados, deram-lhe um caldo de gallinha, e pouco a pouco foi voltando a si. Havia dia e meio que nada comêra. Foram á procura dos negros e os encontraram sem vida no lugar onde o negociante os deixára.

Nas mattas das vizinhanças de Guimarães foi que vi pela primeira vez a palmeira chamada *pindova*, cujas folhas abrem-se n'um só plano como um leque. E' um bello typo da opulenta e magnifica familia das palmeiras.

Desconhecendo ainda a fórma achatada d'essa especie, fiquei,ao enxergar os primeiros individuos que se me apresentaram de perfil, sorpreso e confuso, sem poder dizer se eram ou não palmeiras, tanto mais quanto, se são elegantissimos vistos de frente, de perfil tornam-se informes. E' então uma flecha comprida, bem a prumo e que tem no tope um leque de folhas cahidas, como aquellas caudas de cavallo que os turcos levam á guerra, á guisa de estandartes. Não foi senão depois de rodear o tronco, que pude verificar o achatamento n'um dos sentidos.

Depois de nos demorarmos mez e meio em Guimarães, continuámos nossa digressão até ao Quilombo, rica lavra de diamantes, sita a 12 leguas N. E. d'ahi. Em caminho ha uma paizagem notavel. O terreno é uma planicie lisa como a superficie do mar tranquillo e coberta de *cerrados*, nos quaes abundam as *cannelas de ema*. A' nossa esquerda começa no chão um rasgão, cujo angulo de abertura é tão agudo que não lhe vimos o apice. Vai-se alargando até 400 passos de boca e 40 de profundidade. As beiras são de pedra e cortadas em angulo recto. A do lado opposto é uma linha rigorosamente horizontal, ao nivel do sólo, e estende-se um quarto de legua para a direita até á base da

serra, que fazendo ahi uma reintrancia, fica á pouca distancia de nós. O fundo d'esse rasgão ou desbarrancado, cheio de arvores cujo cimo só podiamos vêr, é em declive e vai prender-se á serra, tomando altura de 60 a 80 pés acima das beiradas até esconder-se por traz de uma quebrada do terreno em que estavamos.

Não longe da beirada opposta, um pouco á esquerda ha um amontoamento de rochas empinadas, como columnas de basalto.

No dia seguinte chegámos ao Quilombo. A vegetação se opulenta com o magnifico *uauaçú*, palmeira de stipite muito alto que ergue aos céos o altivo pendão, sem curvar as folhas para a terra. Vimos grupos, cujas arcadas em ogiva, formadas pelas palmas a se cruzarem, davam-lhe semelhança com construcções de architectura gothica. Essa bella monocotyledonea, cujo nome indigena significa—palmeira grande— ensombrando o sólo diamantino que pisavamos, augmenta pela nobre presença o maravilhoso d'esta região.

O terreno está cheio de seixos grandes e miudos: é a matriz ordinaria ou ganga em que se encontram os diamantes.

Estivemos uma hora parados perto de mineiros occupados em catar a preciosa gemma. Vêm-se muitas *canôas* ao longe de um filete d'agua. Dá-se o nome de *canôa* a um parallelogrammo de cinco pés de comprido sobre tres de largo, de terra batida, e junto a um corrego, riacho ou lagôa: tem a superficie em declive e os lados, com excepção do que é formado pela agua, fechados por tóros de páo deitados, que servem de encaixe.

O trabalhador cava grandes buracos quadrados e aos poucos transporta para a canôa o cascalho, sobre o qual atira um bocado de agua para que esta ao escorrer carregue a

terra solta para o corrego e deixe o monte mais limpo. Então colloca uma pequena porção d'esses seixinhos na beira da *batêa*, (alguidar redondo de páo e fundo conico, com 18 a 20 pollegadas de diametro sobre tres de altura) e começa a agitar circularmente a agua, de modo que esta, lambendo o cascalho, leva a menor porção possivel afim de depositar no fundo e deixar vêr os diamantes, se os houver, por pequenos que sejam.

Durante meia hora, fez o Sr. Langsdorff trabalhar dois de seus pretos. Acharam dois diamantezinhos que juntos podiam valer 18 francos.

Poucos instantes depois de termos deixado esses mineiros, atravessámos a váo o rio Quilombo, que corre para E. E' no seu leito que se encontrou, ha oito annos, o primeiro diamante d'essa lavra, desconhecida até então e só habitada por agricultores. Uma escrava do proprietario Domingos José de Azevedo, estando a lavar roupa, achou um diamante do valor de 6.000 francos, que ella foi levar ao seu senhor. Apezar do presente valer quatro vezes o preço da escrava, o avido proprietario não lhe deu a liberdade.

Tendo-se logo espalhado a noticia, o Quilombo viu chegar grande numero de garimpeiros, que puzeram-se a escavar e remexer suas margens.

Pela legislação das minas de ouro e lavras de diamantes, quando se descobre uma d'ellas, caso seja o terreno *devoluto*, é dividida em cinco partes. Duas pertencem ao Estado, uma ao descobridor, e as outras duas são dadas a quantos se apresentem para exploral-as, aindo quando a cada um não toque mais de um metro quadrado.

Se o terreno tem dono, o governo fica com a metade e cede-lhe a outra.

Todos os mineiros são obrigados a vender os diamantes e ouro que extraiam ao governo. No tempo colonial pesadas

penas, como confisco, prisões e ferros por muitos annos, foram infligidas aos que eram pilhados a fazer contrabando. Hoje, porém, essa pratica da legislação cahiu em desuso.

Conheci em Porto Feliz um portuguez, Bento da Costa Maia, velhinho de 106 annos attestados não só por Francisco Alvares e muitas pessoas, mas tambem pelos seus olhos, cujo iris não se distinguia mais do branco. Esse homem, tendo outr'ora tentado passar diamantes por contrabando, fôra descoberto, preso no caminho de Porto Feliz e levado a ferros para Villa Bella de Matto Grosso, então capital, onde cumpriu 10 annos de sentença. Por ahi póde-se fazer idéa da robustez d'esse organismo, pois resistiu á insalubridade de uma cadêa sita em lugar tão doentio que houve necessidade de abandonal-o.

Não goza da affeição dos habitantes do Quilombo Domingos José de Azevedo, portuguez e senhor da escrava que achára o primeiro diamante d'aquella lavra. Seu filho incorreu-lhe no desagrado por ter tomado parte no movimento da provincia, por occasião da independencia do Brasil. Fomos ter á sua *fazenda*, para ahi passarmos alguns dias. Recebeu-nos com mais frieza do que satisfação. E' um homem de 60 annos, de estatura média, cabellos grisalhos, sobrancelhas negras, cerradas e unidas, cujos pellos compridos lhe cahem sobre os olhos e terminam nas fontes em ponta, como se fossem bigodes, o que lhe dá um olhar selvagem. A barba, entre branca e preta, é tão fornida como os supercilios.

Viuvo, tem filhos e filhas, mas com nenhum d'elles mora. Vive só com seus escravos em numero de 30, empregados na cultura da canna.

Durante a cêa tornou-se mais communicativo ; contou-nos as canseiras que tivéra para fundar o sitio e ganhar al-

gum dinheiro; queixou-se do filho e explicou-nos o modo por que governava sua casa.

Depois da comida fomos assistir á ladainha que se reza no alpendre ou sala de entrada, onde para isso reunem-se todos os escravos. A primeira oração é cantada e começa por estas palavras: « *Triste cousa é nascer.* » Julgo que essa maneira singular de louvar a Deus é composição de nosso amphitrião.

Acabada a reza, mandou pôr camas sob esse alpendre e deu-nos boas noites.

No dia seguinte, disse-nos ao almoço que costumava contar os grãos de café para não ser roubado pelos escravos.

Fallou-nos na mulher e, ao levantarmo-nos da mesa, levou-nos para os seus aposentos, que eram dois quartinhos. No fundo suspendeu do soalho um alçapão e mostrou-nos uma salinha collocada no primeiro pavimento, escura, humida e com uma unica janella de grades que dava para o engenho de canna. « Aqui em baixo, disse-nos elle, é que eu guardava a mulher, quando tinha de sahir de casa. Ella descia por uma escadinha que eu recolhia e recebia alimentos pela janella do engenho. »

Tal homem dispensa, nem merece qualquer reflexão.

Suppunhamos que, como acontecia em todas as fazendas, podessemos ir ao engenho, mas vendo que elle mostrava-se cioso de suas mulatas, conservámo-nos no alpendre e no terreiro que ficava diante da casa.

Tornámos a passar o rio para examinarmos as lavras que se exploram na outra margem. Um garimpeiro acolheu-nos no seu rancho de sapé com melhores agrados do que Domingos José de Azevedo. Essa gente não levanta casas, porque a profissão d'elles é esburacar o terreno.

A' tarde voltámos com desgosto á casa de nosso hospede;

mas no dia seguinte, demo-nos pressa em deixar aquelle desprezivel originalão e puzemo-nos a caminho de Guimarães.

Na volta para Cuyabá, fizemos uma visita a D. Antonia e seu irmão e parámos em casa de nosso bom commandante Domingos Monteiro. Faltava-nos ainda vêr a famosa *Bocaina do Inferno*, onde de 200 pés de altura cahe o ribeirão do Inferno, que, vindo do lado de Guimarães, passa pelo sitio de D. Antonia e toca-lhe o engenho de assucar, o moinho de fubá, a serraria e os monjólos. Depois de uma legua a E., alli chegámos. A belleza da cascata foi muito além de qualquer expectação.

E' um rasgão de 200 pés onde acaba uma garganta de serra: como que uma reintrancia fechada por uma muralha talhada a pique como os lados, de onde despenha-se perpendicularmente um grosso veio d'agua que no meio da quéda se vai dividindo e chega embaixo, transformado em chuva alvissima e espessa. Ficámos á esquerda da bocaina, n'um terreno inclinado para o precipicio e todo gramado. Do outro lado, n'uma distancia de 50 braças, ha tambem relva no alto das rochas. O ribeirão perde-se no fundo, debaixo de arvoredo que viamos a vôo de passaro.

O Sr. Taunay desenhou essa bella paizagem e voltámos á chapada.

No dia seguinte, dissemos um ultimo adeus ao commandante e sua senhora e, deixando para sempre esses lugares, cuja belleza compensam amplamente as fadigas da viagem, tomámos rumo de Cuaybá, onde chegámos depois de uma ausencia de dous mezes.

(Continúa)

FIM DO TOMO XXXVIII, PARTE PRIMEIRA

INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS NO TOMO XXXVIII

PARTE PRIMEIRA

PRIMEIRO TRIMESTRE

SEGUNDO TRIMESTRE

TYP. DE PINHEIRO & C.—RUA SETE DE SETEMBRO N. 157

REVISTA TRIMENSAL